

---

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS  
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO EM HISTÓRIA  
CONTEMPORÂNEA DO BRASIL (CPDOC)  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA, POLÍTICA E BENS  
CULTURAIS (PPHPBC)

---

**MESTRADO EM BENS CULTURAIS E PROJETOS SOCIAIS**

---

SANDRA CRISTINA DIAS DO VALE

**Viva Rio: Uma organização para os novos tempos?**

---

Rio de Janeiro

Agosto 2007

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**Viva Rio: Uma organização para os novos tempos?**

SANDRA CRISTINA DIAS DO VALE

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Centro de Pesquisa  
e Documentação de História  
Contemporânea do Brasil –  
CPDOC para a obtenção do grau  
de Mestre em Bens Culturais e  
Projetos Sociais.

Orientadora: DULCE CHAVES

PANDOLFI

Rio de Janeiro  
Agosto de 2007

---

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS

CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO EM HISTÓRIA  
CONTEMPORÂNEA DO BRASIL (CPDOC)  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA, POLÍTICA E BENS  
CULTURAIS (PPHPBC)  
MESTRADO EM BENS CULTURAIS E PROJETOS SOCIAIS

---

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais do Centro de Pesquisa e Documentação em História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

Aprovada em \_\_\_\_\_

Pela Banca Examinadora:

\_\_\_\_\_  
Professora Dr<sup>a</sup> Dulce Chaves Pandolfi (orientadora)

\_\_\_\_\_  
Professor Dr. Mario Grynszpan

\_\_\_\_\_  
Professor Dr. Mauricio Lissovsky

\_\_\_\_\_  
Professora Dr<sup>a</sup>. Ângela Maria de Castro Gomes (suplente)

Resumo

O objetivo deste trabalho é analisar a trajetória do Viva Rio. Seus momentos mais marcantes e suas principais campanhas e projetos. Pretendemos entender como um movimento criado por poucas pessoas se transformou numa das maiores organizações do Rio de Janeiro. A partir daí, o Viva Rio passava a ter uma imagem definida e uma missão: transformava-se numa Organização Não Governamental, virava uma ONG. Ao analisar sua trajetória, pretendemos, também, explorar suas ambigüidades, seus dilemas e desafios.

O estudo compreende o processo de sua formação, seu desenvolvimento e seu processo de reformulação. Assim, este estudo estará contribuindo para formação da memória desta instituição: o Viva Rio.

#### Abstract

This work aim is to review Viva Rio's overall trajectory. Its pivotal moments and its main projects and campaigns. We seek to understand how a social movement created by a handful of individuals morphed into one of the biggest organizations of Rio de Janeiro. From that moment on Viva Rio developed a specific identity and a goal; becoming a non governmental organization, turning into a NGO. By analyzing its developmental course, we intend to shed light on its ambiguities, its dilemmas and the challenges it faced. This study encompasses the process of its creation, its development and its recent attempt at reinventing itself. Thus, this paper hopes to contribute to the preservation of the memory of this institution: Viva Rio.

Ficha Catalográfica

Vale, Sandra Cristina Dias do.

Viva Rio: Uma organização para os novos tempos? Rio de Janeiro: FGV/CPDOC/  
Programa de Pós-Graduação em História e Bens Culturais, 2007, 96 folhas.

Fundação Getúlio Vargas – Centro de Pesquisa e Documentação em História  
Contemporânea do Brasil (CPDOC) – Programa de Pós-Graduação em História,  
Política e Bens Culturais (PPHPBC)

1. Viva Rio 2. ONGs 3. Terceiro Setor 4. Rio de Janeiro

*“ [...] Nunca imaginei estar vivo para viver num país  
onde matar crianças é um ato que não escandaliza,  
paralisa, mobiliza tudo e todos para pôr um fim naquilo  
que nunca deveria ter começado.”*

(Herbert de Souza, apud PANDOLFI & HEYMANN, 2005, p.165)

## AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, professora Dulce Chaves Pandolfi, pelo estímulo, amabilidade e apoio intelectual.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais (PPHPBC), especialmente à Ângela Maria de Castro Gomes, com cuja boa vontade e estímulo pude contar.

Ao Viva Rio, por ter sido a minha casa por tantos anos e ter possibilitado meu amadurecimento profissional.

Às diversas pessoas amigas e conhecedoras do tema, com cuja generosidade e disposição pude sempre contar na obtenção de informações e materiais para a pesquisa: Rubem César Fernandes, Carmelo Pereira Junior, Napoleão Miranda, André Porto, Tião Santos, Regina Novaes e José Marcelo Zacchi.

Aos amigos Adriana Botafogo e Pedro Strozenberg, pessoas insubstituíveis, graças à paciência e incrível disponibilidade para discussões e apoios variados, indispensáveis para a finalização da dissertação.

Agradeço aos amigos de mestrado, pela força mútua para que todos nós chegássemos aqui.

Finalmente, agradeço à minha família: Baltazar, Henrique e Helena – sem vocês, as coisas teriam sido muito mais difíceis. Obrigada!

## Sumário

Introdução, *1*

### CAPÍTULO 1

#### **Novos tempos: a guerra e a paz**

O contexto político de 1980 a 1990, *4*

Criminalidade e violência, *9*

A sociedade se organiza, *12*

Fatos geradores. O envolvimento de policiais com o crime, *16*

### CAPÍTULO 2

#### **O Nascimento do Viva Rio**

Os idealizadores, *20*

As primeiras reuniões do Viva Rio, *24*

O movimento Viva Rio, *27*

Dois Minutos de Silêncio, *30*

Um novo modelo de organização?, *33*

Próximos passos, *35*

### CAPÍTULO 3

#### **A transformação: de movimento à organização**

Atos, dilemas e desfechos, *43*

O “Reage Rio”, *55*

O crescimento: força ou fraqueza?, *60*

### CAPÍTULO 4

#### **A ONG Viva Rio**

O investimento nas favelas, *63*

A retomada da luta contra a violência, *71*

“Rio, Abaixе essa arma!”, *72*

“Basta! Eu quero Paz!”, *75*

“Mãe, desarme seu filho!”, *77*

- “Arma não! Ela ou eu!”, 78  
“Destruição de armas”, 79  
“Brasil sem armas!”, 80  
“Campanha do Referendo do Sim!”, 82

## CAPÍTULO 5

### **A necessidade de se repensar!**

- Da derrota à reflexão!, 86  
A chance de transformação, 91  
A promessa de novos tempos!, 95

Referências bibliográficas, 98

### Lista dos Quadros

- Quadro 1.** Taxas de homicídios em jovem e não-jovem. Brasil, 1980-2002, 11  
**Quadro 2.** Projetos desenvolvidos pelo Viva Rio entre 1996 e 2001, por área de atuação, 46  
**Quadro 3.** Localização das entidades gestoras no estado do Rio de Janeiro, 1996, 47  
**Quadro 4.** Entidades parceiras/gestoras do Viva Rio segundo o tipo, 1996 a 2001, 51  
**Quadro 5.** Percentual do faturamento, segundo a natureza da fonte, 1999 até 2003, 53  
**Quadro 6.** Receitas e despesas do Viva Rio entre 1996 e 2001, 51  
**Quadro 7.** Organograma Viva Rio, 2005, 88  
**Quadro 8.** Número de beneficiados do Viva Rio, 2001-2006, 89

## Introdução

As décadas de 1980 e 1990, em razão do aumento considerável das taxas de homicídios no país, colocaram o Brasil entre os mais violentos do mundo. Somente para se ter uma idéia, nos países da Europa Ocidental, a taxa de homicídios é de cerca de 3:100.000 habitantes e a dos Estados Unidos é de 5:100.000. No Brasil, a taxa, nesta época, era de 52 homicídios por 100 mil habitantes. O estudo comparativo de Luc Dowdney, publicado em 2003, *Crianças do tráfico*, mostrou que se morria mais por arma de fogo no Rio de Janeiro do que em países que estiveram em conflito armado, como Iugoslávia, Serra Leoa, Afeganistão, Uganda, Israel e Colômbia. O Rio de Janeiro, especialmente, ficou conhecido como ‘cidade em guerra’. Fatos ocorridos em 1993 colocaram a Cidade Maravilhosa no *ranking* das mais violentas do Brasil – a “cidade partida”, como descrita por Zuenir Ventura (1994).

Esta “guerra” atingia a todos, porém os grupos mais afetados eram os de homens jovens – em sua maioria, negros, moradores das favelas, entre os 15 e 24 anos. A crise da cidade parecia estar relacionada ao esvaziamento econômico e às profundas disparidades sociais que se aprofundavam. O fracasso das políticas de Segurança Pública, a corrupção das polícias (civil e militar) e do aparelho estatal, o crescimento do narcotráfico e do crime organizado, entrincheirado nas mais de 600 favelas cariocas constantemente em disputa, além da banalização da violência e a desvalorização da vida, não pareciam se restringir a apenas um segmento da sociedade.

Todos eram alcançados, porém apenas alguns tentavam reagir. Na cidade, parecia existir um sentimento generalizado de perda. Como contraponto, surgiram movimentos imbuídos do ideal de garantir o direito à vida e de recuperar a imagem da cidade. Diferentes setores da sociedade despertaram para a gravidade do quadro e começaram a desenvolver ações de mobilização e integração. Se a cidade estava partida, era preciso *re-uni-la*.

E assim surgiu o Viva Rio, de início como um movimento de poucas pessoas e, depois, como uma organização com centenas de integrantes. Nascia com a missão de integrar a cidade partida e formar uma ‘cultura de paz’, interagindo com a sociedade civil e com o poder público. Seu foco eram as favelas e bairros pobres e a atuação se dava por meio de ações sociais locais e de campanhas de mobilização. O uso dos meios de comunicação era fundamental.

Nosso estudo tem por objetivo analisar a trajetória do Viva Rio. Para isso, iremos pontuar alguns de seus momentos mais marcantes e nos aproximar de suas principais campanhas e projetos. Pretendemos entender como um movimento criado por poucas pessoas se transformou numa das maiores organizações do Rio de Janeiro. A princípio pensado como um movimento, passou a ter uma estrutura, uma direção, um conselho e muitos funcionários. A partir daí, o Viva Rio passava a ter uma imagem definida e uma missão: transformava-se numa Organização Não Governamental, virava uma ONG. Ao analisar sua trajetória, pretendemos, também, explorar suas ambigüidades, seus dilemas e desafios.

Depois de analisarmos o contexto de sua fundação, estudaremos os projetos e as campanhas do Viva Rio: suas parcerias, sua abrangência, seus dilemas e polêmicas internas e externas. Apresentaremos um resumo das histórias de seus principais personagens, nos reportaremos às principais reportagens ou notícias saídas na grande imprensa e utilizaremos estudos sobre a instituição e documentos do próprio Viva

Rio. O estudo segue até a recente tentativa de reformulação da entidade.

Segundo Luiz Eduardo Soares (1996), o Viva Rio inaugurou uma espécie de movimento pós-moderno, por ser um modelo com muita agilidade operacional e grande flexibilidade adaptativa aos novos tempos. Porém, será que esse movimento, para existir, poderia prescindir de uma estrutura organizacional? Talvez aí verse parte da controvérsia atual. O movimento nasceu porque um grupo de pessoas se uniu para tentar “salvar” o Rio de Janeiro. Ao se constituir como ONG, o Viva Rio, ampliou sua estrutura. Como é que essa estrutura se manteve e se mantém? Estas são apenas algumas das perguntas que acompanham nosso trabalho e é provável que, para a maioria delas, não existam respostas claras. Esperamos, contudo, que o estudo dê uma contribuição para a melhor compreensão do Viva Rio e para o fortalecimento de sua memória.

A escolha do tema está diretamente ligada ao fato de eu ter sido colaboradora do Viva Rio por mais de nove anos. Em 1997, recém-formada no curso de Direito da Universidade Santa Úrsula, no Rio de Janeiro, então com 24 anos de idade, iniciei no Viva Rio um trabalho voluntário, por meio do projeto Balcão de Direitos.<sup>1</sup> A idéia de trabalhar em uma favela, na Maré, me parecia atraente. Eu não imaginava que essa seria apenas uma das inúmeras experiências pelas quais eu passaria nos próximos anos. Sem dúvida, o Viva Rio foi uma instituição que mudou toda a minha trajetória – como profissional e como cidadã. Durante esse tempo, passei a compor o quadro de colaboradores diretos da instituição, coordenando projetos e campanhas voltados para jovens em situação de risco. Trabalhei, também, junto à área de gestão da instituição, acompanhando de perto quase todos os processos de discussão e planejamento. No final de 2006, tomei a decisão de me afastar. Tendo como opção de campo de trabalho o Terceiro Setor, decidi que novos espaços precisavam ser conhecidos. Era preciso assumir outros desafios.

Assim, fiz parte da história do Viva Rio, e é provável que a proximidade e familiaridade não me tenham deixado compreender melhor a instituição. Estar dentro dela me fazia vivê-la, mas é como espectadora que realizo este estudo. É provável que a distância tenha tornado o percurso mais natural. Por tudo isso, os convido a também tomar parte da história do Viva Rio.

---

<sup>1</sup> Projeto desenvolvido pela ONG Viva Rio desde 1996, o Balcão de Direitos trabalha na promoção do acesso à Justiça oferecendo meios de acesso aos moradores de favelas cariocas o Rio de Janeiro. Realiza um trabalho de assessoria jurídica gratuita e capacitação de Agentes de Direitos e promove a democratização dos direitos com vistas ao exercício pleno da cidadania. O Balcão de Direitos se implementa a partir de parcerias comunitárias que representam a localidade e suas demandas de justiça social. Através da orientação jurídica e da busca de soluções pacíficas para conflitos por meio de ações de mediação, conciliação e capacitação, a equipe do Balcão busca disseminar informações sobre Justiça e Direitos Humanos na sua rede de relações comunitárias, contribuindo assim para uma sociedade solidária e plural (cf. Viva Rio. Documentos internos. c. 1997 [mimeo]).

## CAPÍTULO 1

### Novos tempos: a guerra e a paz

#### O contexto político de 1980 a 1990

No Brasil, a década de 1980 foi, em essência, um período de muita efervescência política e social. O processo de redemocratização trouxe de volta o otimismo perdido durante os anos de ditadura militar, instaurada no país desde 1964. Em janeiro de 1985, ainda que por meio de eleição indireta, o líder civil oposicionista Tancredo Neves foi eleito presidente da República. Em função de sua doença (diverticulite) e posterior morte em abril do mesmo ano, quem assumiu a presidência foi seu vice, José Sarney, que deu seqüência às medidas liberalizantes em curso: foram restauradas as eleições diretas para a presidência da República e para as prefeituras das capitais e dos municípios considerados “áreas de segurança nacional”,<sup>2</sup> foi concedido direito de voto aos analfabetos e autorizada a criação de novos partidos – os partidos até então clandestinos, como os comunistas, puderam se legalizar.

Em 1988, foi aprovada uma nova Constituição. A mais liberal e democrática já implementada no país, chamada de ‘Constituição Cidadã’. Em 1989, aconteceram as eleições diretas para presidente da República, interrompidas desde 1960. Os cidadãos voltavam a possuir direitos políticos e estes passaram a ter uma amplitude única em toda a história da República.

Contudo, mesmo com todos os inegáveis avanços, muitos eram os problemas. Se, por um lado, o retorno à ordem democrática representava enorme ganho para os diferentes segmentos da sociedade, por outro, graves problemas econômicos persistiam sem solução. A desigualdade social e o desemprego continuavam massacrando o país. Os estragos causados pela ditadura militar tinham sido grandes. As camadas mais pobres da sociedade permaneciam à margem da proteção das leis. O fato de seus direitos estarem garantidos na legislação em vigor e na Constituição Cidadã representava um avanço significativo. Entretanto era difícil, naquele momento, ter acesso a estes direitos, uma vez que os órgãos públicos encontravam-se sucateados e inoperantes.<sup>3</sup>

Um dos processos alavancados na década de 1980 foi a urbanização das grandes metrópoles, aumentando a concentração de populações em áreas que se encontravam privadas de serviços urbanos, de segurança e de justiça. Em diversas favelas da cidade do Rio de Janeiro ressurgiam organizações que, durante o período da ditadura, tinham sido desmanteladas ou haviam perdido força pela impossibilidade de encontrar canais de interlocução. Essas organizações, em sua maioria associações de moradores locais, voltavam a atuar dentro das suas comunidades em busca da garantia dos direitos básicos de seus moradores.

Paralelamente, surgiam novos elementos, não tão novos, mas melhor aparelhados. O aumento do tráfico de drogas e do crime organizado contribuía para a *estereotipação* das favelas como local de violência e marginalidade. O próprio poder

---

2 Área de segurança nacional é uma região definida pela Escola Superior de Guerra, dentro da Doutrina de Segurança Nacional, na qual as liberdades individuais, os princípios constitucionais e a legislação civil não têm efeito. São consideradas áreas de segurança nacional todas aquelas que podem ser alvo de sabotagens, de atos terroristas, ou localidades que podem desestabilizar a segurança do Brasil (cf. Área de Segurança Nacional. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org>>. Acesso em: 13/07/2007).

3 Sobre os avanços e dilemas da democracia no Brasil, ver Carvalho, 2004, p.197-217.

público, que deveria ser o mantenedor dos direitos e o provedor das necessidades básicas, demonstrava total incapacidade em lidar com a questão da Segurança. Neste campo, as linguagens eram desconstruídas e os canais de interlocução precários. A sociedade apontava, nas pesquisas de opinião, que a segurança pública era uma de suas demandas principais. Contudo, os aparelhos responsáveis por este setor e as estratégias adotadas eram inadequados para proteger o cidadão e garantir seus direitos.

Naquele momento, como ainda hoje, os moradores de favelas no Rio de Janeiro estavam à mercê do poder do tráfico e do poder da polícia, tendo que optar entre qual seria o melhor (pior?) lado. O tema da segurança pública passou a ser recorrente. A garantia dos direitos civis dentro das favelas tornou-se um dos carros-chefes das lideranças comunitárias, que buscavam melhorias para suas comunidades. Outros segmentos da sociedade também estavam imbuídos de idéias e projetos voltados para essa questão que atingia a todos. Todos eram vítimas da violência.

Em 1982, ainda durante o período militar, realizaram-se eleições diretas para governador, também interrompidas desde a década de 1960. O Rio de Janeiro elegeu Leonel de Moura Brizola, ex-exilado político, que retornava ao país com a bandeira do trabalhismo e com propostas de políticas públicas voltadas para as comunidades carentes. Brizola angariou, neste primeiro mandato, a antipatia do eleitorado conservador em função de suas políticas sociais, encaradas como de cunho populista.

Em seu primeiro governo Brizola construiu a Passarela do Samba, popularmente conhecida como ‘Sambódromo’, uma grande área destinada aos desfiles das escolas de samba, e iniciou a construção dos Centros Integrados de Educação Pública (Cieps), escolas projetadas por Oscar Niemeyer e idealizadas pelo professor Darcy Ribeiro para funcionar em tempo integral. Além destes projetos, seu governo também foi marcado pelos desgastantes atritos com as Organizações Globo e pela crescente crise na área da Segurança Pública.

Em 1986, Moreira Franco venceu as eleições para o governo do Rio de Janeiro, derrotando Darcy Ribeiro, candidato do então governador Leonel Brizola. Mesmo alavancado pelo plano de estabilização da economia implantado pelo governo Sarney, o Plano Cruzado, e pelas alianças políticas antibrizolistas, Moreira Franco não conseguiu cumprir a promessa de campanha: de acabar, em seis meses, com a violência que grassava no estado.

Em 1990, Leonel Brizola foi reeleito governador do estado. Favorecendo-se do descrédito de seu antecessor, ele manteve a política “populista” de seu mandato anterior e lançou projetos de grande apelo popular. Mesmo assim, os problemas na área de segurança continuavam. Em 1992, seu governo sofreu uma “intervenção branca” do governo federal, durante um evento internacional ocorrido no Rio de Janeiro, a ECO-92, quando representantes de quase todos os países do mundo reuniram-se para decidir que medidas tomar para conseguir diminuir a degradação ambiental e preservar a existência das futuras gerações. Os encontros oficiais ocorreram no centro de convenções Riocentro, na zona oeste do Rio de Janeiro, e as organizações não governamentais (ONGs)<sup>4</sup> prepararam um encontro paralelo no Aterro do Flamengo, no Centro da cidade. Durante o evento, as Forças Armadas

---

4 O termo ‘organização não governamental’, ONG, surgiu em meados da década de 1940, em documentos das Nações Unidas, referenciando um universo amplo e pouco definido de instituições. Em 1945, a ata de Constituição das Nações Unidas fazia menção a Organizações Não Governamentais permitindo que o Conselho Econômico e Social da ONU estabelecesse consultorias com esse tipo de entidade.

fizeram a proteção da cidade, gerando na população uma sensação de segurança. Essa sensação foi tão forte que até hoje a população vê de forma positiva a utilização das Forças Armadas na segurança pública da cidade. Na ocasião, o presidente da República, Fernando Collor de Mello, transferiu a capital de Brasília para o Rio de Janeiro, fazendo com que o Rio voltasse a ser a capital do país, como foi de 1763 até 1960.

No primeiro semestre de 1994, a fim de concorrer às eleições presidenciais, Brizola renunciou ao governo do estado, sendo esta função assumida por seu vice, Nilo Batista. Oito meses depois, Nilo passou o comando do estado para Marcello Alencar, eleito governador em 1994. Entre outras medidas, Alencar implementou uma política de segurança pública voltada para o confronto. Seu governo foi duramente criticado por setores da sociedade civil organizada, os quais consideraram um retrocesso sua política de “premiação faroeste”, ou seja, o policial que se destacasse no enfrentamento ao criminoso receberia honras militares e gratificações adicionais ao soldo.

Também em 1994 ocorreu uma intervenção federal no Rio de Janeiro. Tropas das Forças Armadas passaram a patrulhar as ruas da capital, fruto de convênio assinado entre os governos federal e estadual e dirigida pelo Comando Militar do Leste (CML), com intuito de combater o crime organizado. Quinze dias antes da realização do segundo turno das eleições do estado em 1994, do qual saiu vencedor Marcello Alencar, foi instituída a Operação Rio, que alocava as Forças Armadas no combate direto à criminalidade na cidade. A ocupação e/ou patrulhamento das “regiões violentas” do Rio, a presença maciça do aparato militar nas ruas, o cerco e o sufocamento do narcotráfico nos morros e favelas configuraram as estratégias de segurança pública desenvolvidas pela Operação Rio. Diante do anúncio do decréscimo dos índices de criminalidade, a operação era aplaudida por parte da população, autoridades públicas e imprensa.

Abarcando o período de novembro de 1994 a maio de 1995, a Operação Rio funcionava de acordo com a seguinte lógica: os cidadãos cariocas, vítimas e reféns do estado de desordem proporcionado pela criminalidade, precisavam ter sua cidadania restaurada e para isso era preciso romper com a estrutura perversa das relações entre o crime e as populações pauperizadas e submissas das favelas. Neste primeiro momento, portanto, a população, o governador do estado, o presidente da República, a mídia e os diversos segmentos da sociedade civil pareciam unificados em torno da proposta de segurança levada a cabo pelas Forças Armadas. Num segundo momento, questionou-se se as Forças Armadas teriam treinamento adequado para enfrentar a “guerra” com o narcotráfico nas favelas. A proteção dos cidadãos residentes nas favelas encontrava-se num limite extremamente delicado, uma vez que passou a prevalecer a tradicional lógica da repressão à marginalidade: a de identificar as classes populares como “classes perigosas”. Assim, segundo denúncia da própria mídia, a atuação das Forças Armadas nas favelas, particularmente no Complexo do Alemão, no Borel, no Dendê e em Inhaúma, incluía revista e intimidação dos moradores – inclusive das crianças –, espancamentos, torturas e prisões arbitrárias.<sup>5</sup> O *Jornal do Brasil*, ao comentar a ação da Operação Rio no Complexo do Alemão, justificava os excessos: “Cometeram-se excessos, inevitáveis acidentes de percurso numa operação de guerra contra o crime organizado”.<sup>6</sup>

---

5 *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro: 13/01/1995.

6 *Idem*, 18/01/1995.

Durante a Operação Rio, logo após sua eleição, o governador Alencar declarou considerar “perfeitamente normal” as revistas que as Forças Armadas faziam nas favelas. Em entrevista concedida ao *Jornal do Brasil*, o governador alegava que “antes [...] isso do que ser [...], a criança, usada como avião pelo tráfico”.<sup>7</sup> Neste momento, apenas a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), o Ministério Público Federal e o próprio Comando Militar do Leste – que, em dezembro de 1994, abriu sindicância interna na Operação Rio para apurar as denúncias de torturas – se manifestaram publicamente contrários aos atos praticados e às declarações do então governador.

Em janeiro de 1995 foi criada a Secretaria de Estado de Segurança Pública (SSP). Tal iniciativa do governo parecia ter como foco a organização da força policial, que até então trabalhava de maneira desarticulada. O governo estadual sinalizava perceber a necessidade de mudar a forma como o crime era combatido. Esta iniciativa resultou numa sensação, por parte da sociedade, de que alguma coisa estava sendo feita a fim de conter o problema, corroborando para isso a redução da taxa de homicídios em relação ao ano de 1994. Em abril de 1995, um novo convênio foi firmado, por tempo indeterminado, colocando as Forças Armadas como responsáveis pelo apoio logístico, operacional e de inteligência e não mais pelo confronto direto com o narcotráfico. A Operação Rio II previa, também, a ocupação no longo prazo das favelas e uma “ação social significativa” por meio dos Centros Comunitários de Defesa da Cidadania (CCDCs).

Para tentar entender a complexa situação e o clima de insegurança que pairava na cidade do Rio de Janeiro, é interessante verificar os números da criminalidade e a mobilização em torno do tema da segurança pública.

### **Criminalidade e violência**

Projetos e estudos sobre a criminalidade urbana e violência no Rio de Janeiro, realizados entre 1985 e 1992, revelaram índices assustadores (SOARES *et al.*, 1996). Alguns destes estudos apresentavam a questão sob duas visões, uma mais objetiva e outra mais subjetiva. Havia um variado cardápio de crimes e delitos vivenciados pela população nos mais diversos espaços da sociedade. Este variado cardápio, de um lado, era passível de computação, agregação e classificação. Mas a violência também podia ser percebida através de um conjunto de imagens, símbolos, mitos, emoções e relatos impossíveis de serem traduzidos em números. É importante ressaltar que esses estudos apontaram para uma distorção na forma como a mídia e alguns setores da sociedade apresentavam os dados coletados nos Boletins de Ocorrência (BOs) das delegacias policiais.

Na verdade, a violência e a criminalidade não eram fenômenos apenas cariocas. No entanto, certos elementos particularizaram suas manifestações e seus impactos sociais na cidade do Rio de Janeiro. Em meados da década de 1990, enquanto várias cidades no mundo registraram um decréscimo nas taxas de homicídios, no Rio de Janeiro as curvas de crimes letais caminharam em sentido oposto. O uso de armas de fogo era uma das fontes desse aumento.

Outra diferença entre o que acontecia no Rio de Janeiro e em outros lugares devia-se, em parte, à forma como a mídia tratava o tema. A mídia transformou a violência em produto diário, fazendo com que a sociedade incorporasse, cada vez

---

7            Idem, 24/11/1995.

mais, aquilo que Luiz Eduardo Soares chamou de “cultura do medo”. Para o autor, o medo é um terreno fértil para aumentar o preconceito social e racial na sociedade. A incorporação da “cultura do medo” é um obstáculo para se combater a violência. Este sentimento, ao gerar mais insegurança, pode produzir mais violência. Ao não confiar nas ações públicas de segurança a sociedade pode adotar a postura de fazer justiça com as próprias mãos (SOARES, 1998).

Para muitos, o Rio de Janeiro era uma cidade sitiada. E seus índices de homicídios corroboravam com essa leitura. Entre 1980 e 1994, a cidade viu os números de homicídios passarem de 2.826 casos para 8.408. O quadro de deterioração social era grave. A incapacidade do Estado de combater a violência era percebida e condenada por diversos setores sociais. Não havia um planejamento estratégico consistente para lidar com o fenômeno e com a desigualdade social, uma decorrência da estrutura social. O medo e a insegurança aumentaram em todos os setores sociais, desde os muito pobres até os muito ricos. Porém, o tipo de incidentes violentos, aos quais os cidadãos brasileiros estavam propensos a sofrer, variava muito quanto às suas causas, natureza e probabilidade, dependendo da faixa etária, da renda e da região de moradia e de trabalho.

A evolução da taxa de homicídios no Rio de Janeiro nos demonstra que as mortes por assassinato tinham crescido continuamente na década de 1990, chegando a patamares antes impensáveis. Neste cenário, uma faixa da população era mais atingida: a juventude – fosse como vítima ou como agressora. O maior problema, naquele momento, era o crescimento de homicídios de jovens, entre os 15 e os 24 anos de idade. A juventude carioca estava morrendo, e cada vez mais jovem! O resultado de uma pesquisa realizada pela Unesco em 2004, ilustra bem essa situação (WAISELFISZ, 2004).

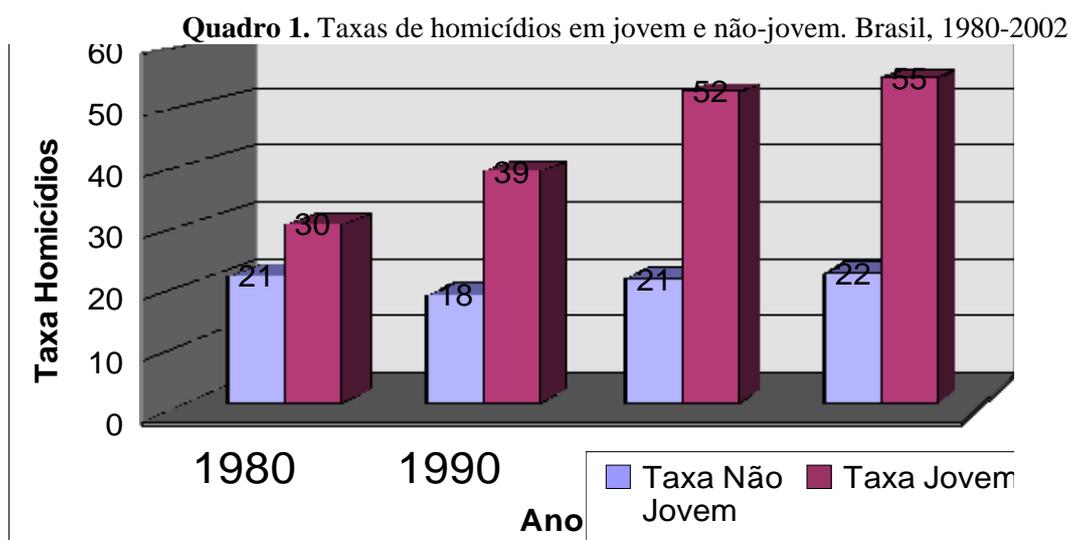
O Rio de Janeiro ocupava, entre as cidades brasileiras, o primeiro lugar, com o maior número de vítimas, sendo elas, sobretudo, jovens do sexo masculino que morriam, na maioria das vezes, por projétil de arma de fogo. O perfil desse jovem era o seguinte: rapaz pobre, apresentando algum tipo de envolvimento com o tráfico de drogas, morador de periferias ou favelas dos grandes centros urbanos.

No fim da década de 1980, alguns analistas, como o já citado Luiz Eduardo Soares e Leandro Piquet Carneiro,<sup>8</sup> dentre outros, apresentavam o seguinte quadro sobre o Rio de Janeiro: a dinâmica da criminalidade havia sofrido uma profunda mudança após a união entre o tráfico de drogas e o tráfico de armas; as favelas eram redutos dos baronatos de traficantes; guerras internas eram travadas pelo controle dos pontos de venda de drogas; a juventude era a vítima certa, uma vez que consumia, traficava, matava, e era morta; o “lado nobre” da Cidade Maravilhosa estava sitiada dentro de seus próprios limites, à mercê de arrastões, assaltos, latrocínios e seqüestros. Para alguns, a cidade encontrava-se em estado de guerra civil.<sup>9</sup>

---

8 Leandro Piquet Carneiro é doutor em Ciência Política pelo Instituto Universitário do Rio de Janeiro (Iuperj). Especialista em análise quantitativa de dados aplicada às Ciências Sociais. Em 1991 integrou a equipe do programa de Violência, Segurança Pública e Direitos Humanos do Instituto de Estudos da Religião (Iser).

9 A expressão ‘guerra civil’ é utilizada para referir o processo de conflito armado vivenciado por grupos de um mesmo povo; guerra interna; guerra intestina (Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org>>. Acesso em: 13/07/2007).



Fonte: Mapa da Violência, Unesco Brasil, 2004.

No início da década de 1990, a cidade aparecia no *ranking* das mais violentas do mundo! Seus índices de mortalidade por violência não deixavam dúvidas sobre isso. Em paralelo, outros índices criminais também foram crescendo de forma regular. A instalação das redes de tráfico de drogas e armas impunha-se como fenômeno de largo alcance e impacto, e a percepção de insegurança disseminava-se como elemento indissociado do cotidiano de grande parte da população.

Enquanto o combate à violência, no Rio de Janeiro, convertia-se em um dos principais focos da agenda e do debate social no país, as instituições policiais e de justiça penal atravessavam uma profunda crise de confiança e credibilidade. A mídia, por sua vez, usava os dados dos estudos de forma não criteriosa, reforçando a imagem de uma cidade devastada pelo caos causado pela violência. Segundo os órgãos midiáticos, os cidadãos mais abastados estavam acuados pela “horda de segmentos criminosos oriundos das camadas mais baixas”. Esse era o tom das matérias de capa da maioria dos grandes jornais do país.

Nesse contexto, iniciativas da sociedade começavam a acontecer, na área da pesquisa, na formação de fóruns de debate, ou na proposição de propostas concretas para a temática da segurança pública. O tema passava da esfera até então exclusivamente estatal para a esfera da sociedade civil.

Mas, de que sociedade civil estamos falando?

### **A sociedade se organiza**

Durante a década de 1990, a despeito de alguns estudos que circulavam, as informações sobre violência na cidade do Rio de Janeiro eram dispersas e fora do alcance do público. As pessoas não dispunham de dados concretos para cobrar ou formular propostas. A questão era manipulada pela mídia e pelos políticos. Até então, o problema da segurança era uma preocupação exclusivamente estatal. O Estado tinha o monopólio do uso da força e da intervenção coercitiva. Tal paradigma “minimalista” da segurança pública começou a passar, naquele momento, por uma revisão. O principal motivo era o agravamento da violência e da criminalidade. A segurança pública era um tema importante demais para ficar restrito a um segmento ou a uma

corporação. Não poderia ser apenas “assunto policial”. As soluções deveriam envolver outros atores sociais. Caberia à sociedade apresentar demandas, pedir informações (por meio do relato de ocorrências, denúncias e testemunhos) e exercer o controle externo das organizações policiais e de justiça criminal.

É importante registrar que, se por um lado, o medo e a insegurança geraram manifestações conservadoras, também proporcionaram o desenvolvimento de formas inéditas, até aquele momento, de participação no debate e na proposição de idéias sobre a questão do combate à violência. Durante muito tempo a sociedade carioca assistiu em silêncio ao avanço da criminalidade. Indignados com essa inércia, alguns segmentos sociais despertaram para a gravidade do quadro e começaram a desenvolver ações não apenas de denúncia, mas também no campo das pesquisas e na gestão de políticas públicas de segurança.

Foi nesse contexto que surgiram alguns movimentos que tinham a cidade do Rio de Janeiro como objeto e que procuravam contribuir para a recuperação de sua imagem, não apenas junto à sua população, mas também no exterior. Dentre estes movimentos, podemos citar: o Rio Mania, uma campanha publicitária transmitida em diversas mídias e que enaltecia o orgulho de se viver no Rio de Janeiro; o Se Liga Rio, campanha para combater o pessimismo que se abatera sobre a cidade no final do mandato do prefeito Saturnino Braga (1986-1988) em razão da grave crise financeira;<sup>10</sup> o Rio Convention Bureau, campanha que teve como objetivo estimular o fluxo turístico de qualquer natureza, bem como atrair a realização de congressos e eventos nacionais e internacionais para a cidade.

A estes movimentos cabe agregar a Ação da Cidadania Contra a Fome, a Miséria e pela Vida. Embora tendo transcendido os limites físicos da cidade do Rio de Janeiro no que diz respeito ao seu objetivo – combater a fome em escala nacional –, o movimento serviu de inspiração direta para a formação de outras iniciativas ao formular uma pergunta central: “O que eu posso fazer para resolver este problema?”. Idealizado e coordenado pelo sociólogo Herbert de Souza, o Betinho, fundador do Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (Ibase), em 1981, a Ação da Cidadania Contra a Fome, a Miséria e pela Vida foi criada em junho de 1993. Começou arrecadando alimentos e os distribuindo para a população de baixa renda, tendo, por essa razão, ficado conhecido como ‘Campanha Contra a Fome’. Em pouco tempo o movimento ganhou proporções e ampliou suas atividades, promovendo ações concretas de combate à miséria (PANDOLFI & HEYMANN, 2005). Após o lançamento da campanha, o governo federal criou o Conselho Nacional de Segurança Alimentar.

Vale ressaltar ainda que, conforme mencionado antes, em 1992, em paralelo à ECO-92, ocorreu um encontro de ONGs, no Aterro do Flamengo. Essa iniciativa permitiu que os meios de comunicação e a sociedade “descobrissem” a multiplicidade e diversidade das ONGs presentes no Fórum Global da ECO-92. As próprias ONGs foram expostas em suas diferentes vertentes e tendências na série de reuniões preparatórias da Conferência. Os encontros explicitaram as diferenças e convergências dessas organizações. E esse universo das ONGs mostrou-se terreno bastante fértil, porém muito novo. O primeiro documento de trabalho, em que esta nomenclatura é claramente assumida, circula entre ONGs do Rio de Janeiro no

---

10 Uma das atividades da campanha foi a realização de um grande evento, em 23 de outubro de 1988, no Aterro do Flamengo, contando com a participação de vários astros da MPB e com a adesão de diversas entidades da sociedade civil, com a presença de cerca de 20 mil pessoas.

contexto de um seminário latino-americano promovido pela FAO.<sup>11</sup> Assinado por Rubem César Fernandes, o texto só foi publicado em 1988, como introdução ao primeiro catálogo de ONGs brasileiras, editado sob o título *Sem fins lucrativos: as organizações não-governamentais no Brasil* (FERNANDES, 1988, p.8-11).

Neste documento, constata-se o surgimento na América Latina de um fenômeno novo.

“Trata-se de microorganizações não governamentais, sem fins lucrativos, que canalizam uma parcela da ‘Ajuda Internacional’ para um sem-número de projetos. Esta ‘Ajuda’ é pensada como um instrumento de ‘promoção social’ dos povos do Terceiro Mundo, mas os projetos são amplamente diferenciados – cobrem iniciativas econômicas, culturais, religiosas, sindicais, de pesquisas, assessorias, viagens, conferências, simpósios, publicações, audiovisuais, etc., etc. Essas ‘Organizações Não Governamentais’ já ganharam um nome (uma sigla) no jargão das agências da Ajuda Internacional. São as ONGs. [...] Além de serem jovens, elas são relativamente estranhas ao cenário institucional latino-americano. Manipulam somas vultosas, mas não visam ao lucro. Mobilizam a dedicação voluntária, mas não são igrejas. Insistem na gratuidade do serviço, mas não são centros de filantropia. Mexem muito com a política, mas não são partidárias e, via de regra, querem-se distantes do Estado. Promovem o desenvolvimento mas não se especializam em ‘produtividade’. Fazem pesquisa, mas não são acadêmicas.”

Para Rubens César Fernandes, tal fenômeno era “uma inovação na cultura institucional da esquerda brasileira” (FERNANDES, 1994, p.13). Inicialmente, o que se via era um grupo ainda pequeno de entidades civis “militantes”, de caráter não partidário, ligadas, em geral, a movimentos sindicais ou outros movimentos sociais. A terminologia ONG ainda era pouco usada, e por isso tais entidades nem sempre recebiam este nome, indicando assim um fenômeno de reconhecimento social ainda em processo de construção. Porém, pouco a pouco, a definição das ONGs deixou de ter como referência fundamental, senão exclusiva, o fato de estarem “a serviço dos movimentos populares” e passou a enfatizar a especificidade deste tipo de organização em relação a um outro conjunto de parceiros que tampouco se situam na base da sociedade, como igrejas, universidades e partidos políticos. Este processo gradual de afirmação de uma identidade própria comum vai se aprofundar numa série de debates que começam a reunir dirigentes de ONGs para uma reflexão em conjunto sobre o sentido de seu trabalho e o futuro das organizações.

Somente a partir de 1992, com a fundação da Associação Brasileira de Organizações Não Governamentais (Abong) e com a realização de um encontro internacional entre ONGs e Agências das Nações Unidas, que ficou conhecido como o “encontro Pnud”, o termo começou a ser usado e entidades civis passaram a se reconhecer como tais.<sup>12</sup> A Abong, sociedade civil sem fins lucrativos, foi fundada com o ideal de ser democrática e pluralista, com sede na capital do estado de São Paulo. Dentre seus objetivos estava promover o intercâmbio entre entidades que

---

11 A Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação, fundada em 1945 tem por objetivos elevar os níveis de segurança alimentar de nutrição e vida e de melhorar a produtividade agrícola e as condições da população rural e de gerir os recursos naturais de forma sustentável. Cf. Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação. Disponível em: <<https://www.fao.org.br>>. Acesso em: 13/07/2007.

12 O Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud), em 1991, numa parceria com o Ibase, patrocinou o primeiro Encontro Internacional de ONGs e Agências das Nações Unidas, que reuniu no Hotel Glória (RJ) mais de cem ONGs brasileiras e algumas estrangeiras, além de representantes de órgãos das Nações Unidas e da Agência Brasileira de Cooperação (ABC), organismo ligado ao Ministério das Relações Exteriores (Cf. Landim, 1993).

buscam a ampliação da cidadania, a constituição e expansão de direitos, a justiça social e a consolidação de uma democracia participativa; consolidar a identidade das ONGs brasileiras e afirmar sua autonomia; defender o interesse comum das suas associadas e estimular diferentes formas de intercâmbio entre elas e com instituições similares de outros países; informar sobre a atuação de agências governamentais, internacionais e multilaterais de cooperação para o desenvolvimento; combater todas as formas de discriminação; ser um instrumento de promoção em âmbitos nacional e internacional das contribuições das ONGs frente aos desafios do desenvolvimento e da superação da pobreza.

A constituição da Abong resultou da trajetória de um segmento pioneiro de organizações não governamentais que tinham seu perfil político caracterizado por: tradição de resistência ao autoritarismo; contribuição à consolidação de novos sujeitos políticos e movimentos sociais; busca de alternativas de desenvolvimento ambientalmente sustentáveis e socialmente justas; compromisso de luta contra a exclusão, a miséria e as desigualdades sociais; promoção de direitos, construção da cidadania e da defesa da ética na política para a consolidação da democracia.

Mas tudo era muito novo. A forma como os atores sociais buscavam se organizar, os temas abordados, as parcerias firmadas com a mídia, dentre outros itens, representavam situações sem parâmetros de comparação. Os desafios estavam colocados na agenda desses movimentos, que os incorporava no seu diálogo, com o intuito de contribuir com a alteração da realidade social da cidade do Rio de Janeiro. A inércia que acompanhava parte da sociedade precisava ser transformada em ação. A cidadania precisava ser entendida como um processo de participação ativa.

Os acontecimentos que detalharemos a seguir, ocorridos no ano de 1993, serviram como propulsores desse processo de transformação. Tudo o que se seguiu após estes eventos foi puro experimento da sociedade civil.

### **Fatos geradores. O envolvimento de policiais com o crime**

Em 26 de julho de 1990, 11 jovens moradores da favela de Acari foram seqüestrados por um grupo de homens armados que se apresentaram como policiais militares. Nenhum desses jovens foi visto novamente. O evento ficou conhecido como 'Chacina de Acari'. O desaparecimento dos jovens resultou na formação do movimento Mães de Acari, fundado, oficiosamente, em 1990, um dia após o seqüestro e provável extermínio daqueles 11 jovens da favela.

Neste período, uma onda de seqüestros invadiu a cidade do Rio de Janeiro. Os números saltaram de 91 casos em 1990, para 124 em 1992. Muitas eram as explicações para este fato. A mais divulgada e aceita pela sociedade era a de que o narcotráfico estaria diretamente ligado à indústria de seqüestros. Para o delegado Hélio Vígio, titular da Divisão Anti-seqüestro (DAS-RJ), entre 1992 e 1994, os grandes traficantes do Comando Vermelho e do Terceiro Comando montaram "empresas informais" para fornecer homens e armas e planejar o recebimento dos resgates, contando, também, com especialistas para negociar com os familiares.<sup>13</sup>

---

13 O Comando Vermelho, ou Falange Vermelha, foi criado entre 1969 e 1975, no Rio de Janeiro, pela comunidade carcerária do presídio da Ilha Grande. Durante a década de 1980, o grupo praticou inúmeros delitos, o que fez com que a sociedade percebesse que um novo tipo de criminoso havia surgido: organizado, criterioso, bem equipado, atacando com planejamento cuidado e, sobretudo, eficaz em suas operações. Já o Terceiro Comando é uma extinta facção criminosa, surgida de uma dissidência do Comando Vermelho e por policiais que passaram para o lado do crime, como o traficante Zaca, que foi policial militar e disputou sangrenta guerra com o traficante Marcinho VP no

Em 1993, dois acontecimentos violentos marcaram a cidade do Rio de Janeiro. Na noite do dia 23 de julho, mais de 70 crianças e adolescentes dormiam nas proximidades da igreja da Candelária, no Centro, quando foram surpreendidas com uma “mineira” – ação de extermínio da polícia carioca. Oito crianças, Anderson O. Pereira, “Gambazinho”, Leandro S. Conceição, Marcelo C. Jesus, Marcos A. Alves Silva, Paulo J. Silva, Paulo R. Oliveira, Valdevino M. de Almeida, sem ter a menor chance de defesa, morreram fuziladas, e dezenas de outras saíram feridas. O episódio ficou conhecido, internacionalmente, como ‘Chacina da Candelária’ e entrou, em definitivo, para o calendário como um dos piores crimes cometidos contra os Direitos Humanos e contra o Estatuto da Criança e do Adolescente. No mês seguinte, na madrugada do dia 29 de agosto, a favela do município de Vigário Geral foi invadida por um grupo formado por cerca de 50 homens encapuzados e fortemente armados. Eles arrombaram casas e assassinaram 21 moradores – jovens, adultos e crianças – atingindo famílias inteiras. Apenas quatro moradores, vítimas do mesmo acontecimento, sobreviveram.

As duas chacinas, da Candelária e de Vigário Geral, produziram um impacto fortíssimo na sociedade carioca. Seres humanos, dentre eles várias crianças, foram covardemente assassinados durante a noite. Muitos deles se encontravam dormindo no momento do acontecimento! A política de segurança pública havia sido duramente alvejada. Nos dois casos, os autores dos disparos faziam parte do corpo policial. Essas ações não eram responsabilidade apenas de algumas personalidades individuais; elas também envolviam a instituição e colocavam em xeque o esforço de setores responsáveis pela garantia da cidadania.

A sociedade passou a exigir medidas drásticas, não apenas para os assassinos, mas também para as autoridades responsáveis pela segurança pública.

Um ano antes destes dois episódios, em 1992, as praias da Zona Sul carioca, “paraíso indissociável da imagem da cidade e da identidade social vivida no Rio de Janeiro” (SOARES, 1996, p.246), foram maculadas por episódios de desordem: os *arrastões*. As mídias local, nacional e internacional veicularam imagens de jovens negros, oriundos das favelas, invadindo as praias e causando correria, choro e desespero. Para alguns, as imagens divulgadas pareciam ser uma montagem, pois as eleições para a prefeitura se aproximavam e a disputa se acirrava entre César Maia – candidato situacionista apoiado pelo então governador do estado Leonel Brizola – e Benedita da Silva, vereadora, moradora na favela Chapéu Mangueira, na Zona Sul carioca, candidata do Partido dos Trabalhadores (PT),<sup>14</sup> As notícias correram o mundo, e César Maia acabou sendo eleito prefeito do Rio.

---

Morro Dona Marta, na Zona Sul carioca em 2000. O Terceiro Comando passou, então, a dominar pontos de venda a partir das zonas Oeste e Norte, áreas mais periféricas da cidade. Aliou-se à facção ADA (Amigos dos Amigos), em 1998, fortalecendo e ampliando a organização. Em seguida, a partir de disputas internas, a ADA voltou a ser uma organização independente, tendo surgido então o Terceiro Comando Puro (TCP).

14 Benedita da Silva nasceu em 1942, na favela da Praia do Pinto (RJ), e viveu, durante 57 anos, no Morro do Chapéu Mangueira, no Leme. Em 1994, tornou-se a primeira mulher negra a ocupar uma vaga no Senado, dando continuidade a uma carreira pública que começou em 1982, quando foi eleita vereadora no Rio de Janeiro, após militância na Associação de Favelas do Estado do Rio de Janeiro. Em 1986, elegeu-se deputada federal e participou da Assembleia Nacional Constituinte, quando atuou como titular da Subcomissão dos Negros, das Populações Indígenas e Minorias. Em seguida, passou à Comissão de Ordem Social e da Comissão dos Direitos e Garantias do Homem e da Mulher. Depois de reeleger-se, em 1990, Benedita da Silva candidatou-se à Prefeitura do Rio de Janeiro. Venceu no primeiro turno, no entanto, perdeu no segundo para César Maia (Fonte: <[http://www.vermelho.org.br/governo\\_lula/18.asp](http://www.vermelho.org.br/governo_lula/18.asp)>. Acesso em: 18/07/2007).

Abatia-se sobre a cidade um sentimento generalizado de perda, mesmo tendo como contraponto vários movimentos pela recuperação de sua imagem: o Rio era uma “cidade partida”, conforme atesta Zuenir Ventura (1994), no livro em que narra a “guerra entre a barbárie e a cidadania” e descreve o campo onde se travam as batalhas: o Rio de Janeiro, uma cidade dividida entre a favela e o asfalto. Os cidadãos, acudados em suas casas, nutriam a “cultura do medo”, e exigiam algum tipo de atitude por parte de seus governantes e da própria sociedade.

Não era mais possível permanecer estático diante da situação. O Rio perdia de vez sua inocência.

Administrar uma cidade em estado de guerra exigiria, sobretudo, realismo político. Para alguns, isto se resumiria na capacidade de pôr em suspenso os princípios éticos, políticos e jurídicos. Significaria aceitar que o conflito social, independente de suas causas, somente seria solucionado pela via mais radical, ou seja, pelo abandono na crença das promessas iluministas de igualdade, de liberdade e de fraternidade para todos os homens. Seria assumir que se vivia em tempos de guerra.

Contrário a essa corrente, em setembro de 1993, um grupo de pessoas resolveu reunir esforços para enfrentar o problema. A cidade do Rio de Janeiro encontrava-se “marcada pela difusão do medo, pela deterioração da auto-imagem da sociedade carioca, pela perplexidade, pela indignação dos democratas, pela demanda autoritária por segurança a qualquer preço, pelo agravamento dos preconceitos e pelo aprofundamento do *apartheid* social” (SOARES, 1996).

E foi assim que se originou um novo movimento social: o Viva Rio, nosso tema. Mobilizados pela possibilidade de ruína da cidade, diversos segmentos sociais e políticos perceberam que, naquele momento, a união seria estratégica.

O que poderia ser feito?

Outra questão importante era como atuar de modo a reunir, em torno de uma mesma mesa, atores tão diferenciados a fim de discutir os problemas da cidade? Como reunir as comunidades, os parlamentares, os agentes governamentais, a mídia? Enfim, como reunir o “morro”, o “asfalto”, os opositoristas e os situacionistas? A situação era grave: havia fragmentação, pulverização e fragilidade. Os grupos não estavam articulados, não existia sinergia. A proposta era ultrapassar os limites partidários, ideológicos, as filiações políticas e criar um espaço de interlocução, de negociação política no sentido mais digno da expressão “Viva Rio”.

Para responder a estas necessidades, criou-se um movimento que, mais tarde, se transformaria numa organização não governamental, uma ONG, uma organização do chamado “Terceiro Setor”.

## CAPÍTULO 2

### O nascimento do Viva Rio

#### Os idealizadores

“Betinho me liga com aquele jeito brincalhão provocador, que era seu. O gosto pela idéia nova nos unia. [...] O assunto do telefonema, contudo, era pesado: violência no Rio. Walter Barros, vice-presidente do jornal *O Dia*, havia ligado para ele propondo reação. Arrastão, Candelária, Vigário Geral – era demais. Walter pretendia levantar uma campanha em seu jornal, mas concluíra que o tamanho da tarefa pedia mais, um movimento social, [...] A conversa rende e Walter sugere levar a um encontro João Roberto Marinho das Organizações Globo e Kiko Brito do *Jornal do Brasil*. Novidade das boas que Betinho curte me contar: eles se disputam todos os dias nas bancas de jornais, mas talvez topem conversar a fundo sobre a violência na cidade. Já pensou? Walter e Betinho despedem-se com a missão de reunir um grupo à altura, que seja capaz de responder, uma vez mais, à agônica pergunta sobre ‘O que fazer?’”<sup>15</sup>

O Viva Rio foi ‘inventado’, e talvez esta seja a melhor palavra para definir sua gênese, por um grupo de pessoas oriundas de diferentes segmentos da sociedade carioca, em razão de suas trajetórias pessoais e profissionais, porém unidos por uma vontade comum: reverter os danos causados por violentos acontecimentos ocorridos na Cidade Maravilhosa. Para entender como um grupo tão distinto pôde, naquele momento, se sentar junto e aceitar o desafio de defender uma causa que já havia sido demonstrada como penosa em outras ocasiões, é necessário nos aproximarmos um pouco mais de duas das principais figuras dessa história: Betinho e Rubem César Fernandes.

Herbert de Souza, o Betinho, nasceu em 3 de novembro de 1935, em Minas Gerais. Formou-se em Sociologia e Política, e destacou-se como liderança nacional do grupo de jovens vinculado à Juventude Universitária Católica (JUC), ramo da Ação Católica Brasileira (ACB). Na juventude, Betinho conheceu Frei Mateus, que foi assistente da Juventude Estudantil Católica (JEC). Essa influência e mais toda a leitura de católicos franceses incentivou-o a aderir à JEC (PANDOLFI & HEYMANN, 2005). Sua bandeira sempre foi a da reforma social. Segundo o escritor Otto Lara Rezende, membro da Academia Brasileira de Letras, Betinho, nas praças públicas, pedia tudo o que os comunistas pediam – e mais o céu.<sup>16</sup> Fundador e dirigente da Ação Popular (AP), organização católica de esquerda criada em 1962 por militares católicos oriundos da JUC e da JEC, Betinho participa ativamente do governo Jango (1962-1964), assessorando de início o ministro da Educação Paulo de Tarso e depois a diretoria da Superintendência de Política Agrária (Supra). Em 1964, é demitido da Supra, após o golpe de 31 de março que depôs João Goulart, iniciando então um longo período na clandestinidade.

Depois do golpe de 1964, Betinho é perseguido pelo regime militar, e, após anos de luta e clandestinidade, acaba seguindo para o exílio, em 1971, no Chile. Lá, foi assessor na equipe de governo de Salvador Allende, e também auxiliar de pesquisa na Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais. Em 1974, escapou do golpe que derrubou Allende, seguindo em exílio para o Panamá, e posteriormente para o Canadá e o México. Em 1979, com a anistia, retornou ao país com a experiência de ter

---

15 Rubem César Fernandes, em arquivo pessoal (mimeo).

16 Para mais detalhes, cf. <<http://www.aids.gov.br/betinho/perfil.htm>>. Acesso em: 13/07/2007.

conhecido novos modelos de organização civil, fora dos partidos políticos ou dos sindicatos.

Com esta bagagem, ajudou a criar, no início de 1980, o Instituto de Estudos da Religião (Iser).<sup>17</sup> O Iser atua no campo da sociedade civil organizada, tendo como missão promover o desenvolvimento com justiça social e responsabilidade ambiental. Com sede na cidade do Rio de Janeiro, suas ações se fazem presentes em outros estados. O instituto defende os valores democráticos e o pluralismo político e religioso, reconhecendo a diversidade cultural e a dimensão espiritual como realidades constitutivas da sociedade brasileira.

Logo depois, Betinho criou o Ibase, em conjunto com Carlos Afonso (também o idealizador do projeto AlterNex, um serviço de intercâmbio de informações por e-mail e por conferências eletrônicas, que já funcionava de modo experimental desde 1987 e atualmente diretor de planejamento da Rede de Informações para o Terceiro Setor [Rits], ainda participando do Ibase, por meio de seu conselho curador)<sup>18</sup> e Marcos Arruda (também sócio-fundador do Instituto de Políticas Alternativas para o Cone Sul [PAC], do qual é coordenador-geral). O Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (Ibase) iniciou suas atividades em 1981 e é uma instituição de utilidade pública federal, sem fins lucrativos, sem vinculação religiosa e partidária. Sua missão é a construção da democracia, combatendo desigualdades e estimulando a participação cidadã. É uma instituição autônoma, criada para acompanhar as políticas governamentais e também fornecer informações aos movimentos populares.

A luta por um país mais justo e “cidadão” foi a base, o centro e a cabeça de toda a trajetória de Betinho. Ele desenvolveu projetos e campanhas que mudaram a relação dos cidadãos com os seus direitos, com a sua cidadania. Para Betinho, a busca pela cidadania deveria ser um processo de transformação tanto do país quanto de seus cidadãos:

“Para nascer um novo Brasil, humano, solidário, democrático, é fundamental que uma nova cultura se estabeleça, que uma nova economia se implante e que um novo poder expresse a sociedade democrática e a democracia no Estado.”<sup>19</sup>

Rubem César Fernandes nasceu em 25 de maio de 1943, no município de Niterói. Formou-se em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Durante o golpe de 1964 foi militante do movimento estudantil, sendo um dos autores da coletânea intitulada *História nova do Brasil*. Em 1965, perseguido pela ditadura, saiu do Brasil. Exilado, Rubem César foi para a Polônia, vivendo depois na Suíça, França e Estados Unidos. Retornou ao Brasil em 1976, e se voltou para a vida acadêmica. Começou a lecionar, primeiramente na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), no estado de São Paulo, e depois no Museu Nacional/UFRJ – em ambos os lugares como professor da cadeira de Antropologia.

Em 1978, foi convidado a assumir a presidência do Iser. Em sua trajetória nesta instituição, combinou pesquisa e ações de intervenção, buscando um ponto de equilíbrio entre o pensar e o agir, marca esta que o acompanhará até os dias atuais.

Durante os anos de 1980 e 1990, participou da criação de diversas instituições ligadas ao Terceiro Setor. Foi um dos fundadores da já mencionada Abong, em 10 de

---

17 Para mais detalhes, v. <<http://www.iser.org.br/>>. Acesso em: 31/07/2007.

18 Para mais detalhes, v. <<http://rits.org.br/equipes>> e <<http://ibase.br/modules.php?nome>>. Acesso em: 22/07/2007.

19 Para o texto completo, v. portal do Ibase. Disponível em: <<http://www.ibase.br/modules.php?name=Conteudo&pid=40>>. Acesso em: 18/07/2007.

agosto de 1991, e também participou, com Betinho, do Ibase. Sua trajetória sempre esteve ligada ao processo de crescimento das ONGs no Brasil, durante as décadas de 1980 e 1990. Rubem César, além de presidir o Iser por vários anos, mantém até hoje forte vínculo com a mesma, coordenando áreas de pesquisas e fazendo parte de seu conselho.

Com trajetórias similares, apesar de trilharem caminhos diferentes, essas duas personalidades retornaram, após o exílio, para um país em pleno processo de reconstrução de suas dinâmicas de participação social. Era preciso trabalhar com uma nova lógica de organização, e a vivência internacional de ambos contribuiu para a criação de novas instituições na cidade do Rio de Janeiro. Num país em pleno processo de redemocratização, havia uma necessidade de se apostar no novo, numa nova cidadania mais participativa.

Betinho foi talvez o precursor deste novo. Pode-se dizer, inclusive, que ele era a expressão mais convincente desta postura descrita como “cidadã”. Em 1992, foi figura-chave no movimento pela ética na política que levou a população às ruas com uma nova cara, jovem e pintada, canalizando a revolta na direção da democracia e com a força para derrubar, através do *impeachment*, o então presidente da República, Fernando Collor de Mello. No ano seguinte, Betinho inventou e liderou um novo formato de participação, ou melhor, de adesão social: a Campanha contra a Fome. A repercussão na mídia e a grande participação social que obteve mudaram a forma com que a sociedade passou a se relacionar com a esfera governamental e serviu de berço para muitas outras manifestações que surgiram depois.

Num texto de Rubem César, pode-se perceber um pouco como foi esse momento:

“Particpei, com Betinho, das primeiras conversas sobre a campanha da fome, em dezembro de 1992, e lembro ainda das risadas que dávamos com o exercício da invenção. Elaborando o primeiro folheto explicativo, a brincadeira consistia em trocar o ‘NÓS’ pelo ‘EU’ no sujeito das orações. O que posso eu fazer para acabar com a fome? Esteja eu em casa ou no trabalho, seja eu diretor ou funcionário, seja eu governante, dona de casa ou empresário, esteja na igreja ou numa festa, a pergunta é sempre pertinente. Achávamos graça porque vínhamos de outra tradição, onde o sujeito imaginado devia ter a regência coletiva – ‘operariado’, ‘povo’, ‘nação’ – ou mesmo, em versões mais contemporâneas, a forma das ‘espécies’, ‘mulher’, ‘negro’, ‘índio’, ‘sem-terra’. Aqui, nos textos fundadores da ‘Ação da Cidadania’, movimento cunhado por Betinho na sustentação à luta Contra a Fome, remetia-se diretamente ao indivíduo, qualquer que fosse a sua classe, gênero, cor ou posição na sociedade. Antes de ser questão econômica e política, dizia a campanha, a fome afeta a alguém que tem nome e endereço, ainda que seja na rua, e afeta a mim, que não sinto fome, mas que não consigo ignorar o sofrimento alheio. É este sentimento básico de solidariedade, posto num plano moral, propriamente pré-reflexivo, que Betinho soube aproximar do ideário democrático. Além dos ritos da representação, com os partidos, as eleições, a Constituinte, a separação dos poderes, as liberdades etc., ele incorporou a idéia de que ‘cidadania’ envolve ‘compaixão’. A força desta idéia, que a rigor não é nova, posto que presente já em Rousseau, brotou da confluência de nossas antigas tradições culturais com a novidade da democracia nascente. A caridade atualizou-se e a aspiração democrática enraizou-se, gerando, quem diria, esta nova peça de afirmação cidadã que é a ‘cesta básica de gêneros não perecíveis’, semelhante, simbolicamente, à colherzinha do soro caseiro, popularizada pela Pastoral do Menor.”<sup>20</sup>

Para Betinho, a cidadania realiza-se com a ação. É ativa, inconformada. Faz sentido, apenas, num ambiente de mobilização no qual as pequenas ações somam-se de modo visível, estimulando novas adesões e representando um volume que faça

---

20 , Rubem César Fernandes, em arquivo pessoal (mimeo).

diferença. A cidadania cumpre-se *em movimento*. Não se resume à participação repetitiva de um rito jurídico. Betinho pensava assim e sabia dar credibilidade ao seu pensamento.

### **As primeiras reuniões do Viva Rio**

Impactados com a onda de violência que assolou a cidade do Rio de Janeiro entre 1990 e 1993, principalmente neste último ano, um novo movimento surgiu. Mas o que iria diferenciar este movimento dos demais já existentes?

Segundo Zuenir Ventura, o Rio havia se transformado num *organismo doente* (VENTURA, 1994, p.60). Diante desta situação, segmentos da sociedade começaram a reagir, entre eles Walter de Mattos Júnior, que na época era vice-presidente do jornal *O Dia*,<sup>21</sup> Inconformado com a repercussão que os fatos passaram a ter internacionalmente, resolveu romper com a inércia e tomou a decisão de fazer algo. Decidiu que o jornal *O Dia* não poderia ficar inerte. Para isso, a redação e a agência de publicidade do jornal foram convocadas. Sabendo que, por si só, o ativismo do jornal não bastaria, decidiu acionar também Betinho.

A reação foi imediata. Este grupo inicial fez um primeiro encontro informal, logo depois da Chacina de Vigário Geral, para trocar as impressões que cada lado trazia. Surgiu a idéia de tentar reunir toda a mídia e mobilizar outros segmentos da sociedade. Mas, para fazer com que essa mobilização desse certo, Betinho e Walter Mattos sabiam que não bastaria contar com a simpatia da mídia. Neste primeiro encontro, realizado entre Betinho, Walter e a equipe do jornal *O Dia*, foi traçada uma estratégia para formar o que Betinho chamou de “o DNA capaz de reproduzir e multiplicar”. “Betinho achava que a chave do sucesso de qualquer iniciativa estaria no grupo de pessoas primeiramente chamado. Para ele, o Rio precisa ser um só” (VENTURA, 1994, p.60). As tarefas foram então divididas: a Walter coube a iniciativa de chamar os outros dois grandes jornais da cidade – o *Jornal do Brasil* e *O Globo* (idem, p.73). Para Betinho, a incumbência foi de convidar representantes de diversos segmentos da sociedade civil.

A primeira reunião mais formal do movimento, ainda sem nome específico, ocorreu no dia 9 de setembro de 1993, na sala de um centro empresarial do Rio de Janeiro. Cerca de 20 pessoas encontravam-se ali, dentre estas um metalúrgico, vários empresários da indústria e do comércio, pesquisadores, jornalistas, publicitários e os diretores dos três grandes jornais da cidade – *O Globo*, *O Dia* e o *Jornal do Brasil*. Constituíam-se um grupo singular, com o sentimento de urgência comum a todos. Era preciso reverter o clima dominante de medo! E buscar outra solução que não fosse a intervenção do exército na guerra contra o tráfico de drogas, atitude defendida por vários segmentos tanto da sociedade quanto do próprio governo.

Rubem César, apresentado por Betinho como “o representante de todas as religiões”, propôs reunir dois elos da cidade que se encontrava partida: o asfalto e a favela. Nessa reunião, definiu-se a realização de um ato público com uma paralisação, de dois minutos, contra a violência. Além disso, formou-se uma comissão de coordenação, cuja incumbência era pensar a manifestação, ainda sem data prevista.

---

21 Walter de Mattos Júnior é economista, e, na época, era vice-presidente do jornal *O Dia*. Fundou, mais tarde, em outubro de 1997, o diário *Lance!* e fez parte do primeiro conselho de coordenação do Viva Rio.

Nascia, assim, o Viva Rio, ainda sem uma definição clara e objetiva, fruto da união de pessoas, até então desconhecidas, em torno da questão da violência. Formava-se uma roda que parecia representar quase todo o Rio de Janeiro.

Em 28 de setembro, data anterior à realização do evento que estava sendo planejado, ocorreu uma manifestação, bastante emblemática. Apenas 30 dias haviam se passado desde a chacina de Vigário Geral. A manifestação, organizada pelo sociólogo Caio Ferraz (formado em Sociologia pela UFRJ; nascido e criado na favela, fundara, junto com amigos que, como ele, buscavam outros caminhos que não os do tráfico ou o do samba, a Casa da Paz – criada no calor da tragédia de Vigário Geral, ocorrida em agosto de 1993, a Casa da Paz é, hoje, um centro cultural e comunitário instalado no local onde morreram oito dos 21 inocentes chacinados) e também por Henrique de Melo Rosa, o Zé, que, na época, desenvolvia um projeto de artes com crianças das comunidades, levou um grupo de pessoas a sair da igreja da Candelária até Vigário Geral... a pé. Seus idealizadores não tinham idéia da distância que seria percorrida; acreditava-se que a caminhada completa levaria o dia inteiro. Apesar de ter conseguido mobilizar mais de cem pessoas, a caminhada, pela sua extensão, foi considerada uma “loucura”. Por isso, muitos dos que estavam organizando o movimento Viva Rio não participaram do evento.

No mesmo dia desta caminhada até Vigário Geral, o grupo que articulava o Viva Rio escolheu seu comitê executivo: o antropólogo Rubem César Fernandes, o sociólogo Herbert de Souza, o Betinho, a economista Clarisse Pechmann, os sindicalistas Carlos Manoel Costa Lima e Jairo Coutinho, o diretor do *Jornal do Brasil*, Manoel Francisco (Kiko) Brito, o diretor do jornal *O Globo*, João Roberto Marinho, o empresário do ramo cultural Ricardo Amaral, e o vice-presidente do jornal *O Dia*, Walter de Mattos Júnior.

A partir daí, as reuniões do grupo de articuladores do Viva Rio foram ganhando forma e estrutura. Comissões foram formadas para colocar em prática as decisões tomadas pelo coletivo. Nesse momento, o movimento precisava se fazer conhecer pelo poder público e apresentar a ele os seus objetivos.

Em 23 de novembro, o movimento Viva Rio lançou sua primeira campanha: “Viva Rio – começar de novo”, num evento no restaurante Rio’s, no Aterro do Flamengo. Lá estavam reunidos empresários, sindicalistas, esportistas, representantes de favelas e os diretores dos principais jornais da cidade. O evento foi bastante divulgado na mídia. Criou-se a Comissão de Cidadãos Cariocas, que teria como objetivo propor uma pauta de atuação para combater a violência.

Em pouco tempo o movimento recebeu diversas adesões: o presidente da Flupeme (Associação Fluminense da Pequena e Média Empresa); os sindicatos dos médicos, da construção civil, dos mineiros, dos metalúrgicos e de processamento de dados; o Sindicato das Empresas de Transporte e dos Rodoviários do Município; a Associação dos Comissários da Varig; a Associação Brasileira de Agentes de Viagens (Abav); o Sindicato da Indústria da Construção Civil (Sinduscon); representantes das favelas Morro da Pedreira, Matinha, Sumaré, Dona Marta, Campinho, Candelária e Vigário Geral; o Lions Club; o Ministério do Trabalho; e representantes da Igreja Católica e da Comunidade Evangélica do Rio de Janeiro. Os governos estaduais e municipais, publicamente, também aderiram à campanha.

As adesões eram as mais variadas possíveis. Pela primeira vez, no Rio de Janeiro, segmentos tão distintos e, até mesmo antagônicos, haviam se unido em torno de uma causa comum. O prefeito César Maia, segundo matéria publicada em *O Dia* de 20 de novembro de 1993, elogiou o movimento:

“O prefeito César Maia apoiou os dois minutos de silêncio propostos pela organização Viva Rio para a recuperação da cidade. [...] A grande vantagem do Viva Rio, segundo o prefeito, é o fato de a organização não ser atribuída a ninguém e sim ao cidadão de forma geral e à cidade do Rio de Janeiro. Nas palavras do prefeito, esta é uma vantagem, mas por isso mesmo não sabe a quem recorrer: ‘Eu não sei nem quem procurar porque eu não sei quem manda no Viva Rio. Graças a Deus não tem chefe, graças a Deus’, disse o prefeito.”

César Maia também promulgou um decreto, o de número 12.522, dispondo sobre a paralisação de dois minutos no dia 17 de dezembro de 1993, data prevista para a manifestação. Na véspera da manifestação, o então presidente da República, Itamar Franco, anunciou sua adesão ao movimento Viva Rio. O comando da Polícia Militar no Rio de Janeiro também aderiu à manifestação.

Os “Dois Minutos de Silêncio” carregavam um significado de comunhão, de união pela “paz” e acreditava-se que a paz seria o marco para um novo começo da Cidade Maravilhosa.

As reuniões continuavam ocorrendo e a Comissão de Cidadãos Cariocas mantinha encontros regulares. Os idealizadores do movimento Viva Rio acreditavam que esse encontro, essa comunhão, era o exemplo da cidadania ativa defendida por Betinho. Naquele momento, surgia um novo modelo de mobilização civil: o Viva Rio.

### **O movimento Viva Rio**

Criado e concebido para ser um marco de transformação, a partir do inconformismo de alguns segmentos da sociedade carioca, seus idealizadores não podiam, naquele momento, prever o que aconteceria, qual seria seu futuro e se ele alcançaria alguma grandeza. Entretanto, havia, claramente, uma estratégia de mobilização. Experiências passadas demonstravam aos seus idealizadores que as idéias novas, às vezes não tão novas..., porém mais ousadas, deviam ser colocadas em prática, rompendo-se com modelos ultrapassados. A “Campanha contra a Fome” passou a ser um exemplo de mobilização a ser seguido. Mas, mesmo assim, era preciso ousar mais. Para que a proposta do movimento desse certo, era preciso arriscar: trazer para a mesma mesa pessoas diferentes, com protagonismos diferentes.

Para muitos, a situação prejudicava vários lados. A população vivia aprisionada à idéia da “cultura do medo”, sem entender bem o que de fato estava acontecendo. A paisagem do Rio de Janeiro ganhava outro elemento em sua decoração: os portões de ferro que tomavam conta das fachadas dos prédios da cidade. A mídia apresentava um cenário de oposição, quase irreconciliável, entre as classes mais abastadas e a população moradora das favelas cariocas. Havia, naquele momento, sobre a origem da violência, sua abrangência e formas de enfrentamento da situação, uma clara divergência entre as várias correntes. Era como se existissem duas perspectivas completamente distintas sobre o assunto: a primeira, representada pelos organismos de repressão policial civil e militar, clamava por controle e segurança; a segunda, representada por organizações não governamentais e intelectuais formadores de opinião, clamava por políticas cidadãs voltadas para os segmentos mais desfavorecidos da sociedade.

O movimento Viva Rio era a junção dos segmentos sociais que defendiam a segunda perspectiva. A imagem de cidade violenta era prejudicial por vários motivos: a perda de investimentos, a implementação de políticas sociais inadequadas e a manutenção de políticas de repressão das classes consideradas por alguns segmentos

como “perigosas”. O movimento surgiu, então, como a possibilidade de reverter esse quadro, de possibilitar que desejos ambíguos e complexos de reação à violência (justiça, desespero, esperança) pudessem se unir sob o signo da “paz”, traduzida, naquele momento, como a “*paz que tem o poder de transformar*”.

Um fato interessante deve ser salientado. Trata-se das versões veiculadas pela mídia sobre a violência, pois estas pareciam divergir da posição assumida pelo Viva Rio: os três grandes jornais cariocas, *O Dia*, *O Globo* e o *Jornal do Brasil*, encontravam-se engajados no movimento, mas ainda mantinham velhas práticas sensacionalistas. Muitas vezes a postura assumida parecia concordar com as práticas de repressão da violência. Segundo Rubem César, uma primeira reivindicação do Viva Rio foi pedir que a mídia fosse coerente: ou ela estaria dentro ou fora. Na prática, o que pôde ser percebido foi que os três jornais continuaram a publicar manchetes sensacionalistas sobre a violência, mas também mantiveram o Viva Rio constantemente na mídia, divulgando para a sociedade todos os seus passos. O Viva Rio era uma das poucas organizações do Terceiro Setor a assegurar uma cobertura total dos três grandes jornais cariocas. Os números contabilizados a partir de 2001 demonstravam que o Viva Rio mantinha uma média de 31 centímetros diários em mídia escrita e cerca de três minutos e trinta segundos diários de matérias em televisão.<sup>22</sup>

Com o passar dos anos, foi havendo um afastamento gradativo de *O Dia* e do *Jornal do Brasil* do Viva Rio, e uma aproximação maior com as Organizações Globo. Alguns projetos e campanhas foram executados em parceria com a empresa; um deles foi o Geração de Paz, uma campanha publicitária produzida pela TV Globo, na qual foram produzidos, ao todo, três filmes publicitários, com locução de Regina Casé. As peças pretendiam mobilizar os brasileiros para que ajudassem na criação de oportunidades de ensino para os jovens, através do Fundo da Criança e do Adolescente. A idéia era mostrar à população que afastar os adolescentes da criminalidade representaria um benefício não apenas para os jovens, mas para toda a sociedade.<sup>23</sup> Tratava-se de uma parceria com a TV Globo e a Fundação Roberto Marinho. Em São Paulo, a campanha contou com o apoio do Instituto Sou da Paz (fundado em 1999, a partir da campanha “Sou da Paz pelo Desarmamento”; sendo também uma Oscip [Organização da Sociedade Civil de Interesse Público], sediada na capital paulista), do Conselho Estadual dos Direitos da Criança e do Adolescente de São Paulo e do governo do estado de São Paulo. No Rio de Janeiro, os parceiros foram o próprio Viva Rio, a Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (Firjan), a Federação do Comércio (Fecomércio) e Conselho Estadual dos Direitos da Criança e do Adolescente do Rio de Janeiro. O projeto, hoje, continua sendo desenvolvido, porém passou a ser uma iniciativa apenas das Organizações Globo.

A relação mais próxima com as Organizações Globo trouxe benefícios e ônus para a instituição. Alguns consideraram que o Viva Rio deixava de ter personalidade própria e passava a ser unicamente ‘um braço da Globo’.

Aos poucos, no entanto, apoiando-se numa bandeira de “paz”, o movimento foi ganhando mais fôlego. Mas de que “paz” ele falava? Para muitos, a defesa da “paz” representava um conceito tão amplo que seria difícil encontrar uma linha única

---

22 Informação retirada do relatório anual do Viva Rio, publicado em seu *site* oficial. Antes deste ano, não existem registros do tipo de informação contabilizados dentro da instituição. Para mais detalhes, ver <<http://www.viva.rio.org.br/pretacaodecontas/2003>>. Acesso em: 31/07/2007.

23 Para mais detalhes, ver <<http://geracaodepaz.globo.com/Geracaodepaz/>>. Acesso em: 31/07/2007.

de atuação. Esse era um de seus desafios: como transformar a “paz” em propostas concretas, envolvendo toda a sociedade. O Viva Rio começou então a delinear seu estilo, a impor sua marca pessoal – aquela que o distinguiria de outras organizações, naquele momento.

Ao abraçar a missão de integrar a cidade partida, colocava-se uma outra questão: de quem o Viva Rio era porta-voz? Quem ele representava?

### “Dois Minutos de Silêncio”

A manifestação ocorreu no dia 17 de dezembro de 1993. Um grupo expressivo de pessoas concentrou-se na igreja da Candelária, situada no Centro da cidade. Segundo a mídia:

“Milhares de cariocas aderem ao Viva Rio e, por dois minutos, refletem sobre a violência. Na Candelária, ‘buzinaço’ e cantoria saúdam campanha pela paz. Betinho e meninos de rua: imagem da paz e das vítimas juntos na campanha por uma cidade melhor [...]”<sup>24</sup>

No dia da manifestação um temporal ameaçava cair sobre a cidade. Durante os dias que antecederam o evento, não houve tempo para se preocupar com as condições climáticas. As rádios, televisões e jornais já anunciavam a manifestação 15 dias antes da data marcada. Segundo o *Jornal do Brasil*, o Rio pararia pela primeira vez por causa do *primeiro engarrafamento programado de sua história*. Diversos segmentos foram acionados para ajudar a transformar o sonho em realidade. Para parar os sinos era necessária a autorização da Igreja; para interromper o trânsito, sem confusão, os trens, o metrô e os ônibus, e fechar túneis era necessário contar com o apoio da Prefeitura, do Departamento de Trânsito, da Polícia Militar, do Corpo de Bombeiros e das Forças Armadas.

O slogan da manifestação – “Dê um tempo para o Rio. Parar para começar de novo” – pedia que todos orassem pela paz, silenciassem pela paz, caminhassem pela paz, se manifestassem pela paz. Não se devia pedir justiça, e sim paz. A população deveria se vestir de branco naquele dia, e colocar panos brancos nas janelas, fitas brancas nos carros. Todos deveriam parar por dois minutos: em casa, na rua ou no trabalho. O objetivo era silenciar a cidade, em pleno meio-dia, para que “ela” pensasse sobre si mesma. Sem buzinas, sem panelaços e sem palavras de ordem. Era preciso o silêncio!

No dia da manifestação, no horário previsto para se fazer silêncio, entre 12h e 12h02, choveu. Para Betinho, a chuva era um prenúncio de boa sorte. Na Candelária, ele exaltava a chuva: “Para uma campanha que pretende lavar a alma do Rio, o começo não poderia ter sido melhor” (VENTURA, 1994, p.150).

No horário previsto, muitos pararam por dois minutos para refletir sobre a violência e reverenciar a “paz”. Antes, às 11h30, várias rádios haviam começado a fazer uma contagem regressiva. No alto do Corcovado, o cardeal Dom Eugênio Salles abençoou a cidade. O bondinho do Pão de Açúcar, símbolo da Cidade Maravilhosa, parou pela “paz”. A sensação de todos os envolvidos, naquele momento, era de que um novo tempo se iniciava, de um renascimento.

Mas nem tudo foi perfeito neste dia. Um dos locais que deram origem ao movimento, não parou: não houve mobilização alguma dentro de Vigário Geral e este

---

24 *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 17/12/1993.

fato foi divulgado pela mídia. Na Casa da Paz, os trabalhadores que faziam sua reforma continuaram trabalhando.

Ainda assim, os jornais cariocas exaltaram a manifestação. Mantendo uma linha que seria seguida em futuras ações promovidas pelo Viva Rio, o *Jornal do Brasil*, *O Dia* e *O Globo* estamparam em suas capas e em matérias internas notícias que exaltavam o sucesso da manifestação.

Para o *Jornal do Brasil* “lágrimas explodiram junto com os sons dos sinos, do buzinaço e do samba. [...] Brizola exalta o novo tempo que tem início com o sucesso da campanha [...].<sup>25</sup> *O Dia*, em reportagem de capa, mostra o sucesso da campanha idealizada pelo Viva Rio: “Isso porque a resposta da sociedade civil atendeu prontamente à campanha demonstrando sua vontade de mudança e disposição para participar desta mudança [...].<sup>26</sup> *O Globo*, em sua reportagem, mostrava como, em vários cantos da cidade, as pessoas se organizaram para participar do movimento proposto pelo Viva Rio: mostrou as pessoas que se encontraram informalmente, a paralisação nas universidades, a adesão na rodoviária Novo Rio; destacou os maçons, que pela primeira vez em sua história foram às ruas em frente à loja na rua Mariz e Barros, com sua vestimenta oficial reservada para cerimônias oficiais nos templos.<sup>27</sup>

Nas duas semanas anteriores ao ato, a Comissão de Cidadãos promoveu um seminário, coordenado por Rubem César Fernandes, para discutir o tema da violência e seus vetores. A idéia era reunir um grupo significativo de especialistas sobre o tema da violência, para tentar buscar respostas e orientações. Cerca de 40 pessoas expressivas da cidade (industriais, sindicalistas, líderes comunitários, intelectuais, esportistas, pessoas ligadas à cultura, aos setores da mídia, vítimas de violência etc.), leigas em matéria de segurança pública, ouviram e questionaram os diversos especialistas convidados. Duas perguntas orientavam o questionamento: o que era possível fazer em curto prazo para baixar a taxa de violência, e como, que não fosse do governo, poderia ajudar. Buscavam-se sugestões específicas e factíveis. A idéia principal era conhecer a fundo o tema violência e criminalidade. Isso era necessário porque não se sabia mais o que era *causa, efeito e sintoma* da violência (VENTURA, 1994, p.138). Durante o seminário, chegou-se ao consenso de que a solução dos problemas seria a aproximação das “duas cidades”, favela e asfalto. No relatório final do seminário imperou a idéia de que dentro das zonas pobres da cidade o poder público não poderia se fazer presente apenas por meio do aparato policial. Dali também resultou uma agenda de trabalho que orientou o Viva Rio em seus primeiros passos.

No dia seguinte ao “Dois minutos de silêncio”, foi realizado o evento público “Orações pela Paz”. Distribuídas pelos espaços abertos e emblemáticos do Centro da cidade, 24 vertentes religiosas fizeram-se presentes, tentando demonstrar o caráter cosmopolita de um centro urbano como o Rio. Dom Eugênio Salles encerrou a programação religiosa do Viva Rio rezando a *Ave-Maria* e pedindo paz e tranqüilidade para a cidade. De acordo com a mídia carioca, o show ecumênico no Aterro marcou o Viva Rio como um movimento sem fronteiras. “O amor pelo Rio extrapola os limites da cidade. Acaba a guerra entre as ‘nações’ religiosas. Evangélicos festejam a paz na Cinelândia.”<sup>28</sup>

---

25 *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro: 18/12/1993.

26 *O Dia*. Rio de Janeiro:18/12/1993.

27 *O Globo*. Rio de Janeiro, 17/12/1993.

28 *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro: 20/12/1993.

Para muitos, o Viva Rio, nessa primeira campanha, havia ganhado legitimidade. Alguns começaram a divulgar o movimento como o “representante legítimo” da cidade do Rio de Janeiro. O representante de uma cidade disposta a aderir à causa lançada, disposta a defender a bandeira da paz e através dela exigir mudanças. Para outros, o movimento não era esse representante legítimo da cidade que a mídia apresentava. Era, sim, mais um produto dessa mesma mídia, fadado, provavelmente, ao esquecimento após o período inicial de efervescência.

O fato é que, após a manifestação, algumas perguntas pairavam no ar: seria de fato possível o trabalho coletivo de atores sociais tão díspares, tendo como único elo a unidade ética em torno de uma luta? Seria possível manter o trabalho iniciado em 9 de setembro de 1993? Quais seriam os próximos passos? A tentativa de responder a essas perguntas iria traçar os passos do movimento, e confirmaria, ou não, a expectativa criada em torno de sua formação.

Nascia ali uma instituição, ou somente o Rio havia presenciado mais uma ação sem futuro?

### **Um novo modelo de organização?**

Durante a década de 1990, houve uma renovação do cenário, dos objetivos e das práticas sociais na cidade. Assim, movimentos sociais populares, que caracterizaram as décadas anteriores, foram sendo modificados por novos tipos de organizações. A crise de governabilidade, pela qual passava o estado, também foi um forte aliado deste processo de modificação. Era necessário criar novos canais de interlocução. Antigos modelos de representatividade não mais se encaixavam na dinâmica social da cidade. A coordenação do movimento, apostando nos resultados positivos e na visibilidade alcançada em razão dos atos realizados no mês de dezembro, resolveu investir no problema da segurança pública, na cidade do Rio de Janeiro.

Com os últimos acontecimentos violentos, este tema ganhara alcance social, o que facilitaria sua penetração fora das esferas governamentais. É certo que este problema não foi um fenômeno típico da década de 1990, mas sua visibilidade nacional e internacional, que transformou a cidade em uma das metrópoles mais violentas do mundo, fez crescer, no imaginário social da cidade, a idéia de que se vivia sob constante ameaça criminal, fosse ela institucionalizada, fardada ou favelada. Em 1990, tendo como referência os “delitos contra a pessoa”, em especial o número de homicídios e lesões corporais dolosas, o Rio de Janeiro esteve entre as cidades mais violentas do mundo, apresentando números equivalentes aos de uma verdadeira guerra civil. Os crimes relativos à propriedade também apresentaram números bastante elevados ao longo da década em questão, reservando-se um lugar particular, no imaginário social, para os crimes cometidos por crianças e adolescentes de rua. “A importância do problema das crianças infratoras”, explica Napoleão Miranda “assumiu tal magnitude que um número significativo de organizações não governamentais foram criadas, no Brasil e no Rio de Janeiro, tendo-se como objetivo principal o atendimento da criança de rua; ao mesmo tempo, vários programas governamentais foram elaborados para enfrentar o problema [...] envolvendo não só a criança propriamente dita, como também sua família [...]” (MIRANDA, 1998, p.142-3).

O movimento Viva Rio apresentou-se para a sociedade como a possibilidade de ruptura com o quadro de negatividade que a cidade adquiriu. A este respeito, observa Miranda:

“Tomar a cidade como referencial possibilita uma estratégia de incorporação de diferentes atores sociais [...] que, na linha tradicional dos movimentos sociais, estariam provavelmente em pólos opostos, competindo por recursos escassos, entrando em conflito e dificultando a resolução de alguns problemas comuns [...]. Embora tais diferenças não desapareçam pelo fato de participarem de um projeto comum voltado para a cidade, a participação em uma proposta como o Viva Rio permite estabelecer um patamar distinto de relacionamento e conflito entre estes atores, incentivando a construção de alianças inusitadas e inovadoras com resultados que podem ser surpreendentes.” (p.31)

Para Rubem César, em documento particular do autor, produzido entre 1993 e 2005, o “desafio posto pelo Viva Rio era o de encontrar o ponto e a forma ideais de demonstrar a particular relevância de sua criação, de modo que a palavra ‘paz’ fosse ao mesmo tempo perigosa e poderosa o suficiente para gerar esperança naquele contexto de desesperança”. O modelo que se apresentava era novo, uma vez que envolvia novos atores, aprendia a lidar com o Estado e a mídia. A estratégia principal do movimento era unificar forças e não fragmentar.

Mas quais seriam seus próximos passos? Iriam surgir novas campanhas? Seriam necessárias novas mediações e articulações? As perguntas iniciais – “O que é possível fazer a curto prazo?” e “Como podemos ajudar?” – deveriam continuar como faróis de orientação para o caminho que se apresentava?

Todo este questionamento precisava de respostas e a forma mais concreta de responder era como seguir a maré. Ao ser criado como uma reação espontânea a uma onda de violência o Viva Rio manteve esse espírito e continuou reagindo. Os problemas eram apontados e os protestos eram, assim, incorporados. Havia uma valorização positiva do drama social e, ao invés de se expressarem sob a forma da denúncia acusatória, como era norma no discurso dos movimentos sociais em outros tempos, encontraram uma formulação de proposições positivas.

Num contexto crítico, sobrecarregado de imagens negativas, como era o caso do Rio de Janeiro no início dos anos 1990, a possibilidade de um horizonte positivo facilitava o processo de reconhecimento do movimento como uma ação também positiva na cidade. Porém, os setores mais céticos, desgastados pela vivência de outras experiências desastrosas, não enxergavam num movimento de campanhas a solução para os problemas da cidade, exigindo soluções mais específicas para a situação. O tema “violência”, em pauta há mais de uma década, continuava sendo a fonte da “insegurança” que a população identificava como o mais grave problema a ser enfrentado. A população se via coletivamente como vítima da violência e entendia que o Estado era o responsável pelo fato e por sua “solução”. Com isso, era emergencial que novas ações fossem realizadas a fim de continuar o processo de tentar reverter o quadro caótico que existia.

Os temas escolhidos pela Comissão de Cidadãos, Cidadania, Juventude e Violência exigiam a formulação de propostas de trabalho tanto na esfera governamental quanto fora dela.

### **Próximos passos**

Para isso, alguns passos precisavam ser dados: o primeiro deles era entender que, naquele momento, o foco local seria decisivo para sua identidade. O Viva Rio era carioca e seu objeto de ação seria o Rio de Janeiro, suas sub-regiões, seus bairros e comunidades. As referências e as competências do movimento seriam locais. O

segundo passo era perceber que o movimento Viva Rio não seria possível sem a mídia. Este elemento foi decisivo, e, como vimos antes, a presença de diretores dos três grandes jornais de grande circulação em sua coordenação fazia a diferença (posteriormente, um quarto jornal chegou ainda a compor o quadro: a *Gazeta Mercantil*, na figura de seu presidente, Luís Fernando Levy, que passou a integrar o conselho da entidade). Por fim, o terceiro passo foi assumir que um de seus papéis principais deveria ser o de atuar como um *agente integrador da cidade*. Unir favela e asfalto seria uma de suas metas principais e, para isso, as ferramentas a serem usadas poderiam ser muitas. Assim, sua missão maior, de promover a “paz”, poderia ser alcançada. Mas a tarefa que parecia fácil demonstrava-se complexa. Era preciso combinar, de forma feliz, múltiplas circunstâncias, e fazer com que elas tivessem um significado palpável para a maioria dos cidadãos.

Ao movimento se apresentava outro desafio: o de romper com os ciclos de dor e medo que afloravam e se generalizavam em situações de violência, gerando novos episódios de medo e dor. A fórmula encontrada era a de executar gestos pacificadores de igual ou maior intensidade que o primeiro realizado (a campanha “Dois minutos de silêncio”). Com esta intenção, o movimento Viva Rio liderou novas campanhas, nas quais os signos da “paz” estavam, sistematicamente, associados a propostas pragmáticas. Este foi o caso da campanha “Estamos no mesmo barco”, desenvolvida pelo Viva Rio e sindicatos do Setor Naval, em 1994.

Foi promovido, também, um seminário, para discutir a situação deste setor no Rio, ameaçado com o corte proposto pelo Governo Federal no Fundo de Marinha Mercante e a possível demissão de 8 mil dos 13 mil trabalhadores. Como uma das resoluções do evento, decidiu-se que o grupo organizaria um “abraço” à Baía da Guanabara, com cerca de 15 mil pessoas, como demonstração da luta contra o desemprego e a miséria, no dia 13 de março de 1994. O lema da campanha foi: “Estamos todos no mesmo barco: mais emprego e menos violência”.

O “Reage Rio” (1995) é ainda um exemplo de campanha de grande porte e visibilidade, que buscava fortalecer a corrente pacificadora na cidade e produzir ou afirmar agendas positivas de políticas públicas. Além das campanhas, o movimento Viva Rio intermediou encontros entre as lideranças governamentais, a fim de tentar colocar em prática projetos que tinham o intuito de melhorar, por exemplo, o policiamento nas áreas turísticas da cidade do Rio de Janeiro. O movimento começou a exercer uma função propositiva e, ao mesmo tempo, de denúncia, ou seja, da mesma forma que propunha ações claras para o combate da violência, mantinha uma postura de enfrentamento das questões polêmicas, opinando sobre o futuro da cidade.

O tema da violência não era exclusivo, mas era recorrente, uma vez que qualquer outra temática levantada pelo movimento perpassava a problemática da violência no Rio. Assumir este tema como objeto de interesse comum, num contexto pluralista, representou um passo inovador para a maioria dos presentes na criação do Viva Rio. Era preciso transformá-lo, e conceber seus novos sentidos. Para isso, o movimento seguiu a seguinte estratégia: buscar a integração entre segurança e direitos civis, e a ampliação do próprio conceito de “segurança”.

Parece natural afirmar que as estratégias assumidas eram reflexo das peculiaridades de sua formação. É claro que as chacinas, em resumo, muito particular, não podiam ser consideradas evento único. Havia uma sinergia no momento que permitia que fosse possível esse encontro, em razão de toda a trajetória já percorrida, seja dos atores envolvidos, seja da própria cidade. Talvez o diferencial estivesse no abandono de práticas já testadas e, como já mencionado aqui, na aposta de um novo

modelo. Apostar no novo também significava apostar em novos conceitos. Uma dessas apostas foi a afirmação de que segurança e a violência não se reduzem à criminalidade *stricto sensu*. Pensar uma política de segurança implicava em promover a civilidade nos espaços públicos e domésticos, imputando a todos, não apenas ao Estado, a responsabilidade por essa promoção. Além disso, repensar o próprio papel da polícia, órgão representante do estado, se fazia necessário.

Assim, seguindo uma trajetória com muito trabalho, o movimento Viva Rio caminhou para desenhar, cada vez mais, seu papel dentro do processo de revitalização da cidade do Rio de Janeiro. Percebia-se que ele não era o único responsável por esse processo, mas, naquele momento, o papel mediador estava vago e era necessário ocupá-lo. Se havia uma certeza, ou melhor, uma esperança de se estar seguindo o caminho certo, o consenso entre o próprio grupo se tornou uma tarefa que necessitava de cuidados. Não se deve esquecer que uma de suas características mais marcantes, a da heterogeneidade de seus integrantes, por um lado era um diferencial muito rico, mas também implicava certas limitações. As diferenças surgiam naturalmente e o respeito por elas exigia um esforço em conjunto. Também, naturalmente, o grupo caminhou, de um lado, para uma aproximação, e, de outro, para um afastamento, ou seja, com o tempo, parte do grupo fundador tornou-se integrante do Conselho de Coordenação do Movimento Viva Rio, enquanto a outra parte, após a reação imediata da primeira campanha, seguiu sua trajetória.

O primeiro grupo a compor o Conselho de Coordenação do Viva Rio era formado pelas seguintes pessoas: Betinho (Herbert de Souza, sociólogo, Ibase, Ação da Cidadania), Caio Fábio D'Araújo Filho (presidente da Associação Evangélica Brasileira), Carlos Manoel C. Lima (vice-presidente da Confederação dos Sindicatos dos Metalúrgicos do Brasil), Clarice Pechman (economista, presidente da Associação Brasileira de Câmbio), Eduardo Eugênio Gouvêa Vieira (presidente da Federação de Indústrias do Rio de Janeiro), Humberto Motta (presidente da Associação Comercial, RJ), Itamar Silva (coordenador geral do Grupo ECO, líder de favelas), João Roberto Marinho (vice-presidente das Organizações Globo), Joaquim Falcão (secretário geral da Fundação Roberto Marinho), Jorge Hilário Gouveia Vieira (advogado), Luis Fernando Levy (presidente do jornal *Gazeta Mercantil*), Maria Cristina Sá (coordenadora da Pastoral do Menor, Arquidiocese do Rio de Janeiro), Miguel Darcy de Oliveira (secretário executivo do Idac, conselheiro da Comunidade Solidária), Ricardo Amaral (empresário cultural), Roberto Medina (empresário de publicidade, diretor da Artplan), Rubem César Fernandes (secretário executivo do Iser e secretário executivo do Viva Rio), Ruth Aquino (chefe de redação do jornal *O Dia*), Walter de Mattos Jr. (empresário da área de comunicação) e Zuenir Carlos Ventura (jornalista do *Jornal do Brasil* e escritor). Parte deste grupo compôs o Conselho de Coordenadores do Movimento Viva Rio no momento de sua institucionalização. O restante foi aos poucos sendo incorporado ao conselho. Contudo, algumas pessoas mencionadas continuam ligadas tanto ao conselho quanto à instituição.

Um fato interessante a ser assinalado é que, neste período, o movimento Viva Rio existia sem ter uma base, uma estrutura organizada; as pessoas envolvidas na sua fundação, independentemente de participarem ou não da coordenação do movimento, continuaram o representando publicamente. Sentiam-se autorizadas a fazer isso. Utilizando as palavras do então prefeito César Maia, já antes citadas, o movimento Viva Rio “não tinha dono”. Ao se dedicar ao tema da violência e da criminalidade, o movimento, elaborando propostas concretas de ações, alterou as relações estabelecidas na esfera política, porém sem pretensões políticas. Ele existia graças ao

processo em si e à renovação constante de ações pontuais. É claro que havia o interesse em atuar em outros temas (crianças, trabalho, meio ambiente). Projetos e parcerias os mais diversos encontravam-se sempre no horizonte. Seu reconhecimento e respeitabilidade junto a uma parte da opinião pública permitiam que isso fosse possível.

Luiz Eduardo Soares, em artigo intitulado “O mágico de Oz e outras histórias sobre a violência”, fez uma comparação interessante entre o movimento e uma novela. Para ele, o Viva Rio era pura “*expectativa, imaginação, virtualidade*” (SOARES, 1996, p.263). Mesmo com resultados concretos, ele era *pura imagem*. Mas não havia enganação, da mesma forma que ninguém se engana vendo uma novela. “A novela Viva Rio sensibiliza, faz seus heróis, emociona e motiva os auditórios”. A única diferença era o fato de não ter data para acabar e nem qualquer garantia de continuidade. A situação permaneceria igual na renovação constante de sua imagem. A mágica apontada por Luiz Eduardo “seria se fazer ouvir, na ‘Babel’ que é o nosso mundo” (idem).

Após o período turbulento de dezembro, o movimento viveu um momento de muitas possibilidades e, ao mesmo tempo, de dispersão. Havia várias frentes de ação: investimento em projetos sociais, definição da temática a ser seguida, e o período pré-eleitoral, que se anunciava.

A liderança de Rubem César ganhou contornos e o movimento passou a contar com um ator principal dentre todo o elenco. Com essa liderança definida, uma preocupação passou a existir naquele momento: será que o movimento não poderia ser confundido com um “golpismo”, com uma ação política? A intenção não era destituir o poder em voga, e sim colaborar com ele em prol da cidade do Rio de Janeiro. Em meio à efervescência vivida pela cidade – como, por exemplo, o processo de intervenção federal que havia sido decretado e boatos de que um Estado de Defesa<sup>29</sup> estava para ser anunciado –, o movimento Viva Rio lançou mão de suas habilidades políticas, evitando oposições frontais, para preservar a integridade dos valores e a seriedade de suas posições. Naquele momento, o cenário era o seguinte: o governo estadual encontrava-se fragilizado, os setores policiais envolvidos com o crime estavam acuados, a violência aumentava, ou, pelo menos, a percepção dela, e o medo crescia. O movimento Viva Rio, nesse momento, ‘patinava’ na competição eleitoral, tentando manter-se neutro e apartidário. Mas, apenas isto não foi suficiente para que começasse a ocorrer uma, ainda tímida, perda da sensação de unanimidade. O governo não o enxergava como inimigo, mas mantinha certo afastamento estratégico.

Não se deixando abater, o movimento Viva Rio, mesmo na turbulência do momento, entendeu que era preciso exigir comprometimento dos candidatos que concorreram ao governo do estado, em 1994, e à prefeitura, em 1996. Para isso, as propostas extraídas do seminário realizado pelo Conselho de Cidadãos foram aperfeiçoadas e detalhadas e compuseram um documento que foi apresentado a todos os candidatos. Depois disso, todos os candidatos, publicamente, se comprometeram a observar e atender às sugestões.

---

29 Determinado pela necessidade de defesa da ordem pública, se decretado o sítio, verifica-se a suspensão temporária de certas garantias constitucionais. Em sua vigência, o Executivo assume poderes em geral atribuídos ao Legislativo e ao Judiciário, e são estabelecidas restrições aos direitos dos cidadãos. Entre outras medidas, o governo pode determinar a obrigação de residência em localidade determinada, a busca e apreensão em domicílio, a suspensão de liberdade de reunião e associação e a censura de correspondência, imprensa e telecomunicações. (Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org>>. Acesso em: 13/07/2007.)

As propostas foram as seguintes:

1. É possível combinar eficiência com respeito aos direitos humanos e civis, no exercício das funções policiais;
2. A segurança é um bem coletivo e segurança pública significa também proteção contra violência policial;
3. Faz parte da segurança pública o acesso à cidadania;
4. A credibilidade das instituições é parte da legitimidade do Estado e depende do funcionamento não discricionário, da eficiência e da redução da impunidade;
5. É possível ativar e penar as políticas públicas como experimentos sociais;
6. É necessário discutir a política de drogas;
7. A distribuição de riscos de vitimização não é democrática: as camadas mais pobres da população sofrem mais as conseqüências da ação criminosa e ainda pagam o preço das estigmatizações. Esses setores deveriam ser o principal alvo de políticas públicas de integração à cidadania;
8. Era preciso estimular a pesquisa e a divulgação de informações qualificadas sobre a violência e a criminalidade;
9. As imagens da cidade não são realidades etéreas e cosméticas, irrelevantes para as verdadeiras e sérias questões substantivas;
10. Reformas profundas nas polícias são urgentes (ISER, 1998).

Se por um lado a relação com o governo encontrava-se deteriorada, por outro, junto a uma parcela da sociedade sua legitimidade permanecia intacta, garantindo assim que o movimento pudesse agir como fomentador de uma agenda pública e também como formador de opiniões.

O movimento começou a apoiar diversas campanhas desenvolvidas por outras instituições da sociedade, como, por exemplo: “Vem pro Rio” organizada pelo Rio Convention & Visitors Bureau; Mutirão Nacional pela Paz, que tinha como proposta a inclusão da matéria “Educação para a Paz” nas escolas em geral; e Comitê Internacional Pour La Vie, em cujo lançamento alguns dos representantes do movimento estiveram presentes, organizado pela brasileira Marie Bourgeois, residente na Suíça, em apoio à Casa da Paz e à comunidade de Vigário Geral, dentre outras manifestações – foi uma campanha publicitária que buscava resgatar e vender a imagem do “produto” Rio, com a produção de vídeos com depoimentos de pessoas que escolheram o Rio para viver.

O movimento Viva Rio organizou encontros, com o objetivo de discutir as problemáticas envoltas na temática da violência, entre diversos segmentos da sociedade e o governo como, por exemplo, o encontro sobre segurança pública, com autoridades federais, estaduais e municipais, e representantes do setor hoteleiro e de turismo para discutir o problema da segurança nos “corredores de lazer” da cidade.

O Viva Rio conseguiu enxergar que o Rio de Janeiro era uma metáfora da nação, tanto pelo potencial de ressonância interno e externo do país, quanto por constituir um laboratório de alternativas em políticas públicas e em cidadania. Assim, ao implementar ações consideradas de relevância, ele, ao mesmo tempo, pôde contribuir para a solução de um problema e servir de exemplo para a formulação de uma política nacional. Começou a se delinear mais um traço do movimento: o de *laboratório de políticas públicas*.

Outro passo dado pelo movimento – considerado arriscado por muitos, mas natural para outros, pela trajetória seguida até aquele momento – foi sua institucionalização. Em 1º de julho de 1994, o Viva Rio se tornaria uma associação sem fins lucrativos, uma ONG, Organização Não Governamental. Esta transformação

possibilitou-lhe desenvolver, por meio de uma estrutura mais “organizacional”, várias de suas frentes de trabalho.

Se, até aquele momento, um novo formato de movimento social havia surgido, permanecia, no entanto, a indagação sobre se emergiria um novo formato de ONG a partir da comunhão entre um grupo com componentes tão diferentes e peculiares.

## CAPÍTULO 3

### A transformação: de movimento à organização

#### Atos, dilemas e desfechos

Após o sucesso de seus primeiros passos, incentivado pelas manchetes dos principais jornais cariocas, o Viva Rio, num movimento contrário à sua proposta original, começou a caminhar para a institucionalização. A proposta inicial era de que o movimento não tivesse uma estrutura formal. Segundo seus idealizadores, qualquer pessoa poderia representá-lo. Não haveria necessidade de uma estrutura tradicional, ou mesmo organizacional. O Viva Rio existiria por si só. Se a oxigenação que o fazia sobreviver deixasse de existir, ele se extinguiria, sem maiores prejuízos ou perdas. A idéia que alavancava o movimento deveria ser maior que sua existência.

Como já estudado aqui, enquanto facilitador ou executor o Viva Rio esboçava iniciativas. A idéia era transformar os estudos produzidos sobre violência em experimentos que pudessem permitir a formulação de políticas públicas mais eficientes na área de segurança.

A agenda do Viva Rio formulara-se durante um seminário, realizado em dezembro de 1993, na mesma semana do ato “Dois minutos de silêncio”. Na ocasião, foram escolhidos três temas de trabalho: Cidadania, Juventude e Violência. Mas, não havia indicação alguma de como desenvolver ações vinculadas a estes temas. Além do desafio, o Viva Rio enfrentava a complexidade do próprio grupo – um emaranhado de relacionamentos bastante diversificados. Para fazer com que tal união desse certo, era necessário respeitar a identidade de cada um. Além das diferenças, todos possuíam identidades individuais muito fortes. Este era um de seus pontos nevrálgicos. A aposta era tentar ultrapassar os sentimentos de estranheza que afloravam no grupo. Pretendia-se buscar, na diferença, elementos conciliatórios que possibilitassem o êxito da iniciativa. A pessoa chave daquele momento foi, outra vez, Rubem César Fernandes. O “Mágico de Oz”, como foi denominado por Luiz Eduardo Soares (1996, p.263), fazia com que suas idéias fossem escutadas por todos. Elas representavam a diversidade do grupo. Rubem César divulgava o Viva Rio para seus potenciais aliados e fazia do movimento um parceiro ideal, pela sua agilidade operacional e flexibilidade de adaptação.

Em 1º de julho de 1994, o Viva Rio constitui-se legalmente como associação sem fins lucrativos, dirigida por um conselho de coordenação, composto por 12 pessoas: Betinho, Rubem César, Clarice Pechman, Ricardo Amaral, João Roberto Marinho, Walter Mattos, Manoel Francisco do Nascimento Brito Filho, Zuenir Ventura, Itamar Silva, Carlos Manoel Costa Lima, Jairo Coutinho e Humberto Mota. E assume a seguinte missão: “Integrar a cidade partida e formar uma cultura de paz, interagindo com a sociedade civil e políticas públicas, sobretudo nas favelas e bairros pobres, através de ações sociais locais, campanhas e comunicação.”<sup>30</sup> O conselho se reunia quase todos os meses para orientar as ações da associação. O grupo, como já

---

30 O Viva Rio, em 2003, ao comemorar seu aniversário de dez anos, incluiu na sua missão o slogan “a gente faz paz”. Uma curiosidade é que, nessa época, o slogan pensado inicialmente foi, apenas, “faz paz”. Camisetas já haviam sido produzidas com essa frase. Mas, uma facção criminosa da cidade do Rio de Janeiro começou a usar o mesmo slogan, fato que fez com que o Viva Rio alterasse a frase. A partir de 2004 retirou de sua missão o slogan “a gente faz paz”. Outro dado interessante é que foi excluída a palavra “favelas” de sua missão. Para mais detalhes, ver <<http://www.vivario.org.br/relatorio>>. Acesso em: 13/07/2007.

dito, tinha caráter singular: era composto por lideranças empresariais e sindicais, representantes da elite cultural e das favelas, de jornais concorrentes, de grupos católicos e evangélicos, de opções político-partidárias divergentes. A natureza pessoal e voluntária da participação, o caráter não governamental e apartidário, o foco no local, a agenda comum elementar, o impacto de suas ações na vida pública e a postura proativa eram as características que possibilitavam que o grupo, naquele momento, permanecesse unido.

Rubem César, que na época atuava como pesquisador e na diretoria do Iser, ofereceu a sede da instituição para abrigar as atividades do Viva Rio. Ele fora escolhido para ser o diretor executivo do Viva Rio. Assim começava uma parceria que iria durar até os dias atuais. O Iser seria o principal e mais constante parceiro do Viva Rio no desenvolvimento de pesquisas, sobretudo na área de segurança pública e violência. Soma-se a isso o fato de dividirem espaços físicos de trabalho e de contarem com equipes bastante integradas, fazendo com que, muitas vezes, as duas instituições fossem confundidas como uma só.

O Iser tinha como tema central a religião, mas, a partir de 1990, começou a diversificar sua área de pesquisa e de ação social; introduziu temas como segurança pública, racismo, violência e prostituição. Essa tendência de se envolver em diversas áreas seguiu a linha de desenvolvimento do Viva Rio, fato que não é tão estranho pela razão de as duas instituições terem tido por um tempo o mesmo dirigente – Rubem César Fernandes continua na direção do Viva Rio, e está no Iser desde 1979; ele, atualmente, coordena a linha de pesquisa “Violência, segurança pública e direitos humanos” do Iser.

Além dos temas ‘cidadania, juventude e violência’, o Viva Rio deveria atuar em duas frentes: realizar campanhas de sensibilização e mobilização e propor e executar projetos sociais. Com este horizonte, as ações ali desenvolvidas foram distribuídas em quatro categorias: difundir os signos da paz; promover a educação de jovens e adultos; conjugar segurança pública e direitos humanos; e fomentar o desenvolvimento comunitário. Assim, seria possível participar do processo de revitalização da cidade do Rio de Janeiro, aumentando a dinâmica de participação e contribuindo para a formação dos cidadãos.

Ao abordar o tema da juventude na luta pela paz, o Viva Rio entendia que era necessário investir na cidadania. A bandeira levantada era: para vencer a “guerra” precisavam-se criar condições para atrair a juventude pobre, impedindo sua cooptação por grupos do tráfico de drogas e armas, os vetores principais da criminalidade. Ao incorporar essa temática, a entidade, automaticamente, assumiu as áreas da educação e do trabalho como prioridades. A educação precisava ser encarada como fundamental e decisiva. Nenhum outro indicador estava tão vinculado ao trabalho e à cidadania. Pesquisas da época apontavam que cerca de 60% dos jovens do estado do Rio de Janeiro não haviam concluído o ensino fundamental.<sup>31</sup> A maioria havia abandonado a escola no transcurso do antigo primeiro grau (hoje ensino fundamental), engrossando a parcela majoritária da população que vivia sob o risco da marginalidade.

Para o Viva Rio, tratava-se de uma escolha estratégica que também carregava um sentido mobilizador: indivíduos e instituições foram chamados a contribuir, com urgência, para a educação da cidade, com base num trabalho complementar ao do sistema escolar oficial. Seis idéias chave orientavam tais ações: formar turmas de 25 a 30 alunos em organizações comunitárias (associações de moradores, igrejas, clubes

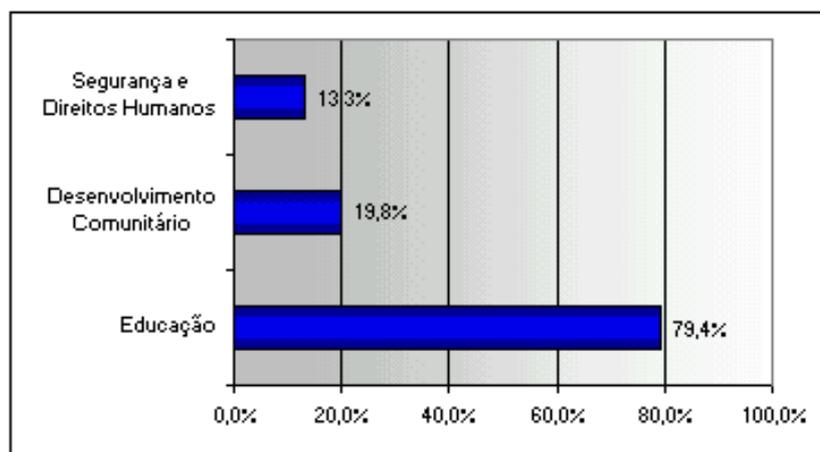
---

31 Fontes: Censo Populacional, 2000 e Pnad, 1999 (IBGE).

etc.) situadas no interior das favelas e periferias; utilizar metodologias de ensino à distância, como o Telecurso 2000, criado pela Fundação Roberto Marinho, para ensino de primeiro e segundo graus (hoje ensinos fundamental e médio), conferindo aos alunos diploma de valor oficial; implantar sistema de estímulos, controles e avaliação, de acordo com a produtividade dos professores e dos alunos; fazer associação explícita entre educação e sobrevivência no mercado; aproximar matérias escolares e temas dos direitos humanos e da gestão de negócios; combinar estudos com ações comunitárias, tornando a sala de aula um foco de animação sociocultural.

Nos seus primeiros anos de funcionamento, o Viva Rio dedicou mais de 79% de seu foco à área de educação. A área de segurança pública e direitos humanos representou apenas 13,3% de seus projetos, aquém da área de desenvolvimento comunitário, com 19,8%.

**Quadro 2.** Projetos desenvolvidos pelo Viva Rio entre 1996 e 2001, por área de atuação



Fonte: Viva Rio. Relatório de prestação de contas.

Disponível em: <<http://www.vivario.org.br/prestacaodecontas/96a2001>>. Acesso 13/07/2007

O Quadro 3 demonstra o direcionamento do Viva Rio, nos seus primeiros anos, para a área de educação, na qual foram desenvolvidos os projetos de maior abrangência da instituição, permitindo que ela se fizesse presente em várias favelas da cidade. No Rio de Janeiro, o Viva Rio manteve parcerias com 224 instituições, o que representava uma concentração de mais de 63% de todas as ações desenvolvidas. A região metropolitana foi a mais beneficiada – 92,4% das ações foram desenvolvidas nessa área. Somente 7,6% das ações foram alocadas no restante do estado do Rio de Janeiro.

**Quadro 3.** Localização das entidades gestoras no estado do Rio de Janeiro, 1996

<b>Município</b>	<b>Entidades</b>	
RIO DE JANEIRO	224	63,3%
SÃO GONÇALO	22	6,2%
NOVA IGUAÇU	18	5,1%
SÃO JOÃO DE MERITI	16	4,5%
BELFORD ROXO	11	3,1%
DUQUE DE CAXIAS	11	3,1%
NITERÓI	8	2,3%
NILÓPOLIS	5	1,4%
MESQUITA	3	0,8%
JAPERI	2	0,6%
ITAGUAÍ	3	0,8%
MAGÉ	2	0,6%
QUEIMADOS	2	0,6%
MACAÉ	7	2,0%
ITABORAÍ	5	1,4%
PETRÓPOLIS	4	1,1%
GUAPIMIRIM	2	0,6%
BARRA DO PIRAÍ	1	0,3%
CABO FRIO	1	0,3%
CAMPOS DOS GOYTACAZES	1	0,3%
CARAPEBUS	1	0,3%
ITAPERUNA	1	0,3%
NOVA FRIBURGO	1	0,3%
TANGUÁ	1	0,3%
TERESÓPOLIS	1	0,3%
VOLTA REDONDA	1	0,3%
<b>Total de entidades</b>	<b>354</b>	<b>100,0%</b>

**Região Metropolitana** 92,4%

Fonte: Viva Rio. Relatório de prestação de contas.

Disponível em: <<http://www.vivario.org.br/prestacaodecontas/96a2001/>>. Acesso em: 31/07/2007.

Os tipos de entidades parceiras eram bem variados. O Viva Rio desenvolvia ações com associações de moradores, outras ONGs, sindicatos, cooperativas, rádios comunitárias, escolas, batalhões militares, presídios, Igrejas católicas, Igrejas evangélicas e outras entidades religiosas.

Além do investimento em educação, deu início a atividades na área de segurança pública. Instaurou-se um diálogo entre personagens da comunidade, da segurança e defensores dos direitos humanos. Daí surgiu uma série de sugestões. O diálogo entre agentes da polícia, da justiça e da sociedade civil deveria se tornar um processo constante no Viva Rio, possibilitando que as sugestões dessem origem a diversas frentes de trabalho. Era necessário transformar idéias em ações.

Assim, em relação ao tema da segurança, foram articuladas diversas frentes de trabalho: a) produção de informações qualificadas sobre violência urbana: em parceria com o centro de pesquisas do Iser, estimulou-se o desenvolvimento de bases de dados que viabilizassem a avaliação e o planejamento de políticas públicas; b) policiamento comunitário: numa parceria com a Polícia Militar e a Polícia Civil, desenvolveu-se, em Copacabana, um programa de interação sistemática entre as polícias, organizações da sociedade civil e associações comerciais do bairro. O objetivo era fazer um policiamento preventivo, orientado para a resolução de problemas específicos que geravam insegurança. Esta experiência contou com o apoio intelectual da Police Foundation, de Washington, DC, e, pouco tempo depois, foi inspiradora de iniciativas

semelhantes em outros estados e cidades do país;<sup>32</sup> c) reforma do sistema de segurança pública: em parceria com a Secretaria Nacional de Direitos Humanos do Ministério da Justiça: o Viva Rio promoveu uma série de *workshops* regionais, reunindo representantes das polícias, da justiça e da sociedade civil, com o propósito de formular sugestões de reforma do sistema de segurança pública.

Já em relação ao desenvolvimento comunitário, quarta e última categoria de ações pensadas naquele momento, o Viva Rio desenvolveu um projeto de crédito voltado aos pequenos empreendedores, em especial aos das comunidades de baixa renda, excluídos do sistema financeiro formal. O projeto recebeu o nome de “Viva Cred”. A iniciativa, desde seu início, foi pensada para ser uma organização independente do Viva Rio e, em 1996, se transformou numa ONG. Este projeto contou com o apoio financeiro do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e com a assistência técnica da consultora alemã Internationale Projekt Consult (IPC).

Uma das características principais dessas primeiras iniciativas é que todas foram concebidas como experiências que poderiam se transformar em políticas públicas locais e, depois, nacionais. O Viva Rio se autoclassificava como uma organização que respondia às demandas coletivas que não haviam ainda sido identificadas ou satisfeitas nem pelo estado, nem pelo mercado. Então, suas iniciativas passaram a ser bens e serviços de interesse público. Seus projetos eram pensados com a possibilidade de aplicação em escala.

É claro que a idéia de que o Viva Rio pudesse ser promotor de políticas públicas causava certa estranheza. A crítica de que a instituição tentava ganhar mais visibilidade que o governo, ou mais que segmentos do setor privado, começou a repercutir, ainda que de forma branda, mesmo entre os seus “aliados” políticos. O Viva Rio mantinha o discurso de que os projetos desenvolvidos pela sociedade civil tinham uma natureza complementar às ações do mercado e aos programas governamentais, sendo, inclusive, em boa parte, financiados por eles.

Como estratégia de difusão de seu trabalho, o Viva Rio apostava no fortalecimento do associativismo local. Ele seria uma das bases, a principal nos primeiros anos, de seu trabalho. Seus projetos seriam desenvolvidos dentro das organizações comunitárias, das favelas ou bairros pobres, que responderiam pela gestão dos mesmos. Pretendia-se que o Viva Rio remunerasse as organizações, e estas, por sua vez, investissem no seu fortalecimento institucional, seja por meio da compra de novos equipamentos, seja por meio da qualificação de seu pessoal. Com isso, esperava-se que ocorresse uma valorização do papel dessas entidades junto às suas respectivas comunidades, com a promoção de bens e serviços. Para o Viva Rio, esta estratégia multiplicaria o processo de integração. A “cidade partida” e a cidadania ganhariam um sentido mais concreto e visível.

Durante alguns anos, esta prática de remunerar as organizações tornou-se comum nos projetos desenvolvidos pelo Viva Rio e foi duramente criticada por alguns setores da sociedade civil organizada, inclusive dentro das próprias comunidades. Para alguns, a remuneração não era uma prática de valorização, pois os recursos

---

32 Em São Paulo, no ano de 1997, a Polícia Militar adotou a iniciativa de policiamento comunitário como filosofia e estratégia organizacional e criou, junto ao comando-geral, uma Comissão de Assessoramento para Implantação do Policiamento Comunitário, dirigida por coronéis da Polícia Militar e integrada por representantes de unidades da Polícia Militar e entidades da sociedade civil. Para mais detalhes, ver Mesquita Neto & Affonso, 1998 (manuscrito). A iniciativa também foi desenvolvida em outros estados, como, por exemplo, Minas Gerais, Maranhão e Goiás. Cf. <http://www.pnud.org.br/seguranca/reportagens/>. Acesso em: 13/07/2007.

recebidos cobriam apenas as despesas operacionais que as instituições tinham (despesas de manutenção do espaço, por exemplo), nada sobrando para o investimento no seu crescimento. Sendo assim, esta estratégia não era nada mais do que um pagamento de aluguel pelo espaço.

As entidades também reclamavam que os projetos acabavam criando uma relação tensa com as próprias comunidades quando ocorriam problemas na sua execução (atraso de pagamento de bolsas-auxílio, atividades com qualidade questionável ou problemas com alimentação). O Viva Rio era o executor, mas, quase sempre, o responsável local pelo projeto era uma pessoa da própria comunidade, sem poder de decisão ou conhecimento suficiente para responder aos questionamentos que surgiam.

Anos depois, quando ocorreu uma diminuição dos projetos de larga escala que permitiam esse tipo de remuneração, o relacionamento tensionado que permeava essa parceria pareceu chegar ao seu limite e as críticas começaram a aumentar. Ao mesmo tempo, muitas comunidades, insatisfeitas com esta situação, começaram a criar suas próprias ONGs, buscando a aprovação e implementação de projetos que beneficiassem de forma direta suas comunidades. ONGs de “dentro” e de “fora” passaram a coexistir, atuando, em alguns momentos, em oposição e, em outros, com certa parceria. Outro fato interessante é que essas “ONGs de dentro” em geral possuíam, em seus quadros de diretoria, algum membro das “ONGs de fora”. Em alguns casos, a criação dessas ONGs surgia de influxos externos, como, por exemplo, o estímulo do poder público por meio do repasse de recursos para as comunidades (PANDOLFI & GRYSZPAN, 2003).

Durante seus primeiros anos, o Viva Rio, embora muito concentrado na cidade do Rio de Janeiro, expandiu sua abrangência de atuação para quase toda a região metropolitana e para outros poucos municípios do estado, ampliando, assim, sua rede de parcerias. O Quadro 4 mostra um pouco como se dava essa atuação em rede.

Outro ponto central era o fato de o Viva Rio somente poder existir e desenvolver seus projetos com a captação de recursos advindos de várias fontes. Em seus primeiros anos, a instituição contou com recursos, na sua maioria (90%), oriundos de fontes nacionais. O volume arrecadado e a origem representaram uma novidade nos padrões de captação das ONGs brasileiras que recebiam, de hábito, recursos de origem internacional. Esta novidade representou uma nova lógica de captação de recursos.

No Brasil, a partir da década de 1970, as agências financiadoras internacionais e organizações de *cooperação internacional*, formadas por Igrejas (católica e protestante), tais como o Comité Catholique Contre la Faim et pour le Développement (CCFD), da França, o Serviço das Igrejas Evangélicas da Alemanha para o Desenvolvimento (EED), a Organização Intereclesiástica para a Cooperação ao Desenvolvimento (Icco) e a Organização para a Cooperação Internacional de Desenvolvimento (Novib), ambas holandesas; a Oxfam, inglesa, dentre outras, priorizaram a ajuda às organizações e movimentos sociais nos países do hemisfério Sul, com o intuito de *consolidar a democracia*. É nestas agências, internacionais que os centros de assessoria a movimentos sociais e populares encontram uma fonte de financiamento para suas atividades. A partir da década de 1980, coincidindo com a volta dos exilados políticos – que traziam na bagagem experiências internacionais –, ocorreu uma migração dos movimentos de base que passaram, aí sim, a se constituir como ONGs. Os financiamentos, todavia, inclusive pela própria conjuntura política nacional, continuaram sendo basicamente internacionais (LANDIM, 1993).

**Quadro 4.** Entidades parceiras/gestoras do Viva Rio, segundo o tipo, 1996 a 2001

Tipologia institucional	Entidades	%
ONGs e sociedade civil	102	28,8
Instituições religiosas	100	28,2
Associação de moradores	95	26,8
Batalhões policiais	29	8,2
Sindicatos/cooperativas	11	3,1
Presídios/recuperação de menores	9	2,5
Empresas	8	2,3
<b>Total de entidades</b>	<b>354</b>	<b>100</b>

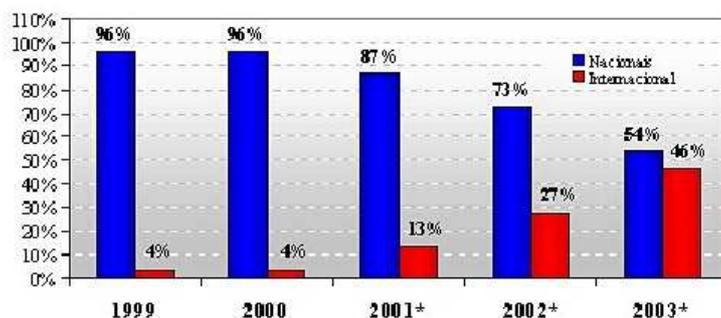
Fonte: Viva Rio. Relatório de prestação de contas.

Disponível em: <<http://www.vivario.org.br/prestacaodecontas/96a2001/>>. Acesso em: 13/07/2007.

Impulsionados pelo processo eleitoral, os governos, o federal, principalmente, abriram possibilidades de testar modelos de projetos na cidade do Rio de Janeiro, fazendo com que os experimentos mencionados pudessem ganhar maior visibilidade. Nessa empreitada, o Viva Rio foi um braço do governo, ao aceitar ser o executor das iniciativas, sendo a maioria delas gestacionada dentro da própria instituição. Com o passar dos anos, essa lógica de captação de recursos foi sendo alterada. Com o surgimento de outras ONGs no Rio, os recursos passaram a ser divididos. A “concorrência” exigia que as ações desenvolvidas pelo Viva Rio fossem constantemente renovadas, e sua dinâmica nem sempre permitia isso. Para tentar solucionar esta questão, novos segmentos de financiadores foram identificados e a captação foi intensificada, como por exemplo, em empresas do setor privado e organismos internacionais.

No ano de 2003, dez anos após sua criação, o Viva Rio já contava com 46% de recursos oriundos de fontes internacionais – o Quadro 5 faz um balanço deste processo.

**Quadro 5.** Percentual do faturamento, segundo a natureza da fonte, 1999-2003



Fonte: Viva Rio. Relatório de prestação de contas.

Disponível em: <<http://www.vivario.org.br/relatorio/2003/PAGES/slide27.htm>>. Acesso em: 31/07/2007.

O Viva Rio conseguiu, num curto período de tempo, arrecadar somas

consideráveis de recursos para o desenvolvimento de suas ações. No ano de 1993, o então movimento contou unicamente com o trabalho voluntário e doações, não havendo, contudo, nenhum registro de quanto isso significou em números. Já no ano de 1994, quando estava institucionalizado, o Viva Rio teve todos os seus custos cobertos pelo Iser. Somente em 1995, os primeiros recursos captados foram contabilizados em R\$ 655.385,00, como se vê no Quadro 6, com números do período de 1996 até 2001.

Pode-se perceber que o Viva Rio apresentou um processo crescente de captação de recursos. Se, em 1996, a instituição arrecadou R\$ 1.798.725,09, este número aumentou para R\$ 14.188.955,93, em 2001 – um crescimento de mais de 850%. O Viva Rio sempre lidou com grandes números, chegando a mais de R\$ 20 milhões seu faturamento no ano de 2005. Isso, para os padrões do Terceiro Setor existentes até aquele momento no Rio de Janeiro, alçou o Viva Rio à posição de uma das maiores ONGs do estado e também do país.

Não havia parâmetros de comparação.

No histórico das ONGs no Brasil, e no Rio de Janeiro, havia uma gama de instituições que desenvolviam ações de suma importância para o desenvolvimento social do país e conseguiam captar recursos que garantiam sua atuação e crescimento. Porém, estamos falando de instituições que já atuavam há pelo menos 20 anos.

O Viva Rio, depois de quatro anos de existência formal, em 1999 já atingia o patamar dos R\$ 10 milhões captados para o desenvolvimento de suas ações.

Outro fato interessante é o de que suas despesas administrativas com pessoal passaram de R\$ 52.759,98 em 1996, para R\$ 1.670.047,71 em 2001. Percebe-se, assim, um nítido crescimento da estrutura administrativa da instituição, fato que, para alguns analistas, transformou o Viva Rio numa organização extremamente burocrática, fugindo da lógica de que as ONGs são, por natureza, antiburocráticas. Quanto maior a organização, mais funções burocráticas ela precisava criar para se manter, e isso poderia implicar numa perda considerável de agilidade e também de personalidade.

De acordo com Luiz Eduardo Soares, o processo de institucionalização interferiria na idéia de que a organização deveria persistir no tempo, o que tornava necessária a manutenção de uma estrutura organizacional compatível com suas ambições. Para ele, esse processo poderia até conceder maior legitimidade ao Viva Rio, conferindo estabilidade nas relações institucionais, mas colocaria em risco toda a espontaneidade que o cercava. O Viva Rio passaria a ter cara, corpo e lugar definidos, além de dinheiro (NOVAIS, 1998).

Quanto mais visível se tornava o Viva Rio, quanto mais suas ações eram reconhecidas como iniciativas louváveis e potencialmente eficientes no combate à violência na cidade do Rio de Janeiro, maior era sua possibilidade de captação de recursos. Sua exposição na mídia facilitava este processo. O Viva Rio, mesmo já sofrendo algumas críticas, até porque nunca havia sido unanimidade junto à sociedade carioca, conseguia agregar à sua bandeira potenciais financiadores que, dentre outras razões, vislumbravam nele um representante carismático de suas agendas junto ao público beneficiado – fossem as populações de baixa renda ou a elite intelectual da cidade.

**Quadro 6.** Receitas e despesas do Viva Rio, 1996-2001

Em Reais	Resultado do exercício					
	2001	2000	1999	1998	1997	1996
<b>Receitas Operacionais</b>						
de doações	11135997,94	8535449,75	9062593,48	5832955,19	2337373,69	1763487,7
de serviços	3046249,17	2773706,58	969158,49	9853667,77	2925172	35237,39
de vendas	78.614,41	99.384,83	—	—	—	—
<b>total de receitas operacionais</b>	<b>14260861,52</b>	<b>11408541,16</b>	<b>10031751,97</b>	<b>15686622,96</b>	<b>5262545,69</b>	<b>1798725,09</b>
abatimentos s/ vendas	-10823,96	-12961,62	—	—	—	—
custos das vendas	(61.081,63)	(97.913,72)	—	—	—	—
<b>resultado bruto</b>	<b>14188955,93</b>	<b>11297665,82</b>	<b>10031751,97</b>	<b>15686622,96</b>	<b>5262545,69</b>	<b>1798725,09</b>
<b>Despesas Operacionais</b>						
<b>Administrativas</b>						
pessoal	1670047,71	1326046,25	1455001,15	531670,23	168282,83	52759,98
serviços de terceiros	8408339,67	7234387,16	5365640,81	8297070,84	4852693,97	505210,48
locação	63794,2	82858,73	100775,73	87230,69	89177,46	22262,1
material de consumo	420413,91	244866,46	192842,01	117618,77	169766,02	28640,74
manutenção	115459,93	55805,12	953,27	8429,19	—	—
comunicação	260447,09	152813,87	151514,24	181477,07	43368,4	52698,26
repassa a terceiros	2301021,3	1545207,24	1568065,33	5411192,16	—	202281,81
depreciação	44144,7	—	—	—	—	—
diversas	989.122,53	622.405,18	403.438,40	333.169,86	474.575,61	463.011,60
<b>total de despesas operacionais</b>	<b>14272791,04</b>	<b>11264390,01</b>	<b>9238230,94</b>	<b>14967858,81</b>	<b>5797864,29</b>	<b>1326864,97</b>
<b>Financeiras (líquidas das receitas financeiras)</b>	<b>189205,16</b>	<b>149119,92</b>	<b>138606,31</b>	<b>93270,53</b>	<b>8270,76</b>	<b>45494,32</b>
<b>Superávit Operacional</b>	<b>105370,05</b>	<b>182395,73</b>	<b>932127,34</b>	<b>812034,68</b>	<b>-527047,84</b>	<b>517354,44</b>
<b>Receitas Não Operacionais</b>	<b>—</b>	<b>—</b>	<b>4262,63</b>	<b>5620,88</b>	<b>5276,39</b>	<b>—</b>

Fonte: Viva Rio. Relatório de prestação de contas.

Disponível em: <<http://www.vivario.org.br/prestacaodecontas/96a2001/resexerc.htm>>. Acesso em: 13/07/2007.

Assim, o Viva Rio começou a ter múltiplas frentes de atuação. Com o mercado aberto, começavam a surgir recursos e novas iniciativas eram colocadas em prática. As razões poderiam ser vistas, talvez, por dois prismas: o Viva Rio poderia ser considerado uma organização “porta-voz” ou representante de uma parcela da sociedade civil que o legitimava a defender causas diversas, necessitadas de iniciativas “brilhantes e inovadoras”; ou poderia ser considerado uma organização que percebia as oportunidades de crescimento ao aceitar desafios múltiplos, explorando, ao máximo, tal idéia.

A exposição favorável que recebia da mídia proporcionara credibilidade e a formação de vínculos e “parcerias”, que, conjugadas à competência de Rubem César Fernandes em agregar interesses e unificar vozes, classificaram o Viva Rio como um modelo inovador, jamais visto até aquele momento. Contudo, da mesma forma que a ONG causava admiração, também começava a causar certos incômodos. A idéia de que dentro do conceito de “paz” poderia caber tudo, transformou a instituição numa

“organização guarda-chuva”, ou seja, existia um plano maior e, dentro dele, iam-se agregando outros planos, outras iniciativas. Para muitos, tanto dentro do governo quanto dentro da própria sociedade civil, isto causava estranheza e o Viva Rio ganhou a fama de “oportunista”. Essa estranheza remetia à idéia de que o Viva Rio, com dita postura, corria sério risco de diluir as idéias de sua fundação e perder, assim, seu pragmatismo, caracterizado pela descrença no fatalismo e pela certeza de que só a ação humana poderia alterar os limites de sua condição.

O Viva Rio, ao ser criado, cunhara a bandeira de defensor da cidade do Rio de Janeiro e, para isso, combatera um de seus problemas mais cruciais – a violência –, era um movimento de pessoas, que, unidas, possuíam a força necessária à transformação. Assim, ao abrir múltiplas frentes, ele estaria desvirtuando seu “mito de origem”, e, descaracterizado, perderia sua legitimidade. Esta foi uma crítica forte que o acompanhou por vários anos.

Uma de suas marcas mais importantes, a capacidade de mobilizar multidões por meio de suas campanhas de paz, também começou a sofrer acirradas críticas. A campanha “Reage Rio”, que levou cerca de 400 mil pessoas para as ruas da cidade em 28 de novembro de 1995, foi uma das mais polêmicas. Até hoje, ela é considerada um divisor de águas na história da instituição.

### **O “Reage Rio”**

Durante a década de 1990, invadiu a cidade do Rio de Janeiro uma onda de seqüestros. Criminosos mantinham, em cárceres privados, pessoas de classes abastadas da sociedade como forma de angariar fundos para suas mais variadas ações ilegais. Em 28 de outubro de 1995, o seqüestro do filho do presidente Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (Firjan), Eduardo Eugênio Gouvêa Vieira, um parceiro constante do Viva Rio, sensibilizou a instituição.

O Viva Rio, em razão da luta que vinha travando para combater a violência e, decerto, tocado pela ‘proximidade’ daquele caso de seqüestro, iniciou uma campanha intitulada “Reage Rio: caminhada pela paz”. A campanha seria a culminância de todos os trabalhos desenvolvidos até aquele momento. Preparara-se um documento, no qual se elencavam iniciativas que precisavam ser tomadas, tanto pelo governo como pela sociedade civil, para reverter o quadro de violência na cidade do Rio de Janeiro. O grande ato, a ser realizado em praça pública, deveria, simbolicamente, representar todas as iniciativas propostas no referido documento.

O grupo que se reuniu para pensar a campanha representava, ainda, a diversidade que sempre compôs o Viva Rio. Dentro dele, algumas pessoas tiveram papéis centrais. O sindicalista Jairo Coutinho, envolvido com o Viva Rio desde sua fundação, foi o coordenador do ato. Nos anos seguintes, Jairo coordenou projetos de grande porte dentro do Viva Rio e foi figura chave no “Rio 2004 – Cidade Candidata”, campanha de apoio à candidatura da cidade para sediar as Olimpíadas de 2004, com o desfile “Rio Olímpico”, na orla marítima.<sup>33</sup> Célia Menezes, executiva de *O Dia*, Pércles de Barros, jornalista de *O Globo*, e André Porto, *antropólogo*, atualmente coordenador de “Religião e Paz” do Viva Rio e a área latino-americana da United Religions Initiative (URI, Iniciativa das Religiões Unidas) e do Movimento Inter-Religioso do Rio de Janeiro, à época responsável pela área de eventos do Viva Rio.

---

33 Para mais detalhes, ver <<http://www.vivario.org.br/publique>>. Acesso em: 13/07/2007.

Novamente, os jornais *O Dia* e *O Globo* se mostraram importantes instrumentos na ação promovida pelo Viva Rio. André Porto ficou responsável pela montagem dos postos de vendas de camisetas com o slogan da campanha. Durante a semana anterior ao menos três postos (quiosques) foram montados em pontos da cidade. Cerca de 20 mil camisetas foram vendidas e o valor arrecadado foi utilizado para cobrir alguns custos da campanha e também para outras iniciativas (projetos) desenvolvidas após o “Reage Rio”.

A despeito da mobilização de diversos segmentos da sociedade, o papel maior, na campanha “Reage Rio” coube ao Viva Rio. Tudo levava a crer que aquele seria um passo bem sucedido na trajetória da instituição. De início, houve um clima de euforia, mas logo começaram a surgir as primeiras críticas. A ONG era acusada de ser um movimento da elite carioca. Acusavam-no, também, de se utilizar de uma situação delicada, o referido seqüestro, para autopromoção. Segundo muitos, Rubem César pretendia se candidatar a algum cargo público e aproveitava aquela campanha e o apoio que havia conquistado da mídia para se promover publicamente. O governador Marcelo Allencar era contrário à campanha. O prefeito César Maia demonstrava certo desconforto diante da instituição. Para apaziguar a relação com os governos estadual e municipal foram centrais as figuras dos diretores dos jornais *O Dia* e *O Globo*, ambos com representantes no conselho do Viva Rio.<sup>34</sup>

Entre outubro e novembro, Rubem César, representando oficialmente o Viva Rio, participou de manifestações de solidariedade às famílias de seqüestrados. Uma delas ocorreu no dia 30 de outubro: um pequeno ato na orla da Zona Sul, organizado pela família de Eduardo Eugênio Gouvêa Vieira Jr., seqüestrado desde 28 de outubro. Outra ocorreu no dia 6 de novembro, quando foi celebrada uma missa, numa igreja do bairro da Tijuca, em apoio à família do empresário Carlos Pinho, que se encontrava seqüestrado há mais de 20 dias.

Uma manifestação pré-“Reage Rio”, que contou com o apoio explícito do Viva Rio, foi realizada na favela do Cantagalo, localizada na Zona Sul da cidade. Em protesto contra o assassinato de um rapaz, confundido por policiais militares com um traficante, moradores da favela e lideranças locais exigiam justiça. Queriam a punição dos policiais envolvidos no assassinato. Durante a caminhada, que seguiu desde a favela em direção a Copacabana, Ipanema e Leblon, aconteceram alguns momentos de tensão entre manifestantes e policiais. Graças a Rubem César, que pôde pôr em prática toda sua habilidade mediadora, a caminhada foi realizada sem repressão, permanecendo calmos os dois lados.<sup>35</sup>

A participação do Viva Rio nessa manifestação foi de extrema importância para que várias lideranças comunitárias aderissem à campanha. A crítica de que o “Reage Rio” era um símbolo da elite carioca e de que não havia ali nenhuma representação da favela foi levantada, na época, pelo sociólogo Caio Ferraz, fundador da Casa da Paz. Alguns integrantes do Viva Rio acreditam ter sido por intermédio dele o surgimento da alcunha *Reage Rico*. Esta crítica deu-se, em parte, porque alguns consideravam que a principal motivação para a campanha havia sido o seqüestro do filho de um dos conselheiros do Viva Rio. Por outro lado, ela também se devia ao fato de o Viva Rio não ter legitimidade junto às favelas do Rio de Janeiro. Havia a

---

34 Fonte: Viva Rio. Documentos internos, c.1995 (mimeo).

35 Relato à autora por André Porto, em 2 de julho de 2007. André foi coordenador da área de eventos do Viva Rio, como já mencionado, até 2003, sendo, nessa função, responsável pela produção das manifestações e campanhas da ONG.

proposta de realizar um trabalho mais voltado para as favelas, mas isto ainda estava distante da realidade das comunidades.

A manifestação “Reage Rio - Caminhada pela paz” foi pensada e organizada em curto espaço de tempo. Seria preciso mobilizar as agências de publicidade, produtores, a mídia e outros segmentos parceiros da instituição para conseguir viabilizar a idéia de realizar um desfile de um milhão de pessoas no Centro da cidade. Durante cerca de 30 dias, uma equipe do Viva Rio formada por oito funcionários e alguns voluntários foi fundamental para fazer com que a campanha desse certo. O Viva Rio conseguiu receber muitas doações de camisetas, panfletos, faixas, carros de som etc. Não era pedido dinheiro, solicitava-se que fosse doado algum material que pudesse ser usado na manifestação, ou a doação de horas de trabalho. Começava, assim, a ser criada uma rede de voluntários que aderiram à manifestação e ao próprio Viva Rio, em razão do otimismo que pairava sobre a campanha. Acreditava-se que o “Reage Rio” representaria algo novo para a cidade.

A “caminhada pela paz” foi idealizada como um desfile de carnaval, dividida em alas que representaram diversos segmentos da sociedade como, por exemplo, a juventude, as mulheres, o interior, a favela, os familiares de vítimas da violência (que abriam o desfile), os sindicatos, o *funk* e as religiões. A caminhada teria início na Candelária, seguindo até a Cinelândia, outrora palcos de outras manifestações emblemáticas na cidade. Durante a caminhada, seria feito o anúncio, através de um carro de som, das pessoas e entidades que participavam da manifestação. Não haveria discurso, nem político, nem social, e, ao final, Betinho tocaria um grande sino que havia sido montado com as balas da chacina de Vigário Geral.

Cerca de meia hora antes do início do ato, enquanto as pessoas se dirigiam ao ponto de concentração, em frente à igreja da Candelária, caiu uma chuva torrencial sobre a cidade. Os organizadores começaram a temer que isto prejudicasse a manifestação. A chuva continuou a cair durante toda a caminhada. Segundo dados oficiais, fornecidos pela Polícia Militar, somente 70 mil pessoas participaram do evento – mas, de acordo com seus organizadores, o ato mobilizou cerca de 400 mil pessoas, sendo, portanto, considerada um sucesso por seus organizadores.

Um fato interessante, ocorrido durante a caminhada, foram as manifestações individuais sobre a violência protagonizadas por indivíduos comuns. Pessoas se manifestaram espontaneamente, seja por meio da música, da mímica, do silêncio ou da dança, dentro de um espaço coletivo. Todas estas iniciativas não faziam parte da programação oficial, mas se tornaram elemento importante no resultado final da campanha. Uma das alas, o movimento das galeras do *funk*, através de suas batidas, músicas e danças, imprimiu à manifestação um ritmo singular.

Para seus organizadores, a caminhada contrariou as críticas que diziam que o ato teria apenas a cara da elite carioca – parte dela estava presente, mas, dividindo sempre o espaço com o anônimo, o líder comunitário, o estudante, o sindicalista, a dona de casa, o ator, o trabalhador, entre outros. A crítica, porém, serviu para mudar os rumos da instituição, como veremos mais adiante.

O Reage Rio foi amplamente divulgado pela mídia carioca, por meio, sobretudo, de seus três grandes jornais, *O Dia*, *O Globo* e o *Jornal do Brasil*, todos com representação junto ao conselho de coordenação do Viva Rio, fato que não deve ser ignorado. Os jornais enalteciam a iniciativa do Viva Rio, considerado o “representante” da cidade do Rio de Janeiro. No dia do evento, a principal página de *O Dia*, sob a manchete “Nunca Mais”, publicou várias fotos que traduziam as diferentes faces da violência, perpassando os dois lados da “cidade partida”: os corpos

dos trabalhadores chacinados em Vigário Geral, um adolescente exibindo um caco de vidro como arma, uma menina empunhando um revólver, outro menino rezando no túmulo de seu amigo executado por policiais na Candelária, uma mulher dormindo no corredor de seu apartamento para escapar das balas perdidas do tiroteio da favela, um arrastão na praia, o corpo da atriz Daniela Perez, um jovem exibindo sua condição de “soldado” do tráfico de drogas, a gargalhada do bicheiro/contraventor Castor de Andrade desfilando na avenida, um carro-forte metralhado dentro do campus da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, e, por fim, policiais resgatando um cadáver. A amplitude e a variedade deste painel de vítimas da violência reforçavam a idéia da necessidade de “unir as metades da cidade partida”.

Na *Folha de São Paulo*, o jornalista Josias de Souza escreveu o seguinte sobre a manifestação:

“O Rio que paga a carreirinha de coca é o mesmo Rio que foge do seqüestro, eis a verdade. Diz-se que a violência vem do morro. Bobagem, tolice. Como a passeata do Reage Rio, a violência também cobra do carioca bem-posto. [...] Dois dos objetivos palpáveis do Reage Rio são o reaparelhamento da polícia e a urbanização das favelas. Erraram de alvo. Estão mirando na direção errada. [...] Pouco adianta dar novos 38 à polícia se não for interrompido o fluxo de dinheiro que garante os AR-15 do tráfico.”<sup>36</sup>

A mídia paulista, principalmente *O Estado de S. Paulo*, ressaltou a ausência do governador Marcello Alencar e do prefeito César Maia no evento, e indicou a presença de 70 mil pessoas, enquanto que os jornais cariocas apontaram para o número de mais de 400 mil participantes.

Roberto Toledo, da revista *Veja*, sutilmente critica e incita o Viva Rio a se manifestar sobre a problemática das drogas, questão delicada para a instituição, uma vez que não havia consenso sobre este assunto, mas considera a passeata um sucesso:

“Houve uma grande ausência na passeata de terça-feira passada no Rio de Janeiro. Faltou uma palavra mágica, aquela que daria sentido a toda aquela movimentação. [...] A palavra que faltou é: DROGAS. A passeata era contra a violência. Ora, qual a causa magna da violência no Rio, a causa das causas? Resposta: drogas. [...] A originalidade do Rio está em ter realizado uma passeata contra a escalada do crime, a incrível escalada que, sob o impulso e o império da droga, ocorre em várias partes, sem dar nome ao problema. E não se deu o nome porque, se desse, não haveria passeata. [...] O que aconteceria se anunciasse uma passeata contra as drogas? Muitos não iriam. No mínimo para não parecer careta, ou seja, ridículo. Mas também porque muita gente não é contra – é a favor das drogas. [...] Sendo assim, como fazer uma passeata contra a droga? Melhor é fazê-la contra a ‘violência’ e pela ‘paz’. Quem pode ser contra a paz?”<sup>37</sup>

Quarenta e oito horas após a manifestação, portanto após 36 dias de seqüestro, o filho do empresário Eduardo Eugênio Gouvêa Vieira foi resgatado. A família agradeceu à polícia pelo empenho na operação, mas dedicou especial gratidão aos participantes da caminhada.

---

36 SOUZA, Josias de. O Rio cheia e berra, *Folha de S. Paulo*. São Paulo: Grupo Folha, 5/12/1995.

37 TOLEDO, Roberto Pompeu de. Faltou dizer por que não se tem paz, *VEJA*. São Paulo: Abril, 6/12/1995.

### **O crescimento: força ou fraqueza?**

A campanha “Reage Rio” foi considerada uma das ações mais polêmicas do Viva Rio. Ela pôde, inclusive, ser considerada um *divisor de águas* na história da instituição. Após o evento, a dinâmica da instituição sofreu alterações. Junto a uma parte da opinião pública o “Reage Rio” reafirmou a imagem do Viva Rio não como ONG e, sim, como um movimento que só realizava campanhas. Para outros, a exposição maciça de sua imagem na mídia gerava uma sensação de oportunismo. Outros ainda achavam que a proximidade com certos segmentos empresariais comprometia sua capacidade de atuação. A partir do “Reage Rio”, uma parcela da sociedade civil – entre lideranças comunitárias e outras ONGs, que até então ocupavam posições de aliadas ou próximas – passou a ter uma posição de crítica ao Viva Rio. Caio Ferraz, da “Casa da Paz”, foi uma dessas lideranças: criticou publicamente o Viva Rio e sua dita aliança com as classes abastadas.

Internamente, no entanto, foi reafirmado seu potencial como catalisador social. Também se reafirmou seu foco na cidade do Rio de Janeiro. Por outro lado, surgiu a necessidade de se discutir de forma mais aprofundada o envolvimento com as favelas. Mesmo tendo esse segmento como prioridade dentro de seu plano de trabalho, era preciso investir mais nessa relação e no desenvolvimento de uma estratégia de atuação. Seu conselho coordenador teve a participação renovada e fortalecida. O presidente da Firjan, Eduardo Eugênio Gouvêa Vieira, e Amaro Domingues, liderança comunitária do complexo de favelas da Maré, passaram a integrar o conselho. O Viva Rio, com tais adesões, procurava incorporar dois setores da sociedade extremamente importantes para o seu fortalecimento: a favela e a indústria.

Outro resultado da campanha foi a ampliação das possibilidades de crescimento do Viva Rio. A despeito das críticas, a instituição havia ganhado uma visibilidade ainda maior com a manifestação, em razão de sua exposição na mídia carioca. Isto abriu as portas para que outros projetos pudessem ser pensados e outras linhas de financiamento fossem captadas, sobretudo as internacionais.

Ao fim da década de 1990, o Viva Rio havia, por meio de manifestações civilizatórias, começado a apresentar propostas democráticas para o “problema da segurança pública” no Rio de Janeiro. Ao impetrar esta iniciativa, passou a desenvolver ações tanto com os governos estaduais quanto com os municipais. Seu conselho de coordenação teve papel importante nesse processo. Alguns de seus conselheiros, como Walter Mattos e Kiko Britto, de *O Dia* e *Jornal do Brasil*, respectivamente, foram essenciais articuladores. Porém, esta relação se demonstrou muito mais complexa do que a existente na primeira campanha executada – a “Dois Minutos de Silêncio”. Com o passar do tempo, porém, se percebeu que parte do sucesso das iniciativas do Viva Rio, ainda mais aquelas na área de segurança pública, dependeriam de uma parceria concreta com os governos, e para isso seria necessário que os conflitos e críticas existentes fossem apaziguados.

Os obstáculos eram claros, o Viva Rio, após o “Reage Rio”, recebia críticas tanto do governo quanto da sociedade. Naquele momento, quem era o alvo da campanha de descrédito era uma organização com uma missão muito clara e imbuída de expectativas de crescimento, algo comum entre as ONGs. Assim, era natural que a instituição perdesse um pouco de seu brilho e atraísse olhares que não fossem apenas de admiração. A ambigüidade de suas ações começava a ser apontada como algo negativo. No conselho de coordenação da própria instituição, a crítica também se fazia presente. Alguns de seus integrantes identificavam que a estrutura criada e a

conjuntura política representavam limites, retirando a força e a autonomia do Viva Rio, o que gerou insatisfação interna e externamente.<sup>38</sup>

Dentro deste contexto, o Viva Rio inicia, em 1996, uma nova fase que envolveria tanto sua estrutura operacional quanto sua estratégia de intervenção. Colocavam-se muitos desafios e perguntas: teria a instituição capacidade de atuar em comunidades de baixa renda? Teria a capacidade de desenvolver metodologias inovadoras e abrangentes capazes de *empoderar* indivíduos e comunidades? Realizaria projetos em grande escala? Teria acesso ao poder público ou seria capaz de sensibilizar e envolvê-lo na realização dos projetos? Poderia interferir na área de segurança pública e ainda produzir informação diferenciada e qualificada? Poderia o Viva Rio manter a credibilidade de sua marca? Continuaría com bom relacionamento com a mídia?

As perguntas eram complexas e não havia garantia alguma de que seriam facilmente respondidas. O que existia de concreto continuava a ser a *expertise* de seus idealizadores – sobretudo de seu diretor executivo, Rubem César Fernandes –, a rede de aliados e o apoio da mídia. Estes três elementos iriam ser decisivos na trajetória do Viva Rio nos anos seguintes.

Mas como seriam estes anos?

---

38 Relato fornecido à autora por André Porto, em 2 de julho de 2007.

## **CAPÍTULO 4**

### **A ONG Viva Rio**

#### **O investimento nas favelas**

Após o “Reage Rio”, o Viva Rio tentou ampliar e diversificar suas ações e áreas de atuação. Para isso, começou a desenvolver uma ampla variedade de projetos e a buscar novas parcerias. A idéia era se consolidar como uma das principais organizações da sociedade civil no Rio de Janeiro, promovendo a integração da “cidade partida”. Em 1996, foram firmados vários convênios e contratos para o desenvolvimento de projetos sociais. Após as críticas ao “Reage Rio”, a entidade decidiu aprofundar seus conhecimentos sobre as demandas das favelas. Realizou encontros, no Chapéu Mangueira e no Cantagalo, a fim de identificar as principais demandas daquelas duas comunidades, situadas em Copacabana, Zona Sul da cidade, ambas com altos índices de violência. Uma das demandas era a inoperância dos Centros Comunitários de Defesa da Cidadania (CCDCs). Implantados pelo governo Brizola, entre 1982 e 1986, os CCDCs tinham como objetivo integrar diversos serviços públicos, disponibilizando-os num mesmo local. Instalados em grandes favelas, áreas pobres e comunidades da periferia os centros ofereciam os seguintes serviços: investigação e sindicância locais, expedição da carteira de identidade, pela Polícia Civil; desenvolvimento do policiamento comunitário inserido na realidade da comunidade, e oferta de núcleos de defesa da criança e do adolescente, pela Polícia Militar; levantamento de pontos críticos, organização de mutirões comunitários e capacitação para eventos de risco, pela Defesa Civil; assistência jurídica gratuita nas áreas trabalhista, previdenciária, e de regularização da posse e da propriedade, entre outras ações, pela Defensoria Pública; organização de grupos de ajuda mútua (Alcoólicos e Narcóticos Anônimos), por agentes do serviço social; defesa e promoção das populações negras; expedição de carteiras de trabalho, pela Secretaria do Trabalho; juizado de pequenas causas; serviços de registros civis; e orientação de processos e de benefícios previdenciários, através de convênio com Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS).

De uma dessas conversas com as comunidades, surgiu o Balcão de Direitos, projeto que possibilitava aos seus moradores o acesso à Justiça, por meio do atendimento jurídico, e à documentação civil. A proposta era buscar a transformação dessas comunidades e de seus moradores, promovendo a democratização do Direito. O projeto foi elaborado e apresentado para o então secretário nacional de Direitos Humanos, José Gregori, mantendo-se vinculado ao Ministério da Justiça e sendo, nos anos seguintes, financiado pelo mesmo.

Em 1996, deu-se início às atividades, oferecendo assessoria jurídica – feita por meio da orientação, da conciliação e da mediação de conflitos e do ajuizamento de ações junto ao Poder Judiciário –, e a capacitação em direitos e deveres – através do curso Agentes de Direitos, sempre levando em consideração as demandas da localidade nas quais os núcleos encontravam-se instalados.

Em documentos oficiais do Viva Rio, lê-se que o Balcão de Direitos possuía como principal missão “promover a democratização de direitos, a partir da difusão da informação e da produção de alternativas mais justas para a resolução de conflitos, visando o exercício pleno da cidadania, contribuindo, assim para uma sociedade

solidária e plural.”<sup>39</sup> Seus primeiros núcleos foram implantados no Complexo da Maré, na Rocinha, e no Chapéu Mangueira e Babilônia (onde um núcleo atendia às duas comunidades), em Rio das Flores e no Santa Marta. Posteriormente, outros núcleos foram abertos no Pavão, Pavãozinho e Cantagalo, no Vidigal, no Morro da Formiga (Zona Norte da cidade) e em Cavalcanti (Zona Oeste). Havia, ainda, um núcleo itinerante que atendia às numerosas favelas cariocas.

O Balcão tinha uma característica interessante: a incorporação da figura do “agente de cidadania”, uma pessoa da comunidade, que fazia a interlocução com o pessoal do projeto, participando de todo o processo de atendimento. Foi introduzido nas favelas o conceito de ‘mediação de conflitos’, pioneiro no Brasil. Tendo a princípio sido coordenado por Elizabeth Sussekind (bacharel em Ciências Jurídicas pela PUC-RJ desde 1975, foi coordenadora do projeto até 2001, quando assumiu a Secretaria Nacional de Justiça) e Pedro Strozenberg (bacharel em Ciências Jurídicas pela UniRio, coordenador do Balcão de Direitos e da área de segurança pública e direitos humanos do Viva Rio, cargos que ocupou até o ano de 2003), o Balcão de Direitos teve suas atividades encerradas pelo Viva Rio em 2006, por dificuldades em captar recursos e, conseqüentemente, em ter garantida sua manutenção, acumulando cerca de 60 mil atendimentos realizados. O projeto continua sendo executado em outros estados do Brasil, e é considerado política pública nacional.<sup>40</sup>

Em 1996 e 1997, além do Balcão de Direitos, o Viva Rio implementou vários projetos vinculados à sua área de desenvolvimento comunitário. Entre eles estavam o Viva Créd, o Telecurso Comunidade, o Jardineiros do Bairro, o Viva Bebê e o Condomínio Residencial Rio das Flores.

O Viva Créd é uma instituição de microcrédito, com o objetivo de conceder crédito aos micro e pequenos empreendedores do Rio de Janeiro, em especial àquelas situadas em comunidades de baixa renda e seu entorno. Sua primeira agência foi criada na favela da Rocinha, e depois, inauguraram-se outros postos de atendimentos, em Rio das Flores, no Cantagalo, na Maré, em Santa Cruz, em Campo Grande e no Centro do Rio.

O projeto Jardineiros do Bairro visava capacitar adolescentes das comunidades de baixa renda em experiências de jardinagem e educação ambiental. A idéia era que o projeto fosse auto-sustentável, por meio da prestação de serviços em jardinagem e paisagismo de condomínios residenciais, comerciais e empresariais. Em razão da dificuldade de se auto-sustentar, o projeto mantinha, e segue mantendo, suas atividades por intermédio de financiamentos. Os recursos arrecadados servem para remunerar alguns dos jovens envolvidos e algumas poucas despesas operacionais.

O Viva Bebê foi um projeto desenvolvido em parceria com a Associação Brasileira de Creches (Asbrac) e o Espaço de Formação do Educador Infantil (EFE), visando a capacitação de mulheres moradoras das favelas nos ofícios de babá e auxiliar de creche. Posteriormente, o projeto passou a ser desenvolvido em alguns presídios femininos do Rio de Janeiro, contando com financiamento do Ministério da Justiça.

Outro projeto realizado pela instituição foi o Condomínio Residencial Rio das Flores, na área habitacional, com foco nas vítimas da grande enchente ocorrida em fevereiro de 1996, e incluía a construção de casas em regime de mutirão e organização comunitária, para enfrentar as perdas e preparar um novo começo em melhores condições. Contando com o apoio do Instituto C&A, do [United States Agency for](http://www.usaid.gov)

39 Viva Rio. *Balcão de direitos*, documentos internos do projeto (mimeo).

40 Para mais detalhes, ver <<http://www.vivario.org.br>>. Acesso em: 13/07/2007.

[International Development \(Usaid\)](#), de doações anônimas e da Secretaria Municipal de Habitação da Prefeitura do Rio de Janeiro, o Viva Rio coordenou a construção, a organização e os serviços comunitários. A iniciativa foi formulada a partir de uma extensa rede de voluntários, na ajuda aos moradores de determinadas áreas de risco na região de Jacarepaguá que haviam perdido suas moradias.

No decorrer desses anos, o projeto Telecurso 2000/Comunidade também começou a ser implementado. Na primeira iniciativa, foram montadas três salas de aula, cada uma numa favela da cidade: Cantagalo-Pavão-Pavãozinho, Santa Marta e Borel. O Telecurso 2000 já ultrapassou a marca de cem mil beneficiados, desde sua implementação até os dias atuais. Contudo, em 2006, houve uma diminuição considerável de salas, em razão da dificuldade da instituição de firmar convênios de larga escala, como acontecera nos anos anteriores.

Em 1998, o Viva Rio firmou uma das maiores parcerias da história da instituição. Como envolveria o atendimento a três mil jovens em 34 municípios do Rio de Janeiro, o volume de recursos, para um só projeto e seu alcance, mudou a dinâmica administrativa e financeira da instituição. O projeto, chamado Serviço Civil Voluntário (SCV), foi gestacionado dentro do Viva Rio, em conjunto com a Secretaria Nacional de Direitos Humanos. Foi pensado para ser um projeto-piloto, que seria expandido para todo o território nacional. Todos os recursos a ele destinados eram originados do Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT), e foram repassados ao executor por via das Secretarias de Estado de Trabalho (Setrab). O primeiro ano de atividades, além dos recursos da Setrab, também contou com o apoio da Fundação Roberto Marinho.

O objetivo do SCV era tornar-se uma alternativa ao serviço militar, ou seja, os jovens por ele dispensados poderiam, voluntariamente, aderir à iniciativa. Seus participantes seriam os jovens – incluindo homens e mulheres, com 18 anos completos – em situação de risco, moradores de favelas, bairros pobres e periferias e sem ter terminado o ensino fundamental. Pretendia-se que o SCV fosse um *rito de passagem* para a maioria, tendo um sentido integrador. Para isso, combinava qualificação educacional, ação comunitária e campanhas de solidariedade, num período de nove meses.

Todos os jovens envolvidos receberam os seguintes cursos: intensivo de ensino fundamental, no qual tinham aulas de português, matemática, ciências, geografia e história, utilizando a metodologia do Telecurso 2000; de informática; de gestão de negócios; ação comunitária semanal, respondendo às necessidades locais e à vocação das entidades onde cumpriram o serviço. Além disso, havia a participação em campanhas de educação para o trânsito, educação ambiental, doação de sangue, desfile na Semana da Pátria, apoio às crianças, prevenção de desastres, e na campanha “Natal sem fome”. Cada jovem recebia, também, uma bolsa pela participação no projeto, além de outros benefícios, como lanche, vale-transporte, uniforme e material.

O SCV foi desenvolvido dentro de organizações comunitárias, as quais abrigaram turmas de 25 a 30 jovens. Esses locais receberam o nome de “estações do futuro”. As organizações foram responsáveis pela gestão e coordenaram das ações comunitárias locais. Por esta “parceria”, foram remuneradas e receberam a doação de computadores para as aulas de informática. Todo o treinamento e supervisão ficaram a cargo do Viva Rio, que também foi o responsável pela organização das campanhas. Para o projeto foram destinados cerca de R\$ 14 milhões, e, para que obtivesse êxito, o Viva Rio precisou modificar toda a sua estrutura de trabalho, contratando equipes tanto para operacionalizar o projeto – uma vez que ele estava espalhado por 34

municípios e 104 entidades comunitárias –, quanto para a gestão dos recursos captados. Houve, portanto, um crescimento considerável de sua área-meio (interna da instituição), e de sua área-fim (executores do projeto).

Esta mudança, em parte, foi importantíssima para a instituição – permitiu que o Viva Rio aplicasse, em larga escala, várias de suas teorias, fosse sobre mobilização comunitária ou sobre trabalho com as ‘juventudes’. Se, após o “Reage Rio”, surgira a necessidade de ampliar sua rede de trabalhos comunitários, o SCV possibilitou que isso fosse de fato concretizado. O projeto foi considerado um sucesso, e, já em 1999, passou a ser executado em outros estados do país.

Nas edições subseqüentes do SCV realizadas pelo Viva Rio, o número de jovens atendidos diminuiu de modo drástico, chegando, em 2003, seu último ano de execução, a atender apenas cerca de 150 jovens. Isto se deveu à diminuição sistemática dos recursos a ele destinados e pelo fato de outras instituições do Rio de Janeiro começarem a apresentar propostas para desenvolvê-lo. Este processo fomentou muitas críticas por parte das organizações comunitárias. Nos anos seguintes à primeira edição do projeto, os recursos destinados às organizações sofreram cortes consideráveis. Começaram a ocorrer atrasos significativos no repasse das bolsas e dos outros benefícios para os jovens, além de não haver mais recursos destinados à realização de melhorias dos espaços de trabalho locais. Tudo isso, e mais outras críticas que o Viva Rio recebia dentro das comunidades, fizeram com que essas organizações se sentissem desvalorizadas e “usadas” pela instituição. Esta crítica acompanha o Viva Rio até os dias atuais. O SCV, a partir de 2003, deixou, então, de ser realizado pela instituição. Até essa data, passaram pelo projeto, executado pelo Viva Rio, cerca de oito mil jovens. O SCV se tornou política pública nacional, executado em vários outros estados.

Paralelamente, o Viva Rio começou a investir no fortalecimento da memória e da identidade das favelas. Um de seus projetos foi o *site* Viva Favela.<sup>41</sup> Idealizado para ser o portal na Internet das favelas cariocas, nele são divulgadas informações exclusivas sobre a vida nas favelas. No *site*, é possível encontrar informações sobre serviços e entretenimento voltados para seus usuários preferenciais, os moradores das comunidades. O projeto previa a criação de uma rede de correspondentes e fotógrafos comunitários, moradores de algumas favelas da cidade, capacitados pelo Viva Rio e responsáveis pela cobertura diária dos principais acontecimentos, destacando personagens e eventos culturais e esportivos das comunidades.

Para o Viva Rio, o Viva Favela poderia contribuir para maior visibilidade da realidade dos moradores dessas localidades, ampliando o olhar de fora para dentro. O portal também serviu de ponte entre o jornalismo comunitário e a mídia convencional. Jornais, tevês e revistas buscavam inspiração para matérias nas pautas ali produzidas. O projeto – que passa, hoje, por reformulações internas com o objetivo de melhorar a capacidade de captação de recursos para a manutenção e ampliação de seus serviços, continua em funcionamento e já alcançou a marca de 7.458.538 milhões de acessos desde seu lançamento.

Já na área do meio ambiente, o Viva Rio desenvolveu algumas pesquisas, em parceria com o Iser, e foi responsável pela gestão do Parque Ambiental da Praia de Ramos. O “Piscinão de Ramos”, como se tornou conhecido, foi idealizado pelo Governo do Estado do Rio de Janeiro, em parceria com a Petrobras, a fim de promover a requalificação urbana da praia de Ramos. Inaugurado em dezembro de

---

41 Cf. Viva Favela. Disponível em: <<http://www.vivafavela.com.br>>. Acesso em: 13/07/2007.

2001, teve como objetivo recuperar o espaço urbano local, através da infra-estrutura de lazer, esporte e cultura, e devolver a praia de Ramos à população, melhorando a qualidade de vida na região. O Viva Rio permaneceu à frente do projeto por apenas dois anos. Após esse período, a Petrobras não renovou o projeto, que passou para a ser desenvolvido pelo Instituto Terra Nova.

Outras iniciativas do Viva Rio não passaram de projetos-pilotos, ou seja, após uma primeira edição, não houve continuidade em suas atividades. Alguns, por falta de financiamento, diminuíram seu escopo. Este foi o caso do “Rádio Viva Rio”, realizado em parceria com as Organizações Globo, e cujo objetivo era desenvolver um veículo de diálogo entre a favela e o asfalto, abrindo espaço para os novos talentos e manifestações culturais. A rádio era transmitida na frequência AM 1180kHz, e tinha alcance em todo o estado do Rio de Janeiro. A idéia era estabelecer um canal de captação de recursos que ajudaria a manter o próprio projeto, por meio da venda de cotas de publicidade. Mas, com o término da parceria com as Organizações Globo, o projeto foi reduzido, já que os valores arrecadados eram insuficientes para a manutenção de sua estrutura. A programação, que já era transmitida também via Internet, passou a ser exclusivamente virtual. Mas da iniciativa surgiu uma rede de rádios comunitárias (o *site* [www.redevivafavela.com.br](http://www.redevivafavela.com.br)), que passou a atuar no Viva Favela. O *site* foi criado para permitir a difusão de conteúdo, informações, e o intercâmbio de programas entre as rádios comunitárias. A esta idéia se agregou a proposta de criação de um canal coletivo de captação de recursos, através de anúncios e patrocínios, além da distribuição do conteúdo produzido para outros meios de comunicação. Foi criado também um programa de capacitação de jovens em ferramentas de rádio.

Durante este período, o Viva Rio desenvolveu vários outros projetos. Na área de educação surgiram os Espaços de Treinamento em Tecnologias Sociais (ETTS), o projeto “Luta pela Paz” e o “Viva Madrinha”. Os ETTS tinham como idéia central o desenvolvimento de habilidades para a utilização de computadores (e não existe mais dentro da instituição). O Luta pela Paz, ou Centro Esportivo e Educacional Luta Pela Paz (Ceelpp), foi um projeto social através do qual crianças e jovens, de ambos os sexos, moradores do Complexo da Maré, participariam de atividades esportivas. Foi idealizado pelo antropólogo inglês Luke Dowdney. Teve início em 2000, com a abertura de uma academia de boxe, e conta, hoje, com as modalidades de luta livre e capoeira. Além de treinamento esportivo, os jovens têm aulas semanais de cidadania e resolução pacífica de conflitos. O projeto canaliza a agressividade, de forma positiva, para o esporte, e cria oportunidades para jovens de baixa renda em busca de um futuro melhor. A missão do “Luta Pela Paz” é oferecer às crianças e jovens oportunidades esportivas e educacionais com o objetivo de romper barreiras e alcançar a paz e a cidadania. Conta com os seguintes apoios: Laureus Sports for Good Foundation, Embaixada Britânica, Embaixada do Canadá, Stuart and Hillary Williams Foundation, Scott Wood, Gery e Anne Juleff, Ivanovich Family, Dreams Can Be e Save the Children (Suíça), e caminha, hoje, para tornar-se independente do Viva Rio. Já o projeto “Viva Madrinha” previa o apoio a creches comunitárias, para melhorar seus equipamentos e qualificá-las pedagogicamente,

ampliando sua capacidade de atendimento. Tinha como estratégia o apadrinhamento direto de crianças, como forma de garantir sua sustentabilidade. Após alguns anos de desenvolvimento, acabou virando uma ONG, tornando-se independente do Viva Rio.

Já na área de desenvolvimento comunitário, o Viva Rio lançou o projeto “Estação Futuro”, implementou o “Comércio Solidário” e o “Grupo de Compras Solidárias”. O “Estação Futuro” destinava-se a criar, dentro das favelas, espaços de acesso à Internet e de desenvolvimento de diversos cursos. Seu maior financiador foi o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e foi elaborado para tornar-se auto-sustentável. Hoje, as “estações futuro” encontram-se espalhadas por algumas comunidades do Rio de Janeiro e ainda dependem de financiamentos para sobreviver. O “Comércio Solidário” teve como meta aumentar o poder de compra dos empreendedores formais e informais das favelas, onde o Viva Rio e o Viva Cred atuavam. O projeto ainda existe na instituição, mas passou por mudanças conceituais. Já o “Grupo de Compras Solidárias” estimulava empreendimentos de baixa renda, com crédito, capacitação gerencial e técnicas de negociação, visando a exportação dos produtos produzidos. O projeto não é mais executado dentro da instituição.

Todas essas ações foram desenvolvidas no estado do Rio de Janeiro e até o ano de 2000 a rede de organizações parceiras, na qual os projetos eram desenvolvidos, chegava a 354 entidades. Esse número foi aumentando consideravelmente: em 2002, o Viva Rio já contabilizava 668 entidades parceiras.

Cabe salientar que alguns dos projetos do Viva Rio foram transformados em políticas públicas nacionais. O Balcão de Direitos e o Serviço Civil Voluntário são os exemplos mais expressivos. O Balcão, até a data de hoje, com algumas adaptações, é desenvolvido no Distrito Federal, Piauí, Pernambuco, Pará, Santa Catarina e Amazonas. O projeto recebeu alguns prêmios e foi considerado uma iniciativa inovadora em mediação de conflitos comunitários. Já o SCV chegou a ser desenvolvido em todos os estados do Brasil, foi incorporado ao projeto “Primeiro Emprego”, também uma política pública nacional, e continua sendo desenvolvido em quase todos os estados do país.

### **A retomada da luta contra a violência**

Como se vê, o Viva Rio conseguia desenvolver projetos em larga escala, os quais, posteriormente, tornavam-se políticas públicas nacionais ou passaram a ser desenvolvidos por outras ONGs. Isto se dava, em parte, graças ao apoio dos principais órgãos da mídia carioca, característica marcante e reflexo da participação dos diretores de jornais da cidade em seu conselho de coordenação. Além dos projetos, o Viva Rio continuou a realizar campanhas, pois era com elas que mantinha sua visibilidade.

Seguindo a lógica inicial, as campanhas surgiam motivadas pela ocorrência de algum fato expressivo na cidade do Rio de Janeiro. Em 1994, no ano de sua constituição como ONG, o Viva Rio desenvolveu sua primeira campanha sobre o tema do desarmamento. A campanha “Desarme-se” pretendia ser um contraponto à

ocupação das favelas pelo Exército. A primeira tentativa de recolhimento de armas de fogo foi idealizada em conjunto com as Igrejas Evangélicas. Alguns postos foram montados com o apoio do pastor Caio Fábio, que ocupava a presidência da associação dessas Igrejas. No final de 1996, a Prefeitura do Rio de Janeiro acenou para a possibilidade de uma campanha de combate à violência que também trouxesse em seu bojo a questão das armas de fogo.

A campanha “Desarme-se” teve, assim, o apoio do prefeito César Maia e, depois, do seu sucessor, Luís Paulo Conde. Descrita por membros do Viva Rio como “campanha de mídia”, sem agregar nenhum ato específico, ela atuaria como fator de conscientização e divulgação do tema, centrando as atividades na realização de filmetes de propaganda para a televisão e na distribuição de panfletos de conscientização, adesivos e camisetas. Era uma campanha na qual se pretendia manter o tema em destaque, mas não incluía nenhuma atividade associada.

Assim, o tema desarmamento entrou na pauta de trabalho do Viva Rio e teve seu desdobramento em campanhas como: “Rio, Abaixе essa arma!”, “Basta! Eu quero Paz!”, “Mãe, desarme seu filho!”, “Arma não! Ela ou eu!”, “Destruição de armas”, “Brasil sem armas!” e “Campanha do Referendo do Sim!”

### ***“Rio, Abaixе essa arma!”***

Em 1998, o Viva Rio foi convidado a discutir um código de conduta internacional sobre o comércio de “armas leves”, a International Action Network for Small Arms (Iansa), rede formada por ONGs da América do Norte e Europa.<sup>42</sup> Na época, o Viva Rio foi a única instituição sul-americana a integrar esta rede. Naquele momento, a entidade integrou o grupo de transição formado pelo governador eleito no Rio de Janeiro, Anthony Garotinho,<sup>43</sup> para elaborar o plano de ação de seu governo. A participação do Viva Rio estava vinculada aos temas da violência e do desarmamento. A proposta apresentada pela instituição foi a realização de uma grande campanha: “Rio, abaixе essa arma”. Para isso, formou-se uma comissão, que definiria os seus passos. Seria necessário desenvolver pesquisas que dessem sustentação às teses defendidas pela campanha. Essas pesquisas foram realizadas pelo Viva Rio em parceria com o Iser.

A “Rio, abaixе essa arma!” foi lançada em 1999, e, mesmo tendo como foco a cidade do Rio de Janeiro, acabou provocando um debate nacional sobre o tema das armas. Além da mobilização para retirar de circulação e destruir armas de fogo, foram recolhidas assinaturas em um abaixo-assinado em favor da aprovação de uma lei que proibisse a venda de armas de fogo para “cidadãos comuns”, tendo como meta a coleta de um milhão de assinaturas. A iniciativa do abaixo-assinado surgiu após a declaração do então presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, no início de 1999, em que reconhecia que as armas de fogo eram um problema, e que ele tinha a intenção de criar um projeto de lei proibindo a sua venda a todas as pessoas que não fizessem parte das Forças Armadas.

O foco da campanha era o desarmamento do “cidadão comum” e a frase que marcava essa intenção era: “A consciência desarma o cidadão e a polícia desarma o

---

42 A expressão “armas leves” refere-se às “armas curtas ou longas, de uso civil ou militar, que sejam transportáveis e manuseáveis por uma pessoa”. Ver: [www.desarme.org](http://www.desarme.org).

43 Anthony William Matheus de Oliveira, conhecido como “Anthony Garotinho”, é um radialista e político brasileiro. Foi governador do Rio de Janeiro de 1999 até 2002. Concorreu à presidência da República em 2002, obtendo o terceiro lugar, com cerca de 15 milhões de votos.

bandido” – slogan de um dos materiais de divulgação da mesma. O instrumento capaz de fazer com que as pessoas aderissem foi a coleta das assinaturas em favor da aprovação daquela que ficaria conhecida como a Lei do Desarmamento. O recolhimento teve início em 11 de maio de 1999, durante evento realizado no estádio do Maracanã, com a presença do governador do estado, dos membros da “Comissão de Coordenação” da campanha e de autoridades policiais e religiosas. Na ocasião, foram quebradas 2,5 mil armas acauteladas.

Esse evento teve um valor muito significativo para a campanha, não apenas por marcar o início do recolhimento das assinaturas, mas, principalmente, pela destruição efetiva das armas, fazendo com que, depois, o Viva Rio fosse considerado modelo de ação de destruição de armas. No total, foram recolhidas 1.312.929 assinaturas em apoio à lei que proibiria a venda de armas no Brasil. Em entrevista coletiva à imprensa, no dia 6 de outubro de 1999, os números foram divulgados, e também quais seriam os próximos passos. Parte dos membros da comissão de coordenação da campanha estava presente. O encerramento oficial do recolhimento de assinaturas foi realizado numa festa, no dia 22 de outubro, chamada a “Festa do Milhão”, que aconteceu no quartel-general da Polícia Militar do Rio de Janeiro.

A campanha “Rio, Abaixo essa arma” não foi finalizada após o ato. Ao menos, não para o Viva Rio. Com o esforço de recolhimento de assinaturas, outras ações previstas na campanha, principalmente as em parceria com o poder público, perderam muita força, fazendo com que a comissão formada se desfizesse. Uma delas foi o recolhimento de armas. Durante a campanha, o Viva Rio, juntamente com as Igrejas Evangélicas, no intuito de expandir a atividade, criou “centros de captação de armas”, locais onde as armas poderiam ser entregues pelas pessoas, com a assistência da ONG e da Igreja, e a supervisão da polícia. Os locais eram cadastrados pelo Viva Rio e identificados por uma faixa com o logotipo da campanha. Essa atividade sofreu inúmeras críticas, oriundas, em sua maioria, dos segmentos que eram contra o desarmamento e, também, do governo, pois o ato de receber e destruir armas, em si, constituía um crime previsto na Lei 9.437, de 1997, a qual regularizava a posse e o porte de armas no Brasil. Segundo a lei do Sistema Nacional de Armas (Sinarm), é proibido a qualquer pessoa que tenha o registro de uma arma de fogo se desfazer dela sem a autorização das autoridades policiais. Ao pretender se desfazer de uma arma, a pessoa deveria se dirigir à divisão onde a arma estava registrada e doá-la para as Forças Armadas e estas decidiriam o destino da mesma. Para transportar a arma a ser doada, seria necessário pedir uma autorização e efetivar o pagamento de uma taxa de transporte. Mesmo com este contexto, o Viva Rio continuou coordenando o recolhimento de armas, da mesma maneira como vinha sendo realizado pelas Igrejas, mas estabeleceu uma parceria com a polícia federal para tentar minimizar o marketing negativo que o desenvolvimento dessa atividade poderia acarretar.

Porém, se algumas das iniciativas perderam fôlego, outras avançaram muito. Em paralelo ao recolhimento de um milhão de assinaturas, algumas iniciativas foram pensadas e colocadas em prática. Entre elas estava a questão de como integrar e sensibilizar as polícias civis e militares quanto ao tema do desarmamento. Uma das propostas era que a polícia civil passasse a investigar todas as armas apreendidas em ações criminosas. O caminho percorrido pela arma era essencial se para entender como ela passava da legalidade para a ilegalidade. O Viva Rio elaborou um manual de identificação, financiado por uma organização internacional. Agregado a esta iniciativa, havia um projeto de treinamento, mas as dificuldades encontradas pela instituição para colocá-lo em prática fizeram com que a proposta fosse abandonada. A

informatização dos dados sobre armas de fogo arquivadas na Divisão de Fiscalização de Armas e Explosivos (DFAE) e a criação de um banco de dados com essas informações também foram propostas levadas a cabo pela comissão. Estas propostas somente avançaram alguns anos mais tarde.

Junto com a Polícia Militar aventou-se a hipótese de que esse trabalho deveria se voltar para a prevenção da violência, com o intuito de diminuir o uso de armas de fogo. Assim, elaborou-se um curso para os grupamentos policiais. Em parceria com a Secretaria de Segurança, aulas sobre “cidadania” e direitos humanos foram ministradas dentro dos batalhões, como meio de incentivar e promover uma ação policial mais preventiva. Assim, surgiu o projeto de “capacitação policial”, até hoje desenvolvido pelo Viva Rio, que monitora turmas de multiplicadores dos cursos, com a ajuda de policiais militares que já passaram pelo projeto. Hoje, o treinamento se estende a outras instituições ligadas à segurança social, ou seja, agentes penitenciários, guardas municipais, entre outros.

A partir desta iniciativa, foi criada uma rede de intercâmbio entre policiais e representantes de organizações civis de países da América Latina. A rede tem os seguintes objetivos: disseminar conhecimentos científicos e experiências das instituições policiais no continente; estimular a integração entre policiais, centros universitários de ensino e pesquisa e instituições da sociedade civil; e subsidiar os processos de formulação e execução de políticas públicas de policiamento e segurança. A coordenação fica a cargo do Viva Rio e o meio utilizado para viabilizar o funcionamento da rede foi a criação do portal Comunidade Segura,<sup>44</sup> ferramenta de web que permite a troca de experiências por meio de fóruns, reportagens, entrevistas, artigos e comunidades, com o fim específico de discutir segurança pública.

Ao focar o tema ‘desarmamento’, o Viva Rio montou uma equipe, em parceria com o Iser, para o desenvolvimento de várias pesquisas e projetos. A área de desarmamento do Viva Rio inaugurou uma nova fase no processo de captação de recursos da instituição. A maior parte dos recursos captados para essa área era de origem estrangeira. Outro fato interessante é que o Viva Rio se tornou referência sobre este tema no Brasil, fazendo com que sua atuação deixasse de ser local e passasse a ser nacional e mesmo internacional.

Com a ampliação de sua missão, o Viva Rio passou a sofrer mais críticas, positivas e negativas. Do lado positivo, o Viva Rio, de novo, revitalizava seu modelo, ampliando as possibilidades de maior inserção e visibilidade. Em contraposição, o Viva Rio perdia sua vocação, ao ampliar tanto sua área de atuação.

A campanha “Rio, Abaixo essa arma” teve um diferencial em relação às outras desenvolvidas pela ONG. Até então, elas implicavam a criação de uma agenda ampla de trabalho, coisa que, em geral, acabava fugindo do ponto principal previsto. A “Rio, Abaixo essa arma” derivou um programa bem detalhado, voltado para a aprovação de uma lei. Isso causou, dentro do Viva Rio, uma mudança profunda na sua lógica de atuação e, também, no seu foco de trabalho.

### **“Basta! Eu quero paz!”**

Enquanto dava seguimento às suas atividades, o Viva Rio, em 2001, desenvolveu mais uma campanha: “Basta! Eu quero paz”. A palavra “paz” retornava à

---

44 Para mais detalhes, ver Comunidade Segura. Disponível em: <<http://www.comunidadesegura.com.br>>. Acesso em: 13/07/2007.

pauta da instituição como símbolo importante, em novo momento de clamor público que a cidade do Rio de Janeiro vivenciava.

O acontecimento que originou o “Basta” foi o evento ocorrido no dia 12 de junho de 2000, quando o jovem Sandro do Nascimento invadiu, armado e drogado, um ônibus da linha 174 e fez seis mulheres reféns. Usando uma delas como escudo, Geisa Gonçalves, Sandro desceu do ônibus depois de mais de cinco horas de tentativas de negociação. Um policial atirou e errou o alvo, matando a refém. Sandro, em reação, também disparou, e mais três tiros atingiram Geisa. O rapaz foi capturado, e, dentro da viatura policial, acabou sendo morto por estrangulamento enquanto era encaminhado a um hospital. Numa outra viatura, Geisa era levada para o hospital sendo declarada morta quando lá chegou. Sandro Nascimento era um dos sobreviventes da chacina da Candelária. Geisa Gonçalves era trabalhadora e moradora da Rocinha. O assassinato foi transmitido ao vivo pelas redes de televisão – estima-se que 35 milhões de espectadores tenham-no assistido.

O fato de Sandro ser um dos sobreviventes da Candelária gerou uma reação junto à sociedade civil, pelo menos da parcela que defendia os direitos humanos. Instaurou uma crise de consciência e ela originou a campanha do “Basta”, que ultrapassou os limites da cidade do Rio de Janeiro e mobilizou 16 capitais brasileiras pelo fim da violência. No dia 7 de julho de 2000, milhares de pessoas vestiram roupas brancas, acenderam velas e participaram de atos pela paz.

No Rio de Janeiro, no dia da manifestação, muitas pessoas saíram em trajés brancos pelas ruas. No Largo da Carioca, vários painéis formando o “Mural da Dor”. Ao final do ato, esses painéis, 40 ao todo, medindo 154 m, exibiam fotos de vítimas da violência, desenhos, grafites e mensagens de paz. Uma escultura feita com balas de revólver representava pessoas de joelhos, pedindo paz. À noite, 25 mil pessoas se concentraram no Largo da Carioca. Mil e quinhentas delas chegaram em passeata desde a Central do Brasil, com faixas e uma enorme bandeira branca. Após a apresentação de grupos musicais compostos por jovens de comunidades de baixa renda, foi realizado um culto ecumênico com representantes de diversas religiões. O Centro do Rio foi iluminado por cerca de cinco mil velas. Todo o evento foi pensado e produzido pelo Viva Rio, em parceria com outras instituições cariocas.<sup>45</sup>

Em São Paulo, o Instituto Sou da Paz, reuniu cerca de dez mil pessoas na Praça da Sé. Os paulistanos vestiram-se de branco e levaram fotos de parentes e amigos, vítimas da violência, para a manifestação. Motoristas e cobradores dos ônibus da cidade trabalharam de uniforme branco e a PM também aderiu ao movimento, pendurando bandeiras brancas nas viaturas. A Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp) estendeu uma faixa branca de 90 m em sua fachada. Na sede do Banco Real (ABN Amro Bank), na avenida Paulista, os funcionários soltaram 60 mil balões brancos ao meio-dia. Às 19h, o público da Praça da Sé se reuniu, formando a imagem de uma imensa pomba da paz. Em Brasília, Salvador, Maceió, João Pessoa, Recife, Belém, Campo Grande, Belo Horizonte, Vitória, Porto Alegre, Rio Branco, Fortaleza, Florianópolis e Cuiabá foram realizadas manifestações similares às do Rio e de São Paulo. Pessoas vestidas de branco se reuniram em espaços públicos levando fotos de parentes. Vários “murais da dor” foram produzidos.<sup>46</sup>

Para os participantes e organizadores da manifestação, o “Basta” foi a oportunidade de abertura de mais um canal de exposição do estado de violência em

45 Fonte: Viva Rio. Documentos internos. c. 2000 (mimeo).

46 Para mais detalhes, cf. Instituto Sou da Paz. Disponível em: <http://www.soudapaz.org/campanhas/texto>. Acesso em: 18/07/2007.

que a cidade se encontrava. O Viva Rio, ao pensar a manifestação, decidiu que ela deveria representar o processo de troca que existiu entre a instituição e os grupos que participaram, como por exemplo, o Afro-Reggae.<sup>47</sup> O “Basta” acabou ganhando, no Rio de Janeiro, um significado de crítica e de denúncia. A campanha foi desenvolvida com o total apoio do conselho do Viva Rio e, principalmente, da mídia que o compunha.

### **“Mãe, desarme seu filho!”**

A campanha foi motivada por um acontecimento que mobilizou a equipe do Viva Rio para o tema. O vídeo *Soldado do morro*, do *rapper* MV Bill, causou grande polêmica e o artista foi acusado de apologia ao crime e às armas, por mostrar a realidade de jovens que vivem do tráfico. Entretanto, sua intenção, compreendida por artistas e ONGs, era fazer a denúncia e alertar crianças e adolescentes que matam e morrem sob as ordens de traficantes. No processo de discussão sobre essa realidade, surgiu a idéia da campanha “Mãe, desarme seu filho”. Realizada pelo Grupo Cultural Afro Reggae, por MV Bill e pelo Viva Rio, uma série de shows, ações de destruição de armas e debates em favelas e comunidades pobres do Rio foram realizados com o objetivo de incentivar o desarmamento dos jovens, tendo como foco a ação das mães na defesa de seus filhos. Foram produzidos eventos em Vigário Geral, no Complexo da Maré, no Centro de Atendimento Intensivo de Belford Roxo (CAI Baixada) e no Complexo do Alemão. Além do Afro Reggae, do Afrolata e de MV Bill, participaram, também, dos shows a banda Cidade Negra, o cantor Gabriel o Pensador, a Escola de Samba Imperatriz Leopoldinense e o grupo Asian Dub Foundation.<sup>48</sup>

### **“Arma não! Ela ou eu!”**

A campanha “Arma não! Ela ou eu” começou a gestada dentro de um grupo de discussão incentivado pelo Viva Rio e que contou com a participação de várias mulheres da própria instituição e de representantes da sociedade civil – somente mulheres foram convidadas. A idéia era discutir a questão da violência armada como um mal predominantemente masculino. No Rio, oito em cada dez homicídios eram cometidos com armas de fogo, sendo 24 homens assassinados para cada mulher. E como, por trás de uma vítima, há sempre a dor de uma mulher, seja ela mãe, filha, esposa, namorada, irmã ou amiga, o Viva Rio reuniu mulheres – publicitárias, jornalistas, artistas, escritoras, pesquisadoras, mães que perderam seus filhos e parentes de vítimas da violência – para estarem à frente da campanha, lançada no Dia das Mães, em maio de 2001.<sup>49</sup>

O primeiro evento, no Parque dos Patins, na Lagoa Rodrigo de Freitas, contou com a presença de mães de vítimas, e artistas, como a cantora Paula Toller e as atrizes

---

47 O Grupo Cultural AfroReggae (GCAR) surgiu em janeiro de 1993, a princípio em torno do jornal *Afro Reggae Notícias*, veículo de informação que objetivava a valorização e a divulgação da cultura negra, voltado sobretudo para jovens ligados em ritmos como o próprio reggae, soul, hip-hop, etc. Após a chacina de Vigário Geral, o Afro-Reggae inaugurou, na favela de Vigário Geral, o primeiro Núcleo Comunitário de Cultura, iniciando, assim, o desenvolvimento de projetos sociais. O grupo teve, durante vários anos, uma ligação muito forte com o Viva Rio, porém, atualmente, as duas instituições estão afastadas. As relações encontram-se cortadas entre os seus diretores executivos. Ver [http://www.afroreggae.org.br/sec\\_historia.php](http://www.afroreggae.org.br/sec_historia.php). Acesso em: 18/07/2007.

48 Fonte: Viva Rio. Documentos internos. c. 2001(mimeo).

49 Idem.

Malu Mader e Beth Goffman. Foram distribuídas flores brancas e folhetos alertando para o fato de que ter uma arma não garante a proteção da família e, sim, a expõe ao risco.

Com eventos mensais, ampla divulgação na mídia e chamadas televisivas com a participação de atrizes e celebridades, a campanha promoveu a reflexão sobre o perigo da arma de fogo, aumentando a pressão popular em prol do desarmamento e ampliando o movimento para outros estados e países. O projeto foi apresentado em julho de 2001 na Conferência da ONU sobre o Comércio Ilícito de Armas Leves, em Nova York.

### *“Destruição de armas”*

Também em 2001, o Viva Rio contribuiu para a destruição de cem mil armas de fogo: no dia 24 de junho, no Aterro do Flamengo, aconteceu a maior destruição simultânea já realizada no mundo. Cerca de 20 mil pessoas participaram da cerimônia, realizada em parceria com o governo do estado. O evento teve como objetivo divulgar a Conferência da ONU sobre o Comércio Ilícito de Armas Leves, já citado antes.

Mais do que um ato simbólico, a quebra de armas teve como objetivo impedir que os armamentos continuassem expostos ao risco de voltar ao mercado paralelo. As pesquisas e estudos realizados pela área de desarmamento do Viva Rio conseguiram comprovar que algumas das armas do arsenal foram apreendidas até cinco vezes consecutivas, revelando que havia freqüentes desvios dos depósitos da Divisão de Fiscalização de Armas e Explosivos (DFAE) para o circuito criminal. As cem mil armas ocuparam uma extensão de 400 m<sup>2</sup> e foram danificadas por um trator, sob os aplausos da multidão e uma chuva de rosas lançadas por helicópteros. Os restos foram fundidos e o metal foi destinado à confecção de uma escultura pela paz. Para o Viva Rio, a grande adesão popular deu ao evento um caráter pedagógico, transmitindo a idéia de que os problemas relativos à segurança pública são melhor solucionados quando o Estado busca a colaboração ativa da sociedade civil.<sup>50</sup>

No ano de 2002, realizou-se nova destruição de armas. Dentro da programação do Dia Internacional de Destruição de Armas, celebrado em 9 de julho, o governo do estado e o Viva Rio promoveram, no dia 12 de julho, a destruição de dez mil armas de fogo apreendidas durante o ano de 1997. Um rolo compressor esmagou pistolas, revólveres, fuzis, espingardas, rifles e carabinas. Armas, em sua maior parte fabricadas não apenas no Brasil mas também em países como Estados Unidos, Espanha, Argentina, Bélgica, Alemanha, Itália, Áustria e República Tcheca, e apreendidas nas mãos de criminosos. No mesmo dia, embaixadores de 27 países, fabricantes do armamento apreendido, participaram de uma reunião no Salão Verde do Palácio Guanabara, para discutir o tráfico ilegal de armas no estado. Em convênio com a Secretaria de Segurança Pública do Estado do Rio, especialistas do Viva Rio analisaram informações relativas a 750 mil armas registradas ou depositadas na Divisão de Fiscalização de Armas e Explosivos da Polícia Civil do Rio, durante o período de 1950 a 2001. Com esse material puderam ser agrupadas informações sobre armas pequenas e armamento leve produzidos em outros países e, depois, apreendidos pela polícia do Rio nas mãos de criminosos. O objetivo era solicitar aos embaixadores que, junto aos seus governos, apurassem a quem essas armas foram vendidas originalmente, possibilitando assim a identificação de rotas do tráfico ilegal.<sup>51</sup>

---

50 Idem.

51 Fonte: Viva Rio. Documentos internos. c. 2002 (mimeo).

Vale ressaltar, ainda, que o Dia Internacional da Destruição de Armas foi instituído pela ONU, em 2001, com o objetivo de que os países promovam a destruição dos excessos de armas de fogo, devendo debater publicamente a relação entre proliferação de armas e aumento nos índices de criminalidade, a fim de buscar soluções que envolvam a cooperação entre os governos, a sociedade civil e militares. As iniciativas do Viva Rio foram consideradas exemplos a serem seguidos por todas as organizações que trabalhassem com o tema.

### ***“Brasil sem armas!”***

Esta campanha foi lançada no ano de 2003. Munido com os dados das pesquisas realizadas durante os últimos anos, o Viva Rio, como resposta à realidade constatada pelos dados de que, por exemplo, a cada dia morriam cem pessoas vítimas de armas de fogo no Brasil, convocou a população do país a pressionar, nas ruas, o Congresso Nacional.

Neste ano, votou-se o Estatuto do Desarmamento e foi prevista uma campanha de entrega voluntária de armas. Governo e sociedade se uniram para realizá-la. Os objetivos foram reduzir o número de armas de fogo em circulação e conscientizar o povo sobre o perigo que representa para a família manter uma arma em casa e, transitar com ela.

O Viva Rio havia analisado as campanhas dessa natureza já realizadas em 23 países: nove nas Américas, seis na Europa, cinco na África, duas na Ásia e uma no Pacífico. Foi constatado que algumas foram bem sucedidas, outras, nem tanto. A Austrália havia recolhido 600 mil armas, mas os Estados Unidos fracassaram no Iraque, por falta de legitimidade. No Brasil, já havia ocorrido campanha similar, “Menos armas, mais vidas”, realizada pelo governo do Paraná, quando 20 mil peças haviam sido recolhidas. Essas experiências foram avaliadas pelo Ministério da Justiça, especialmente pela Polícia Federal, que elaborou um plano de ação participativa. O modelo consistia em facilitar ao máximo a entrega de armas. Além da concessão de uma anistia, que desobrigava os donos das armas de informarem sua origem, foi paga uma indenização àqueles que entregassem armas registradas ou em situação irregular, as que mais se queria ver fora de circulação. A entrega pôde ser anônima para quem não quisesse ser indenizado. Não apenas as delegacias e quartéis seriam locais de recebimento, mas também igrejas, ONGs e outras entidades credenciadas no Departamento da Polícia Federal.

Após a campanha, o Exército destruiu as armas recolhidas, garantindo que elas não voltariam às ruas.<sup>52</sup>

A campanha foi duramente criticada e, em consequência, o Viva Rio também. O discurso crítico era de que a campanha “não desarma os bandidos, mas apenas os homens de bem”. Em oposição, o discurso do Viva Rio era de que a campanha visava exatamente o “homem de bem”, cujas armas estavam sendo roubadas ou vendidas sem cuidados e por isso transformando seus lares em cenário para suicídios, homicídios conjugais, roletas-russas de adolescentes ou outros acidentes. No país, a cada três pessoas hospitalizadas por ferimento com arma de fogo, uma havia sido vítima por acidente. Para seus idealizadores, a campanha acabaria também afetando o

---

52 Fonte: Viva Rio. Documentos internos. c. 2003 (mimeo).

crime, pois o desvio de armas legais é uma das fontes que o abastece. A campanha era apenas um dos aspectos do Estatuto do Desarmamento. O Viva Rio montou, em sua sede, o primeiro posto de recolhimento de armas do Rio de Janeiro.

No dia 14 de setembro de 2003, o Viva Rio fez uma caminhada na praia de Copacabana, em apoio ao Estatuto do Desarmamento. Cerca de 50 mil pessoas participaram do ato sob forte chuva. O evento foi dividido em alas, que representavam as numerosas vítimas da violência causada pelas armas. Numa parceria com as Organizações Globo, durante o ato foram gravadas cenas incluindo os atores da novela das oito, *Mulheres apaixonadas*, na ala das vítimas de balas perdidas. Um dos personagens, vivido pelo ator Tony Ramos, havia ficado paraplégico após ser atingido por um projétil, durante um tiroteio no bairro do Leblon, Zona Sul carioca. Estrategicamente, para os dois lados, as cenas da caminhada reproduziam as da novela, fato que garantiu alcance e apelo considerados pelo Viva Rio como fundamentais para a campanha. Muitos setores, críticos à aproximação que o Viva Rio mantinha, e mantém, com as Organizações Globo, acharam que a instituição havia exagerado e, assim, descaracterizado toda a proposta.

### **“Campanha do Referendo do Sim!”**

Em dezembro de 2003, foi aprovado o Estatuto do Desarmamento, a Lei federal n.10.826, que dispõe sobre o registro, posse e comercialização de armas de fogo e munição no Brasil. Dentre os dispositivos do estatuto estava regulamentada a Campanha do Desarmamento. Esta campanha tinha como foco a população portadora de armas sem registro. Este contingente teria 180 dias, a partir de 23 de junho de 2004, para regularizar o registro ou o porte de armas, perante a Polícia Federal, ou efetuar a entrega de boa-fé da arma, com direito a indenização.

Segundo dados do Ministério da Justiça, a campanha resultou na entrega de 443.719 armas de fogo em todo o país, as quais foram destruídas pelo Comando do Exército. A campanha, realizada até dezembro de 2005, foi considerada um sucesso, já que sua meta inicial era recolher apenas 200 mil armas. Os estados que mais recolheram armas foram São Paulo (110 mil), Rio de Janeiro (36 mil) e Rio Grande do Sul (30 mil). O posto civil localizado na sede da ONG Viva Rio recolheu sozinho mais de dez mil armas.<sup>53</sup>

O Estatuto previa, também, a realização de um referendo sobre a comercialização de armas de fogo a civis em todo o território nacional, mas este dispositivo foi retirado do estatuto para ser votado em separado, estratégia que foi tomada para que a votação do estatuto não ficasse paralisada neste ponto, extremamente polêmico.

Em 6 de julho de 2005, a Câmara dos Deputados aprovou, por 258 votos a favor, 48 contra e cinco abstenções, o Projeto do Decreto Legislativo n.1.274/04 do Senado Federal, que definiu a pergunta e autorizou a realização do referendo popular, o qual colocou em votação o artigo 35 do Estatuto sobre a proibição do comércio de armas de fogo e munições para civis.

Apesar de a maioria da população brasileira ter votado *contra* a proibição do comércio de armas e munições, a realização do Referendo teve o mérito de levar a todas as esferas da sociedade a discussão sobre o controle de armas, e de estimular o debate sobre segurança pública em nosso país.

---

53 Fonte: Viva Rio. Documentos internos. c. 2003/2005 (mimeo).

Com esta aprovação, foi veiculada na mídia uma nova campanha de esclarecimento à população, durante o horário eleitoral. Os eleitores brasileiros responderiam “sim” ou “não” à seguinte pergunta: “O comércio de armas de fogo e munição deve ser proibido no Brasil?” A decisão seria por maioria simples. O TSE aproveitou o Referendo para realizar o recadastramento de 121 milhões de eleitores. A iniciativa teve o objetivo de evitar a fraude eleitoral e dar cidadania a cerca de 30 milhões de brasileiros sem identidade ou outro documento legal.

Se aprovada pela população brasileira, a proibição do comércio de armas de fogo no Brasil coincidiria com o encerramento da Campanha de Entrega Voluntária de Armas, iniciada em julho de 2004. Prevista para terminar em dezembro daquele ano, a campanha foi prorrogada por duas vezes.

A pesquisa “Brasil: as armas e as vítimas”, feita pelo Iser, com apoio do Viva Rio e do Small Arms Survey, apontou que o número de armas em poder da sociedade civil, no Brasil, era quase dez vezes maior que a quantidade de armas em poder do Estado, incluindo as Forças Armadas, polícias e outras autoridades. Entre as 15,5 milhões de armas de uso privado, no Brasil, 8,7 milhões eram usadas de modo ilícito: ou estavam nas mãos de bandidos ou foram comercializadas no mercado informal e não tinham registro. Do total de armas em circulação em território nacional (17.314.885), mais da metade era ilegal. As estatísticas reforçavam o argumento da Campanha Nacional de Desarmamento, da qual o Viva Rio foi um dos idealizadores, de que a posse de armas por civis é perigosa. O Brasil liderava o *ranking* de mortes por armas de fogo no mundo. Mais de 38 mil pessoas morreram por tiros em 2002, incluindo homicídios, suicídios e acidentes. Também naquele ano, houve 19.519 internações causadas por tiros, sendo um terço por disparos não intencionais. De acordo com os dados do Sistema Único de Saúde (SUS), usados no estudo, o sistema público de saúde gastou, em 2002, entre R\$ 130 milhões e R\$ 140 milhões para tratar de feridos por armas de fogo. A pesquisa mostrou também que de cada quatro feridos, que chegavam a ser internados, em casos de agressões por arma de fogo, três morreram, segundo dados de 2002. A maior parte dos hospitalizados por tiros teriam entre 15 e 24 anos e os acidentes com armas de fogo foram as principais causas de internação de crianças e pré-adolescentes até 14 anos com lesões por tiros.

Os grupos a favor viam a proibição de venda de armas como maneira de limitar o acesso às armas e, assim, reduzir o número de homicídios. Quem era contra sustentava que a proibição servia apenas para estimular o comércio ilegal e deixar os cidadãos desarmados diante de criminosos com armas. A proibição era defendida, principalmente, por entidades que apoiaram a Campanha do Desarmamento, como o Governo Federal, a ONG Viva Rio, o Instituto Sou da Paz, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e outros movimentos sociais. Os principais grupos contra a restrição eram as empresas fabricantes de armas de fogo, a ONG Movimento Viva Brasil e associações e sindicatos de policiais e delegados.

O Congresso Nacional determinara que a campanha pelo Referendo fosse conduzida por duas frentes parlamentares: uma contra e outra a favor da proibição do comércio de armas. A Frente Parlamentar pelo Direito da Legítima Defesa, que defendeu o voto “não”, teve como principais líderes os deputados Alberto Fraga (PFL-DF), Luiz Antonio Fleury Filho (PTB-SP) e Onyx Lorenzoni (PFL-RS). Já a Frente Parlamentar Brasil sem Armas, que fez campanha pelo voto “sim”, foi liderada pelo senador Renan Calheiros (PMDB-AL) e pelos deputados Luiz Eduardo Greenhalgh (PT-SP) e Raul Jungmann (PPS-PE).

Em 23 de outubro de 2005, 59.109.265 de pessoas, o que correspondeu a

63,94% dos votos contabilizados, optaram pelo “não”, não permitindo que o artigo 35 do Estatuto do Desarmamento entrasse em vigor. O “sim” obteve 33.333.045 votos, ou seja, 36,06% do total dos mesmos.<sup>54</sup>

O Referendo representou um enorme ganho para a democracia brasileira. Renan Calheiros, presidente da Frente Brasil Sem Armas, disse que não se sentia derrotado diante do resultado. “Muito melhor do que o sabor da vitória é ter defendido uma causa da sociedade. Venceu a democracia”, defendeu. Para o diretor-executivo do Instituto Sou da Paz, Denis Mizne, a opção pelo “não” foi um reflexo do medo da população diante das estatísticas assustadoras. “Isso não significa, porém, que venceu o amor às armas, não quer dizer que as pessoas vão sair amanhã e comprar uma”, avaliou. Ainda assim, o resultado trouxe consequências. “Perdeu o Brasil, que poderia ter dado um passo mais largo. Mas democracia se faz em processos”, acrescentou.

Para muitos, o Referendo entrou na contramão da agenda da sociedade. O “não” foi beneficiado pela crise no governo Lula e pela profunda orfandade da população em relação à segurança pública. Rubem César Fernandes disse que a frente do “sim” não saiu desmoralizada com a derrota para o “não” no Referendo que decidiu pela manutenção do comércio de armas de fogo no país.<sup>55</sup>

Naquele momento, não havia muitas certezas. Talvez o resultado do Referendo refletisse uma rejeição à incapacidade do Estado em dar respostas. Esta poderia ser uma das possibilidades, dentre outras, que estavam sendo aventadas.

Mas, antes de respostas, havia muitas perguntas sendo feitas dentro do Viva Rio: a derrota do “sim” representaria uma derrota do Viva Rio? Como o resultado dessa grande campanha influenciaria a instituição? Quais seriam seus próximos passos?

---

54 Fonte: <<http://www2.interlegis.gov.br/cidadania/20051004083813/20051104082912/view>>. Acesso em: 13/07/2007.

55 Fonte: <<http://clipping.planejamento.gov.br/Noticias.asp?NOTCod=227817>>. Acesso em: 13/07/2007.

## **CAPÍTULO 5**

### **A necessidade de se repensar!**

#### **Da derrota à reflexão!**

No ano de 2003, o Viva Rio completou uma década de existência. Mesmo com todas as críticas recebidas nos últimos anos, ele havia conquistado um espaço de visibilidade e atuação, de certa forma, impactantes.

Ao longo desse período, a instituição deixou de ser um movimento social e passou a ser uma ONG que, em 2004, geriu quase vinte milhões de reais por ano. Seu quadro de funcionários e colaboradores aproximou-se, nesse mesmo ano, de mil pessoas, além dos cerca de dois mil voluntários mobilizados. Trabalhou em parceria com mais de 700 entidades. Atuou em 500 comunidades do Rio de Janeiro. Desenvolveu alguns projetos que se tornaram políticas públicas nacionais. Tornou-se referência internacional no tema ‘desarmamento’, passando a atuar em vários países desenvolvendo cursos e pesquisas. Influenciou a trajetória da política nacional de desarmamento. Seus indicadores de comunicação apresentaram uma média de quatro minutos diários (entre 2001 e 2003) em matérias de televisão e de 150 cm/colunas diárias na mídia escrita.

Mas mesmo com todas essas qualidades e especificidades, o Viva Rio também se tornou uma das ONGs mais polêmicas da época. Os mesmos motivos que ensejaram elogios por uns, eram motivos de críticas por outros. Como se explica esse fenômeno? Como se traduz a admiração e a rejeição que seu diretor executivo Rubem César provoca? Como serão os próximos dez anos? Seu modelo se sustentará? Será possível ser mais ousado? Será possível ser menos controverso?

Sua última campanha, a do Referendo, colocou-o outra vez sob os holofotes da mídia. A instituição foi uma das principais articuladoras da campanha nacional. Formou-se a tão almejada aliança entre parte do governo federal, organizações Globo e organizações da sociedade civil. Quando a campanha teve início, mais de 80% dos eleitores brasileiros se diziam a favor do desarmamento. Para muitos, o que aconteceu depois foi inexplicável. Com uma rapidez impressionante, a sociedade mudou de opinião. Quase 60 milhões de eleitores votaram “não”. O “sim” fora derrotado. O fato de a sociedade ter debatido um tema que lhes afetava profundamente e ter feito a escolha pelo “não” deve ser considerado como um fenômeno que extrapolou a discussão em si. Mesmo com o apelo da rede Globo, com seus artistas encabeçando propagandas, a população preferiu outro fórum de debate. A Internet foi a mídia escolhida para discutir o tema.

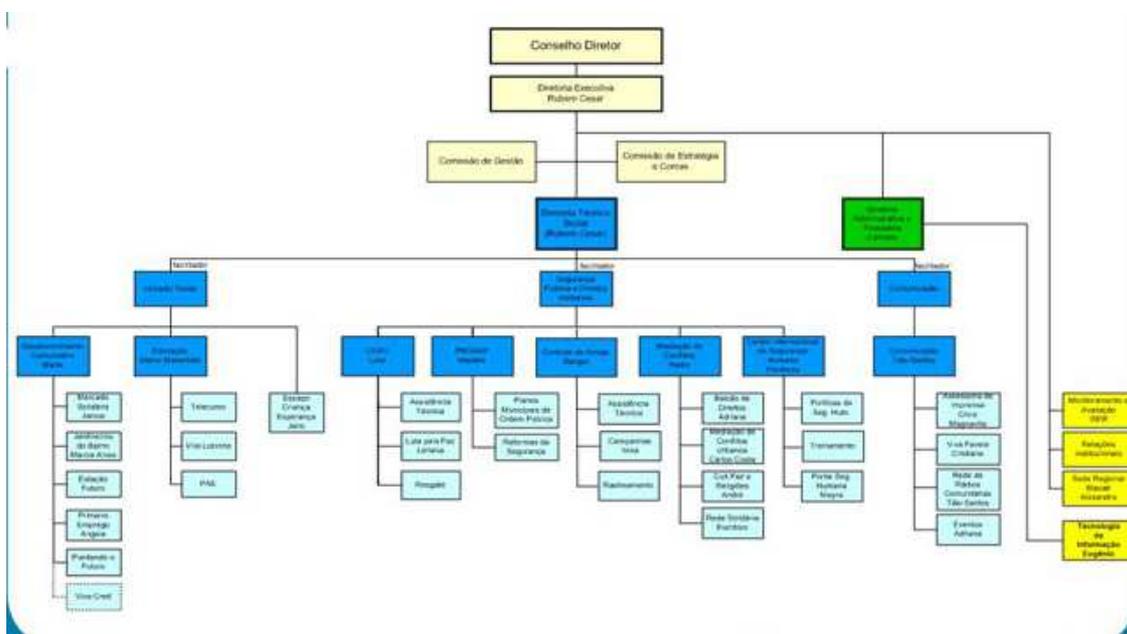
Com a derrota no Referendo, o Viva Rio entrou em profundo processo de reflexão. Talvez tenha tomado para si a derrota do “sim”, o que suscitava as seguintes perguntas: O que significa isso ao avesso? Se o “sim” tivesse ganhado, teria sido uma vitória do Viva Rio?

A crise do Viva Rio não começou com a perda do “sim”. Ela já se anunciava desde 2004, quando possuía mais de 1.300 colaboradores remunerados, 40% a mais que em 2003, quando o número era de cerca de 900. Esse crescimento representava uma preocupação, pois, do ponto de vista financeiro, o Viva Rio tivera um crescimento de cerca de apenas 15%. Sua estrutura organizacional demonstrava toda sua complexidade. Seu organograma (ver Quadro 7) nos apresenta a seguinte estrutura: conselho diretor, diretoria executiva, diretoria técnica, diretoria administrativa; três grandes áreas de atuação, subdivididas em temas e projetos; uma

área-meio de suporte operacional, e duas comissões consultivas voltadas para os temas de gestão e contas.

As diretorias executiva e técnica eram exercidas pela mesma pessoa, Rubem César. Cada uma das áreas possuía coordenadores gerais, coordenadores de projetos, pesquisadores, equipes de supervisão, equipes administrativas, suportes técnicos de informática, de comunicação e de eventos. Independentemente dos projetos executado, essas equipes eram fixas. Tal estrutura ia de encontro à estratégia pensada na sua formação: o Viva Rio atuaria como uma organização “sanfona”, ou seja, aumentando quando houvesse demanda de projetos e, ao término de cada ação, retornava à estrutura compacta e enxuta.

**Quadro 7.** Organograma Viva Rio, 2005

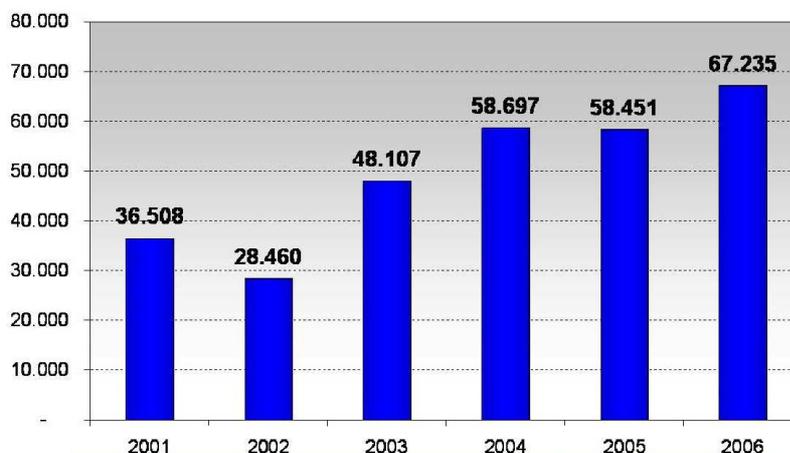


Fonte: Viva Rio. Relatório de prestação de contas.

Disponível em: <<http://www.vivario.org.br/relatorio/2005/pt/Slide04.htm>>. Acesso em: 25/07/2007.

Uma organização desse porte, com tal abrangência, tinha como, facilmente, justificar os números apresentados. Por si só, a quantidade de pessoas diretamente beneficiadas (v. Quadro 8) pelos projetos desenvolvidos pela instituição era justificativa mais do que plausível para seu tranqüilo bem-estar. O nítido problema era que o crescimento do Viva Rio demonstrava ter ocorrido por agregação e não de forma muito planejada. Sua diversidade de atuação permitiu que o Viva Rio passasse a executar projetos em grande escala e, portanto, captar recursos também em grande escala. Nos últimos anos, o Viva Rio teve um aumento de quase 100% de suas receitas, porém suas despesas de manutenção aumentaram em quase 1.000%, entre 1996 e 2006. Isso era muito impactante, pois não havia comparação com nenhuma outra ONG do Rio de Janeiro e do Brasil. São poucas as organizações neste país que alcançam tal dimensão. A instituição passou por uma evolução que mais parecia explosão, impressionante para os padrões da época.

**Quadro 8.** Número de beneficiados do Viva Rio, 2001-2006



Fonte: Viva Rio. Relatório de prestação de contas.

Disponível em: <<http://www.vivario.org.br/relatorio/2006/pages/slide16.htm>>. Acesso em: 25/072007.

Assim, o Viva Rio começou, mesmo que de forma segmentada, a levantar certos questionamentos estruturais: era possível manter o esquema organizacional? Era possível administrar uma instituição tão diversificada? Desde o ano de 2000, o Viva Rio buscou encontrar soluções para estas questões.

Consultorias foram contratadas, recursos foram captados, processos e sistemas foram implementados. É importante salientar que não existia um modelo de gestão voltado para as ONGs. Foi feita uma adaptação das ferramentas do segundo setor, do mercado, as quais vinham acompanhadas de conceitos que, no momento de serem aplicados num ambiente tão distinto, causavam choques inevitáveis. As equipes do Viva Rio eram, em sua maioria, compostas por profissionais com *expertises* temáticas.

Este perfil atendeu muito bem às demandas políticas e metodológicas das ações, porém, deixou muito a desejar no que dizia respeito a gestão. Assim, a partir de 2004, alguns financiamentos foram cortados. Convênios e contratos não foram renovados. Esta situação gerou um momento extremamente delicado, pois a única atitude que podia ser tomada era a mais radical, ou seja, equipes inteiras foram dispensadas e projetos finalizados.

Em novembro de 2005, no ápice da crise, após a perda do Referendo, o Viva Rio iniciou um processo de discussão interna, para o qual um grupo de pessoas foi convidado a participar. O processo ganhou o nome 'Viva Rio + 10 anos', e a idéia era que esse grupo desse sua opinião sobre a ONG e falasse sobre o contexto político e social da época. O grupo foi composto por: André Urani, economista e presidente do Instituto de Estudos do Trabalho e Sociedade (Iets); Raul Jungman e Fernando Gabeira, ambos deputados federais; Walter Mattos, empresário do ramo da comunicação; Luiz Eduardo Soares, antropólogo; Adilson Xavier e Lula Vieira, ambos publicitários; Jorge Eduardo Durão, sociólogo e diretor executivo da Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional (Fase), e diretor geral da Associação Brasileira de ONGs (Abong); Bernardo Sorj, sociólogo; Joaquim Falcão, diretor da escola de Direito da Fundação Getúlio Vargas; José Murillo de Carvalho, historiador

e membro da Academia Brasileira de Letras; Miguel Darcy, sociólogo e presidente do Idac; e Hubo Barreto, secretário-geral da Fundação Roberto Marinho e presidente do Grupo de Institutos, Fundações e Empresas (Gife).

Em encontros regulares, o grupo problematizou o Viva Rio, tentando entender o cenário no qual estava inserido, sua imagem, o contexto atual de participação da sociedade civil, a agenda política, o Rio de Janeiro e a área de segurança pública. Além desse grupo, o Viva Rio contou com a participação do Iser, que organizou uma série de grupos focais, formados pelos colaboradores do Viva Rio. Em todas as conversas, houve a participação de um moderador que orientou as perguntas sobre o contexto discutido.<sup>56</sup>

Doze anos já tinham se passado desde a fundação do Viva Rio. Ele nascera num ambiente de redemocratização. Enquanto que, em âmbito nacional, o Plano Real trouxera estabilidade à moeda, democratização, sociedade participativa, desenvolvimento e abandono do processo de estagnação, no Rio de Janeiro vivera-se um sentimento difícil naquele momento. O Viva Rio fora pensado como um renascimento, um recomeçar, como uma ação afirmativa, pois nascera num momento de abrir os horizontes. Surgira a partir de um reflexo da “campanha contra a fome”, apresentando-se num espaço novo, com uma linguagem nova.

O Viva Rio era autônomo, diante das formas tradicionais de associativismo. O Brasil e o Rio tinham uma perspectiva, tinham um novo horizonte. Passados todos esses anos, após o “tranco” do Referendo, o contexto havia mudado. O “mito de origem” do Viva Rio, que justificava seu nascimento e sua vocação, estava ultrapassado. Para o Viva Rio continuar a existir como uma grande ONG era preciso renovar. A violência continua até hoje como um dos principais problemas da sociedade. Chacinas e assassinatos continuam a ocorrer. A política de segurança pública, no nível estadual, ainda é alvo de constantes críticas. As polícias civil e militar continuam envolvidas com o crime organizado. As favelas ainda são controladas pelo tráfico e por milícias.<sup>57</sup> Outras ONGs, as consideradas de “dentro”, passaram a desenvolver ações significativas em suas comunidades, alcançando, inclusive, maior visibilidade do que o Viva Rio.

Era possível que o modelo do Viva Rio estivesse ultrapassado, e para descobrir qual era o problema ele estava tendo a audácia de se repensar.

### **A chance de transformação**

O grande desafio para o Viva Rio era pensar seu futuro. Para isso, era imprescindível buscar respostas para os questionamentos em baila. Mas a primeira grande pergunta era como a instituição se reposicionaria e desenvolveria capacidade para ter alguma visão de seu futuro e de sua capacidade de sustentação. Que perspectivas tinha o Viva Rio? Como trabalhá-las? Terceiro Setor ou sociedade civil? ONG ou movimento? Como reinventar sua imagem?

---

56 Fonte: Viva Rio. Material interno. Reuniões internas realizadas entre novembro e dezembro de 2005. (mimeo)

57 No Rio de Janeiro, grupos formados por policiais e ex-policiais militares, bombeiros, vigilantes, agentes penitenciários e militares, alguns moradores de favelas cariocas, formam um grupo organizado que se autodenomina de Autodefesa Comunitária (ADC). Este *milicianos* vêm atuando regularmente em várias localidades do Rio de Janeiro. Hoje, estima-se que cerca de 92 comunidades estejam sob o poder desses grupos. Fonte: Subsecretaria de Inteligência de Segurança Pública do Rio de Janeiro. <<http://www.seguranca.rj.gov.br/>>. Acesso em: 13/07/2007.

Os pontos de debate foram os seguintes: Referendo; relação com o governo; imagem; múltiplas frentes de trabalho; parcerias; estrutura organizacional. Estes temas nortearam todas as discussões. Entre as dez pessoas convidadas para contribuir com o processo de avaliação do Viva Rio parecia haver um consenso sobre a origem dos problemas principais da instituição: para quase todos, os problemas do Viva Rio estavam estampados em sua rotina. Seu dia-a-dia reproduzia, de forma sistemática, todas as questões que tanto a afligiam.

Um dos primeiros pontos levantados foi a forma como o Viva Rio lidava com suas parcerias. A crítica recorrente era a de que o Viva Rio representava mais uma ONG de ricos, de brancos e do asfalto. Ao desenvolver projetos, ele perpetuava esta distinção. Não ocorria uma troca, o Viva Rio não dividia os bônus, só os prejuízos. Para muitos, o Viva Rio deveria aprender a transferir tecnologias. Projetos deveriam ser desenvolvidos dentro da lógica de uma parceria mais aberta. Era uma crítica de fora, mas encontrava eco internamente também.

Era uma organização de múltiplas frentes. Mas, o que isto significava? Ele atuava nas mais diversas áreas, multiplicando suas atividades em vários pontos, adotando a idéia de que a violência se origina em diversos fatores e não apenas nela mesmo. Hoje, ao verificar a lista de projetos do Viva Rio, é possível identificar o grau de diversidade que a instituição alcançou. Havia um leque enorme de iniciativas e, ao analisar cada uma delas, individualmente, a conclusão mais evidente era a de que o Viva Rio perdera o foco.

A instituição chegara a ser comparada a uma ‘cesta’ de projetos, uma organização guarda-chuva. Ter múltiplas frentes implicara, diretamente, em sua estrutura organizacional. E para atender às demandas de todos os projetos desenvolvidos, burocratizara toda a sua estrutura de gestão. Este fato, aliado à concentração das instâncias de decisão, fez com que a entidade perdesse agilidade, uma de suas principais características.

A imagem do Viva Rio foi outro ponto bastante discutido. Para alguns, o Viva Rio havia perdido a capacidade de denúncia.<sup>58</sup> Sua postura de indignação havia sido substituída pela acomodação. O Viva Rio precisava voltar a ser crítico e isso talvez só fosse possível se ele rompesse com seu próprio estigma: o de ser uma instituição de passeatas, da Zona Sul da cidade. Além disso, era preciso que o Viva Rio retomasse o engajamento com a (multi)mídia. A instituição, com o afastamento de *O Dia* e do *Jornal do Brasil*, passou a ter uma relação de proximidade com as Organizações Globo. Isso, ao mesmo tempo que trazia frutos, agregava complicações. As Organizações Globo, por si só, já eram matéria controversa. Ao se associar ao sistema Globo, o Viva Rio assumiu o risco de trazer para si parte da crítica a ele destinada. As críticas recebidas pela Globo facilmente atingiriam o Viva Rio. Já as críticas ao Viva Rio não afetariam a empresa. O momento exigia mudança de estratégia, era preciso ampliar a relação com a mídia, a exclusividade gerava dependência e distorções.

Outra relação que causava estranheza era com os governos estadual e municipal. Vários projetos do Viva Rio eram desenvolvidos em “parceria” com o estado e o município. Contudo, a necessidade de manter essa parceria não deveria amortecer as críticas e as denúncias a este mesmo governo. A opção do Viva Rio, em sua origem, havia sido abrir canais de diálogo e produzir projetos que pudessem ser encampados pelo mercado e se transformassem em políticas públicas. Porém, continuava o mesmo o quadro perverso que atormentava a cidade no momento de

---

58 Fonte: Viva Rio. Material interno. Reuniões internas realizadas entre novembro e dezembro de 2005. (mimeo)

criação do Viva Rio! Os índices de violência não estavam diminuindo. E por que esses índices não se revertiam? Uma das respostas era a ineficiência dos sucessivos governos. E como o Viva Rio deveria se posicionar neste contexto? A resposta indicava que ele não poderia se manter neutro. Nessa conjuntura, a neutralidade poderia ser considerada omissão.<sup>59</sup>

ONGs como o Viva Rio, que dependem do relacionamento com a opinião pública, têm um problema que é a volatilidade desta opinião. Seria possível que o Viva Rio adotasse a estratégia do Greenpeace, uma instituição sem fins lucrativos e independente financeiramente de empresas, governos e partidos políticos? Esta ONG só aceita doações de pessoas físicas, nunca de pessoas jurídicas. Por essa razão, é de extrema importância a participação dos colaboradores, que garantem os recursos financeiros necessários para que a instituição possa continuar seu trabalho em defesa do meio ambiente.<sup>60</sup> Essa poderia ser uma das saídas, mas ainda não havia clareza sobre os próximos passos da instituição.

Ao final da avaliação, apontou-se para o seguinte quadro: o Viva Rio possuía um núcleo de competências. Tinha capacidade de atuação em comunidades de baixa renda, de desenvolver metodologias inovadoras e abrangentes – aptas a empoderar indivíduos e comunidades –, de realizar projetos em grande escala, de ter acesso ao poder público ou de sensibilizar e envolvê-lo na realização dos projetos, de produção de informação diferenciada e qualificada. Possuía uma marca de credibilidade, com acesso e bom relacionamento com a mídia. Tudo isso era importante, mas era necessário fazer escolhas. Não era mais possível atuar em *todas* as frentes. As escolhas identificadas na avaliação foram as seguintes: foco temático; foco territorial; função principal; campo de trabalho; perfil organizacional; contexto de referência; relação com a sociedade e com o governo; imagem; relação com o contexto político atual; parcerias; estratégia financeira; avaliação.<sup>61</sup> É interessante destacar que em função das escolhas, o Viva Rio iria passar por mudanças significativas.

Era imprescindível que se escolhesse o foco temático. Nos últimos anos, a ONG havia desenvolvido ações de impacto entre jovens em situação de risco, projetos sobre gênero, projetos sobre segurança pública e segurança humana. O Viva Rio investiu, a princípio, quase todos os esforços na cidade do Rio de Janeiro,<sup>62</sup> porém, com o passar dos anos, seu foco territorial foi sendo alterado. Ele deixou de ser local para ser “global”, desenvolvendo ações em âmbito nacional e internacional. Este ponto era muito controverso, pois alguns de seus financiadores internacionais mais importantes investiram no Viva Rio por identificarem que se tratava de uma instituição que podia contribuir, de modo significativo, com o processo de transformação da América Latina. A tendência, nesse caso, era que o Viva Rio permanecesse atuando de forma “global”.<sup>63</sup>

---

59 Fonte: Viva Rio, Arquivo interno. Reuniões internas realizadas entre novembro e dezembro de 2005. (mimeo).

60 Para maiores informações, ver <http://www.greenpeace.org/brasil/quemsomos/nossos-valores>. Acesso em: 25/07/2007.

61 Fonte: Viva Rio. Material interno. Reuniões internas realizadas entre novembro e dezembro de 2005. (mimeo)

62 A prefeitura do Rio de Janeiro, ainda na segunda metade da década de 1990, rompeu publicamente com o Viva Rio. Após esse rompimento, a instituição passou a ter dificuldades de desenvolver projetos em parceria com a prefeitura e passou a ser alvo de críticas contundentes do prefeito César Maia.

63 Fonte: Viva Rio. Material interno. Reuniões internas realizadas entre novembro e dezembro de 2005. (mimeo)

Muitos identificavam ser a capacidade de mobilização um dos pontos mais importantes de sua trajetória. Mas, outros fatores pareciam significativos: a capacidade de o Viva Rio se transformar num laboratório social e a necessidade de retomar um processo de reflexão. Ao desenvolver alguns projetos pilotos, o Viva Rio havia contribuído para políticas públicas nacionais. Esta característica, segundo alguns, qualificava seu trabalho. Além disso, O Viva Rio precisava interiorizar a discussão sobre novas tecnologias. Somente assim novas idéias poderiam surgir. Era necessária uma atualização e esse investimento se mostrava primordial ao seu crescimento.

Outro ponto importante e, sintomaticamente, um dos menos discutidos, era a necessidade de se mexer na estrutura organizacional. A forma como o Viva Rio vinha atuando – com suas equipes grandiosas – tornara-se insustentável. A instituição precisava modificar sua gestão de maneira radical. Havia uma necessidade de enxugar e reduzir, para, talvez, crescer no futuro. Esse ponto, do ponto de vista interna, era considerado nevrálgico. Se ele não fosse pensado e modificado, era provável que todas as outras mudanças fossem, pouco a pouco, sendo minadas.

Durante o mês de dezembro de 2005, em pleno processo de avaliação, vários grupos focais foram realizados com as equipes internas do Viva Rio. Diferentemente de outros momentos, quando apenas as equipes de coordenação eram chamadas para o debate, equipes intermediárias participaram das discussões.

O Iser, sob a coordenação da pesquisadora Ana Maria Quiroga e a assistência de Christina Vital, realizou uma série de encontros de grupos e individuais, com os colaboradores do Viva Rio – precisava-se pensá-lo levando em conta os próximos dez anos. Contudo, estes encontros demonstraram que a desmobilização interna era maior do que se esperava. Algumas equipes se sentiam desvalorizadas, os processos da instituição não eram claros, pessoas não mais se identificavam com a causa ou nem sabiam mais qual era a causa...

O relatório final, documento interno da instituição, em linhas gerais, apresentou resultados bastante similares aos do grupo de palestrantes convidados. A direção do Viva Rio e os conselheiros que compunham a comissão de gestão, responsável por dar provimento aos resultados extraídos do processo de reformulação, tinham nas mãos a decisão de dar novos rumos à instituição.

Assim, o resultado do Referendo possibilitou que a instituição parasse e pensasse. A pergunta, agora, era o que aconteceria dali em diante.

### **A promessa de novos tempos**

Ao final do ano de 2005, o Viva Rio estava cansado.

Cansado pelo Referendo, cansado pelo processo de discussão.

O curto período de recesso não havia sido suficiente para recarregar suas energias.

Além de tudo, os acontecimentos do último ano não tinham permitido que a instituição tivesse tido tempo para fazer seu planejamento para 2006. Várias perguntas continuavam sem respostas. Durante todo aquele ano, haviam ocorrido várias demissões. Muitos projetos tinham sido encerrados e outros ‘encolhidos’. A situação contribuiu para o clima de desânimo que o Viva Rio emanava na passagem de ano.

2006 não apresentava, de imediato, soluções diferentes. Alguns projetos precisavam ser revistos, e mais equipes foram demitidas. Na área de educação,

em razão da drástica diminuição dos convênios, houve a redução de cerca de 50% no número de pessoas da equipe. Na área de comunicação, boa parte da equipe de jornalistas foi dispensada, permanecendo os correspondentes comunitários e as equipes vinculadas aos *sites* da instituição. A área de segurança humana, quase toda a equipe foi mantida, em razão dos convênios firmados até o final de 2006.

Esse momento foi extremamente confuso para o Viva Rio. Várias das perguntas formuladas ao final do ano continuavam em aberto. A instituição seguia sendo criticada. As múltiplas frentes continuavam como política da instituição. O Viva Rio entrou numa fase de ostracismo. Continuou a desenvolver projetos e a receber críticas de outras ONGs locais. Aventurou-se no Haiti, pois fora convidado pela ONU para desenvolver projetos ligados ao desarmamento e à pacificação daquele país.<sup>64</sup> Rubem César comparou a iniciativa, em diversas entrevistas dadas sobre o projeto, ao processo de revitalização da Lapa, bairro boêmio do Rio de Janeiro, ou do Pelourinho, bairro histórico de Salvador, capital da Bahia. Seu foco, pelo menos o da diretoria por ele representada, saiu da cidade do Rio de Janeiro, deslocando-se para bem longe.

Financeiramente, 2006 também representou uma queda na instituição: a receita acumulada no ano foi de cerca de R\$ 16 milhões, em contraponto aos mais de R\$ 20 milhões de 2005. O Viva Rio viveu, ao final de 2005, uma crise de identidade, fosse ela motivada pela perda no Referendo, fosse pela iminência de uma crise financeira grave. Diversas personalidades, formadoras de opinião, alertaram-no sobre a necessidade de rever seu papel na sociedade civil. Chamaram a atenção de seus dirigentes para o fato de que, mesmo com a emergência da hora, o processo seria longo e penoso, mas que era preciso ser firme nas próximas escolhas. Mudanças foram feitas, processos foram iniciados. Mas, outra vez, não havia garantia de sucesso.

Diferentemente da crise de dez anos atrás, em 1996, após o “Reage Rio!”, desta vez, havia um esvaziamento do engajamento. Um dos maiores capitais do Viva Rio eram as pessoas que o compunham, os idealistas. Boa parte de sua equipe permaneceu na instituição entre cinco e dez anos. Muitos entraram como voluntários e tiveram toda a sua formação cidadã e profissional dentro da instituição, e eram motivados por seus valores claros, pelos princípios que norteavam todas as ações, que transformavam a participação individual em uma experiência coletiva. Qualquer caminho que a instituição resolvesse tomar precisava levar em conta este capital, perdê-lo poderia significar a ruína e o esquecimento.<sup>65</sup>

Por fim, o que se pode dizer é que o Viva Rio é uma das organizações mais importantes da história do Rio de Janeiro e do Brasil: com apenas 13 anos de existência, mobilizou, engajou e modificou a vida de centenas de milhares de pessoas. Várias instituições se formaram a partir de sua existência e, hoje, elas mesmas o renegam. Diferentes movimentos surgiram à sua imagem e semelhança.<sup>66</sup> As favelas

---

64 O projeto será desenvolvido na capital haitiana, Porto Príncipe, com financiamento da Igreja da Noruega e terá a duração inicial de cinco anos.

65 Fonte: Viva Rio. Documentos internos. c. 2006 (mimeo).

66 No ano de 2004 surgiu no Rio de Janeiro um movimento intitulado Basta! Hoje, o movimento é uma organização não governamental, com atuação mais voltada para campanhas de conscientização e mobilização a partir de uma temática específica. Sua bandeira também é o combate à violência. Fonte: <<http://movimentobasta.com.br/movimento.html>>. Acesso em: 13/07/2007. Já no ano de 2007, um grupo de cariocas integrantes da organização Rio PAZ começou a promover algumas manifestações na orla carioca e em outras localidades do país. Estas manifestações, como a recente colocação de 700 cruces

cariocas passam a ter representantes e ações próprias de combate à violência e à desigualdade. As ONGs de “dentro” passam a *competir* de forma igualitária com as ONGs “de fora”.

A violência continua atingindo patamares elevados. O papel de mediador, seja da dor ou da revolta, passou, em muitos casos, a ser protagonizado pelas próprias vítimas dessa situação aparentemente ‘sem governo’. Assim, novas dinâmicas de mobilização e ação social são elementos decisivos de uma nova forma de participação cidadã.

Novos conceitos sobre empoderamento, autoridade, poder policial, e tantos outros, estão sendo gestados e prometem desbancar valores aparentemente arraigados. Portanto, talvez ainda nos reste uma importante indagação: será que o Viva Rio sobreviverá aos novos tempos?

---

na praia de Copacabana (em sinal de luto pelas vítimas da violência urbana) ou o hasteamento de 15 mil lenços brancos, simbolizando mortes violentas, na praça do Três Poderes em Brasília, têm como intenção alertar e protestar frente a situação caótica de violência que a cidade do Rio de Janeiro, e o Brasil, vem passando.

## Referências bibliográficas

- BIRMAN, Patrícia & LEITE, Márcia Pereira (Orgs.). *Um mural para a dor: movimentos cívico-religiosos por justiça e paz*. Porto Alegre: UFRGS/Pronex, 2004.
- CARVALHO, José Murilo de. *Cidadania no Brasil: o longo caminho*. 6 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.
- DOWDNEY, Luke. *Crianças do tráfico: um estudo de caso de crianças em violência armada organizada no Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003.
- FERNANDES, R. C. Introdução. In: LANDIM, Leilah (Org.) *Sem fins lucrativos: as organizações não-governamentais no Brasil*. Rio de Janeiro: Iser, 1998.
- \_\_\_\_\_. Elos de uma cidadania planetária. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo; Anpocs, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Privado, porém público: o terceiro setor na América Latina*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.
- ISER. *Comunicações do Iser n. 49*. “Cidade em Movimento”, Rio de Janeiro. Ano 17, 1998.
- LANDIM, Leilah. *A invenção das ONGs: do serviço invisível à profissão sem nome*. 1993. Tese de Doutorado em Antropologia, Museu Nacional (Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social), Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1993.
- MESQUITA NETO, P. de & AFFONSO, B. *Policiamento comunitário: a experiência em São Paulo*. São Paulo: Núcleo de Estudos da Violência da Universidade de São Paulo, 1998 (manuscrito).
- MIRANDA, Napoleão. *Sociedade civil e cidadania: o caso do Viva-Rio*. Tese de doutorado em Sociologia. Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Instrução (SBI) / Iuperj, 1998. 2v.
- NOVAIS, Regina (Org.). Cidade em movimento. *Comunicações do Iser*, n. 49. Rio de Janeiro, 1998.
- PANDOLFI, Dulce & GRYNSZPAN, Mario (Orgs.). *A favela fala: depoimentos ao CPDOC*, Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.
- \_\_\_\_\_. & HEYMANN, Luciana (Orgs.). *Um abraço, Betinho*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.
- RAMOS, S. (Org.), *Mídia e violência urbana*. Rio de Janeiro: Faperj, 1994.
- SOARES, Luiz Eduardo. Sociedade civil e movimentos sociais no mundo globalizado. *Comunicações Iser*, n. 49, ano 17, Rio de Janeiro, 1998.
- \_\_\_\_\_. *et al.* “Criminalidade urbana e violência: o Rio de Janeiro no contexto internacional”. In: *Violência e política no Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro: Iser/Relume Dumará, 1996.
- SORJ, Bernardo. [Brasil@povo.com](http://brasil@povo.com): a luta contra a desigualdade na sociedade da informação. Rio de Janeiro/Brasília: Jorge Zahar/Unesco.
- VALLADARES, Lícia do Prado. *A invenção da favela – Do mito de origem à favela.com*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.
- VENTURA, Zuenir. *Cidade partida*. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.
- WASELFISSZ, Julio Jacobo. *Mapa da violência IV. Os jovens do Brasil: juventude,*

*violência e cidadania*. Brasília: Edições Futura/Unesco, 2004.

ZALUAR, Alba & ALVITO, Marcos. *Um século de favela*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

**Periódicos consultados**

*Jornal do Brasil*: setembro de 1993 até dezembro de 2005.

*O Dia*: setembro de 1993 até dezembro de 2005.

*O Globo*: setembro de 1993 até dezembro de 2005.

*Veja*: outubro-dezembro de 1995.

## Anexo I

### Conselho de Coordenação do Viva Rio

1994

- **Arnaldo Cesar** (Chefe de Redação do jornal O DIA)
- **Arthur Sendas** - Presidente da Associação Comercial do Rio de Janeiro
- **Betinho** (Hebert de Souza - Sociólogo, IBASE, Ação da Cidadania), em memória
- **Caio Fábio D'Araújo Filho** (Presidente da Associação Evangélica Brasileira)
- **Carlos Manoel C. Lima** (Vice-Presidente da Confederação de Sindicatos Metalúrgicos do Brasil)
- **Clarice Pechman** (Economista, Presidente da Associação Brasileira de Câmbio)
- **Eduardo Eugênio Gouvêa Vieira** (Presidente da Federação de Indústrias do Rio de Janeiro)
- **Humberto Motta** (Presidente de Honra da Associação Comercial, RJ)
- **Itamar Silva** (Coordenador da ONG Bento Rubião e Coordenador Geral do Grupo ECO na Favela Santa Marta)
- **José Roberto Marinho** (Organizações Globo)
- **Joaquim Falcão** (Secretário Geral da Fundação Roberto Marinho)
- **Jorge Hilário Gouveia** Vieira (Advogado)
- **Luis Fernando Levy** (Presidente do jornal Gazeta Mercantil)
- **Maria Cristina Sá** (Coordenadora da Pastoral do Menor, Arquidiocese do Rio de Janeiro)
- **Miguel Darcy de Oliveira** (Secretário executivo do IDAC, conselheiro da Comunidade Solidária)
- **Ricardo Amaral** (Empresário Cultural)
- **Roberto Medina** (Empresário de Publicidade, diretor da Artplan)
- **Rubem César Fernandes** (Secretário Executivo do ISER e Secretário Executivo do Viva Rio)
- **Walter de Mattos Jr.** (empresário da área de comunicação)
- **Zuenir Carlos Ventura** (Jornalista do Jornal do Brasil e escritor)

## **ANEXO II**

### **Cronologia e Imagens de Campanhas**

**Fonte: Arquivo de imagens Viva Rio**

**1993 ate 2006**

**1993 – “Dois Minutos de Silêncio”.**





#### **1994 – “Unir Forças do Rio”.**

Campanha pela união das forças políticas e populares no Rio de Janeiro para minimizar a violência. A campanha envolvia o poder federal, estadual, municipal e a sociedade, com todas as suas forças, com o objetivo de reunir forças armadas, polícia civil, guarda municipal, sociedade civil organizada e empresariado no comprometimento com a segurança pública.

#### **1993 – “Desarme-se”.**



Campanha realizada entre novembro de 1994 e fevereiro de 1995, em contraponto à ação dos Exércitos no Rio de Janeiro.

## 1995 – “Reage Rio!”

Campanha realizada entre novembro de 1994 e fevereiro de 1995, em contraponto à ação dos Exércitos no Rio de Janeiro.





**1997 – “Overcome Violence.”**

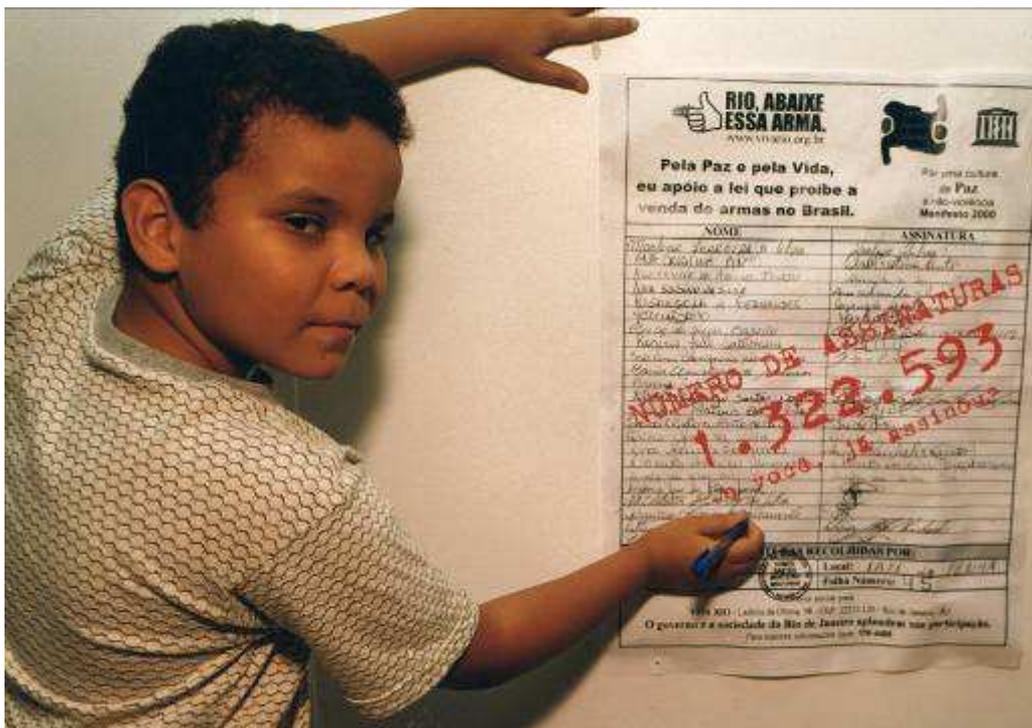


Coordenação, no Rio, da campanha internacional promovida pelo Conselho Mundial de Igrejas em sete cidades do mundo caracterizadas por seus altos índices de violência. O programa envolvia 21 ações concretas em seis áreas: campanhas de informação e propostas de legislação; iniciativas comunitárias para mediação de conflitos; criação de redes de ajuda mútua para vítimas da violência; projetos voltados para os jovens; capacitação de policiais; e treinamento de líderes comunitários. A maior parte destas ações foram consolidadas como projetos Viva Rio, hoje em andamento.

**1999 – “Rio Abaixo essa arma.”**



Recolhimento de 1.312.929 assinaturas em apoio à lei que proíbe a venda de armas no Brasil e campanha nacional de conscientização sobre a necessidade do desarmamento da sociedade civil, estendendo o movimento iniciado no Rio de Janeiro.



2000 – “Basta eu quero paz.”



Campanha nacional pelo fim da violência, que mobilizou 16 capitais brasileiras. No dia 7 de julho de 2000, milhares de pessoas vestiram roupas brancas, acenderam velas e participaram de atos pela paz. Veja o resumo dos acontecimentos nas manifestações em todo o país:



2001 - "Mãe desarme seu filho".



Campanha lançada em solidariedade a grande polêmica que o vídeo "Soldado do Morro", do rapper MV Bill, causou.



2001 - “ Arma não! Ela ou eu.”



O Viva Rio reuniu mulheres, publicitárias, jornalistas, artistas, escritoras, pesquisadoras, mães que perderam seus filhos e parentes para estarem à frente da campanha "Arma Não! Ela Ou Eu", lançada no Dia das Mães, em maio de 2001. "Arma Não! Ela Ou Eu" pretende promover a reflexão sobre o perigo da arma de fogo, aumentar a pressão popular em prol do desarmamento e ampliar o movimento para outros estados e países.



## 2001 – Rio sem armas.



Cem mil armas de fogo foram destruídas no dia 24 de junho de 2001, no Aterro do Flamengo: a maior destruição simultânea já realizada no mundo. Cerca de 20 mil pessoas participaram da cerimônia, realizada em parceria com o governo do estado.



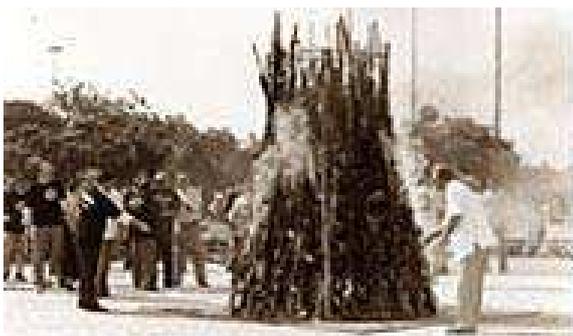
2001 – Basta de terror. Eu quero paz.



Campanha contra o terrorismo e contra todo o tipo de violência, em resposta aos atentados de 11 de setembro e à guerra no Afeganistão. Após o lançamento da campanha, no estádio do Maracanã, milhares de pessoas foram às ruas do Centro do Rio para uma grande caminhada pela paz. O abaixo-assinado, realizado via Internet com apoio de mais de 30 sites, recebeu cerca de sete mil adesões contra a possibilidade de mais uma guerra e a propagação da violência no mundo.



**2002 – Dia Internacional de Destruição de Armas**



Dentro da programação do Dia Internacional de Destruição de Armas, celebrado em 9 de julho, o Governo do Estado e o Viva Rio promoveram, no dia 12 de julho de 2002, a destruição de 10 mil armas de fogo apreendidas durante o ano de 1997.

**2003 – Brasil sem armas.**



Governo e sociedade se uniram para a realização da campanha de entrega voluntária de armas. O objetivo era reduzir o número de armas de fogo em circulação e conscientizar o povo sobre o perigo que representa para a família manter uma arma em casa e, mais ainda, transitar com ela.





**2005 - Campanha do Referendo**



### ANEXO III

#### LISTAGEM DE MATÉRIAS SOBRE O VIVA RIO

1993 A 1999

FONTE: CLIPPING VIVA RIO

Nº	ANO	DATA	MANCHETE/ JORNAL	SINOPSE DA MATÉRIA
1	1993	20/11	Prefeito adere à campanha VIVA RIO/ O DIA	O prefeito César Maia apoiou os dois minutos de silêncio propostos pela organização Viva Rio para a recuperação da cidade. A manifestação será no dia 17/12/1993 e o prefeito fez uma sugestão: todos, depois de participarem dos minutos de silêncio, deveriam ficar mais dois minutos fora de casa, do escritório. Ninguém deveria ficar em locais fechados. Seria uma ocupação da cidade pelos próprios cidadãos em protesto. A grande vantagem do Viva Rio, segundo o prefeito, é o fato da organização não ser atribuída a ninguém e sim ao cidadão de forma geral e à cidade do Rio de Janeiro. Nas palavras do prefeito, esta é uma vantagem, mas por isso mesmo não sabe a quem recorrer: “Eu não sei nem quem procurar porque eu não sei quem manda no Viva Rio. Graças a Deus não tem chefe, graças a Deus”, disse o prefeito.
2	1993	24/11	Lançado o movimento para melhorar o astral do Rio/ O GLOBO	No restaurante Rio's, no Flamengo, reuniram-se estrelas do vôlei como Isabel, empresários como Ricardo Amaral, lideranças sociais como Betinho, sindicalistas e líderes comunitários como Caio Ferraz, de Vigário Geral e Itamar Silva, do morro Santa Marta. Neste encontro buscavam maneiras de fazer o evento, programando para o dia 17/12/1993, estabelecer um marco na retorno à alegria do Rio. Betinho não se assusta com a possibilidade do movimento fracassar como já aconteceu em inúmeros outros casos. Em suas palavras: “Esse movimento vai servir para pensar o Rio que queremos para daqui a 15 ou 20 anos. É uma mobilização extremamente importante, num momento em que o Rio está tão traumatizado”.
3	1993	01/12	Sindicatos aderem à campanha Viva Rio/ JB	Diversos sindicatos do Rio de Janeiro se reuniram com a finalidade de apoiar a mobilização do dia 17/12 promovida pelo Viva Rio. A reunião foi realizada na sede do Sindicato dos Metalúrgicos. Ao Sindicato dos Bancários caberá paralisar as agências da cidade assim como interditar a Av. Rio Branco. Um carro de som vai parar em frente ao Hospital da Lagoa, antes das 12h do dia 17/12, para convocar os funcionários para que interditem a rua Jardim Botânico. Na Cinelândia, um representante de cada sindicato formará a palavra Emprego em frente à Câmara dos Vereadores no momento da paralisação. A coordenadora da campanha, Clarice Pechman, apresentou o projeto na Câmara dos Vereadores no dia 30/11/1993, e teve o apoio dos parlamentares.
4	1993	02/12	Favelas aderem ao movimento Viva Rio/ JB	Lideranças do Morro da Pedreira, Matinha, Sumaré, Santa Marta, Campinho, Candelária e Vigário geral acertaram sua participação no movimento. Itamar Silva, um dos

				coordenadores da campanha, diz que a associação de moradores já não é a única voz na favela, outros grupos e movimentos se somam a ela para a paz.
5	1993	05/12	Ônibus param 2 minutos no dia 17/JB	A campanha Viva Rio recebeu o apoio dos sindicatos dos rodoviários e das empresas de ônibus. Esses se comprometeram a parar durante os dois minutos no dia 17/12. As agências de Viagens prometeram descontos de até 70% para quem viajar para a cidade durante a Campanha. Rubem César, então coordenador do ISER e idealizador do Viva Rio diz que “a idéia é criar um slogan do tipo <i>Nunca Foi Tão Barato ir ao Rio Para Vê-lo Sem Violência</i> ”. O Sindicato dos Bancários também aderiu à campanha e promete enviar mensagens referentes ao movimento através dos extratos bancários aos seus clientes. O Rio Bikers farão um passeio divulgando a Campanha.
6	1993	12/12	Alguns Eventos já confirmados/ fazer o evento, do JB	Em várias páginas foram noticiados eventos e adesões ao movimento Viva Rio. Ilustradores do JB prestaram homenagens ao movimento elaborando um painel a 10 mãos, Ique, Alledo, Massarani, Lula e Liberati. Dados sobre mortes, furtos e roubos na cidade também aparecem. O depoimento de Maitê Proença, Mário Borriello, Carnavalesco, Bernard, jogador de Vôlei, Ivo Meirelles, cantor, Sergio Cabral, vereador, entre outros. O Viva Rio é definido não somente como um movimento de exaltação ao Rio, mas, sobretudo, uma ação conjunta da sociedade, resultado da indignação geral do carioca contra todas as formas de violência, visto que desde uma liderança comunitária até o presidente da associação comercial compõem a mesa de sugestões da campanha.
7	1993	16/12	Presidente também vai parar durante dois minutos amanhã/ JB	O presidente Itamar Franco sugere que o movimento alcance todo o país. Itamar reuniu-se com representantes do movimento Viva Rio, dia 15/12, no Hotel Glória, do Rio. Clarice Pechman acredita que a violência entre os jovens concentra-se na faixa de 13 a 17 anos e que os programas de ação caminham nesta direção. Rubem César, antropólogo do ISER confirma a benção a cerca de 150 mil evangélicos e 5 mil PMs uniformizados no dia 18/12, na Cinelândia.
8	1993	16/12	Abraço à Candelária inicia silêncio pela paz/ JB	O Ministro da Fazenda, o prefeito César Maia e dom Eugênio Sales confirmaram presença em ato que marcará a manifestação pelo fim da violência. Todos irão participar do abraço à igreja da Candelária, idealizado por Humberto Motta, 37 anos, Presidente da Associação Comercial do Rio de Janeiro.
9	1993	17/12	Relógios digitais marcam hora de parar pelo Rio/ O GLOBO	A reportagem mostra como, em vários cantos da cidade, as pessoas se organizaram para participar do movimento proposto pelo Viva Rio. Mostra as pessoas que se encontraram informalmente, da paralisação nas universidades, da adesão na rodoviária Novo Rio. Destaque para os Maçons que pela primeira vez em sua história vão às ruas em frente à loja na rua Mariz e Barros com sua vestimenta oficial reservada para cerimônias oficiais nos templos.
10	1993	17/12	Correntes religiosas vão rezar hoje pela paz/ JB	Cerimônias serão realizadas ao ar livre em pontos do Aterro do Flamengo, Glória, Cinelândia e Corcovado, a partir das 15h. A matéria trata do encontro Inter-religioso que acontecerá no dia 18/12, com a participação de mais de 30 grupos religiosos.
11	1993	17/12	Um ato de amor ao	A matéria fala das manifestações que ocorrerão como as

			Rio/ O DIA	palavras paz e emprego que serão formadas na Cinelândia por pessoas engajadas na campanha. Há também indicações de como proceder caso esteja no carro, em sacadas de prédios comerciais no centro e nas varandas dos apartamentos.
12	1993	18/12	Carioca enfrenta até a chuva e pára por uma cidade melhor/ O DIA	Choveu muito o dia inteiro da manifestação, mas os cariocas foram às ruas mesmo assim e pararam por dois minutos.
13	1993	18/12	Viva Rio é para sempre/ O DIA	Uma reportagem de capa mostra o sucesso da campanha idealizada pelo Viva Rio e vislumbra sua existência para sempre. Isso porque a resposta da sociedade civil atendeu prontamente à campanha demonstrando sua vontade de mudança e disposição para participar desta mudança.
14	1993	18/12	Rio dá uma chance à paz/ JB	Milhares de cariocas aderem ao Viva Rio e, por dois minutos, refletem sobre a violência. Na candelária, 'buzinaço' e cantoria saúdam campanha pela paz. Betinho e meninos de rua: imagem da paz e das vítimas juntos na campanha por uma cidade melhor. Clima de festa toma conta da Cinelândia. Aplausos ganham pátio de estaleiro. Trânsito atrasa o prefeito pontual. Vereadores dançaram e cantaram antes e depois da festa na Cinelândia. A chuva, infelizmente, não permitiu que se formasse a palavra paz na praça. Várias fotos da paralisação na cidade constam da matéria.
15	1993	18/12	Candelária mostrou a cara da cidade/ JB	Diante do marco do extermínio de crianças de rua, as lágrimas explodiram junto com os sons dos sinos, do buzinaço e do samba. A reportagem também trata de falar como a emoção dominou os organizadores. Pedidos de emprego e paz foram feitos. A Banda da PM toca 'Cidade Maravilhosa' para platéia animada na Cinelândia. Brizola exalta o novo tempo que tem início com o sucesso da campanha.
16	1993	18/12	Carioca sai à chuva por amor ao Rio/ JB	Temporal foi recebido como a adesão de São Pedro aos atos e manifestações pacifistas, de diversos grupos, aconteceram por toda a cidade. Maçons deram colorido à Tijuca. Um grande abraço à "árvore da vida" foi dado por operários no centro do Rio. Grupos religiosos fazem cultos e show agita hoje o Aterro. No Pão de Açúcar houve chuva de pétalas. Organizadores da campanha não incluíram no roteiro das manifestações a favela de Vigário Geral, o que foi criticado pela mídia e assumido como um erro por Rubem César, um dos coordenadores da campanha.
17	1993	18/12	Bolsa de Valores faz pregão diferente/ JB	Durante dois minutos não houve gritos e sequer sussurros marcando a compra e a venda de ações realizadas por 220 operadores. Operários no Caju soltam balões da paz. Petrobrás pede solidariedade. Guarda-chuvas e rosas no Copa. Cadeias de rádios convocam a cidade.
18	1993	20/12	Cardeal abençoa o Rio do alto do Corcovado/ JB	Dom Eugenio encerra a programação religiosa do Viva Rio rezando a Ave-Maria e pedindo paz e tranqüilidade para a Cidade. Uma cidade cantada em versos e prosas. O show ecumênico no Aterro marcou o Viva Rio como um movimento sem fronteiras. O amor pelo Rio extrapola os limites da cidade. Maços estudam auxílio a pobres. Acaba a guerra entre as "nações" religiosas. Evangélicos festejam a paz na Cinelândia.
19	1993	25/12	Vigário Geral tem ceia com 5 mil cestas básicas/	Nos postos de distribuição todos aguardaram a vez de receber 15 kg de alimentos. As cestas foram doadas pela comissão de Cidadãos do Viva Rio. Na véspera da

			O DIA	entrega, senhas foram distribuídas para evitar qualquer tipo de confusão. Com moradores se uniram para entregá-las em todas as casas da favela.
20	1993	26/12	Movimento despertou cariocas para a luta contra a violência/ O DIA	A Comissão de Cidadãos convocou, duas semanas antes da paralisação do dia 17/12, representantes da sociedade ligados à questão da violência. O objetivo da Comissão era colher sugestões de quem convive, estuda ou previne a violência na cidade. Participaram dos encontros ex-secretários de Estado, economistas, juízes, cientistas políticos e representantes de entidades faveladas em busca das causas e soluções para o problema. Noutro momento a Comissão se reuniu a fim de avaliar as propostas feitas. As principais propostas do movimento Viva Rio aparecem assim: empregos (Carlos Lessa), Juventude (Nelson Maculan), Polícia (Nilo Batista, Cerqueira e Saboya), Sistema Penitenciário (Julita Lengruber).
21	1993	28/12	Debate indica que tráfico leva o terror às favelas/ JB	A matéria trata de falar do conteúdo do debate na Comissão de Cidadãos do Viva Rio, nas duas semanas que antecederam à paralisação do dia 17/12. Na Comissão Alba Zaluar fala que o tráfico é capaz de abalar as relações sociais, inibindo-as pela chantagem cotidiana. As articulações autônomas dos moradores ficam coibidas. Itamar Silva disse também que até 1980 era bom morar no morro, mas depois, com a chegada do tráfico, tudo ficou pior. A matéria também trata de enfocar o poder sedutor do tráfico sobre os jovens. Nesse sentido, Itamar Silva disse que a expansão do tráfico através de cooptação dos jovens é a forma mais cruel de crescimento dessa atividade criminosa.

	ANO	DATA	MANCHETE	MATÉRIA
22	1994	09/01	Viva Rio/ O Globo	Pequenas empresas empregarão 1500 presidiários. Além de ganharem 1 salário mínimo, a cada 3 dias de trabalho, menos 1 dia de pena.
23	1994	23/01	Com dedicação 'religiosa' ao Rio de Janeiro/ Revista Domingo do JB	A matéria de capa sobre o Iser conta sua história e sua luta para se firmar como uma das maiores ONG's do Rio de Janeiro. Apesar de ter um nome que sugere uma temática religiosa, sempre atuou junto às comunidades e minorias com uma política independente. Nas palavras de Regina Novas: "É privado sem ser empresa e público sem ser estado". Conta também a dedicação dos profissionais envolvidos, que embora mal remunerados, têm a maior satisfação em trabalhar em uma ONG tão útil para a sociedade.
24	1994	04/02	Encontro histórico decide segurança do Rio/ O Globo	O encontro 'Viva Rio' reúne políticos, empresários e representantes da sociedade para discutir propostas de segurança para um melhor aproveitamento turístico da cidade.
25	1994	05/02	Rio ganha CR\$ 14,5 bilhões para recuperar sua imagem/ O DIA	O encontro, que discutiu propostas de recuperação e revitalização do Rio, para garantir a segurança nos corredores de lazer da cidade, foi um sucesso. O Ministério da Indústria, Comércio e Turismo anunciou medidas para aumentar o turismo na cidade maravilhosa: uma verba de US\$ 30 milhões para uma campanha de <i>marketing</i> internacional, a vinda ao Rio de uma equipe da Organização Mundial de Turismo (OMT) e a liberação de um financiamento do BNDES para reformas na rede hoteleira do Rio. Outras propostas foram discutidas pelo encontro 'Viva Rio', como um sistema de Proteção e Atendimento ao Turista.
26	1994	02/03	Copacabana terá dia 11 policimento comunitário/ O Globo	Um novo esquema de segurança, traçado pela PM e pelo Movimento Viva Rio, começa a funcionar dia 11 em Copacabana. O bairro contará com um efetivo de 860 homens da PM e será dividido em 6 áreas, cada uma funcionando um Conselho Comunitário de Área (CCA).
27	1994	02/03	'Naviata' protestará contra corte de verba/ O Globo	Em mais uma campanha para revitalizar o Rio, o Viva Rio, juntamente com trabalhadores e empresários de construção naval, realizará dia 13, uma <i>naviata</i> , que reunirá barcos e navios na Baía de Guanabara para chamar a atenção da sociedade para o corte de US\$ 294 milhões na verba do Fundo da Marinha Mercante, que trará desempregos para o Estado, que detém 90% do setor naval do Brasil.
28	1994	08/03	Movimento convoca frente de deputados para brigar pelo Rio/ O Globo	O Viva Rio e o sociólogo Hebert de Souza convocaram políticos para lutarem pelo bem do Rio de Janeiro. O movimento apóia a <i>naviata</i> , mas tem uma abrangência muito maior: "...lutar por coisas óbvias", diz Betinho, como a despoluição da Baía de Guanabara.

29	1994	14/03	Viva Rio reúne 7 mil nas águas da Guanabara/ O DIA	50 embarcações participaram da <i>naviata</i> .
30	1994	21/03	Formiplac doa fábrica a moradores de Acari / Morro aprende a reciclar papel/ Jornal do Brasil	A fábrica de laminados <i>Formiplac</i> cedeu sua área de 55 mil metros quadrados para realizar um projeto social, a <i>Fábrica da Esperança</i> , que dará saúde e educação para os moradores de Acari. / Na favela Santa Marta foi inaugurado um curso de reciclagem de papel.
31	1994	20/04	Viva Rio faz convocação para luta contra o crime/ O DIA	O Viva Rio criou o Fórum de Cidadãos para acompanhar as investigações sobre o jogo do bicho. A comissão se reuniu ontem no Rio Palace Hotel, mas infelizmente o principal convidado, o promotor Antônio José Moreira, não compareceu.
32	1994	24/04	Ensaio busca o sentido oculto das romarias/ O Globo	O livro <i>Romarias da Paixão</i> , de Rubem César Fernandes, estuda o papel da Igreja no Brasil e na Polônia. O autor acompanhou romarias e recolheu depoimentos nos dois países; faz uma análise religiosa de ambos, que embora católicos, são tão distintos culturalmente.
33	1994	09/05		Articulado por Maria Bourgeois, o Comitê Internacional pela vida, apoiará a Casa da Paz à Comunidade de Vigário Geral.
34	1994	11/05	Suíços estudam investimento em projeto de Vigário Geral/ O Globo	Representantes de grandes empresas suíças, como a Nestlé, Swissair, o laboratório Ciba-Geigy e a União dos Bancos Suíços, convidadas por Maria Bougeois (presidente do <i>Comitê pour la Vie</i> ) se reuniram com os coordenadores do Viva Rio para estudarem investimentos em projetos sociais em áreas carentes, como a Casa da Paz, em Vigário Geral e a Fábrica da Esperança, em Acari.
35	1994	06/06	Casa em Vigário Geral vira centro cultural/ Folha de São Paulo	A casa onde morreram 8 das 21 vítimas da chacina de Vigário Geral, ressurgiu como o centro cultural Casa da Paz, onde vão funcionar biblioteca, laboratório de informática e cursos para os moradores.
36	1994	10/08	Viva Rio pede apoio de militares para o desarmamento/ O Globo	O Viva Rio tenta o apoio do 3º Comar, do 1º Distrito Naval e do Comando Militar do Leste na luta contra a violência. Entre os objetivos do Viva Rio: uma coordenação entre essas forças e que estas possam tomar medidas de emergência contra a violência.
37	1994	03/08	Manifesto Rio Unido pede fim da violência/ Jornal do Comércio	O Viva Rio entregou ao secretário de Justiça do Estado, Arthur Lavigne, o Manifesto <i>o Rio Unido Contra a Violência</i> , que será levado ao presidente. O manifesto reivindica medidas emergenciais, como um controle do contrabando de armas e drogas, uma nova política de segurança para as favelas e o controle do Estado sobre o porte de armas.
38	1994	04/08	Itamar assume combate à violência/ Jornal do Brasil	Em resposta ao manifesto, elaborado por 80 ONG's, o presidente Itamar Franco determinou que o ministro da Justiça, Alexandre Dupeyrat, participe de uma reunião com o Viva Rio, que contará também com a presença dos comandantes militares da Aeronáutica, Marinha e Exército. Essa reunião será importante para a discussão de projetos que diminuam o clima de insegurança na cidade.
39	1994	05/08	Plano antiviolença une civil e militar/ Jornal do Brasil	Todos os órgãos de segurança do país planejam juntos, articulados pelo Viva Rio, um plano para acabar com a violência do Rio, que atuará no plano federal, estadual e municipal. Para o plano federal, estuda-se um meio maior de controlar a entrada de armas e drogas pelas fronteiras. No plano estadual, além de um reforço do

				<p>policciamento nas áreas de lazer, estuda-se um meio de trocar as invasões policiais nas favelas por um policiamento comunitário, constante e regular. Nas palavras de Rubem César Fernandes: “Estamos propondo um trabalho incisivo mas sem terror”, já para o governador Nilo Batista não há um aumento do número de crimes no Estado.</p>
40	1994	05/08	Viva Rio leva ao prefeito manifesto contra a violência/ O Globo	<p>O manifesto <i>O Rio unido contra a violência</i> foi entregue ontem ao prefeito César Maia, com a intenção de articular a Guarda Municipal com as forças de segurança do Estado, o setor privado e as associações civis para o policiamento intensivo das áreas de turismo e lazer. Os integrantes do Viva Rio reuniram-se durante 2 horas com o prefeito, que avaliou positivamente o trabalho em conjunto em prol do Rio.</p>
41	1994	06/08	Policiais apóiam plano antiviolência/ Jornal do Brasil	<p>O presidente da Associação dos Cabos e Soldados da Pm e o presidente do Sindicato dos Servidores da Polícia Federal resolveram esquecer questões estruturais, como a questão salarial, em nome do plano emergencial antiviolência, elaborado pelo Viva Rio. Os moradores de Copacabana, primeiro bairro a receber o plano, mostra-se dividida quanto à idéia de mobilizar voluntários para auxiliar e fiscalizar a ação da polícia.</p>
42	1994	07/08	Começa cruzada contra Violência/ O DIA	<p>O plano, que prevê o cerco contra o crime (com medidas como a ocupação e policiamento das favelas, vigilância redobrada nas rodovias, fiscalização de bagagens no Aeroporto Internacional e vistoriais de <i>containers</i> no cais do porto) tem a aprovação do presidente, que quer a integração dos chefes militares nas articulações para enfrentar a criminalidade. O presidente dos Servidores do Departamento de Polícia Federal exige uma verba de R\$ 400 mil para custear a participação da Polícia Federal no plano de segurança</p>
43	1994	07/08	Viva Rio quer que porte ilegal de arma seja crime inafiançável/ O Globo	<p>O Viva Rio encaminhou aos candidatos ao Governo do Estado, um documento com diversas propostas concretas para a diminuição da violência, como fazer do porte ilegal de armas um crime inafiançável. Os candidatos se comprometeram a assinar o documento.</p>
44	1994	10/08	Viva Rio pede apoio de militares para o desarmamento/ O Globo	<p>O Viva Rio entregou um documento aos comandos do 3º Comando Aéreo Regional e do 1º Distrito Naval, pedindo apoio à campanha de desarmamento e contra a violência no Rio. Rubem César disse que o presidente fez uma promessa ao Viva Rio, mas até agora não cumpriu, de enviar representantes das Forças Armadas para uma reunião.</p>
45	1994	10/08	Plano antiviolência depende de Itamar/ Jornal do Brasil	<p>Rubem César pediu ao presidente Itamar que agilize o contato com os ministérios, para que participem, amanhã, da reunião do plano contra a violência. A Ação da Cidadania contra a violência conseguiu reunir 1 milhão de assinaturas para um manifesto, que será entregue às autoridades, exigindo investimentos em saúde, educação e segurança no estado.</p>
46	1994	12/08	Nilo dispensa Exército no combate à violência/ Jornal do Brasil	<p>Após assumir o comando do plano de combate à violência no estado, o governador Nilo Batista descarta a possibilidade de participação das Forças Armadas para ajudar na segurança pública, através do patrulhamento das fronteiras do estado, alegando que só a Polícia Federal pode ser colaborar em ações conjuntas com as policias Civil e Militar.</p>
47	1994	16/08	Candidatos endossam o	<p>Quatro dos principais candidatos ao governo do estado,</p>

			plano do Viva Rio/ Jornal do Brasil	se comprometeram em apoiar o plano elaborado pelo Viva Rio com propostas de médio e longo prazo contra a violência.
48	1994	17/08	Favela pede socorro ao Viva Rio para ter paz/ Jornal do Brasil	Os moradores do Morro Dona Marta, em Botafogo, pediram ajuda ao Viva Rio para a elaboração de um manifesto contra a violência policial, que desrespeita e traz insegurança aos moradores.
49	1994	19/08	Polícia comunitária agirá também nas favelas/ Jornal do Brasil	O programa de policiamento comunitário que será implantado em Copacabana na próxima semana será estendido ao Morro Dona Marta. Voluntários vão acompanhar o trabalho dos policiais e será feito um banco de processamento de dados, para armazenar as informações fornecidas pelos policiais e moradores. O governador Nilo Batista anunciou uma grande reunião com os representantes das Forças Armadas, da Polícia Federal, da Receita, da PM, da Polícia Civil e da Guarda Municipal.
50	1994	20/08	PDT adere ao Viva Rio e chama mais partidos/ Jornal do Brasil	Uma comissão do PDT reuniu-se ontem, pela primeira vez, com representantes do Viva Rio e juntos, selaram uma aliança para a ação emergencial de combate à violência. O partido prometeu apoio irrestrito para a realização da grande reunião com forças militares e civis.
51	1994	21/08	Entrevista – Rubem César Fernandes – O conciliador da cidade/ Revista Domingo	A entrevista com o presidente do Viva Rio é o reconhecimento de um trabalho que, em menos de um ano, cresceu e gerou muitos frutos. Rubem considera importante o diálogo entre todos os poderes administrativos e vê o Viva Rio como um mediador dos problemas. “A pressão toda do Viva Rio é no sentido de conseguir os pontos onde é possível se cooperar e botar todo mundo para trabalhar junto”.
52	1994	23/08	Polícia Civil não sobe o Dona Marta por 20 dias/ O DIA	O secretário Mário Covas deu uma <i>trégua</i> , atendendo pedidos dos moradores e de Rubem César, entretanto disse: “Voltaremos a atuar se os traficantes atirarem em algum morador ou a venda de tóxico continuar”. Já Rubem acha que se deve procurar uma solução para que o combate ao tráfico não leve pânico aos moradores.
53	1994	26/08	Movimento Viva Rio já tem projeção internacional/ O Globo	O Viva Rio tem uma importante projeção nos jornais e redes de televisão no exterior. Todos querem saber se o movimento dará certo.
54	1994	26/08	Jornal destaca início da busca de soluções/ O Globo	O jornal <i>Miami Herald</i> reconhece a importância do Viva Rio, que nasceu após a indignação da Chacina de Vigário Geral. A Casa da Paz fará uma vigília para marcar a passagem de um ano do triste episódio.
55	1994	04/09	Viva Rio constrói ‘Fábrica da Esperança’ para carentes/ O Globo	Até o fim do mês, a Fábrica da Esperança estará funcionando para atender as pessoas que vivem nas 10 favelas próximas ao bairro Acari. O Movimento Viva Rio tem recebido apoio de diversas entidades para realizar projetos sociais. “Com a implantação do projeto, cada parceiro será responsável por sua própria área de atuação”, diz o pastor Caio Fábio Filho, organizador do projeto.
56	1994	10/09	Menores terão abrigo até fim do ano/ O Globo	O Viva Rio junto com a prefeitura começou a campanha <i>Vem Pra Casa, Criança</i> , que tem como objetivo dar abrigo à crianças e adolescentes que vivem na rua. Para que mais crianças não vão para as ruas, está sendo desenvolvido o programa de bolsas de alimentos para que as famílias consigam manter seus filhos na escola.

57	1994	10/09	Na onda da polícia comunitária/ PM's comunitários se apresentam hoje/ O Globo	O projeto do Viva Rio começa a ser executado depois de amanhã, no Leme e Copacabana.
58	1994	10/09	Prefeitura já recruta voluntários/ O Globo	Seguindo o ideal do Viva Rio, a Secretária Municipal de Desenvolvimento Social tenta mobilizar a sociedade para solucionar o problema dos menores nas ruas, criando então uma Central de Voluntariado da Cidade.
59	1994	10/09	Entrevista com Zuenir Ventura/ O Rio tem que unir suas metades/ Jornal do Brasil	O escritor fala de seu novo livro: <i>A cidade partida</i> , que nasceu após o trauma nacional da chacina de Vigário Geral e o surgimento do Movimento Viva Rio. Acompanhando este movimento e indo a Vigário Geral, vendo a esperança da comunidade, viu que existe vida depois da morte.
60	1994	14/09	Onze empresas fecham contrato para dar trabalho aos presos/ O Globo	O Viva Rio participou da reunião com empresários e com o governo que trará emprego aos presos.
61	1994	14/09	Vigário literário	Após conviver 10 meses com a comunidade de Vigário Geral, Zuenir Ventura, um dos fundadores do Viva Rio, lança seu livro <i>A Cidade Partida</i> . "O Rio é uma cidade com vocação para a união e não para a separação", enfatiza.
62	1994	11/09	Entrevista com o pastor Caio Fábio, coordenador da Fábrica da Esperança/ 'É preciso que todas as forças de bem da sociedade se unam'/ O Globo	O pastor Caio Fábio acredita que o Viva Rio, que criou o projeto Fábrica da Esperança, <i>é uma esperança única – e concreta – de agrupar essas forças (de bem) da sociedade</i> .
63	1994	12/09	PM e comunidade criam conselho no Leme/ O Globo	No Leme é criado o primeiro dos seis CAA's (Conselhos Comunitários de Área), formado por representantes das associações de moradores e diversas entidades civis da área. Os dez policiais comunitários, que farão a segurança do local, estarão integrados aos moradores da área e discutirão ,com seus representantes, os problemas e possíveis soluções.
64	1994	19/09	Viva Rio e PM divulgam policiamento comunitário/ O Globo	O integrantes do Movimento Viva Rio, junto aos soldados da PM de Copacabana, passaram o dia de ontem na orla divulgando o programe policiamento comunitário. "Agora estão levando o policial até o lugar e mostrando o que está errado", diz Rubem.
65	1994	20/09	Viva Rio afirma que Nilo Batista é omissio/ Jornal do Brasil	Dois meses se passaram e a reunião urgente com as Forças Armadas e a Policia Federal, para se discutir o combate à criminalidade no Rio, não aconteceu. Enquanto a sociedade sofre, nem ao menos a lei para tornar o porte de armas ilegal um crime inafiançável conseguiu ao menos ser votada, devido à ausência dos deputados no plenário.
66	1994	07/10	Cardoso ajudará cidade a superar violência/ Jornal do Brasil	Fernando Henrique Cardoso disse que, após o segundo turno, irá se reunir com o governador eleito e os responsáveis pela segurança pública do estado, para enfim implementar o plano apresentado pelo Viva Rio. Essa reunião é esperada desde julho, mas o governador Nilo Batista e o presidente Itamar não a realizaram.
67	1994	13/10	.../ O DIA	Dia 19 será lançado o projeto <i>Vem pra casa</i> criança, com a adoção de 200 meninos de rua.
68	1994	13/10	O Globo	O Viva Rio firmou um acordo com o estaleiro Verolme-Ishibrás e o Sindicato dos Metalúrgicos para a formação

				em metalurgia de menores envolvidos no projeto.
69	1994	12/10	O morto/ Jornal do Brasil	A crônica de Maria Lucia Dahl fala do aumento e banalização da violência. No fim: “Vou me inscrever no Movimento Viva Rio, fazer alguma coisa, me mexer, passar de espectadora a ação. E os senhores prefeitos, políticos, governadores, presidentes, pretendem fazer o que?”
70	1994	14/10	Lance-livre/ Jornal do Brasil	O Viva Rio e os representantes dos moradores do Morro Dona Marta, se encontram hoje com Arthur Lavigne, secretário da Justiça, para discutir a segurança dos moradores.
71	1994	14/10	Só-Rio/ O DIA	O comitê Só-Rio, de Fernando Henrique Cardoso, irá trabalhar junto com o Viva Rio para retirar os menores da rua.
72	1994	15/10	Policimento comunitário reduz violência/ O Globo	As estatísticas revelam: O projeto de policiamento comunitário é eficiente no combate a violência. O Viva Rio pretende agora melhorar as condições de trabalho dos policiais.
73	1994	16/10	Tiroteio em favela interdita a Linha Vermelha/ Jornal do Brasil	Vigário Geral volta a sofrer com a troca de tiros entre traficantes e policiais. Na Casa da Paz, cineastas franceses são surpreendidos.
74	1994	18/10	Projeto social vai beneficiar área de Acari/ Jornal do Brasil	A Fábrica da Esperança terá um parceiro: A Xerox do Brasil irá instalar um curso profinalizante para 60 jovens. Na próxima semana o governo inaugurará o Centro de Defesa da Cidadania, que prestará serviços aos moradores. A Fábrica pretende ter ainda uma creche para 600 crianças, quadras de esportes, ambulatória e escola para alfabetização de adultos.
75	1994	18/10	Esperança/ O Globo	A Xerox do Brasil assina amanhã o acordo.
76	1994	30/10	O caminho para a ação/ O Globo	Publicação de uma carta do Viva Rio: o Movimento espera ter um diálogo com o novo presidente para combater a criminalidade. “Que o presidente da República e o governador do estado prefiram o entedimento à ruptura e por ele se empenhem até os limites de seu espírito público”.
77	1994	06/11	Costura na base	A rádio comunitária Fábrica da Esperança começa a funcionar em Acari.
78	1994	06/11	A chance do carioca reassumir o Rio/ Jornal do Brasil	Segundo Rubem, o carioca precisa exercer sua cidadania: “Essa é uma tarefa que diz respeito a todos nós e se exerce diariamente, não apenas na hora de votar”. Nas palavras de Gilberto Velho: “Movimentos como o Viva Rio e a Ação pela Cidadania têm sido fundamentais. As pessoas estão aprendendo que não se pode entregar tudo ao poder público”.
79	1994	07/11	Um antropólogo, líder da renovação do Rio/ Gazeta Mercantil	Matéria sobre Rubem César Fernandes, líder do Viva Rio, que acaba de assinar um convênio com o governo federal e o governo fluminense para combater a criminalidade no Rio de Janeiro. “A questão não é subir o morro, mas, sim, saber como ficar lá após o <i>day after da intervenção das forças conveniadas</i> ”, diz.
80	1994	22/11	Uma Casa da Paz em plena guerra/ Jornal do Brasil	A Casa da Paz foi criada após a tragédia de Vigário Geral, na mesma casa, na época, foram assassinadas 8 pessoas. Hoje busca reverter o quadro, dá acesso a cidadania aos moradores. Além de cultura e lazer, cursos profissionalizantes, oficinas, work-shops e uma biblioteca tentam diminuir a distância entre as <i>duas partes</i> da sociedade.
81	1994	24/11	Campanha para	É lançada a campanha <i>Viva Rio</i> , de pacificação e

			recuperar Rio e empresários sindicalistas/ Jornal do Brasil	valorização da cidade, em um encontro entre empresários, sindicalistas, esportistas, representantes das favelas e diretores dos principais jornais do Rio. Todo o Rio foi convocado a parar por dois minutos no dia 17/12 e a se vestir de branco. Dia 18 acontecerão cerimônias religiosas e um show. “A idéia é que após essas manifestações possam surgir propostas objetivas para melhorar o Rio”, diz Walter de Mattos Júnior, vice-presidente do jornal O Dia.
82	1994	27/11	Entrevista – Rubem César Fernandes/ ‘A operação deve preparar um novo começo’/ O Globo	Rubem denuncia a resistência de cooperação entre o governo federal e o estadual para combater o crime, e espera que os novos governos consigam se articular melhor com a sociedade para dar cidadania, ao invés de violência à cidade. Sobre a operação militar nas favelas: “As Forças Armadas precisam passar a mensagem que estão aí para garantir a cidadania”.
83	1994	29/11	O Movimento Viva Rio já tem 150 padrinhos/ O Globo	O Viva Rio já cadastrou 150 padrinhos para o programa <i>Vem pra casa criança</i> , que deve tirar das ruas 200 crianças. Os padrinhos assinarão um termo em que se comprometem a pagar 1 salário-mínimo por mês para uma família carente, que cuidará da criança. Entre os padrinhos, Pelé, Luiza Brunet e Chico Anysio, que apadrinhou sete crianças.
84	1994	26/12	Crianças trocas suas ‘armas’ por brinquedos/ Favela passa natal com feijão e arroz/ O Globo	Ontem, integrantes do Viva Rio levaram presentes às crianças da a favela Pavão-Pavãozinho, para serem trocados por armas de brinquedo. O Pastor Caio Fábio pretendo levar a troca à 40 favelas do Rio. Disse que, ao lidar com símbolos, é possível atingir as pessoas e promover o desarmamento da cidade. / A campanha <i>Natal sem fome</i> , liderada por Betinho, atendeu 220 comunidades pobres do Grande Rio.

Nº	ANO	DATA	MANCHETE/ JORNAL	SINOPSE DA MATÉRIA
85	1995	09/01	Delegado acusa Nilo e pastore de Farsa/ O Globo	Troca de acusações entre o pastor Caio Fábio e o Maurúlio Moreira, do DRE. A respeito de apreensões de armas de traficantes de Lucas e outro de participar de grupo de extermínio.
86	1995	13/01	Viva Rio: um movimento de pela cidade/ Revista Tiradentes nº13	A reportagem enfocou um seminário ocorrido na Fábrica de Esperança com a presença de FHC, Marcello Alencar e Rubem César. Falaram das propostas do Viva Rio e de suas parcerias e padrinhos.
87	1995	20/01	Procurador leva a Cardoso Dossiê sobre tortura nas favelas/ JB	Um dossiê sobre a violação dos DH nas favelas chegará às mãos do presidente FHC. O subprocurador de república se reuniu com o VIVA RIO, OAB, FAFERJ e outras ONGs para construir o documento revelando a violência militar em favelas como Borel, Mangueira e Complexo do Alemão durante a OPERAÇÃO RIO.
88	1995	01/02	O Rio da a Volta por Cima/ Jornal do Clube de Criação do RJ (JB)	A reportagem fala das várias adesões ao Viva Rio e das várias ações desta entidade.
89	1995	01/02	Carta aos Leitores/ Revista Exame	Na matéria são apresentados os colaboradores do Viva Rio (Helmut Newton, Ruy Castro, Cristiano Mascaro, Geraldo Carneiro, Rui Ohtake, Thales Guaracy) e o próprio movimento como a retomada da beleza, da possibilidade de se aproveitar os vários significados constituídos de muita cultura e alegria que a cidade sempre teve.
90	1995	05/02	O Exército não deteve a criminalidade/ JB	A reportagem trata do quanto a ocupação do exercito nas favelas foi ineficaz para coibir a violência, visto que se o tráfico na favela diminuiu, o número de assaltos de seqüestros aumentou vertiginosamente.
91	1995	21/02	Marcello estudo plano antiviolença/ JORNAL DO COMÉRCIO	O governador informou, depois de conversa como o vice-presidente Marco Maciel, que estuda novos mecanismos de combater a violência na cidade, incluindo aí, a participação das forças armadas. Conversará com o então ministro da justiça Nelson Jobim. O vice presidente reuniu-se com Betinho e Rubem César. Eles solicitaram reforço da Polícia Federal e das Forças Armadas no combate à violência.
92	1995	21/02	Viva Rio pede a Maciel maior combate à droga/ Folha de São Paulo	A solicitação do Viva Rio foi no sentido de que a PF e as FA dessem mais apoio no combate ao tráfico de drogas e contrabando de entorpecentes.
93	1995	06/03	Pipas enfeitam os céus e dizem não à violência/ O Povo	Fala do festival de pipas "Ponha essa idéia no ar", realizado no Aterro do Flamengo. As pipas foram confeccionadas por moradores de favelas e concorriam a prêmios de mil carretéis e mil pipas entregues aos três primeiros colocados. O festival foi promovido pela AEVB ( Associação Evangélica Brasileira) e VIVA RIO através da campanha Rio Desarme-se.
94	1995	09/03	Tema leva Viva Rio a Marcello/ O DIA	Haverá uma reunião de Rubem César com Marcello Alencar para discutir a questão das balas perdidas. Rubem acha que há um conteúdo simbólico na bala perdida. Para ele, isso significa a perda de controle por parte do Estado da violência na cidade.
95	1995	09/02	Viva Rio Terá um coração como símbolo/	O novo símbolo é um reflexo do Pão de Açúcar na água da Baía formando um coração. O logotipo será

			O GLOBO	lançado dia 22/02 no Palácio do Catete. O objetivo é que ele se torne tão popular quanto a maçã de NY, logotipo criado também durante uma campanha de recuperação da cidade americana.
96	1995	09/03	Um cartão de Crédito especial/ O GLOBO	A matéria trata de como funcionará o cartão de afinidade que terá a anuidade aplicada em fundo social. O fundo, gerido pelo BB e pelo movimento receberá 30% da anuidade de cada cartão. Em princípio, segurança e saúde serão as áreas prioritárias para investimentos de revitalização.
97	1995	15/03	Ministro da Justiça despachará no Rio/ O GLOBO	O ministro Jobim vai anunciar a construção de um presídio federal de segurança máxima com capacidade para 500 presos e uma maior participação da PF no combate ao crime organizado no Rio.
98	1995	15/03	Viva Rio quer mais policiamento/ JB	Em reunião entre o governador do Rio e Rubem César, foi sugerido ao primeiro aperfeiçoar a experiência da polícia comunitária de Copa e espalhar a idéia de uma nova atuação em batalhões de outros bairros da cidade. Outra sugestão foi a explicitação do plano de ação do Estado no combate a violência. Assim a população pode estar mais consciente das ações assim como sugerir coisas e sentir-se mais protegido pelo próprio governo.
99	1995	15/03	César cobra de Marcello nova política de segurança/ O GLOBO	O prefeito do Rio criticou o governo por não adotar uma política eficiente de segurança pública. O movimento Viva Rio propôs também a transformação de Copacabana num bairro modelo de segurança. Marcello Alencar autorizou a PM a partir para o confronto com os policiais. César Maia defendeu o fornecimento de drogas a viciados cadastrados através de um hospital público.
100	1995	16/03	Líder dos cabos e soldados teme carnificina/ O GLOBO	A decisão do governador foi criticada por Wanderley Ribeiro, presidente da Associação de Cabos e Soldados da PM. Alencar decidiu mudar a estratégia de combate à criminalidade sem uma reforma estrutural no aparelho policial. Para Wanderley, a ação pode acarretar numa carnificina de ambos os lados.
101	1995	18/03	Proposta/ JB	Rubem César envia uma cópia da proposta entregue ano passado a Itamar Franco na qual sugere a maior atuação da PF no combate ao tráfico de drogas.
102	1995	18/03	Polícia do Rio define ação conjunta com PF/ FOLHA DE S. PAULO	O governador Marcello Alencar definiu o convênio com o governo federal que permitirá ação integrada entre as polícias. À tarde, Jobim encontrou-se com integrantes do Viva Rio para ouvir reivindicações e propostas.
103	1995	19/03	Jobim quer unir países contra narcotráfico/ JB	O Ministro Jobim admitiu ontem a necessidade de governos na América Latina se unirem contra o narcotráfico. Jobim elogiou o Viva Rio que definiu como uma proposta de soluções por parte da sociedade, sem excluir a polícia.
104	1995	19/03	Programa de segurança do Rio une o Exército e três polícias/ JORNAL DO COMÉRCIO	Jobim garantiu que até o fim desta semana apresentará o plano de segurança integrado. Disse, na mesma oportunidade, que o movimento VIVA RIO é a “expressão máxima do novo sentimento dos cidadãos”.
105	1995	19/03	Violência desafia governo Marcello Alencar/	Marcello Alencar encontrou-se com Rubem César Fernandes e Clarice Pechman para falar sobre a questão da violência na cidade. O governador foi elogiado por

			JORNAL COMÉRCIO DO	esta atitude de respeito e integração com a sociedade civil.
106	1995	19/03	Ministro anuncia programa para o Rio/ ESTADÃO	Pontos básicos do documento elaborado em conversa com o governador e com o VIVA RIO devem ficar prontos ainda esta semana.
107	1995	20/03	Deputados do PNBE propõem nova polícia contra a violência. O GLOBO	A matéria trata de falar de como políticos e agentes propositores de ações contra a violência na cidade entendem a importância de uma ação cidadã, no seminário promovido pelo Pensamento Nacional das Bases Empresariais (PNBE) e pelo Globo.
108	1995	21/03	Parceria em Copacabana/ JB	A matéria trata de criticar a pouca atenção dada pelo governador Marcello Alencar à proposta do Viva Rio relativa a polícia em Copacabana.
109	1995	26/03	Pedido de ajuda de Marcello a FHC foi feito em aeroporto/ O GLOBO	Rubem César disse, a respeito do pedido do governador ao presidente que não é bom pressionar o Exército por resultados na OPERAÇÃO RIO II, pois isso pode implicar em violação dos direitos dos moradores de favelas. Disse que a ansiedade não é boa conselheira e que não se pode confundir favelados com marginais.
110	1995	27/03	Exército coloca mais de 1.200 homens para policiar Rio/ O POVO	O governador do Rio pretende implantar o policiamento comunitário, copiando o modelo de Copacabana e para tanto conversou com Rubem César a fim de fazer o mesmo na Barra e em outros bairro da Zona Norte. Moradores da Barra fizeram uma paralisação de 30' reivindicando maior segurança no bairro. Dez dias antes Marcelo Maurício, 27 anos, filho do dono do Freeway foi assassinado.
111	1995	27/03	OPINIÃO/ Estado de defesa/ JB	Rubem César foi chamado a dar sua opinião sobre a implantação de Estado de Defesa no Rio. É contrário, pois entende que isso reduzirá ainda mais a liberdade civil. O impedimento de reuniões, típico de Estado de Defesa não vai atingir o tráfico, segundo ele, pois quem se reúne são sindicatos, por exemplo, e não traficantes. Essa é uma medida mais política que de combate à criminalidade.
112	1995	28/03	Ação é repetição de equívocos/ FOLHA DE S. PAULO	Rubem César declara que para a OPERAÇÃO RIO II não cometer os erros da primeira é preciso que outra relação exista com a comunidade. Simplesmente abordar moradores cria uma ilusão e não resolve nada.
113	1995	01/04	Campanha do Movimento Viva Rio conta com o apoio do SINDICARGA	O sindicato visava promover a logomarca do VIVA RIO. O presidente da entidade assistiu ao lançamento da logo no palácio do Catete, dia 22/03. Na ocasião Rubem César disse que a fase de reclamação estava superada e que outros temas seriam enfatizados e soluções propostas para ajudar o próprio governo.
114	1995	01/04	A pluralidade social na visão de um Homem de Idéias/ PERSPECTIVA UNIVERSITÁRIA	Rubem César concede entrevista ao jornal universitário. Foi homenageado como o HOMEM DE IDÉIAS 94.
115	1995	02/04	Combate ao Crime é a maior preocupação de Marcello/ JORNAL COMÉRCIO DO	A matéria fala do governo Marcello Alencar que chega aos três meses com uma preocupação dominante, o combate à criminalidade. Carlos Lessa diretor executivo do Plano Estratégico levou suas proposta para o governador assim como Rubem César.
116	1995	05/04	Advogados/	VIVA RIO colocou 3 advogados a disposição da

			O DIA	população para atender a denúncias de casos de violação dos direitos humanos na segunda etapa da OPERAÇÃO RIO II. A equipe é chefiado por Ernan Andrade.
117	1995	05/04	Excesso denunciado/ JB	será O conteúdo é o mesmo da matéria anterior com um acréscimo, a fala de Ernani Andrada. “Na primeira operação soube de caos em que o mandado de prisão valia para um endereço e para adjacências. Se fosse em Copacabana poderia revistar o apartamento e o bairro todo? Isso seria ilegal. Agora, já sabermos que estão sendo expedidos dois mil mandados em branco, o que também é fora da lei”.
118	1995	06/04	A violência passa perto do governador/ O GLOBO	Ladrão em fuga quase invade quartel da PM.
119	1995	06/04	Marcello: rua para os maus policiais/ O POVO	Marcello Alencar visita o 19º batalhão da PM na companhia de Rubem César a fim de conhecer melhor o policiamento comunitário implementado na região.
120	1995	09/04	Betinho: Rio não se esconde/ BRAZILIENSE	Para BETINHO a criminalidade na cidade o Rio é mais visível porque o Rio é transparente. Fala sobre a violência como característica das grandes cidades. “O Rio não se esconde. Prefere encarar seus problemas de frente e resolvê-los. O Exército não é polícia e sem polícia não há combate á criminalidade.
121	1995	14/04	Coluna FRED SUTER Violência e Fé/ O DIA	Nos próximos dias 27, 28 e 29 no hotel Novo Mundo haverá a segunda conferencia anual da associação brasileira evangélica. Betinho e Rubem César, entre outros, são os convidados para falar de Ética evangélica e a violência urbana.
122	1995	15/04	Foto da ação Rio Desarme-se	A foto revela “As armas de brinquedo mostram o sucesso da primeira fase do Rio Desarme-se”
123	1995	16/04	Coluna do SWANN. Segurança/ O GLOBO	Rubem César encontra-se com Hubert Williams, presidente da Police Foundation em Washington. Ele foi o fundador do policiamento comunitário nos EUA em 1970. será convidado para um seminário no Rio.
124	1995	17/04	Fatos do Dia. Métodos errados/ TRIBUNA NA IMPRESA	Marcada para dia primeiro de maio uma marcha, carreata e passeio ciclístico denominada Rio Desarme-se que evangélicos realizarão em mais de 10 favelas do Complexo do Alemão. Essa é uma manifestação contra os métodos adotados pelo governo Estadual contra a violência.
125	1995	18/04	Mãe de jovem morto leva às ruas denúncia contra justiça/ JB	O movimento Pela Vida expressa, em outdoors, sua insatisfação com a morosidade da justiça na resolução dos crimes contra a vida. As mortes de vários jovens e a chacina de Acari forma lembradas.
126	1995	20/04	Movimento Pela Vida volta à rua e dá carro/ O POVO	Integrantes do movimento Pela Vida estarão nas ruas distribuindo adesivos sobre a campanha Rio Desarme-se. Quem comparecer aos pontos espalhados pela cidade para receber o adesivo, obterá um cupom que dará direito a concorrer a um carro.
127	1995	24/04	Baile Organizado/ O DIA	A associação de moradores do Chapéu Mangueira e Viva Rio vão lançar o projeto CONCHA DA PAZ que irá definir os decibéis para o som dos bailes funks e criar um plano de segurança para o local.
128	1995	27/04	Manifestação pede fim da impunidade/ JB	Amigos da dinamarquesa Alice Christiansen, 16 anos, estupro e assassinada em um condomínio na Tijuca, fizeram uma manifestação ontem em frente ao Palácio

				da Guanabara. O protesto contou com a participação de dirigentes do VIVA RIO.
129	1995	27/04	Protesto em Laranjeiras/ A NOTÍCIA	Mesmo conteúdo acima.
130	1995	29/04	Guerra Civil no Rio/ O GLOBO	César Maia escreve um artigo no qual fala sobre o Estado Moderno e o rompimento que vem se configurando entre o Estado do Rio e o Federal pela insegurança exacerbada que se instaurou e fez críticas ao Betinho, Brizola e VIVA RIO.
131*	1995	01/05	Rio: 180 ou 360 graus?/ Carta Capital	A reportagem de 8 páginas faz um mapa da cidade apresentando a atuação da sociedade civil, das empresas e os prejuízos para ambas do crescimento da criminalidade na cidade.
132	1995	08/05	PONTO FINAL/ O DIA	O VIVA RIO reunirá amanhã no almoço no Banana Café um grupo de convidados para ouvir o advogado José Carlos Fragozo sobre a questão de seqüestros sob o ponto de vista da legislação.
133	1995	19/05	Empresários defendem a intervenção federal no Rio/ GAZETA MERCANTIL	Medidas contra a violência não surtiram efeito. Esta é a chamada da matéria. Nela há uma reflexão sobre as ações sociais a incapacidade destas de solucionar, sozinhas, a questão da violência urbana. Ações na área de saúde, saneamento básico e educação são fundamentais, segundo RUBEM CÉSAR.
134	1995	20/05	Caem os índices de violência em Copacabana/ JB	Segundo pesquisa do Viva Rio, barro tem poucos homicídios e os roubos foram reduzidos com o policiamento comunitário em Copacabana. A experiência dá certo há nove meses e serve de exemplo para outros cantos da cidade.
135	1995	21/05	Cidade Partida/ CORREIO BRAZILIENSE	Nesta reportagem de uma página Ricardo Lessa traça, resumidamente, os lados bom e ruim de nossa cidade e dá destaque a atuação de Rubem César, através do Viva Rio, na promoção da costura do Rio.
136	1995	29/05	Lance livre/ JB	Rubem César embarca hoje para Bogotá a fim de participar de debates sobre os movimentos civis.
137	1995	29/05	SWANN – eco/ O GLOBO	Rubem César viaja, convidado pela prefeitura de Medellín e entidades da sociedade civil local para expor, durante uma semana, os resultados aqui obtidos pelo programa no combate à violência.
138	1995	20/06	Jovens carentes ganham espaço/ JORNAL DOS SPORTS	A matéria trata do campeonato de vôlei de praia promovido pelo VIVA RIO. O evento conta com Bernard, entre outros, e se chama TORNEIO COMUNITÁRIO BANCO DO BRASIL – VIVA RIO DE VÓLEI DE PRAIA.
139	1995	26/06	Informe do Dia – Reforma/ O DIA	O desembargador Gama Malcher, presidente do Tribunal de Justiça, almoça na quarta feira com representantes do VIVA RIO e fala sobre a reforma do judiciário, em curso.
140	1995	01/07	Juiz de menores: para ir a baile funk basta ter mais de 12 anos/ O GLOBO	Houve uma audiência sobre o baile funk e seu reconhecimento como expressão cultural.
141	1995	01/07	Um projeto de lei para bailes funk/ JB	Vereadores, representantes da Secretaria de Segurança pública e do VIVA RIO reuniram-se ontem na câmara Municipal para debater o projeto de lei do vereador Antonio Pitanga que regulamenta os bailes funk da cidade. O projeto prevê a presença do poder público na organização e para garantir transporte e segurança.

142	1995	02/07	Lance livre/ JB	Sonia Braga e Rubem César lançam campanha chamada Loucos Varridos para que o carioca mantenha a cidade limpa. A Shell distribui adesivos e sacos de Lixo.
143	1995	03/07	Campanha distribuirá sacos de lixo e adesivo/ JB	Idem
144	1995	03/07	Nota/ O GLOBO	Idem
145	1995	04/07	Rio Limpo/ FOLHA DE S. PAULO	Idem
146	1995	04/07	Uma limpeza no trânsito/ O GLOBO	Idem
147	1995	04/07	Campanha distribui sacos de lixo/ JB	Idem
148	1995	04/07	Sacos para limpeza da cidade/ O DIA	Idem
149	1995	04/07	Ta na Mesa – reunião almoço com Rubem César	Palestra sobre o Viva Rio contra a violência
150	1995	06/07	Rio vai integrar favela à cidade/ Zero Hora	Movimento quer urbanizar favelas e diminuir a violência na cidade. Hoje 300 empresários divididos em 14 grupos de trabalho apresentam idéias para garantir segurança à população e melhores condições de vida. “É a cidadania contra a violência”.
151	1995	06/07	O terceiro setor/ Jornal do Comércio	Idem, falando da palestra do Rubem na Federasul.
152	1995	21/07	Carta dos leitores – Candelária/ O GLOBO	Yvone Bezerra fala sobre a positividade de ações como as do Viva Rio.
153	1995	22/07	Plano estratégico entra na fase final/ JORNAL DO COMÉRCIO	Fala sobre a homologação do documento por 300 pessoas da sociedade civil. Mais de 50 propostas de trabalho foram enviadas. Geração de empregos, criação de uma agencia financiadora no BNDES.
154	1995	25/07	Lance livre/ JB	O chefe da polícia civil Hélio Luz é o convidado do almoço-debate que o Viva Rio promove amanhã no Banana Café.
155	1995	27/07	Luz defende o afastamento de oito mil agentes da Polícia Civil/ TRIBUNA DA IMPRENSA	Delegado afirma que a sociedade é responsável por corrupção policial. Barões da Droga estão na Zona Sul. Hélio Luz defendeu o afastamento de 8 mil dos 12 mil policiais sob seu comando. O atual chefe apresentou-se no evento promovido pelo VIVA RIO.
156	1995	27/07	Luz defende afastamento de policiais/ FOLHA DE S. PAULO	Idem
157	1995	27/07	Polícia para quem precisa/ O DIA	Idem
158	1995	27/07	5 minutos com Hélio Luz/ O DIA	A polícia só atua na faixa que ganha até mil reais. Não consegue mexer com quem lava dinheiro do tráfico e do bicho, diz Helio Luz.
159 *foto	1995	27/07	Batam 4 mil investigadores/ O DIA	Idem

160	1995	27/07	Chefe de Polícia diz que uso de droga é um problema de cada um/ O GLOBO	Idem
161	1995	27/07	Hélio Luz quer polícia menor e mais eficaz/ JB	Idem
162	1995	27/07	Luz acha que o ideal para Polícia é ter 4 mil homens/ TRIBUNA DA IMPRENSA	Idem
163	1995	27/07	Necessário só 1/3 do efetivo/ O POVO	Idem
164	1995	27/07	Hélio Luz só confia em 10% da polícia do Rio/ O POVO	Idem
165	1995	28/07	No dia seguinte, críticas e elogios/ O GLOBO	Rubem César afirma que Hélio Luz usou frases de impacto que soam exageradas, mas que não deixa de ser verdadeiras.
166	1995	28/07	Chefe diz que beber é pior/ O DIA	Em suas declarações, Helio Luz diz que há mais infrações de trânsito e crimes em função de bebidas alcoólicas que em função de drogas. Ele coloca-se a favor da descriminação das drogas.
167	1995	28/07	Declaração sobre Ipanema assusta moradores/ JB	Uma polemica se formou em torno das declarações de Hélio Luz e moradores se mostraram indignados. Acharam que o bairro nobre sofreu preconceito.
168	1995	28/07	Hélio Luz/ O GLOBO	O Secretário de Segurança Pública Nilton Cerqueira dá apoio ao chefe de polícia, Helio Luz. Marcello Alencar mostrou-se pouco de acordo com as palavras de Hélio durante almoço promovido pelo VIVA RIO.
169	1995	28/07	Cerqueira dá apoio total a Hélio Luz/ JB	Idem
170	1995	28/07	Informe JB/ JB	As declarações de Hélio Luz tiveram efeito fulminante. No Baixo Leblon ninguém teve “sossego”
171	1995	28/07	O General assina embaixo/ O DIA	Concordância de Cerqueira com Hélio Luz.
172	1995	30/07	Tema para reflexão/ O FLUMINENSE	Editorial sobre as colocações de Hélio Luz. A corrupção foi o foco da reflexão.
173	1995	30/07	Ipanema Brilha à Noite/ JORNAL DO COMÉRCIO	Reflexão sobre o consumo de drogas na cidade e em Ipanema.
174	1995	30/07	Pessoas – Personagem/ O GLOBO	Perfil do chefe da polícia civil.
175	1995	30/07	Arthur Xexéo - JB	Criticou a fala do Hélio Luz
176	1995	31/07	Prinzessin des Meeres/ Der Spiegel	
177	1995	01/08	Cartas dos leitores - Violência Moral/ O GLOBO	Repudiando a fala da Yvonne Bezerra.
178	1995	09/08	Nova entidade vai dar	A secretaria de Segurança Pública vai ter o apoio de

			apoio a Cerqueira contra o crime/ O GLOBO	uma entidade que será criada nos moldes do Viva Rio e que deverá ser batizada de DIGA NÃO AO CRIME. Tal entidade visa a arrecadar recursos e mobilizar apoio logístico no combate à criminalidade.
179	1995	14/08	Programa contra às drogas é extinto/ JB	O PROERD, voltado para estudantes da rede pública de nova a onze anos acaba de ser extinto. Rubem César declara que o general Nilton Cerqueira cometeu um erro de estratégia ao acabar com o programa.
180	1995	16/08	Hélio Luz: Polícia paga pouco porque gasta mal/ O DIA	Hélio Luz disse que se não fosse a compra superfaturada de produtos para a PC seríamos capazes de pagar melhor ao detetive, por exemplo, que recebe trezentos reais e poderia passar a receber mil e quinhentos.
181	1995	16/08	Luz culpa fraudes por baixos salários/ O GLOBO	Idem
182	1995	18/08	Mais um empresário é seqüestrado/ JORNAL DO COMÉRCIO	O presidente da indústria Granfino foi seqüestrado em Nova Iguaçu.
183	1995	19/08	Casa é pintada e confunde polícia/ FOLHA DE S. PAULO	Robertinho de Lucas financiou a pintura das casa da favela para confundir a polícia. Por conta da OPERAÇÃO RIO vários bandidos abrigaram outros "donos de morros" pela cidade em "suas favelas". Assim foi com Jorge Luiz de Acari que abrigou Miltinho do Dendê.
184	1995	19/08	Polícia é conivente, disse delegado/ FOLHA DE S. PAULO	Luz afirma que grandes traficantes estão à solta por conivência com a polícia. Fala das propinas pagas aos policiais pelos bandidos.
185	1995	20/08	Rio ganha "tropa de choque" de intelectuais/ JB	Nesta matéria, é discutida a questão da inserção de novos agentes no cenário do planejamento de políticas públicas na área de segurança. Fala Luiz Eduardo Soares, Rubem César, Jaqueline Muniz, Gisálio Cerqueira, entre outros.
186	1995 *foto	20/08	Pesquisadores do ISER acompanha os PMs no policiamento comunitário de Copacabana e recolhem as sugestões dos moradores em caixas distribuídas pelo bairro/ JB	
187	1995	21/08	Cara Nova na Velha desordem/ REVISTA VEJA	Uma matéria na Veja Rio sobre a atuação de Helio Luz no cargo de chefe da PC há dois meses.
188	1995	23/08	Polícia tem plano para proteger favelados/ TRIBUNA DA IMPRENSA	Através de denúncias anônimas do Disque-denúncia, a Secretaria de Segurança Pública visa proteger os moradores de favelas que vêm sendo coagidos por traficantes. O disque-denúncia foi introduzido nos órgãos de segurança pública durante a operação Rio.
189	1995	23/08	Ex-prefeito diz que Rio pode virar uma Cali em 10 anos/ TRIBUNA DA IMPRENSA	O ex-prefeito de Cali diz que o Rio pode ficar como Cali ou Bogotá, capital da Colômbia, pois o tráfico age aqui da mesma forma que agiu lá: deteriorando os mecanismos de defesa da sociedade, como a Polícia e a Justiça, fazendo a população se sentir desprotegida. Rodrigo Guerrero participa, na sede do Viva Rio, da

				elaboração de um plano de combate à violência.
190	1995	23/08	Ex-prefeito diz que Rio poderá ser tão violento como Cálí/ O GLOBO	Idem
191	1995	23/08	Tráfico no Rio/ O FLUMINENSE	Idem
192	1995	25/08	Reformas e violência/ O FLUMINENSE	Fala da presença do ex-prefeito de Cálí na sede do Viva Rio. No Rio, na década de 1980 para cá, o número de crimes de morte quadruplicou. Fala da omissão do governo federal na situação de violência no Rio.
193	1995	09/09	Uma lição radical de tolerância/ JB	Fala sobre a política, a violência e a politização da violência.
194	1995	11/09	Sudeste combaterá a violência em conjunto/ JB	Os governadores da região vão se reunir com o Ministro da Justiça, Nelson Jobim, para estabelecer um convênio entre as polícias Federal, Rodoviária e as dos quatro estados
195	1995	01/10	Você está vacinado contra a violência/ JORNAL DA CIDADANIA	Uma grande reportagem fala da violência no Rio e da atuação de movimentos como o Viva Rio e o Ação da Cidadania no combate a este mal que vivemos.
195	1995	10/10	Associação premia denúncia de crime/ JORNAL DO COMÉRCIO	Denunciante terá o sigilo preservado. A associação RIO CONTRA O CRIME não terá uma atuação tão ampla quanto a do VIVA RIO, diz Hélio Saboya. Ainda segundo ele, o trabalho da associação é colaborar com a polícia na resolução de crimes na cidade.
196	1995	10/10	Denúncias de crime vão valer dinheiro/ ESTADÃO	Movimento Rio contra o Crime criou fundo que dará prêmios mensais aos delatores. O movimento já iniciou campanha de TV e rádio.
197	1995	15/10	Violência na cabeça/ JB	Entidades sugerem temas para o primeiro encontro do ciclo "Debates Cívicos".
198	1995	16/10	Uma noite para questionar a violência/ JB	Idem
199	1995	18/10	Cidadania sem o tom hipócrita/ JB	Frases de participantes badalados do evento aparecem nesta reportagem.
200	1995	21/10	Verba para a polícia/ O POVO	Movimento Viva Rio teve a palavra do ministro do Planejamento, José Serra, quanto ao recebimento da verba vinda da federação. Além de aumento de salários, os policiais querem melhorias estruturais, como ter gasolina para circular.
201	1995	26/10	Nova polícia/ O DIA	Rubem César entrega ao ministro da justiça, Nelson Jobim, um documento com centenas de assinaturas solicitando a retirada da Constituição o dispositivo que determina o papel das polícias para que cada Estado decida que polícia quer.
202	1995	26/10	Lance livre/ O DIA	Idem
203	1995	28/10	Viva Rio quer prioridade para a DAS/ O DIA	Rubem César defendeu a união do empresariado no sentido de ajudar a equipar melhor a DAS. Não teme que isso pareça uma medida elitista, visto que a melhora na imagem da cidade influenciaria a economia

				e toda a população ganharia.
204	1995	28/10	Viva Rio defende ajuda à DAS/ FOLHA DE SP.	Idem
205	1995	28/10	Dom Eugenio: todos devem combater a violência.	O cardeal Arcebispo estava na casa de Eduardo Gouvêa, empresário e ex-presidente da FIRJAN. Ele teve seu filho seqüestrado. A suspeita lançada é que policiais civis, em represália a atuação do empresário junto às autoridades para a mudança na estrutura das polícias resultou nisso. Rubem César disse que o empresário se mostrou muito sensibilizado com a questão social na cidade e que predispôs a ajudar financeiramente na realização de projetos sociais em áreas pobres.
206	1995	28/10	Dom Eugenio reza na casa dos Gouvêa/ JB	Idem
207	1995	29/10	Sociedade do asfalto condena favela ao exílio/ JB	Crianças já reverenciam o novo poder. Este é o subtítulo da reportagem que fala das causas da violência e das soluções. Itamar Silva, morador do morro Santa Marta e coordenador do grupo ECO falou. Disse que a associação de violência e favela é errada e gera preconceito.
208	1995	29/10	Policiamento pode não ser a solução/ JB	O economista e pesquisador do ISER Piquet Carneiro. Alguns mitos com relação à violência na cidade precisam ser desfeitos. Com essa preocupação, o pesquisador Leonardo, mostrou com o apoio de uma série de estatísticas que o declínio da atividade econômica no Rio é anterior ao período em que os índices de violência dispararam, na década de 1980. “A discussão sobre a violência está carente de estatísticas. Precisamos de informação para analisar com mais objetividade o que está se passando”, disparou Piquet. Este acaba de terminar, em parceria com Rubem César, um estudo intitulado “Criminalidade, drogas e perdas econômicas no Rio de Janeiro”.
209	1995	29/10	Impunidade e corrupção policial/ JB	Biscaia fala da ineficiência das investigações policiais e Maria Alice de Carvalho da pouca atuação do Estado gerando um caráter privatista na sociedade que culmina no afastamento de todos e em baixa atuação cidadã.
210	1995	29/10	Mega cidades são foco de violência/ JB	Humberto Mota, presidente da Associação Comercial do Rio de Janeiro, diz que vivemos a Lei de Gerson pela ditadura militar que sofremos e pela inflação por longo período. Isso, segundo ele, afetou o caráter do cidadão. Fala também que a polícia tem de vencer a desconfiança da sociedade.
211	1995	30/10	Mutirão contra o crime/ O GLOBO	Rubem César é entrevistado. O foco é a tentativa do movimento de reunir um milhão de pessoas numa grande manifestação pela paz. Várias autoridades devem estar reunidas nesse manifesto: Marcello Alencar, governador, César Maia, prefeito, sindicalistas, líderes de associações, empresários e etc.
212	1995	30/10	Passeata para Eduardo/ O GLOBO	Um ato em prol da paz na cidade foi realizado sob coordenação de Rubem César. A família Gouvêa reuniu-se com o movimento no Leblon, em frente ao posto 12 para pedir a libertação de Eduardo e Marcos Chiesa. Orações e mensagens de protesto foram

				proferidas.
213	1995	30/10	Uma caminhada pela paz/ JB - FOTO	Idem
214	1995	30/10	Movimento vai às ruas/ O POVO - FOTO	idem
215	1995	30/10	Um Basta à violência/ O DIA - FOTO	idem
216	1995	30/10	Amigos de seqüestrado fazem protesto no Leblon/ A NOTÍCIA	idem
217	1995	30/10	De mãos dadas, amigos rezam pela libertação/ FOLHA DE S. P. - FOTO	idem
218	1995	30/10	Mãe de Duda faz manifesto e Rebate falso será investigado/ A NOTÍCIA	idem
219	1995	30/10	Mãe quer polícia afastada do caso/ FOLHA DE S. P.	Idem
221	1995	30/10	A polícia que o Rio merece/ JB	Betinho fala da polícia que o Rio quer e da que nós temos, fruto do Estado Novo, da ditadura militar. A confiança na instituição policial é fundamental para a sociedade, demonstra Betinho.
222	1995	01/11	Favela contra a violência/ O DIA	Moradores de Vigário geral e Lucas fazem hoje oração para as famílias dos seqüestrados com a participação do pastor Cáio Fábio da Associação dos Evangélicos Brasileiros.
223	1995	02/11	Polícia adota nova estratégia/ O GLOBO	Depois de uma semana do seqüestro de Eduardo Gouvêa a polícia decidiu adotar nova estratégia de atuação no caso. Todos os comandantes de batalhões foram orientados a inquietar os pontos de venda de drogas para que os traficantes, prejudicados com a queda no movimento, denunciassem cativeiros na cidade.
224	1995	02/11	Moradores condenam massacres históricos e lembraram a chacina ocorrida em setembro/ JB	FOTO
225	1995	02/11	Crianças exibiram folhetos pedindo que população ajude a localizar Eduardo Eugenio/ JB	Foto
226	1995	02/11	Os outros desaparecidos/ O POVO	idem
227	1995	02/11	Vigário Geral reza pela paz/ JB	idem
228	1995	02/11	Papa se manifesta sobre seqüestros/	A família de Carlos Chagas, um dos poucos leigos a ter acesso direto ao Papa no Vaticano, recebeu msg deste e

			O FLUMINENSE	muito emocionados, resolveram não revelar, ainda, o conteúdo da msg.
229	1995	03/11	Nova passeata por Eduardo/ O GLOBO	Novamente uma reportagem sobre a passeata promovida pelo VIVA RIO. Mostra depoimentos de Rubem César e a movimentação para a maior passeata já vista, a que pretende reunir um milhão pela paz no Rio.
230	1995	04/11	Parentes esperam prova de vida/ FOLHA DE S. P.	Os seqüestradores ainda não forneceram a prova de vida pa família Gouvêa. Isso é importante, segundo mostrou a reportagem, para se ter certeza de que a negociação está sendo feita com as pessoas certas.
231	1995	04/11	Ex-sequestrado acusa Neto de negligência/ JB	Um médico morador da Barra de Tijuca falou da falha do delegado Alexandre Neto ao divulgar, antecipadamente e sem fundamentação séria, a libertação de seqüestrados o que causa um agravamento do trauma já sofrido pela família.
232	1995	04/11	Suspeito depõe na DAS e nega participação/ JB	Ricardo Belloti, suspeito no seqüestro de Eduardo gouvêa, em depoimento na DAS afirmou não ter qualquer envolvimento neste caso. Ricardo é filho do ex-presidente do DER e está, a pelo menos 10 anos, envolvido em contrabando de armas no Brasil.
233	1995	05/11	Alencar teme que crime afugente investimentos/ ESTADÃO	Governado aposta em mudança no Código Penal para reverter crescimento da violência. Rubem César declarou que é importante é isolar bandidos e não o Estado.
234	1995	05/11	Avanço do crime Poe legislação em xeque/ ESTADÃO	Apesar da lei de Crimes Hediondos, os seqüestros continuam a ser uma atividade lucrativa e de pouco risco; as propostas para reverter esse quadro incluem mudanças na lei, na polícia e nas políticas públicas. Rubem César declara que a justiça tem de chegar às favelas onde as pendências acabam por serem dirimidas de outra forma.
235	1995	06/11	Passeata pela paz reúne 50 pessoas/ FOLHA DE S. P - FOTO	Matéria fala da passeata no Leblon e tem uma ótima foto do movimento.
236	1995	06/11	Caminhada na praia pede pelo fim dos seqüestros/ O GLOBO - FOTO	idem
237	1995	06/11	Amigos de seqüestrados fazem passeata/ ESTADÃO - FOTO OTIMA	Idem
238	1995	06/11	Quero que tenham força/ O GLOBO	Esta foi a declaração de um dos familiares de Carlos Pinho, empresário seqüestrado há 20 dias. Uma manifestação numa igreja na Tijuca contou com a presença de Rubem César.
239	1995	06/11	Uma corrente solidária/ O GLOBO	Na matéria falam famílias de seqüestrados, mostra outras mobilizações agendadas na cidade e fala Rubem César: "há um conflito a resolver: as famílias dos seqüestrados pensa que só tem bandidos nas favelas e, ao mesmo tempo, os moradores das favelas pensam que só há mobilização quando um rico sofre violência".
240	1995	07/11	Luta inglória/ JORNAL DO COMÉRCIO	Fala da peça de Caio Ferraz e dos números apresentados pelo Viva Rio que denuncia que aproximadamente mil pessoas tiveram de pagar por

				suas liberdades aos bandidos.
241	1995	08/11	Estudante participa de protesto/ FOLHA DE SÃO PAULO	Marcos Chiesa, libertado há pouco, participou da manifestação contra a violência que ocorreu na Ilha do Governador, organizada por Rubem César.
242	1995	11/11	Adoção da prisão perpétua/ O FLUMINENSE	Pena para crimes de seqüestro e estupro conta com apoio da população. 97,68% são a favor.
243	1995	11/11	Prisão perpétua: 97,68% a favor/ O DIA	Idem
244	1995	12/11	Um basta à cumplicidade/ O GLOBO	Nesta matéria são apresentadas idéias para mudar o quadro atual de violência na cidade. Falam César Maia, Roberto da Matta, Antonio Callado.
245	1995	14/11	A saída/ FOLHA DE S.P.	A reportagem fala do movimento da sociedade civil como a saída para a situação de violência e descrença vivida na comunidade carioca.
246	1995	14/11	Violência preocupa Dom Eugenio Sales/ A NOTÍCIA	O cardeal arcebispo do Rio recebeu os representantes do Movimento VIVA RIO no palácio São Joaquim na Gloria.
247	1996	10/01	Violência caiu mais de 20% em 1995/ JB	Segundo o coronel Naldo Alves da Silva, o Rio ocupa o ranking mundial das cidades mais violentas do mundo.
248	1996	10/01	Turismo acusa menos violência/ Jornal do Comércio	Idem
249	1996	13/01	Primeiros passos – Segurança, em nossa memória, era coisa para especialistas militares/ O GLOBO	Ensaio com Rubem César. Segurança pública tem menos atenção que planejamento econômico. A favor da inteligência policial e da retirada das informações do domínio personalizado.
250	1996	28/01	Nota 10/ O DIA	Para o curso de formação de 600 voluntários em socorro a vítimas das enchentes que o Viva Rio está promovendo.
251	1996	28/01	Viva Rio convoca voluntários/ O DIA	Lançamento do programa Voluntários da Cidade Prontos para a Ação. A idéia é que 600 voluntários ajam em situações de emergência em caso de enchente.
252	1996	10/02	Borbulhantes/ O GLOBO	Politicamente correto e generosamente corretíssimo, o jantar de Gilse e Mauro Campos somou Zuenir Ventura, Marina Colassanti, Ronaldo César Coelho, Maria Silvia Bastos, Rubem César...
253	1996	22/02	Só o Rio/ O FLUMINENSE	O deputado Hairson Monteiro do PPB sugeriu que o Viva Rio promova desenvolvimento com a verba do BID não só na cidade do Rio, mas em outras áreas do Estado, evitando assim uma saída desenfreada em direção à capital.
254	1996	01/03	Amargo exílio em INFORME JB/ JB	Passa por várias dificuldades financeiras, em Boston, onde se refugiou para se livrar das ameaças de morte que recebia no Rio, o sociólogo Caio Ferraz, fundador.
255	1996	02/03	Borbulhantes/ O GLOBO	Elogio ao movimento viva Rio que tem ações afirmativas, ao contrário dos políticos que se digladiam em debates sem fim.
256	1996	03/03	Violência oculta nas estatísticas/ JB	Trata das mazelas do bairro de Jacarepaguá, da cidade de Deus, de estatísticas de violência e do livro da Alba Zaluar.
257	1996	03/03	Só água passa no teste/ JB	Na calamidade que vivem os moradores de Jacarepaguá

			JB	há pelo menos uma boa notícia: a água é potável.
258	1996	03/03	Seqüestro na América Latina viram pesadelo para executivos nos EUA/ O GLOBO	Pesquisa diz que Brasil está em terceiro lugar na lista dos países mais perigosos
259	1996	14/03	Ajuda para vítima de enchente/ A NOTÍCIA	Uma carreta de caminhões e ônibus dará início à campanha.
260	1996	23/03	Debate sobre segurança pública no Rio/ JORNAL DO COMÉRCIO	Um debate será promovido pela Secção Judiciária RJ e o sindicato dos advogados e conta com Hélio Luz, o presidente da associação O Rio Contra o Crime, Hélio Saboya.
261	1996	23/03	Entidades vão fazer pressão no julgamento do caso Candelária/ FOLHA DE SP.	Decisão sobre morte de oito menores irá a júri no fim de abril.
262	1996	23/03	Abrigos/ O POVO	Cem famílias que ficaram desabrigadas com enchente vão receber apoio do Viva Rio.
263	1996	08/04	Luz defende policiais/ JB	O general Nilton Cerqueira decidiu não comentar a pesquisa do JB que indica que a PM matou oito vezes mais que a Polícia Civil. Helio Luz acha que tudo não passa de especulação. Vários pensadores e estudiosos comentam a pesquisa, dentre eles Betinho e Alba.
264	1996	08/04	PM mata mais em Acari/ JB	Favela no subúrbio é a recordista em casos de pessoas mortas pela polícia.
265	1996	17/04	Impunidade oficializada/ JB	Analisa a falência da atual política de combate à criminalidade a partir dos casos de fugas das escolas de internação de adolescentes infratores.
266	1996	17/04	PMs são acusados de matar criança/ JB	Segundo foi noticiado, Policiais do 9º batalhão mataram, durante incursão na favela de Acari, um menino de 2 anos.
267	1996	26/04	Polícia ocupa favela de Acari/ JORNAL COMÉRCIO	Hélio Luz comandou a ocupação da favela que é a terceira promovida pelo governo Estadual.
268	1996	26/04	Apreendida arma da chacina da Candelária/ JB	Uma das armas que teria sido usada na chacina da Candelária foi encontrada na casa do PM Nelson Oliveira Cunha, 29 anos. Ele confessou ter participado do crime.
269	1996	26/04	Sem verbas para trabalho social/ O GLOBO	Estado não tem dinheiro para saneamento nas áreas ocupadas pela polícia militar. A ocupação da polícia, enfim, não foi acompanhada da ocupação social prometida.
270	1996	30/04	Manifestações no Centro da cidade/	Participantes do Viva Rio e outros grupos reuniram-se para uma manifestação durante o julgamento dos acusados da morte dos oito menores na chacina da Candelária. Betinho e Rubem César fizeram declarações à imprensa.
271	1996	01/05	Um passo/ FOLHA DE SP	Matéria sobre a condenação de um dos réus pelo massacre da candelária.
272	1996	07/05	Favela Bairro, Informe Especial/ O DIA	O programa atingindo a comunidade Mata Machado para salvar a beleza natural do Rio Cachoeira.
273	1996	07/05	Reflorestar é preciso/ O DIA	O programa Favela-Bairro fará reflorestamento no Morro do Grotão, Penha.
274	1996	11/05	Quem matou na	No artigo, Otávio Guedes responsabiliza prefeito e

			Candelária?/ O DIA	governador pela chacina da Candelária.
275	1996	16/05	Cerqueira deixa para a sociedade julgamento de sua administração/ O POVO	Nilton Cerqueira está há um ano à frente do cargo de secretário de Segurança Pública e não fez avaliações, deixa para a sociedade fazer.
276	1996	16/05	Libertação de réus provoca a saída de advogado do processo sobre a Candelária/ O GLOBO	Wagner dos Santos decidiu não depor mais no processo contra os policiais acusados pela Chacina da Candelária.
278	1996	16/05	Estado, Justiça e violência no Brasil (II)/ JORNAL DO COMÉRCIO	A liberdade, uma e indivisível, e sua forma de condicionamento e definição, que é a lei. O autor é juiz de Direito.
279	1996	17/05	Estado, Justiça e Violência (III)/ JORNAL DO COMÉRCIO	Os bens públicos e as garantias dos cidadãos contra a prepotência.
280	1996	17/05	No Astra, a experiência como trunfo/ O GLOBO	A matéria fala sobre a investida de Hélio Luz no combate a corrupção na polícia civil. Ele utilizaria a rede de conhecidos dos policiais corruptos para tanto.
281	1996	21/05	Viva Rio acusa general de estimular ódios às ONGs/ O DIA	Rubem César fala da atitude do general Nilton Cerqueira avaliando que tal atitude remonta à época do regime militar quando de um lado estava o governo e de outro entidades representantes dos direitos humanos.
282	1996	21/05	Secretaria de Segurança investiga as ONGs e alerta para ligação com tráfico/ O GLOBO	Relatório servirá para Marcello reagir a críticas feitas por entidades à sua gestão.
283	1996	21/05	Cerqueira volta a atacar ONGs/ JB	Idem
284	1996	21/05	Betinho acusa secretário de pregar a violência/ ESTADÃO	Para sociólogo, Nilton Cerqueira é responsável pelas mortes de policiais nas favelas do Rio
285	1996	21/05	Secretário critica o Viva Rio/ JORNAL DO COMÉRCIO	Idem
286	1996	22/05	Sociologia indulgente/ JB	Idem
287	1996	29/05	Acusado vai depor de novo sobre chacina da Candelária.	Marco Aurélio Dias, um dos réus confessos da chacina vai depor novamente por conflito entre seu depoimento e o de outros policiais.
288	1996	07/06	Desfile ecológico na praia de Copacabana/ O POVO	As comemorações pela semana do meio ambiente teve seu ponto alto na praia de Copacabana quando mais de mil pessoas fizeram um misto de desfile e passeata organizada pelo VIVA RIO, ISER e GRUDE.
289	1996	07/06	Lixo se transforma em fantasia no desfile ecológico/ O GLOBO	Idem
290	1996	07/06	Ecologista desfila em Copacabana/	Idem

			A NOTÍCIA	
291	1996	08/06	Informe do dia/ O DIA	Moradores da Maré discutem a despoluição do Canal da Baía.
292	1996	20/06	Guarda Municipal e PM continuam divergindo/ JORNAL DO COMÉRCIO	A discussão das competências surge em debate acalorado entre coronel da PM e superintendente executivo da Guarda Municipal.
293	1996	23/06	Chacina já não atrai mais tanta atenção/ O GLOBO	Promotores querem outro julgamento para soldado da PM já condenado.
294	1996	25/06	Advogado ameaça suspender o júri da Candelária se as testemunhas faltarem/ O GLOBO	Yvonne Bezerra e Cristina Leonardo se negam a depor na que chamam de farsa.
295	1996	26/06	Novo júri da Candelária já começa com protesto/ JB	Idem
296	1996	23/07	Missa lembra hoje morte de menores na Candelária/ O GLOBO	Uma missa e, posteriormente, uma manifestação marcam os três anos da Chacina da Candelária.
297	1996	24/07	Ato lembra três anos da Chacina da Candelária/ ESTADÃO	Idem
298	1996	24/07	Ato lembra Chacina na Candelária/ JORNAL DO COMÉRCIO	Idem
299	1996	24/07	Missa da Candelária/ O GLOBO	Idem
300	1996	24/07	Missa lembra os três anos da chacina/ JB	Idem
301	1996	07/08	Ladrões levam dinheiro da folha do Viva Rio/ A CRÍTICA - AMAZONIA	Três homens armados invadiram a sede do Viva Rio na Glória e roubaram dois mil e quinhentos reais referentes ao programa Central de Oportunidades.
302	1996	14/08	Solidariedade na ponta do lápis/ O DIA	Alunos do Colégio Apollo 12, em Santa Cruz, estão divulgando a campanha do Viva Rio na Zona Oeste.
303	1996	19/08	Viva Rio/ HOJE EM DIA - BH	Viva rio lança amanhã o projeto Esculpir para levar dança às favelas.
304	1996	20/08	Reage Rio foi motivado por três seqüestros/ A CRÍTICA - AMAZONIA	Conta a história do Reage Rio que começou em 1995 motivado pela onda de seqüestros no Rio.
305	1996	22/08	Chapelaria/ O GLOBO Jornal de bairros, Zona Sul	O sucesso do projeto "Planeta golfinhos da Guanabara" foi tamanho que foi criada a Cooperativa de Chapéus, reunindo alunos e professores da oficina de técnicas de chapelaria que funciona no capus da UFRJ, na Praia Vermelha. Os meninos receberam encomendas de 1.500 chapéus para o desfile das escolas de samba de 1997.
306	1996	23/08	Viva Rio e Viva Antares/ HOJE EM DIA - BH	O Viva Rio e o Viva Antares promovem domingo um evento em favor da Rio 2004.
307	1996	25/08	Zózimo/	Um desfile de moda, organizado pelo Viva Rio, agita

			O GLOBO	amanhã a boate Maxim's.
308	1996	31/08	Bonde é tema de morador/ JB	Viva Santa vai propor aos candidatos a prefeito a municipalização do veículo.
309	1996	31/08	Curtas e diretas/ Jornal Correio da Zona sul	Telecurso. Inaugurada no Santa Marta a primeira telessala, em favela, do Telecurso 2000. Está funcionando na Creche da comunidade. Trinta moradores participarão da primeira turma.
310	1996	10/09	Rocinha, um mercado à parte/ O DIA	Locadoras, imobiliárias e agencias de viagem compõem o perfil de um pequeno mundo.
311	1996	10/09	Crédito fácil sobe o morro/ O DIA	Viva Rio lança, em novembro, programa de financiamento popular para favelas, começando pela Rocinha. Vivacredi.
312	1996	10/09	Morador da Rocinha ganha dinheiro para abrir empresa/ O DIA	Idem
313	1996	17/09	Parentes querem movimento/ FOLHA DE SP	Parentes e amigos de um jovem assassinado em Jundiaí, SP, querem fazer um movimento como o Reage São Paulo, mas o secretário de segurança do Rio desaconselhou o movimento dizendo que este assunto é de Estado.
314	1996	20/09	Olimpíadas 2004: uma grande paixão/ O POVO	Fala sobre o projeto Rio Olímpico que conta com o apoio do Viva Rio.
315	1996	02/10	Zózimo, pelo bem do Rio/ O GLOBO	Idem
316	1996	02/10	Informe do Dia, Picadinho/ O DIA	Idem
317	1996	04/10	Campanha pelo Rio 2004/ O GLOBO	Idem
318	1996	07/10	Passeata voluntária promove Rio 2004/ Diário do Nordeste (CE)	Idem
319	1996	07/10	Passeata no Rio atrai multidão de voluntários/ TRIBUNA DO NORTE (RN)	Idem
320	1996	09/10	Informe do Dia, picadinho/ O DIA	Viva Rio assina hoje convenio com o Banco Mundial para o financiamento de micro-empresários.
321	1996	11/10	Amigos da Escola/ O GLOBO	Conclama empresários e sociedade civil para fazerem parte dos Amigos da Escola, um projeto em lançamento.
322	1996	11/10	Eventos da Rio 2004/ O GLOBO	Eventos promovidos pelo Viva Rio para promover a campanha Rio 2004.
323	1996	15/10	Zózimo, Força/ O GLOBO	Idem
324	1996	25/11	Especialista condena projeto de despoluição/ JB	Projeto Rio 2004 e a despoluição da Baía de Guanabara.
325	1996	25/11	A pedra no Sapato do	Idem

			carioca/ JB	
326	1996	25/11	Os desafios da baía/ JB	Idem
327	1996	25/11	O marco da grande virada/ JB	Uma avaliação do então governador do Rio, Marcello Alencar, sobre os dois anos de governo. Exalta o programa de despoluição da Baía de Guanabara.
328	1996	25/11	Copa em festa pra trazer olimpíadas/ O POVO	Rio 2004.
329	1996	25/11	Ronaldo comemora vitória do COI e diz que resultado foi excelente/ O GLOBO	Rio 2004.
330	1996	26/11	Membros do COI ficam empolgados com o povo/ A NOTÍCIA	Idem
331	1996	26/11	Comitê tem menos de um mês para cumprir as exigências/ O GLOBO	Idem
332	1996	26/11	Comissão se despede sob aplausos/ JB	Idem
333	1996	30/11	Lagoa terá festa amanhã/ JB	Viva Lagoa, Lagoa Viva, um projeto do movimento Viva Rio pela limpeza da Lagoa Rodrigo de Freitas.
334	1996	02/12	Os contras/ JB	Esquenta a sucessão do Flamengo. Herbert Vianna, Paula Toller, Jorge Israel, Leo Jaime, Rubem César e Júlio Lopes aderiram ao movimento Branco é rubro-negro. A intenção é anular as eleições do Flamengo e impedir que Kleber Leite cumpra um segundo mandato na presidência do clube.
335	1996	04/12	Pastor vende a sua igreja/ O DIA	Evangélico quer dois mil e quinhentos para se livrar do 'negócio' religioso e investir no ramo da construção. No entanto, Ernan Mafra, advogado que providenciou a abertura e legalização do Viva Rio disse que abrir uma instituição filantrópica é quase de graça.
336	1996	12/12	Voluntário debate método de trabalho/ A NOTÍCIA	Os voluntários vão falar de suas experiências durante seminário promovido pelo Conselho da Comunidade Solidária.
337	1996	13/12	Vip Vupt/ O DIA	Erasmus Carlos decidiu dar uma contribuição para o Viva Rio.
338	1996	16/12	Campanha "Ler para crer" arrecada cem mil livros/ O GLOBO	Grande parte dos títulos doados servirá de reforço ao acervo das 116 bibliotecas públicas municipais. Viva Rio participou da iniciativa.
339	1996	17/12	Zózimo, Novo Point/ O GLOBO	Em processo de desapropriação, o prédio de três andares no 312 da Rua São Clemente abrigará cursos, exposições e cinema sob coordenação do Viva Rio.
340	ANO	DATA	MANCHETE/ JORNAL	SINOPSE DA MATÉRIA
341	1997	02/01	Viva Rio quer um centro cultural para Botafogo/ O GLOBO	Projeto é ocupar prédio inacabado e torná-lo um ponto de ligação entre a favela e o asfalto.
342	1997	14/01	Viva Rio forma babás no	Vinte moradoras do morro Dona Marta, em botafogo,

			Dona Marta/ O DIA	começaram ontem a ter aulas de puericultura e percepção infantil.
343	1997	16/01	Irregularidades no COB prejudicam Rio 2004/ O DIA	Projeto Rio 2004.
344	1997	16/01	COB entregará relatório ao Indesp na terça/ JB	O presidente do COB apresentará relatório de prestação de contas da participação brasileira em Atlanta.
345	1997	17/02	INFORME DO DIA, PALCO/ O DIA	Dia 13 começa no Hotel Glória a Rio + 5 reunião internacional que fará um balanço dos resultados da Rio 92.
346	1997	23/02	Rio na Internet/ JB	Viva Rio vai buscar apoio ao Rio 2004 via Internet.
347	1997	25/02	Justa causa/ O DIA	O prefeito Luz Paulo Caonde via dar uma de militante verde. Dentre de uma semana integrará um mutirão pela limpeza do Canal do Anil com a equipe do Viva Rio.
348	1997	25/02	Nota/ JB	Rio 2004
349	1997	25/02	Nota/ JB	Uma cerimônia será realizada no Viva Rio para homenagear Zuenir Ventura. Na ocasião receberá a Medalha Pedro Ernesto, uma iniciativa do ex-vereador Boal.
350	1997	15/03	Agenda social cobrada em tendas/ JORNAL DO COMÉRCIO	Viva Rio foi convidado para participar de ato em prol da Agenda Social Rio.
351	1997	16/03	Sem 2004: Rio quer Agenda Social/ O GLOBO	Idem
352	1997	17/03	Ecologistas dizem que Rio 92 foi um fracasso/ O DIA	Mercedes Sosa definiu a Rio 92 como um tremendo fracasso. O VIVA RIO fez roteiros para a visita de ambientalistas no Rio.
353	1997	03/04	Polícias desafiam governadores/ JB	Estados não impõem às corporações o respeito à cidadania.
354	1997	12/04	Manifestações e vigílias não deixam esquecer Vigário Geral/ O DIA	Cartazes e fotos da chacina foram expostos ontem na porta do Fórum.
355	1997	12/04	Moradores de Vigário Geral fazem protesto/ TRIBUNA DA IMPRESA	Idem
356	1997	12/04	Sem adiamento/ JORNAL DO COMÉRCIO	Idem
357	1997	01/05	Governo pede a ONGs projeto para menores/ O DIA	O secretário nacional de Direitos Humanos, José Gregori, quer que a sociedade pare de virar a cara para os meninos e meninas infratores.
358	1997	02/05	Dona Ruth e o Viva Rio/ O GLOBO	Dona Ruth estará no Rio dia 14 para participar da palestra, promovida pelo Viva Rio, sobre o Programa Comunidade Solidária. Será debatida a política de parcerias entre o Governo, sociedade civil e empresas privadas.
359	1997	23/05	Gringos loucos/ JB	Erro da CBS identificou Rubem César como Emir Sader.

360	1997	24/06	Promotora quer exumar corpos da Candelária/ O DIA	A absolvição de Cunha foi questionada pelo ministro da Justiça.
361	1997	24/06	Brasil ganha aliados para Agenda 21/ Gazeta MERCANTIL	Acordo de cooperação fará frente à posição dos USA.
362	1997	24/06	FH oferece o Rio para nova reunião sobre meio ambiente/ O DIA	FHC propôs na Cúpula da Terra que o Rio de Janeiro seja a sede de um Foro Mundial sobre Meio Ambiente.
363	1997	24/06	Balas perdidas atingem meninas em festa junina/ O DIA	A matéria trata de crianças que vêm sofrendo com a violência na cidade.
364	1997	24/06	Metralhadora Giratória/ O DIA	Nilton Cerqueira continua criticando a atuação de ONGs como o Viva Rio.
365	1997	30/07	Jovens de Vigário Geral ganham centro de cultura/ O POVO	Resultado do trabalho desenvolvido pela ONG Afro-Reggae, após chacina em que 21 moradores foram assassinados por PMs, núcleo de arte e cultura foi inaugurado ontem na comunidade.
366	1997	31/07	Salário melhor, outra alternativa/ TRIBUNA DA IMPRESA	Rubem César busca soluções imediatas para a crises nas polícias.
367	1997	11/09	Jardins cuidados com lições de história/ O GLOBO	Viva Rio patrocina curso para adolescentes que tratarão dos canteiros da Voluntários da Pátria.
368	1997	27/09	Morro acima/ O GLOBO	Dona Ruth vai à Rocinha para entregar os primeiros microempréstimos que serão repassados pelo Viva Rio.
369	1997	02/10	Ruth defende projeto sobre aborto/ FOLHA DE SP	Dona Ruth, em visita à Rocinha, discute assuntos em pauta nacional.
370	1997	21/10	Bancos populares facilitam crédito para microempresas/ ESTADÃO	BNDES vai repassar R\$ 300 milhões para entidades que financiam empréstimos de R\$ 50 a R\$ 5 mil.
371	1997	30/11	Pizzaria na rocinha dá a volta na crise/ O GLOBO	Crédito popular: expansão a juro baixo. Com empréstimo da Viva Créd, o dono compra moto e aumenta faturamento em comércio na Rocinha.
372	1997	07/12	Rocinha promove feira de negócios/ JB	A favela vai sediar a 1ª FERIA Multisetorial. Ao todo ser

Nº	ANO	DATA	MANCHETE/ JORNAL	SINOPSE DA MATÉRIA
00	1998	-	A movement born out of passion	A chacina de Vigário Geral e a história do Viva Rio.
01	1998	01/05	O DIA	O Viva Rio promove um congresso com estudantes do Pedro II, para a discussão de educação, emprego e renda.
02	1998	03/07	Gente Solidária - Dedicção aos deficientes/ Extra	Dedicção de Ivone Alves Teixeira na Assistência Social da SBA (Sociedade Beneficente de Anchieta).
03	1998	05 e 06/07	Aprec defende o sistema lagunar/ O Fluminense	A Associação de Proteção a Ecossistemas costeiros conta com o apoio do Viva Rio.
04	1998	06/07	Autônomos terão crédito fácil/ O DIA	O Viva Cred financia microempreendedores.
05	1998	07/07	R\$ 10 milhões para o Rio/ Extra	A linha de crédito <i>Viva Cred</i> está entre os organismos que vão receber 3,5 \$ milhões para programas de treinamento e requalificação profissional.
06	1998	12/07	Da favela para os jardins do Rio/ Extra	O Viva Rio promove o projeto 'Jardineiros do Bairro'.
07	1998	12/07	O DIA	Nota sobre o curso 'Jardineiros do Bairro'.
08	1998	13/07	Linha reta/ O Povo do Rio	Parceria entre o Viva Rio e a Fundação Parques e Jardins.
09	1998	17/07	BID elogia o Favela-Bairro/ JB	Favela Bairro é elogiado e o projeto 'Favela-Bairro/Esporte Comunitário', do Viva Rio é apresentado aos representantes do BID.
10	1998	19/07	O que vem por aí/ O DIA	Lançamento do curso 'Viva Bebê', em Acari.
11	1998	19/07	Jardinagem/ O DIA	Depois do convênio com o Viva Rio, a Fundação Parques e Jardins consegue outro parceiro, o 'Comunidade Solidária'.
12	1998	19/07	Mutirão envolve favelas/ Extra	Rubem considera importante pensar as comunidades locais. São apresentados programas do Viva Rio.
13	1998	20/07	Viva Rio apóia a lei do bico/ Extra	Em meio denúncias e afastamentos de policiais que oferecem vigilância, Rubem fala da 'lei do bico', que diminuiria a corrupção e a hipocrisia na polícia.
14	1998	22/07	Campanha visa aumentar o número de doadores de sangue em Três Rios/ Entre-Rios Jornal	O Grupo Espírita Fé e Esperança, do Viva Rio, convoca a cidade para doar sangue.
15	1998	23/07	Meditação pela paz/ O Globo	O Viva Rio, o Iser e o Fórum Espiritual das Nações Unidas pela Paz realizam uma meditação em Copacabana.
16	1998	26/07	Influência de traficantes cai nas favelas ( <i>capa</i> )/ Balcão de Direitos em vez do tráfico/ O Globo	O projeto, do Viva Rio, criado em 96, ajuda as comunidades carentes.
17	1998	26/07	Favela, Sociedade Anônima/ O DIA	Rubem analisa a imagem da favela e seu processo de integração e urbanização.
18	1998	30/07	Gregori discute no Rio luta contra prostituição infantil/ JB	Elisabeth Sussekind, do Viva Rio analisa a prostituição infantil do Brasil.

19	1998	30/07	Prefeitura cria linha de crédito para microempresários/ Gazeta Mercantil	O Viva Rio, com o Viva Cred, é uma das ONG's responsáveis pelos repasses.
20	1998	31/07	Favela cidadã/ O Globo	O projeto 'Balcão de Direitos', do Viva Rio, é um sucesso, após o 'Favela-Bairro, dá o passo seguinte na vida das favelas.
21	1998	04/08	Voto Religioso/ O Globo	O Iser constatou que 30% dos eleitores de 16 a 21 anos são evangélicos.
22	1998	05/08	Banco Popular se instala no Rio/ Extra	Em 99 será aberto, na Maré o posto do Microbank, que financiará micro-empresários da comunidade.
23	1998	05/08	Lula quer criar ministério para tratar de empregos/ O Globo	Se eleito, Lula criará mais e melhores empregos. Começa hoje a visitar projetos de geração de empregos, como o Banco do Povo.
24	1998	05/08	Betinho ainda educa/ Povo do Rio	No Parque Proletário do Grotão, na Penha, é inaugurado uma creche com o de Betinho.
25	1998	05/08	Gente Solidária – Dedicção à comunidade/ Extra	Lúcia Alleyne fundou o comitê 'Apaixonado pela Vida', em Duque de Caxias.
26	1998	05/08	Shoppings misturam ofertas e solidariedade/ O DIA	Na onda da liquidação de preços, o Viva Rio aposta na doação de roupas velhas.
27	1998	05/08	Prefeito inaugura creche na comunidade/ Jornal do Comércio	A creche 'Betinho' é inaugurada na Penha.
28	1998	05/08	Filântria - Os Heróis Anônimos/ Veja	Análise da 'solidariedade' no Brasil, que tem 220 mil ONG's dedicadas à caridade.
29	1998	06/08	Shoppings queimam estoques de inverno/ O Globo	Campanha promove descontos e recolhe roupas para o projeto do Viva Rio.
30	1998	06/08	Shoppings fazem liquidação com descontos de até 70%/ O Globo	idem
31	1998	06/08	Shoppings liquidam juntos/ JB	Sobre a campanha de doação de roupas, Rubem diz: 'A idéia é que a cidade toda participe'.
32	1998	06/08	Atitude do policial divide opiniões/ O Globo	Rubem critica o despreparo policial, após cabo ter matado um assaltante.
33	1998	06/08	Liquidação em 12 shoppings amanhã/ Extra	O Viva Rio, com sua campanha 'Por um Rio mais bonito', estará presente nos shoppings com seus stands.
34	1998	06/08	Comandante aprova ação/ Extra	Além de Dorasil Corval, comandante-geral da PM, Nilton Cerqueira apóia a ação do cabo, que atirou em dois assaltantes, sendo as imagens registradas pela Globo,
35	1998	07/08	Viva Rio faz crítica a PM/ JB	Rubem: 'Será preciso atirar para matar?'
36	1998	-	Margens da Lagoa são ocupadas irregularmente/ O Fluminense	A APREC tenta barrar a aterrção da Lagoa de Itaipu.
37	1998	07/08	Cartas dos Leitores – Assalto (7 cartas)/ O Globo	A maioria das cartas são a favor do cabo.
38	1998	07/08	O que se esconde por trás da cena/ O Globo	Elizabeth Sussekind analisa o episódio, segundo ela, a população se sente vingada.
39	1998	07/08	Marcello e Noaldo elogiam	Governador defende cabo e considera Viva Rio

			cabo Teodoro/ JB	utópico.
40	1998	08/08	Papo de Sociólogo/ O Fluminense	Simone Araripe critica a posição de Rubem César Fernandes.
41	1998	08/08	Carta dos Leitores – Ação policial (8 cartas)/ O Globo	Mais críticas a Rubem a apoio ao cabo.
42	1998	09/08	Novas prioridades para os programas com recursos do FAT/ Extra	O FAT vai atender jovens em situação de risco e mulheres chefes de família.
43	1998	09/08	Mais vagas no Serviço Civil/ Sonhos de uma jovem voluntária/ Extra	Com o apoio do FAT, o programa ‘Serviço Civil Voluntário’, coordenado pelo Viva Rio, é implantado.
44	1998	09/08	Cartas (8) Viva Rio X assalto/ JB	Mais apoios ao cabo.
45	1998	10/08	Contra à fome/ JB	Fernando Montenegro homenageia Betinho, após 1 ano de sua morte e lança a campanha para ajudar escolas do NE.
46	1998	10/08	Via Fax/ Tribuna da Imprensa	O Viva Rio lança o projeto ‘Amigos da Escola’.
47	1998	10/08	Betinho é símbolo para o Dia dos Pais/ JB	Eventos lembram luta de Betinho. No Campo de Santana, representantes do Viva Rio realizaram um ato ecumênico.
48	1998	11/08	Cartas – Ação policial/ O Globo	Mais apoio ao cabo.
49	1998	11/08	Viva Rio x assalto/ JB	Críticas a Rubem.
50	1998	13/08	Polícia em cena: segurança?/ O Globo	Artigo de Aldair Rocha sobre os eventos ocorridos. Defende as idéias de Rubem.
51	1998	16/08	DF cria Serviço Civil Voluntário/ Folha	O programa ajuda pessoas como Magali Maia, que abandonara os estudos.
52	1998	18/08	Projeto Telessala alfabetiza carente/ A Notícia	A Secretaria Municipal do Trabalho está lançando o programa de Aumento da Escolaridade, através das telessalas e 40 mil oportunidades de trabalho, em parceria com o Viva Rio, Sebrare e Fundação Roberto Marinho.
53	1998	18/08	Carta ao cabo Teodoro/ O Globo	Rubem publica uma carta sua ao cabo, onde diz que o seus ataques não são ao cabo, mas ao estado de insegurança do Rio.
54	1998	19/08	Gente Solidária – Unidos por uma boa causa/ Extra	Kellen Ferreira é a coordenadora pedagógica da ‘União dos Cegos do Brasil’.
55	1998	20/08	Rio fica sem programa de proteção a testemunhas/ O Globo	Divergências entre o Governador e os coordenadores do Viva Rio impede um convênio com o Ministério da Justiça.
56	1998	24/08	Sem Alternativa/ O Globo	Nota sobre a divergência.
57	1998	24/08	Gente Solidária – Jovens Jardineiros/ Extra	Maria Alves coordena projeto de jardinagem para jovens.
58	1998	26/08	Adolescentes cuidarão dos jardins da Saúde/ Jornal do Comércio	O projeto ‘Jardineiros do Bairro’, empregou, ontem, dez adolescentes.
59	1998	27/08	Profissionalização, garantia do adolescente/ O Globo	Artigo de Sírio Darlan defende as oportunidades para os jovens.

			O Globo	
60	1998	30/08	Informe JB/ JB	O Viva Rio leva 3 mil jovens do Serviço Civil Voluntário desfilaram pelo 7 de Setembro, em Copacabana.
61	1998	31/08	Semana da Pátria terá desfile com samba em Copacabana/ O Globo	Rubem convoca a sociedade toda a participar da festa.
62	1998	06/09	Desfile cívico levará às ruas o orgulho de jovens carentes do Serviço Civil Voluntário/ O Globo	Os 3 mil jovens desfilarão com fantasias de Joãozinho Trinta.
63	1998	06/09	Hoje tem desfile das Forças Amadas. Muito amadas./ Extra	Anúncio do desfile.
64	1998	07/09	Antecipando o dia 7/ Povo do Rio	O desfile mostra a cara o projeto Serviço Civil Voluntário, que é uma alternativa ao Serviço Militar obrigatório.
65	1998	07/09	Carnaval na Independência/ Folha	O desfile foi um carnaval.
66	1998	07/09	Serviço Civil faz carnaval para a Semana da Pátria/ O Globo	O desfile levou às ruas os jovens que estudam e prestam serviços à comunidade.
67	1998	07/09	Uma carona no desfile de Joãozinho Trinta/ O Globo	Cabos eleitorais aproveitam o desfile para fazer propaganda,
68	1998	07/09	Amadeo aprova alta dos juros/ Extra	Edward Amadeo, Ministro do Trabalho, que esteve no desfile, fala sobre a medida, que considera positiva para o mercado de trabalho e redução do desemprego.
69	1998	07/09	Extra	Foto de Amadeo no desfile.
70	1998	- / 09	Estação Futuro	Jornal mostra o sucesso do desfile.
71	1998	07/09	E o amanhã, ministro? / O DIA	A medida impopular de aumentar as taxas juros, segundo Amadeo, vai atrair mais investimentos para o país.
72	1998	07/09	O Globo	Foto do desfile.
73	1998	09/09	O Globo	Telefone do Viva Rio.
74	1998	12/09	Secretário nega onda de violência/ O Globo	Ronaldo Alves Silva diz que a violência no Rio está sob controle e critica Rubem César.
75	1998	13/09	Grupo planta mudas de mangue branco em Itaipu/ O Globo	A APREC Luta pela recuperação da Lagoa de Itaipu e mudas são plantadas pelo programa do Serviço Civil Voluntário.
76	1998	16/09	O Globo	O Viva Rio, entre outras entidades, assinará um convênio com a Firjan. Trabalhadores de baixa renda poderão investir na sua formação.
77	1998	17/09	O Globo	idem
78	1998	19/09	O Globo	Telefone do Viva Rio.
79	1998	19/09	Curso no Viva Rio/ O Globo	Um curso sobre harmonia de ambientes (Feng Shui) será oferecido no Viva Rio.
80	1998	20/09	Revolução na reciclagem/ Extra	O Viva Rio treinará catadores a reciclar garrafas PET
81	1998	20/09	Alunos 'adotam' colegas nordestinos/ O Globo	Alunos de 20 colégios do Rio arrecadam dinheiro para a merenda de estudantes nordestinos atingidos pela seca, através da campanha 'Amigos da Escola'.
82	1998	20/09	Crédito para quem é micro/ Extra	O Viva Cred utiliza a verba do BNDES para financiar micro-empresários.
83	1998	23/09	O Globo	Telefone do Viva Rio.

84	1998	24/09	Flores para o povo/ Extra	Alunos de jardinagem, do projeto 'Jardineiros do Bairro', distribuem 2 mil flores artesanais para pedestres, para saudar a primavera.
85		24/09	Duas mil flores em Botafogo/ A Notícia	Idem.
86	1998	24/09	Nota 10/ O DIA	Nota 10 para os pequenos jardineiros, em Botafogo.
87	1998	27/09	JB	Nota sobre o programa de reciclagem de garrafas plásticas.
88	1998	27/09	Viva Cred tem taxa menor/ Extra	Viva Cred financia, a juros baixos, empresários da Rocinha.
89	1998	27/09	Proteção a testemunhas causa polêmica/ O Globo	O projeto não foi adiante pelo Governo não querer dividir a responsabilidade com uma ONG.
90	1998	27/09	Começar tudo de novo/ O DIA	Desempregados dão a volta por cima. Muitos são estimulados pelo Viva Cred.
91	1998	27/09	O DIA	O Viva Rio promove uma festa para o Programa de Aumento de Escolaridade, em Madureira.
92	1998	27/09	O Globo	Telefone do Viva Rio.
93	1998	30/09	Quem precisa de governo?/ Isto É	Devido à carência de investimentos sociais por parte do governo, as comunidades lutam para supri-la, principalmente através das associações de moradores.
94	1998	01/10	Rocinha atraente para empresários/ A Notícia	O Viva Cred ajuda muitos empresários das favelas, que estão em um ótimo crescimento.
95	1998	01/10	O Globo	Telefone do Viva Rio.
96	1998	01/10	Não existe crise na Rocinha/ O DIA	O Viva Cred ajuda a economia da Rocinha com crédito a empresários locais. Já concedeu 2 milhões para 1.100 cartas de crédito.
97	1998	02/10	Gente Solidária – Trabalhando pelo bem de Vila Cava/ Extra	Joel Ribeiro, voluntário, detecta os principais problemas da comunidade e cria programas sociais.
98	1998	02/10	Fernando Calazans – Os Matadores/ O Globo	Artigo sobre jogadores de futebol 'matadores', que Rubem diz preferir os artistas.
99	1998	04/10	O Globo	Telefone do Viva Rio.
100	1998	05/10	O Globo	Telefone do Viva Rio.
101	1998	08/10	Reciclagem de garrafas terá participação de 600 pessoas/ O Globo	O projeto, inédito, de reciclagem de garrafas PET, coordenado pelo Viva Rio será executado em janeiro.
102	1998	08/10	Testemunhas sem proteção/ O DIA	Rubem denuncia o Governo por ineficaz programa de proteção a testemunhas.
103	1998	08/10	Candidatos vão conhecer proteção a testemunhas/ O Globo	O projeto de proteção de testemunhas, feito pela ONG Gajop, com o apoio do Viva Rio vai ser apresentados aos candidatos ao governo.
104	1998	11/10	Seca para estudar/ Lance!	Anúncio da campanha Amigos da Escola.
105	1998	11/10	O Globo	Telefone do Viva Rio.
106	1998	13/10	Em busca do tempo e dos conhecimentos perdido/ O Globo	O Viva Rio promove o programa 'Aumento da Escolaridade', de ajuda aos estudantes de comunidades carentes.
107	1998	13/10	Voluntários do ensino/ O Globo	Foto.
108	1998	13/10	Rio terá proteção para testemunhas/ O Globo	Jorge Loretti, secretário estadual de Justiça vai implantar um programa de proteção a testemunhas, que foi encomendado ao Ministério Público Estadual.

109	1998	15/11	Apitaco para enfrentar a violência/ JB	Para fortalecer a cooperação entre a polícia e a sociedade, projeto Bom Vizinho, do Viva Rio, vai promover o uso de apito nas comunidades como forma de denúncia.
110	1998	16/11	'Pedágio' para os funkeiros/ O DIA	Policiais extorquem 1 Real de cada jovem que vai para o baile funk.
111	1998	16/11	Pedágio a caminho do baile/ Extra	Policiais param um ônibus que se dirigia a um baile funk e exigem R\$ 5,00 de cada passageiro.
112	1998	16/11	Policiais ocupam o Dendê/ Extra	Rubem diz que vai propor um conselho para substituir a política de combate nas favelas, por um de proteção.
113	1998	16/11	Líderes de favelas fazem manifesto contra a violência/ O Globo	O Viva Rio apóia o movimento e pretende apresentar ao general Sirqueira a proposta do conselho da cidadania.
114	1998	16/11	Favelas pedem fim da violência/ O DIA	Rubem vai levar a comissão de transição do governador Garotinho, a proposta de criação dos conselhos de cidadania nas comunidades.
115	1998	16/11	Pelos trabalhadores/ O Globo	Viva Rio assinará convênio na Firjan.
116	1998	17/1	Prefeitura lança programa de alfabetização/ O Globo	Programa 'A cidade unida contra o analfabetismo', que tem apoio do Viva Rio, será lançado na quinta-feira.
117	1998	18/11	Pastor Caio Fábio/ JB	Falta de ética nas declarações de Ciro Gomes dirigidas ao pastor Caio Fábio.
118	1998	19/11	Viva Cred da Rocinha empresta para Cantagalo e Pavãozinho/ Extra	O programa se estende a outras comunidades.
119	1998	20/11	Prefeitura cria fundo para escolarização/ O DIA	Prefeitura cria o Fecc (Fundo para a escolarização do cidadão carioca).
120	1998	22/09	Dia do Esporte é recebido com elogios/ O Globo	É criado o Dia do Esporte, em 16 de dezembro.
112	1998	27/11	Pelo Mercado/ JB	A ABIR, a Riopet e o Viva Rio vão reciclar garrafas PET.
113	1998	27/11	Rio ganha projeto-piloto de Reciclagem/ Jornal do Comércio	O projeto de reciclagem será assinado dia 30.
114	1998	28/11	Plástico reciclado/ JB	O projeto contará com a R\$ 250 mil da ABIR (Associação Brasileira das Indústrias de Refrigerante).
115	1998	28/11	Entidade oferece cursos a jovens carentes de Acari/ O Globo	A Fábrica da Esperança, inaugurada em 94 pelo Viva Rio, oferece cursos e atividades culturais a 12 favelas.
116	1998	28/11	Entrevista – Rubem César Fernandes/ "Mundo evangélico rompe padrões"/ JB	Rubem, coordenador do ISER fala sobre o mundo evangélico.
117	1998	29/11	Acontece – Reciclagem/ Jornal do Comércio	Assinatura do convênio de reciclagem de PET.
118	1998	29/11	Golpe de mestre nas desigualdades sociais/ Jornal do Comércio	A questão da educação e o Programa de Aumento da Escolaridade, lançado pela Prefeitura e o Viva Rio.
119	1998	29/11	O binômio escolaridade e mercado de trabalho – Rubem César Fernandes/ Jornal do Comércio	O trabalho do Viva Rio pela educação

120	1998	29/11	Medo de guangues rege vida de jovens de classe média/ O Globo	O Iser condena a guerra entre as guangues.
121	1998	05/12	Viveiro no favela-bairro/ O Globo	Um viveiro será inaugurado pelo Viva Rio e a UFRJ no Morro do Jamelão, no complexo do Andaraí.
122	1998	08/12	Ganhamos um incentivo da ONU/ JB	José Gregori, que inaugurou o 'Balcão de Direitos Humanos' do Viva Rio, receberá prêmio da ONU. Um novo posto de atendimento foi instalado no Museu da República.
123	1998	13/12	Rio começa a reciclar garrafas em janeiro/ O Globo	Viva Rio escolherá 20 pontos estratégicos, na Barra, Recreio e Jacarepaguá.
124	1998	13/12	Ídolos de batina – Obediência aos ritos/ O DIA	A modernização da igreja como sinal de vitalidade.
125	1998	15/12	Seminário do Viva Rio/ O Globo	Hoje, o Viva Rio realizará o seminário 'Polícia e Sociedade',
126	1998	17/12	Hospitais públicos tem boa avaliação/ Jornal do Comércio	Uma pesquisa realizada pelo ISER constata alta aprovação dos hospitais públicos.
127	1998	19/12	Ensino Gratuito	O Viva Rio está inscrevendo jovens e adultos de comunidades carentes para o curso fundamental.
128	1998	19/12	Aprendendo a ser babá/ O Dia	Na presença de Rubem, 20 jovens da comunidade Vila Rica recebem o diploma de formação de babás e auxiliares de creches.
129	1998	20/12	Nota 10/ O Dia	Nota 10 para os 5 anos do Viva Rio.
130	1998	20/12	Novo rumo na segurança do cidadão/ JB	O futuro secretário de Segurança Pública, José Siqueira, promete combater a violência através do policiamento comunitário com uma polícia menos truculenta.
131	1998	23/12	Operação Resgate/ Veja Rio	O Programa de Aumento da Escolaridade atende a quase 300 favelas e conta com pessoas que saíram da pobreza.
132	1998	25/12	Natal/ O Globo	Márcio Moreira Alves elogia o programa do Viva Rio que levou 70 mil reais (o equivalente a 353 mil refeições) de 120 escolas do Rio, a 329 escolas do Nordeste, atingidas pela seca.
133	1998	27/12	Reciclagem de 'pets' para cooperativas e empresas/ O Globo	O projeto de reciclagem formará 600 agentes comunitários em meio ambiente e vai chegar a 20 comunidades carentes.
134	1998	27/12	Lição de solidariedade/ Extra	Escolas do Rio doam dinheiro para a alimentação das estudantes atingidos pela seca.
135	1998	29/12	Polícia Militar ocupa Laranjeiras	Em meio a 'guerra' em Laranjeiras, Siqueira promete uma nova filosofia na segurança pública do estado. Rubem lembra da importância do policiamento comunitário.
136	1998	29/12	A volta do policiamento comunitário/ O Globo	O policiamento comunitário, que já fora experimentado em 94, em Copacabana, será adotado em Laranjeiras.
137	1998	29/12	Boa experiência em Copacabana/ Extra	É lembrada a boa experiência de 94, do projeto de policiamento comunitário.
Nº	ANO	DATA	MANCHETE/ JORNAL	SINOPSE DA MATÉRIA
01	1999	13/01	Receita de sucesso/ Veja Rio	O Viva Cred ajuda micro-empresários.
02	1999	13/01	Contra a violência/	O Viva Rio promove uma conferência contra a

			O DIA	violência nos esportes.
03	1999	14/01	Campanha/ O Fluminense	É lançada a campanha 'Estádios em Paz'.
04	1999	15/01	Gentileza, patrimônio carioca/ JB	O projeto 'Rio com Gentileza', que conta com o apoio do Viva Rio, realizará a restauração dos murais do 'profeta'.
05	1999	15/01	Vai ser o Fla-Flu da paz/ Jornal dos Sports	Para promover a paz, serão realizados shows no 'clássico'.
06	1999	17/01	O mutirão pela paz/ O DIA	Artigo de Luís Eduardo Soares, subsecretário de Segurança, sobre medidas políticas pela paz.
07	1999	18/01	Laranjeiras ganha policiamento comunitário da PM até março/ O DIA	Laranjeiras, que tem sido foco de tragédias, terá uma 'nova filosofia' de combate ao crime. Rubem diz: '-temos visto a banalização do uso da arma de fogo'.
08	1999	18/01	Assassinos na mira da DAS/ Extra	O enterro do maestro Armando Prazeres, que foi assassinado em Laranjeiras, reúne 300 pessoas e a polícia é criticada.
09	1999	18/01	Queremos surpresas!/ O Globo	Artigo de Elizabeth Sussekind sobre justiça e cidadania.
10	1999	20/01	Favela ganha Balcão de Direitos/ JB	Será inaugurado o Balcão de Direitos na favela do Pereirão, em Laranjeiras.
11	1999	20/01	Campanha pelo Gentileza/ JB	115 artistas se unem na campanha 'Rio com Gentileza', que irá reestruturar as colunas que a Prefeitura 'limpou'.
12	1999	20/01	100 cariocas que têm vaga no futuro/ Veja Rio	Thiago da Silva Nunes, 17 anos, é líder comunitário e arrecadou 7 toneladas de alimentos para a campanha Natal sem Fome, do Viva Rio.
13	1999	21/01	Hélio Fernandes/ Tribuna da Imprensa	O ISER em parceria com o CODOC realizará uma pesquisa sobre lei, justiça e cidadania.
14	1999	21/01	Campanha resgata Gentileza/ O Fluminense	O Viva Rio e a UFF, com seus professores e alunos, lançaram ontem a campanha 'Rio com Gentileza'.
15	1999	27/01	Seis gangues de Ipanema ao Leblon/ O Globo	Em meio à onda de violência de Ipanema ao Leblon, o Viva Rio participará no domingo, de uma passeata pela paz.
16	1999	28/01	Vítimas e autoridades pela paz/ O Globo	Além da passeata, autoridades e o coordenador do Viva Rio, Rubem César Fernandes, discutirão a violência.
17	1999	29/01	Estado já pode proteget testemunhas/ JB	O Governo sanciona o projeto de lei que cria o Programa Estadual de Proteção à Testemunha, lei esta que para Rubem é 'um avanço no combate à impunidade.
18	1999	29/01	Combate à violência na orla/ O Globo	A reunião que antecede a passeata 'Paz na praia, paz na cidade', discutiu a violência contra homossexuais em Ipanema.
19	1999	30/01	Segurança de Ipanema vai ganhar o reforço de 40 PMs/ O Globo	Governo espera acabar com as 'guangues'.
20	1999	30/01	Mauro Ventrura/ JB	O Viva Rio e o subsecretário de segurança promoverão reuniões com donos de academia e lutadores.
21	1999	01/02	Marina/ O Fluminense	O Viva rio coordena os 'agentes do futuro', projeto ecológico que conta com voluntários.
22	1999	01/02	Violência no caminho da paz/ O Globo	A passeata da paz sob o medo, tiroteio entre PM's e assaltantes assustam participantes.
23	1999	04/02	Seguro Social na luta pela cidadania/ O Globo	O Balcão de Direitos do Viva Rio luta para prestar atendimento jurídico à população de

			Monitor Mercantil	baixa renda.
24	1999	04/02	Revolução silenciosa/ O DIA	O Viva Rio vai montar 25 salas nos batalhões da PM para oferecer cursos.
25	1999	07/02	Pereirão terá programa anti-drogas/ JB	O Proerd (Programa Estadual de Resistência ao Uso de Drogas) será instalado em Laranjeiras.
26	1999	07/02	Prisioneiros do medo/ Extra	O Estado não protege as testemunhas e o programa de proteção está em fase de criação.
27	1999	08/02	Violência/ JB	Publicidade do Viva Rio, que faz 5 anos.
28	1999	09/02	Benedita dá apoio a serviço voluntário/ JB	O projeto Serviço Civil Voluntário recebe apoio.
29	1999	11/02	Bom exemplo/ O DIA	3.200 jovens que fizeram o serviço civil voluntário têm alto índice de aproveitamento no curso supletivo.
30	1999	13/02	Informe JB/ JB	O Favela Bairro Esporte Comunitário vai participar de desfile no Sambódromo.
31	1999	21/02	Empresários querem mutirão em SP contra a violência/ O Globo	O Instituto São Paulo contra a Violência faz um mutirão contra a violência de SP.
32	1999	21/02	Em Jardim Ângela, uma rotina de crimes/ O Globo	Alto índice de assassinatos em região de SP.
33	1999	22/02	Mais segurança para o Rebouças/ O Globo	Em meio a onda de violência, Rubem defende uma melhor política de segurança, como o policiamento comunitário.
34	1999	24/02	Canal aberto/ O DIA	O Viva Rio produzirá esquetes para a Tv, para ajudar funcionários da Manchete.
35	1999	25/02	Comandante do 2º Batalhão defende ação policial/ O Globo	Em Laranjeiras, policiais e bandidos trocam tiros e Rubem condena a ação.
36	1999	26/02	Controle sobre o poder de fogo/ O Globo	O Viva Rio lançará, junto com o Governo, campanha pelo desarmamento da população.
37	1999	26/02	Viva Rio e governo inglês vão combater violência nos estádios/ Tribuna da Imprensa	Experiência contra os hooligans pode ajudar no combate a violência nas torcidas.
38	1999	27/02	Rio de Janeiro unido contra o analfabetismo/ O Globo	O Viva Rio está envolvido no projeto "A cidade unida contra o analfabetismo".
39	1999	05/03	Espaço Unibanco abre Oficina Cine Escola/ JB	Na inauguração do projeto: Central do Brasil, no Espaço Unibanco.
40	1999	05/03	Campanha contra/ O DIA	O Viva Rio e outras ONG's lutam pelo afastamento do cel. Marcos Paes do Centro de Inteligência do Estado.
41	1999	05/03	Cidadania/ JB	A atriz Fernando Montenegro doou R\$ 1.810 para a campanha Amigos da Escola.
42	1999	14/03	Captação de deficientes físicos/ Jornal do Comércio	O Viva Rio ajudará no projeto de formação profissional de deficientes físicos.
43	1999	16/03	Exame de Vista/ O DIA	O Viva Rio e o Senac realizarão exames de vista gratuitos, em Riachuelo.
44	1999	17/03	Mutirão bem-sucedido/ Veja Rio	O Viva Rio apóia diversos projetos de habitação, como os assentamentos na Zona-Oeste.
45	1999	17/03	Exame de vista no Riachuelo/	Idem a 43.

			Extra	
46	1999	19/03	A Justiça sobe ao Morro do Pereirão/ O Globo	Favela terá posto do juizado especial e já existe o Balcão de Direitos, do Viva Rio.
47	1999	20/03	Favela Cidadã/ O Globo	O Morro do Pereirão já apresenta bons resultados.
48	1999	19/03	Venda de arma pode ser proibida/ Extra	Projeto de Minc pode proibir a venda de armas. Governo lança a campanha 'Tolerância zero às armas'.
49	1999	19/03	Governo adotará projeto petista de desarmamento/ Jornal do Comércio	Idem.
50	1999	21/03	Baixar armas/ O DIA	Artigo apoiando a campanha contra as armas de fogo.
51	1999	22/03	Secretário aprova a Força Tarefa Nacional/ O DIA	Força federal no combate ao tráfico de armas e drogas.
52	1999	23/03	Tolerância zero com as armas/ JB	O Viva Rio está na comissão que coordena a campanha. Polícia ocupará áreas de tiroteio, entre outras medidas.
53	1999	23/03	Combate às armas/ Jornal do Comércio	A Secretaria de Segurança fará um recadastramento das armas do Estado.
54	1999	24/03	Estado lança medidas contra violência/ O Fluminense	Estado lança seu plano com sua nova campanha 'Rio, abaixe essa arma'.
55	1999	24/03	Guerra contra a violência/ Extra	Idem.
56	1999	24/03	Mutirão pela paz/ O DIA	Artigo apóia a campanha e chama a população a exercer sua cidadania.
57	1999	24/03	Pé de guerra com a violência/ O DIA	Medidas fortes no combate à violência são apresentadas.
58	1999	24/03	Governo vai proibir a venda de armas/ O Globo	Idem.
59	1999	24/03	Cartilha para casas noturnas/ JB	Estratégias lançadas para combater violência nos bares e casas noturnas.
60	1999	24/03	Crimes de Guerra/ Veja Rio	Histórias sobre a violência no Rio.
61	1999	25/03	Rio está cheio de arma ilegal/ O DIA	Secretários se reúnem no dia 31 para discutir operação conjuntas para conter o contrabando de armas.
62	1999	25/03	Ameaça à venda de armas gera polêmica/ O Globo	Muitos se mostram céticos quanto à eficácia da campanha.
63	1999	25/03	Proprietários de boates poderão montar cadastro de arruaceiros/ O Globo	Idem a 59.
64	1999	25/03	Estado só tem metade do total de PMs necessário/ JB	Siqueira reclama do nº de PM's e a campanha 'Rio abaixe essa arma', ganha apoio de políticos.
65	1999	25/03	Proibição sob fogo cruzado/ Extra	Idem a 62.
66	1999	26/03	Em cada quarteirão, um PM/ O DIA	O policiamento comunitário traça novos planos em Copacabana e Laranjeiras. Os subsecretários, Luiz Eduardo Soares e cel. Respício trocam farpas sobre o caso do cel. Marcos Paes e o Cisp.
67	1999	26/03	Governo já recadastra armas	A campanha dá os primeiros passos.

			no Rio/ Extra	
68	1999	27/03	Polícia apreende nove pistola em churrascaria/ O Globo	Armas apreendidas, guardadas em cofre de churrascaria, pertencem clientes militares e policiais.
69	1999	27/03	Amigos contra a violência/ O DIA	Cantores sertanejos farão shows pela paz em todo o Brasil.
70	1999	27/03	Arma boa é arma na cintura/ O DIA	O Secretário de Segurança, José Siqueira, incentiva policiais a resolverem conflitos sem atirar.
71	1999	27/03	Contra as armas/ O Globo	Artigo sobre a campanha do Governo de combate à armas.
72	1999	29/03	Desarmando o Rio com festa/ O Povo	Uma festa na Fundação Progresso promove a campanha 'Rio, abaixe essa arma'.
73	1999	29/03	Comunidade Solidária terá menos ministros/ O Globo	'Comunidade Solidária' passará a ter 28 representantes da sociedade.
74	1999	30/03	Rapidinhas/ O Dia	Rubem é um dos novos integrantes da Comunidade Solidária.
75	1999	30/03	Igrejas vão participar de campanha/ O DIA	A comissão estuda a possibilidade das armas serem entregues em igrejas.
76	1999	31/03	Igreja recolhe armas e missas vão falar de paz/ O DIA	Idem.
77	1999	31/03	Governo do estado quer participação da Igreja na campanha pelo desarmamento/ O Globo	Idem.
78	1999	01/04	Recadastramento de armas em um mês/ Jornal do Comércio	Em um mês começará o recadastramento.
79	1999	04/04	Rio, abaixe essa arma/ Jornal do Comércio	Lula Vieira publica um documento de Rubem sobre a campanha.
80	1999	05/04	Escola e emprego para tirar jovens do tráfico/ O DIA	Governo cria o 'Projeto Vida Nova', que dará oportunidades de trabalho e de estudo para jovens.
81	1999	09/04	Estado fará ocupação social no Morro da Formiga e na Favela do Jacarezinho/ O Globo	Duas favelas terão ocupação social: Jacarezinho e Formiga. Em vez da violência policial, um projeto de paz.
82	1999	09/04	O fim da segregação/ O DIA	Idem.
83	1999	10/04	Programa prevê mutirão pela paz/ O DIA	Luiz Eduardo Soares convidou conselheiros tutelares para o 'Mutirão pela Paz'.
84	1999	10/04	Primeiros Socorros/ O Globo	Alunos que participaram do curso promovido pelo Viva Rio, se apresentam hoje.
85	1999	10/04	O terror das balas perdidas/ Extra	As estatísticas de mortes por armas revelam um quadro assustador.
86	1999	11/04	Ônibus vão ter policiais armados/ O DIA	O novo secretário de segurança pública, Josias Quintal, tem planos, como aumentar a segurança dos ônibus
87	1999	12/04	Delegacia Legal começa a funcionar/ JB	A 5ª DP servirá de modelo para as outras 64 delegacias da Região Metropolitana.
88	1999	12/04	Bangu 3, o paiol atrás das grades/ JB	Polícia apreende armas, celulares e drogas em Bangu 3.

			O DIA	
89	1999	13/04	'Por que matar, meu Deus?'/ O DIA	Violência em São Conrado faz Governo reconhecer falhas.
90	1999	14/04	R\$ 2 mil para quem achar arsenal/ O DIA	A Associação Rio Contra o Crime se une à campanha e oferece R\$ 2 mil a quem der informações sobre arsenais de armas.
91	1999	14/04	Arquidiocese do Ipiranga recolhe armas/ Jornal da Tarde	Igrejas recolherão armas.
92	1999	14/04	Americanos vão a Benediata/ JB	Sugestões de segurança baseadas em projetos de arte, cultura e esporte são apresentadas.
93	1999	14/04	Policiamento comunitário volta a funcionar em Laranjeiras/ O Globo	Laranjeiras e Copacabana voltam amanhã com o policiamento comunitário.
94	1999	15/04	Viagens mais tranquilas/ O DIA	Secretário de Segurança ordena a PM a iniciar o policiamento nos ônibus.
95	1999	16/04	Zona Sul ganha policiamento comunitário/ O Globo	40 policiais começam a trabalhar e 3 mil policiais estão sendo treinados para o policiamento comunitário
96	1999	17/04	Apoio/ JB	Siro Darlan lançará a campanha 'Famílias Solidárias', com o apoio do Viva Rio.
97	1999	18/04	A polícia do novo milênio/ O DIA	Delegacias do Rio ganharão tecnologia.
98	1999	20/04	O Rio reagiu/ O Globo	Artigo de Rubem César sobre a violência.
99	1999	21/04	Carioca cobra estado por desarmamento/ JB	A campanha recebe críticas por não desarmar bandidos.
100	1999	22/04	PM apreendeu 2.100 armas/ JB	Números são divulgados por Josias Quintal, que diz ser preciso neutralizar traficantes de armas.
101	1999	24/04	Senhor cidadania/ JB	Entrevista com Rubem César sobre cidadania.
102	1999	24/04	Uma polícia à francesa/ O DIA	Polícia francesa dá um curso a policiais cariocas para aprenderem a agir sem atirar.
103	1999	25/04	Expansão é a nova ordem/ O DIA	Trafico amplia sua atuação e preocupa a polícia.
104	1999	25/04	Poder de fogo de 30 batalhões/ O DIA	Armas potentes se encontram na mão de bandidos.
105	1999	25/04	Vinte mortos todos os dias/ O DIA	Índice de homicídios é preocupante
106	1999	28/04	O Brasil livre das armas/ O DIA	O presidente FHC apresentou uma idéia de proibição de armas a civis em todo o país.
107	1999	28/04	Epidemia das armas/ O DIA	Artigo sobre a violência gerada pelas armas.
108	1999	29/04	Abaixo-assinado contra armas para FH/ O DIA	Idéias para o desarmamento são discutidas no II Fórum de Debates do jornal O Dia.
109	1999	29/04	Policiais aderem à campanha do desarmamento/ Jornal do Sinpol	Policiais do Rio aderem à campanha 'Rio, abaixe essa arma.
110	1999	30/04	Por uma viagem em paz/ O DIA	Para garantir uma viagem tranquila, PM entrará em ônibus do Rio.
111	1999	30/04	Fim do analfabetismo até 2002/ Extra	Entidades lançam o programa 'Ensino fundamental para todos os cariocas', que mobilizará a sociedade contra o analfabetismo.
112	1999	01/05	Rubem César faz palestra sobre cidadania na próxima	Palestra sobre cidadania de Rubem, na Região dos Lagos.

			sexta-feira/ Folha dos Lagos	
113	1999	01/05	Rubem César/ Folha dos Lagos	Idem.
114	1999	02/05	Maioria das armas de bandidos é 'made in Brazil'/ O Globo	Abaixo assinado em defesa de um projeto de lei para tornar o comércio de armas ilegal será realizado.
115	1999	02/05	Um exemplo para o Brasil/ O DIA	O II Fórum de debates 'O Dia' constata que 70% das armas apreendidas são produzidas no Brasil.
116	1999	04/05	Debate encerra festividade da Folha/ Folha dos Lagos	Idem a 112.
117	1999	04/05	Laranjeiras lançará campanha 'xô cocô'/ O Globo	Viva Rio adere a campanha de conscientização dos moradores para a limpeza.
118	1999	05/05	O cerimonial do morro/ JB	Margrethe II, Rainha da Dinamarca, visitará o Morro do Pereirão.
119	1999	06/05	Armas por alimentos/ O DIA	Artigo de Paulo Arbenaz elogia a campanha 'Rio Abaixo essa arma'.
120	1999	06/05	Projeto de paz está no forno/ O DIA	O presidente receberá o projeto de lei contra a venda de armas.
121	1999	08/05	Rainha visita favela no Rio/ O Fluminense	Rainha da Dinamarca se emociona na visita à favela de Laranjeiras, primeira que recebeu o projeto 'Mutirão pela Paz'.
122	1999	08/05	Rio e Holanda juntos pela campanha da paz/ O DIA	Dois evento pelo desarmamento no Brasil, um em Haia, outro no Rio, que fará abaixo-assinado pelo projeto de lei, a partir do Pereirão.
123	1999	08/05	Viva Rio no shopping/ O Globo	O Viva Rio fará uma campanha pelo desarmamento no Rio-Sul.
124	1999	09/05	Movimento Viva Niterói já atua/ O Fluminense	Movimento inspirado no Viva Rio já tem 200 membros.
125	1999	10/05	Cá e lá/ JB	Intercâmbio entre jovens da Favela do Encantado e jovens da Inglaterra fazem intercâmbio graças ao Viva Rio e o consulado.
126	1999	11/05	Campanha contra a venda de armas/ Jornal do Comércio	Abaixo-assinado começa a circular hoje no Rio.
127	1999	11/05	Garotinho leva campanha contra venda de armas para escolas/ O Fluminense	Abaixo-assinado vai para as escolas e será enviado ao presidente.
128	1999	12/05	Zona Sul ganha 2 mil PM's/ O DIA	Reforço solicitado por Josias Quintal é atendido.
129	1999	12/05	Melhores cestos/ O Globo	Artigo elogiando a nova política de segurança pública do Rio.
130	1999	12/05	Campanha quer desarmar população/ O Fluminense	Campanha prossegue e 2 mil assinaturas são recolhidas no Pereirão.
131	1999	12/05	Romário contra as armas/ Extra	Romário adere ao movimento que pretende recolher 1 milhão de assinaturas.
132	1999	12/05	Desarme-se/ JB	2 ganhadores do prêmio Nobel da paz aderem à campanha pelo desarmamento.
133	1999	12/05	Abaixo-assinado/ Tribuna da Imprensa	Campanha segue tentando conseguir 1 milhão de assinaturas.
134	1999	12/05	Desarmamento/ Monitor Mercantil	Idem.

135	1999	12/05	Ajuda de Romário/ Jornal do Comércio	Idem a 131
136	1999	12/05	Campanha contra armas ganha apoio/ Jornal do Comércio	Idem a 133.
137	1999	12/05	Romário contra as armas/ JB	Idem a 131.
138	1999	12/05	Bíblia ajuda a vender revólveres/ JB	Um comerciante cita evangelho na publicidade de venda de armas.
139	1999	13/05	Tutu apóia campanha anti- armas/ JB	Idem a 132.
140	1999	13/05	Informe JB/ JB	Informe do e-mail da campanha.
141	1999	14/05	Rio, abaixe essa arma/ O DIA	Artigo de Gláucia Silva pelo desarmamento.
142	1999	15/05	Caminhada pela paz/ O Globo	O Viva Rio fará uma caminha pela paz, amanhã, às 10 horas, na orla.
143	1999	15/05	Picadinho/ O DIA	O Balcão de Direitos do Viva Rio, na favela da Maré e no Museu da República, defende vítimas de graça.
144	1999	15/05	Lance-livre/ JB	Idem.
145	1999	15/05	Desarme musical/ JB	O Viva Rio espera adesões de músicos à campanha pelo desarmamento.
146	1999	16/05	De graça/ O Globo	Idem a 143.
147	1999	16/05	O Rio alfabetizado/ O DIA	Artigo de Kati Almeida Braga, presidente do Grupo Icatu, sobre a campanha pela alfabetização.
148	1999	16/05	Desarme-se/ JB	Campanha 'Pela paz e pela vida' tenta desarmar o Brasil.
149	1999	16/05	De mãos dadas contra a violência/ Jornal dos Sports	Escolas são convocadas pelo IERJ a se manifestarem pela paz.
150	1999	17/05	Desarmamento tem a adesão de 300 mil/ O Globo	Faltam 700 mil assinaturas para o projeto de lei.
151	1999	17/05	Estado ocupará áreas de conflito/ JB	O Governo fará ocupação social de morros que tiveram conflitos nos últimos dias.
152	1999	18/05	Informe do DIA - Ameaça/ O DIA	Atuação do Viva Rio ajuda em protesto na Maré.
153	1999	19/05	Ocupação social pela paz/ O DIA	A ocupação social irá à Cidade de Deus, Mangueira e Coroa.
154	1999	19/05	Campanhas pela paz no Rio chegam à Rocinha/ O Fluminense	As campanhas 'Paz nas Escolas' e 'Rio, abaixe esta arma', chegaram à Rocinha.
155	1999	19/05	Ciep apóia campanha pelo desarmamento.	600 alunos de um Ciep na Rocinha assinam o abaixo-assinado.
156	1999	19/05	Advogados sob suspeita/ O DIA	Ao contrário de advogados corruptos, Viva Rio valoriza a justiça e abre 10 pontos do Balcão de Direitos.
157	1999	20/05	Garotinho fecha cerco às armas/ JB	A campanha segue e o Governo toma medidas para impedir a posse de armas.
158	1999	21/05	Vip Vupt/ O DIA	Malu Mader e outros atores aderem à campanha.

159	1999	22/05	'Desarme-se' tem 30 mil assinaturas/ JB	Campanha consegue 30 mil assinaturas e pretende, hoje, chegar a 300 mil com a 'Marcha para Jesus'.
160	1999	23/05	A bala acertou os sonhos de uma adolescente/ Venda de Armas pode ser proibida no país/ O Globo	Entrevista com mãe de vítima de bala/ Projeto será enviado ao congresso e Brasil pode ser o terceiro país do mundo a proibir o comércio de armas.
161	1999	23/05	Evangélico marcha pelo desarmamento/ JB	100 mil participam da marcha evangélica e milhares de assinaturas são recolhidas.
162	1999	23/05	Um golpe contra a violência/ O Globo	Pesquisa mostra que moradores do Rio são contra a venda de armas acham que campanha do Viva Rio pode ajudar a resolver o problema.
163	1999	23/05	Passeata reúne 80 mil evangélicos/ Extra	Religiosos aderem à campanha.
164	1999	24/05	Folha traz Rubem César a Cabo Frio/ Folha dos Lagos	Rubem participará de um debate sobre cidadania.
165	1999	24/05	Maré vai ganhar centro esportivo/ JB	A Maré ganhará, em julho, um Parque Esportivo.
166	1999	24/05	Rio, abaixe essa arma/ JB	Rubem e Luiz Eduardo Soares recolhem assinaturas em Ipanema.
167	1999	25/05	Fim da venda de armas/ O DIA	Alerj vota hoje projeto para acabar com a venda de armas no Rio.
168	1999	26/05	'Os documentos, por favor'/ O DIA	A campanha pelo desarmamento ensinará policiais a agirem com mais educação.
169	1999	27/05	Campanha pela paz no Maracanã/ O Fluminense	Um encontro evangélico no Maracanã levará a campanha 'Rio, abaixe essa arma'.
170	1999	27/05	Campanha atrai policiais/ O Fluminense	O Sinpol adere à campanha.
171	1999	27/05	Informe JB/ JB	A campanha ganha a adesão da ong Ação contra a Fome e pela Vida.
172	1999	27/05	100 mil em campo pela vida/ O DIA	2 mil armas serão destruídas no encontro evangélico, no Maracanã.
173	1999	29/05	Cariocas apóiam o desarmamento/ Extra	PM's fazem operação pelo desarmamento e coletam assinaturas.
174	1999	30/05	Cruzada contra as armas/ JB	50 mil evangélicos vão ao encontro que promove a campanha 'Rio, abaixe essa arma'.
175	1999	30/05	Alerta na sala de aula/ O DIA	Situação crítica: armas são apreendidas em escolas municipais.
176	1999	30/05	A guerra por trás do desarmamento/ JB	Vendedores de armas fazem campanha contrária ao desarmamento.
177	1999	30/05	Campanha pela paz destrói armas/ O Fluminense	Idem ao 174.
178	1999	31/05	Desarmamento e ecologia na orla/ Extra	1200 estudantes participaram do IV Desfile Ecológico e Viva Rio colhe assinaturas.
179	1999	31/05	Na chuva e no vento, pelo meio ambiente/ O Globo	Idem.
180	1999	31/05	Ecologia no passo do samba/ JB	Idem.

181	1999	31/05	Crianças entram na onda verde/ O DIA	Idem.
182	1999	01/06	Crianças trocam arma de brinquedo por chocolate/ JB	É inaugurada a campanha 'Baixinho, troque sua arma de brinquedo por um prazer de verdade', na 1ª Vara da Infância e Juventude.
183	1999	02/06	FH e deputados do Rio dizem não à venda de armas/ O Globo	Presidente envie ao congresso o projeto de lei, pedindo apoio a toda sociedade.
184	1999	02/06	Aprovada proibição de venda de armas/ JB	A Alerj aprovou o projeto de lei que proíbe a venda de armas no Rio.
185	1999	02/06	Rio abaixa suas armas/ O DIA	Idem.
186	1999	03/06	A inspira Viva Rio/ JB	O Viva Rio montou o Viva (Vítimas de Violência Anônimas), um grupo de ajuda mútua.
187	1999	04/06	Decretada prisão de PM/ O DIA	Menor é morto por policial por motivo banal.
188	1999	04/06	Rio livre das armas/ O DIA	O governador, o prefeito e o ministro da justiça assinam as leis que proíbem a venda de armas no Estado.
189	1999	05/06	Criminosos serão 'exportados'/ O DIA	Mudanças nos presídios são estudadas e oficinas de trabalho devem ser usadas.
190	1999	05/06	Venda de armas é proibida no Rio/ O Fluminense	Idem a 184.
191	1999	05/06	Sancionadas as leis que proíbem venda de armas/ O Globo	Idem a 188.
192	1999	05/06	Venda de armas é proibida no Rio/ JB	Idem a 184.
193	1999	05/06	Sancionadas as leis que proíbem a venda de armas/ Jornal do Comércio	Idem a 188.
194	1999	06/06	Contra as armas/ Adeus às armas O DIA	Dois artigos contra as armas.
195	1999	06/06	Mutilados da guerra urbana/ O DIA	Vítimas de balas tentam recuperar-se
196	1999	07/06	Repressão à venda de armas dependo do Congresso/ O Globo	O governo só irá fiscalizar quando for lei federal.
197	1999	08/06	As granadas que vão e voltam/ O Globo	Granadas exportadas voltam ao Brasil na mão de traficantes.
198	1999	09/06	Unesco apóia campanha pelo desarmamento/ JB	Unesco apóia a campanha pelo desarmamento.
199	1999	10/06	Proposta de paz/ JB	Os Jogos da Paz, projeto do Governo, pretende reunir 100 mil jovens e policiais e melhorar a relação entre a polícia e a sociedade.
200	1999	10/06	12 razões para proibir a venda de armas/ O Globo	Artigo de Rubem contra a venda de armas
201	1999	10/06	Campanha recolher mais dois revólveres entregues a pastor/ Viva Rio.	Armas recolhidas na igreja são entregues ao Viva Rio.

			O Globo	
202	1999	11/06	Viva Rio tem adesão de 350 mil contra as armas/ O Globo	ANPCA, que faz abaixo-assinado contrário, alega já ter 1 milhão de assinaturas em todo o país.
203	1999	11/06	Jogos de bandeira branca/ O DIA	Foi lançado, ontem, o projeto Jogos da Paz.
204	1999	11/06	Estado dá espaço e segurança a jovens de 14 a 17 anos para atividades esportivas/ O Globo	Idem.
205	1999	12/06	A falência do Estado diante a violência/ Tribuna da Imprensa	Artigo sobre a violência e a falência do Estado. Campanhas não-governamentais são elogiadas.
206	1999	12/06	Em menos de uma semana, campanha do estado consegue recolher 120 armas/ O Globo	A campanha é um sucesso e policia estuda plano de conter contrabando de armas.
207	1999	12/06	Seguranças no mar e no ar/ O DIA	Para combater o tráfico de drogas e armas, PM dever criar grupo aeromarítimo.
208	1999	13/06	A fé/ JB	O Iser revela: influência evangélica é crescente no Rio.
209	1999	13/06	Em alta/ O DIA	Prêmio para a campanha do Viva Rio contra o abuso sexual infantil.
210	1999	13/06	Delegado vira réu/ O DIA	Na coluna Rio em Paz, delegado é preso por formação de quadrilha.
211	1999	14/06	Campanha contra armas na Feira Hype/ O Globo	Campanha 'Rio, abaixe essa arma' coleta assinaturas na Feira Hype, no Jockey Club.
212	1999	14/06	Reza/ JB	Nota sobre a 'religiosidade' do abaixo-assinado.
213	1999	16/06	Bom mas perigoso/ Veja Rio	Pesquisa revela o lado bom e ruim (vindo da violência) de se viver no Rio
214	1999	16/06	'Arma é coisa de polícia. Ou de bandido'/ O Globo	Aletas Giovane e Tande apóiam a campanha.
215	1999	17/06	Desarmamento de quem?/ Monitor Mercantil	Artigo de Marcos Coimbra contra o desarmamento. Segundo ele precisamos delas para defendermos a Amazônia! Ataque ao Viva Rio: '-não por coincidência, também defende a legalização das drogas'.
216	1999	18/06	Sem resposta/ O DIA	Continua sem resposta a doação de quase 5 milhões do Governo para o Viva Rio.
217	1999	18/06	Bope de rua em ação/ O DIA	180 homens do GETaM reforçarão a segurança das ruas.
218	1999	18/06	O esporte vira arma na luta contra a violência/ O Globo	Os Jogos da Paz inscreve 2.508 times com adolescentes de 14 a 17 anos.
219	1999	18/06	Número de armas doadas sobe mais de 700% no primeiro semestre deste ano/ O Globo	Campanha recolhe 50 armas.
220	1999	21/06	12 razões para não proibir a venda de armas/ O Globo	Artigo em resposta a Rubem César pelo artigo do dia 10/06.
221	1999	21/06	Um batalhão armada desde cedo/ O Globo	Estatística revela aumento de menores envolvidos com armas.
222	1999	21/06	Baixo Bebê na luta pelo desarmamento/ O Globo	Crianças vestem a camisa da campanha no 'Baixo Bebê', no Leblon.

			JB	
223	1999	21/06	Baixo Bebê adere ao desarmamento/ Extra	Idem.
224	1999	21/06	Questão de datas/ O DIA	A doação de quase 5 milhões do governo foi gasta em um programa social.
225	1999	22/06	Governo e Assembléia recorrem de liminar/ O Fluminense	A liminar que anulou a lei do desarmamento no Estado não impede o movimento contra as armas.
226	1999	22/06	Estado vai lutar contra liminar mostrando que tem competência para proibir armas/ O Globo	Procuradores vão entrar com recursos pedindo a revogação da liminar e a campanha 'Desarme o bandido' vai para as TV's e rádios.
227	1999	23/06	Eles viraram alvos/ Revista Veja	Histórias trágicas de pessoas que optaram pela arma par se defender.
228	1999	23/06	Com o dedo no gatilho/ Revista Veja	Pessoas que não abrem mão de direito de ter armas.
229	1999	23/06	Governo mira na arma/ Revista Veja	Matéria contra a lei de desarmamento, que atingiria somente 'pessoas de bem'.
230	1999	25/06	Unesco dá apoio aos Jogos da Paz/ O Globo	Projeto será incluído no calendário internacional da entidade.
231	1999	26/06	Mauro Ventura/ JB	Artigo sobre o programa de alfabetização.
232	1999	28/06	Alunos das escolas da rede municipal trocam arma de brinquedo por bombons/ Ator pede bom senso e prega a não violência/ O Globo	Nova etapa da campanha 'Baixinho, troque sua arma de brinquedo por um prazer de verdade'. Diogo Vilela apóia a campanha 'Rio, abaixe essa arma'.
233	1999	30/06	Boas intenções do texto não provocam entusiasmo/ O Globo	Declaração do Rio, divulgada na Cimeira, deixa a desejar por não apontar medidas concretas. Trata da destruição de armas de destruição, mas não vê o problema causado pelas armas de fogo.
234	1999	06	Esporte educa e socializa/ Lance!escola	O projeto Favela-Bairro – Esporte Comunitário da Secretaria Municipal de Habitação já atende a mais de 3.000 crianças.
235	1999	03/07	Tempo de paz/ O DIA	Nota sobre o torneio Jogos da Paz.
236	1999	07/07	Inscrições até o próximo dia 12/ Lance!	Informações sobre o torneio.
237	1999	08/07	Arte x armas/ JB	Atores fazem clipe pela campanha do desarmamento.
238	1999	11/07	Baixando as armas/ Revista de Domingo/ JB	Entrevista de Lula Vieira e Frederico Monteiro sobre a polêmica lei de proibição de venda de armas.
239	1999	11/07	Elenco global/ O DIA	Atores globais gravarão campanha do 'Rio, abaixe essa arma'.
240	1999	11/07	Informe JB/ JB	Festa no Clube Monte Líbano comemorará 1 milhão de assinaturas pelo desarmamento.
241	1999	12/07	Um abraço pelo fim do terror/ O DIA	Manifestação reúne 600 evangélicos pela paz, no bairro Colégio, no metrô
242	1999	13/07	Segurança para Colégio/ O DIA	Em resposta à manifestação, Garotinho promete segurança, com uma cabine nova da PM na área.
243	1999	13/07	Denúncia feita/ O DIA	Sivuca denúncia Viva Rio por levantar nomes de proprietários de 170 mil armas do Estado, segundo ele: '-um ato ilegal e irresponsável'.

244	1999	14/07	Terreno promissor/ Veja Rio	Chega ao Leblon o projeto 'Jardineiros do Bairro'.
245	1999	18/07	O esporte vira arma na luta contra a violência/ O Globo	Os Jogos da Paz darão oportunidade a milhares de jovens.
246	1999	21/07	Boa semente/ O Globo	Idem.
247	1999	21/07	A quadrilha da Tijuca/ O DIA	Espaço 'Rio em paz' em meio a violência na Tijuca.
248	1999	21/07	Comércio de armas/ O Globo	Carta sobre a lei contra a venda de armas.
249	1999	22/07	A face oculta do desarmamento/ Monitor Mercantil	Artigo de Marcos Coimbra condenando o Viva Rio pela campanha de desarmamento. Segundo ele, há interesses internacionais por trás da campanha que 'lesa a pátria'.
250	1999	23/07	Jesus Cristo em cartaz/ O DIA	Filme será exibido pela campanha da paz e o Viva Rio colherá assinaturas para a campanha 'Rio, abaixe essa arma'.
251	1999	23/07	PM contrata o dobro/ O DIA	Governo dobra o número de vagas oferecidas para o concurso da PM.
252	1999	24/07	Jogos da Paz terão 40 mil participantes/ O Fluminense	Idem a 245.
253	1999	24/07	Ensaio dos Jogos da Paz reúne 800/ O DIA	Idem.
254	1999	24/07	Jogos da Paz começam dia 27 com 40 mil atletas/ O Globo	Idem.
255	1999	24/07	Jogos da Paz/ Extra	Menor infrator dará pontapé dos Jogos da Paz.
256	1999	26/07	Desarmamento: Nova adesão/ O Globo	A camisa da campanha será vendida em posto de gasolina.
257	1999	26/07	Silêncio/ O DIA	Nota sobre o assassinato de um PM e o silêncio da Huma Rights Watch e do Iser.
258	1999	27/07	Governador abre Jogos da Paz/ O DIA	Governador comparecerá à festa de abertura dos Jogos.
259	1999	27/07	Jogos da Paz começam em clima de olimpíada/ www.imprensa.rj.gov.br	Notícia sobre o evento e a festa de abertura.
260	1999	28/07	40 mil jovens pela paz/ O DIA	Foi inaugurado ontem os Jogos pela Paz.
261	1999	28/07	Resgatando a cidadania/ Lance!	Idem.
262	1999	28/07	Jogos da Paz/ JB	Idem.
263	1999	28/07	Começam os Jogos da Paz/ O Fluminense	Idem.
264	1999	28/07	Uma largada para a paz/ Extra	Idem.
265	1999	28/07	40 mil jovens pela paz/ O DIA	Idem.
266	1999	29/07	Jogos com jeito de Olimpíada/ D.O.	Inauguração do evento teve presença de um grupo indígena.
267	1999	29/07	Rio em paz/ O DIA	Coluna com depoimentos a favor do desarmamento.
268	1999	30/07	Novas armas contra a	Campanha entra na TV com a participação de

			violência/ O Globo	21 artistas.
269	1999	30/07	Nome após nascimento/ O DIA	Viva Rio ajudará a registrar bebês nas comunidades carentes.
270	1999	03/08	É ela/ O Globo	Elizabeth Sussekind, uma das fundadoras do Viva Rio, é a nova secretária de Justiça do Governo federal.
271	1999	03/08	Elizabeth Sussekind será nova secretária de Justiça/ Jornal do Comércio	Idem.
272	1999	03/08	Advogada será nova secretária/ O Fluminense	Idem.
273	1999	03/08	Fundadora do Viva Rio vai assumir Secretaria de Justiça/ Diário Comércio e Indústria	Idem.

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)